HISTORIA

DA

LITTERATURA PORTUGUEZA

CANCIONEIRO DE RESENDE

HISTORIA DA POESIA PORTUGUEZA

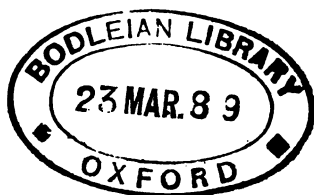
(ESCHOLA HESPANHOLA)

Seculo XV

POETAS ALACIANOS

POR

THEOPHILO BRAGA

PORTO
IMPRENSA PORTUGUEZA — EDITORA
1871

O titulo d'este livro explica perfeitamente o caracter da poesia do seculo XV. A tendencia erudita, que presagiava a Renascença, fazia com que o nome de *trovador* perdesse a sua importancia, e se considerasse só como honroso o de *poeta.* Os cultistas palacianos não percebiam o mysterio d'esta palavra, que encerra a ideia de creação e espontaneidade, mas adoptaram-na porque era uma expressão consagrada pela antiguidade classica.

O Marquez de Santillana, que representa o lyrismo da Peninsula no seculo XV, dá a rasão d'esta preferencia, quando fala de Micer Francisco Imperial, dizendo: «al qual yo no llamaria *decidor ó trovador,* mas POETA». Nas *Epopêas da Raça Mosarabe,* estudámos a eschola nacional ou os *Dizidores* populares; na eschola provençal, estudámos os *Trovadores* galecio-portuguezes; nas canções e apódos de côrte caracterisamos a nova phase da vida social pelo estudo dos *Poetas* palacianos.

POETAS PALACIANOS

DO SECULO XV

LIVRO I

A ESCHOLA HESPANHOLA

Dá-se no seculo XV esse phenomeno importante que determinou a immobilidade politica da Europa — a creação definitiva do poder monarchico. O povo e a nobreza perderam n'este jogo com o *Renard,* que fez de parte neutra entre ambos, até que os destruiu com os seus proprios odios. A poesia do seculo XV é uma imagem completa do estado moral das nações aonde se passou esta transformação. A nobreza, atacada no seu fôro privilegiado pelos *Livros de Linhagens,* que avocavam ao rei o direito de fazer fidalgos, empobrecida nas suas terras, pela revogabilidade das doações regias e pela emphytheuse, enfraquecida nas suas prepotencias pela creação do ministerio publico e pelos Codigos ro-

manistas, annullada por se ter acabado a época das invasões, e ociosa com a tregua da burguezia que trabalhava, a nobreza fez-se parasita do paço, produziu essa excrescencia dos aulicos e dos palacianos. A poesia do seculo XV, apesar das suas allegorias, da muita erudição e casuistica sentimental, não passa de um passatempo da côrte. A collecção formada por Garcia de Resende é uma consequencia da esphera dos *direitos reaes,* definida e traçada pelo jurisconsulto Ruy Fernandes. A nobreza acceitou esta posição secundaria, porque a rasão e o direito arvoraram-se acima dos principios de conquista.

Assim no seculo XV vêmos agrupar-se em volta da realeza um grande séquito de fidalgos, que matavam as horas de ocio contrafazendo a poesia para explicar as intrigas detraz dos pannos de raz, para apodar as modas italianas ou francezas, e para arremedar as questões dos eruditos da Renascença. Em Portugal tornaram-se celebres os *serões do paço,* aonde a poesia servia para galantear as damas e chasquear os namorados; o Coudel Mór Fernam da Silveira, Dom João de Menezes, o Conde de Marialva e alguns outros trovadores, atravessaram a geração d'este seculo, para virem assistir á tristeza da côrte de Dom Manoel. Em Hespanha, em volta de Dom João II de Castella e do seu condestavel Alvaro de Luna, agrupam-se o Marquez de Villena, o Marquez de Santillana, Stuniga, João de Mena, Agylar e outros muitos, que iam assim fazendo apparecer a tradição do cesarismo, que havia de

absorver a Europa desde o seculo XVI até ao tempo da Revolução franceza. Estavamos nas mesmas condições em Portugal; apesar de termos relações directas com a côrte castelhana, de estar em moda entre nós a poesia dos trovadores do *Cancionero* de Baena, de se imitar João de Mena, e de se escrever geralmente na lingua hespanhola, a poesia portugueza do seculo XV tinha de manifestar-se fatalmente como a vêmos no *Cancioneiro geral.*

A poesia hespanhola d'este periodo é uma degeneração da eschola lyrica provençal, com o novo elemento petrarchista; em Portugal tambem vimos como a tradição provençal se transformou por effeito das relações inglezas; tivemos no seculo XV largas relações artisticas e commerciaes com a Italia, mas para caracterisar melhor este seculo, basta-nos a fixação do poder monarchico depois d'el-rei Dom Duarte. Apesar de tudo, a poesia do seculo XV, exageradamente lyrica, imitou o gosto sensual, escholastico, mythologico e artificioso dos trovadores de Castella: entre a influencia italiana e castelhana, deixou-se pender para a servidão da *eschola hespanhola.*

Foi por isso que ficámos esterelisados até ao tempo de Sá de Miranda.

CAPITULO I

Caracter e desenvolvimento da Eschola hespanhola

A poesia dantesca extingue a Poesia provençal.—Imperial introduz em Hespanha a poesia de Dante.—Em Portugal, de 1357 a 1438 não se conhece a nova poesia dantesca.—A influencia ingleza do cyclo de Arthur e a eschola galeziana de Affonso Alvares de Villasandino, conservam-nos na ignorancia da eschola dantesca até ao tempo de Juan de Mena e de Santillana.—Causas do uso da lingua hespanhola na poesia portugueza do seculo XV.—Poetas da côrte de Dom João II de Castella, imitados em Portugal.—Relações com a côrte franceza de Luiz XI.—Os contos decameronicos da tradição oral e a desenvoltura palaciana devidos á viagem de Affonso V a França.—A musica e os *Autos* de imitação franceza.—Relações com a Italia no tempo de Dom João II.—O mercantilismo não nos deixa conhecer a poesia italiana.—As Universidades italianas inspiram-nos a fixação da monarchia.—Caracter da poesia portugueza do seculo XV: erudita, casuistica, devota e desenvolta.

O desenvolvimento da Poesia italiana, e sobretudo o assombro causado pela *Divina Comedia*, trouxeram a ruina da poesia provençal; mas a Italia que recebera da Provença a nova seiva poetica, ia agora embalar o mundo com a magia dos carmes mysticos. Portugal, occupado durante o seculo XV com os descobrimentos maritimos, só teve relações de commercio com as republicas italianas, e relações litterarias com as Universidades juridicas. A poesia não penetrou cá senão no seculo XVI; até este tempo, á maneira da lua que recebe a luz do sol reflectida pela terra, tambem recebemos o *bafejo poetico* da Italia através da Hespanha; assim

póde com rigor classificar-se a *eschola hespanhola* como a precursora da *eschola italiana*.

O trovador do *Cancionero* de Baena, Micer Francisco Imperial, era natural de Genova, da republica d'onde vinham os marinheiros para as nossas armadas; quizeram as circumstancias que elle fixasse a sua residencia em Sevilha, como diz a rubrica de Baena: *estante y morador en la muy noble çiudat de Sevilla.* D'aqui resultou uma nova fórma e espirito para a poesia provençal, que perdeu a tendencia narrativa que levava para tornar-se allegorica, dantesca, erudita, e com uma tendencia para o symbolismo. O grande respeito que Imperial mereceu dos metrificadores palacianos hespanhoes está nas palavras com que o Marquez de Santillana o louva na Carta ao Condestavel de Portugal, dizendo que já não é bastante para elle o nome de trovador, mas que elle mais do que ninguem merece esse nome de *poeta,* que só a antiguidade classica usára.

A introducção d'esta nova phase litteraria encontrou poderosos antagonistas nos que ainda continuavam a tradição provençal, dirigidos por Affonso Alvares de Villasandino; mas afinal venceram e propagaram esse explendor das côrtes de Dom João II e Henrique IV. A phalange de Micer Imperial era composta de Fray Pedro, seu irmão, Ruy Paes da Ribeira, de origem portugueza, dos dois irmãos Diego e Gonzallo Martinez de Medina, Fray Diego de Valencia, que fez um retrato de Imperial, Ferrant Manoel de Lando que, se-

gundo o dizer de Santillana, imitou *muito mas que ningun otro a Micer Francisco Imperial,* Pero Gonzales de Uceda, Fray Lope del Monte e Alphonso de la Monja.

Por esta cohorte de poetas se vê o immenso vigor da nova eschola dantesca inaugurada por Imperial no seu *Desir a las syete virtudes;* o apparecimento dos nomes de Juan de Mena, do Marquez de Santillana, do Marquez de Villena, annunciam já o triumpho completo d'este cyclo allegorico, protegido pelo rei trovador Dom João II de Castella. D'este ponto em diante entrâmos na communicação da *eschola hespanhola.*

Depois da batalha do Salado vimos que predominara na poesia provençal portugueza a tendencia narrativa; a contar d'este periodo, até ao reinado de Dom Duarte luctamos com duas influencias poderosas e contrarias, que produziram essa falta de poetas que se nota de 1357 a 1438; a tendencia narrativa era lisongeada pelas ficções bretãs que nos vinham dos aventureiros de Du-Guesclin e das relações com Inglaterra pelo Duque de Lencastre; uma tendencia subjectiva reagia na eschola dos emigrados da Galiza que seguiram o partido de Dom Fernando I, e implantaram em Portugal as fórmas usadas por Villasandino contra a eschola dantesca de Micer Imperial.

Discriminadas estas duas correntes poeticas, explica-se naturalmente porque é que nos passa desapercebida a eschola dantesca do periodo da lucta, e de repente nos apparecem á admiração nos versos do Infante Dom Pedro o nome de Juan de Mena, que per-

tence ao periodo do explendor, o nome do Marquez de Santillana, de Juan Rodrigues del Padron, de Garci Sanchez de Badajoz e de outros muitos, citados como se acordassemos de subito quando a eschola dantesca estava na sua robustez e quasi a nacionalisar-se para resistir á reforma de Boscan. Ha aqui uma evidente solução de continuidade; a primeira causa d'ella foi o espirito de cavalheirismo do reinado de Dom João I, que pôz em moda na sua côrte os romances do cyclo de Arthur e da Tavola Redonda; temos provas inequivocas d'essa predilecção, que já deixámos indicadas no seu competente logar, taes como a *Historia da Demanda do Santo Greal,* que se guarda na Bibliotheca de Vienna, as allusões de Fernão Lopes e da Chronica do Condestavel, ás novellas da Livraria de el-rei Dom Duarte, e finalmente os romances que ultimamente recolhemos da tradição oral. Esta influencia do cyclo de Arthur era benefica para a imaginação portugueza, e chegou a prevalecer sobre as imitações de Villasandino representado entre nós por Vasco Pires de Camões. Mas justamente quando se estava dando a absorpção das ficções inglezas, quando o nosso povo, á maneira da Ilha de Avalon, dava largas ao seu genio maritimo criando a ficção das Ilhas encobertas, da Antilia, da Athlantida, e em vez da busca de Santo Greal procurava no Oriente a realidade do Preste João das Indias, de repente, em consequencia da extincção dos odios politicos contra Castella em 1432, e dos casamentos do Infante Dom Pedro e de el-rei Dom Duarte, fômos pre-

cipitados na admiração da poesia hespanhola, que então estava no seu apogeu com o favor do monarcha de Castella Dom João II.

Portanto não conhecêmos em Portugal o periodo organico da eschola dantesca de Hespanha, e não nos vimos forçados a criar como ella as fórmas novas para encarnar o espirito que vinha de Italia. Recebemos a tradição feita; o que poupámos em trabalho perdemos em originalidade. Da allegoria dantesca chegámos a appresentar a *Satyra de Vicios e Virtudes* do Condestavel de Portugal, que se guarda na Bibliotheca de Madrid, e a *Visão do Inferno de namorados*, do seu contemporaneo Duarte de Brito. Se houvessémos recebido a tradição dantesca nà época de Imperial, a consequencia mais salutar teria sido, pelo menos, o não nos fascinarmos com a harmonia da lingua castelhana, então mais polida pela metrificação erudita, e a vida historica da lingua portugueza, que ainda assim fixamos no seculo XV, teria sido muito mais vasta e se constituiria um nervo mais sensivel da nacionalidade. Assim como temos um *Cancioneiro geral*, de Garcia de Resende, que corresponde ao de Hernan de Castillo, deveriamos ter um outro e mais antigo, que correspondesse ao de João Affonso de Baena. Resende conheceu esta falta.

Indicámos as ficções do cyclo de Arthur como uma das causas da solução de continuidade entre a eschola provençal e os poetas palacianos do segundo quartel do *seculo* XV. Pelos monumentos litterarios temos debeis

provas para descobrir o gráo de vitalidade que o cyclo bretão teve em Portugal; existe apenas na Bibliotheca de Vienna essa novella da *Demanda do Santo Greal*, do tempo de Dom João I, mas na vida civil abundam os factos que deixam em evidencia como as paixões amorosas e cavalheirescas se apoderavam de taes ficções para lhes servirem de linguagem. Em outros logares falamos das comparações que Dom João I fazia dos seus cavalleiros com os paladins da Tavola Redonda, mostramos como o Condestavel queria imitar a virgindade de *Galaaz*, e ao mesmo tempo o respeito com que as novellas inglezas eram guardadas na livraria opulenta de el-rei Dom Duarte. Mas na vida civil, na circulação dos interesses quotidianos assombra-nos o vêrmos como a sociedade portugueza do tempo de Dom João I viveu embalada pelas aventuras novellescas. Os nomes dos heroes e damas das novellas são os que se usaram na aristocracia, como ainda em nossos dias os Oscar e Malvinas dos nevoeiros de Ossian. A cada passo dos *Nobiliarios* encontramos o nome de *Yseult*.

Uma filha do primeiro capitão donatario da Ilha da Madeira, Bartholomeu Perestrello, chamava-se *D. Yseu* Perestrella de Mendonça; (1) outra dama não menos celebrada chamava-se *D. Izeu* Pacheco de Lima; (2) o nome de *Briolanja*, tam popularisado no *Amadis de Gaula*, era tambem privativo das damas da

(1) Cordeiro, *Hist. insulana*, p. 65, n.º 13; p. 436.
(2) Idem, *ib.*, p. 315.

mais alta aristocracia portugueza. Sá de Miranda era casado com *D. Briolanja* de Azevedo; os nomes das damas dos poemas bretãos, *Genebra, Viviana* são egualmente frequentes, como o nome de *Oriana* era usual no fim do seculo XIII, como mostraremos na formação do *Amadis.*

Nos nomes de homens encontra-se o mesmo pensamento da imitação novellesca e da galanteria. Um dos descobridores da Ilha da Madeira, em 1419, chamava-se *Tristão* Teixeira; assim comprehende-se como uma filha do seu companheiro de navegações se chamava *Izeu.* Diz Cordeiro, que esse navegador «era chamado communmente o *Tristão,* em honra da sua singular cavalleria e nobreza.» (1) Um filho de *Tristão* Teixeira, afamado poeta do *Cancioneiro,* chama-se *Lançarote* Teixeira de *Gaula,* já segundo a influencia do novo cyclo dos Amadizes. (2) Eramos assim cavalheirescos no seculo XV; dois seculos depois andavamos pelo Flos Sanctorum á busca de nomes proprios, para exprimirem o nosso ideal da morte. Além do poeta palaciano *Tristão* Teixeira, figuram com elle no *Cancioneiro:* *Tristão* da Silva, *Tristão* Fogaça, e *Lançarote* de Mello.

Na côrte de Dom Affonso V, conhece-se a grande sympathia que as novellas cavalheirescas mereciam, pela frequencia dos nomes romanescos que usava a fi-

(1) *Hist. insulana,* p. 71, 80.
(2) *Ibid.,* p. 80.

dalguia portugueza. Na lista dos seus fidalgos, de 1477, encontra-se o nome de *Lisuarte* de Andrade, do Algarve; (1) *Lisuarte* de Liz; (2) o nome de *Arthur* começa a ser usado com mais frequencia, como vêmos pelas moradias de 1474 em *Arthur* de Brito, (3) e em 1480 em *Arthur* da Cunha. (4) O nome da formosa rainha da Tavola Redonda, apparece em D. *Genebra* de Brito, (5) bem como o do heroe da cavalleria celeste em *Persival* Machado. (6) Os nomes de *Lançerote* de Agrela, (7) *Lançarote* de Seixas, (8) e *Lançarote* Froes, (9) explicam o pensamento aventureiro e cavalheiresco das nossas expedições de Africa e das navegações no Oriente. É por isso que a vida historica de Portugal não se pode conciliar com a apathia moral e decadencia dos tempos modernos. Não temos philosophia na nossa historia; o temperamento bilioso-melancholico fez-nos grandes emquanto fômos levados pelas impressões que dominavam a Europa; a edade do senso commum matou-nos, desfez os vapores phantasticos que eram o movel da nossa actividade. O ultimo rei cavalheiresco, que ainda tinha amores com as mouras encantadas, assignalou a ruina de Portugal.

(1) Sousa, *Provas*, p. t. II,36.
(2) *Ibid.*, p. 372.
(3) *Ibid.*, p. 45, 356.
(4) *Ibid.*, p. 47.
(5) *Ibid.*, p. 375.
(6) *Ibid.*, p. 372.
(7) *Ibid.*, p. 358.
(8) *Ibid*, p. 359.
(9) *Ibid.*, p. 372.

Atravez da poderosa fascinação que exerceu a poesia hespanhola da côrte de Dom João II e Henrique IV em Portugal, ainda assim transpira a reminiscencia das novellas cavalheirescas do cyclo de Arthur, que alegraram as côrtes de Dom João I e Dom Duarte. Diz Alvaro Barreto, referindo-se á morte do Infante Dom Pedro:

Do comprido mestre escola
ou *Josep Baramatya.* (1)

Os feitos dc *Gudufre*
de Bulhom, nos fazem crêr, etc. (2)

Mas as referencias a *Tristão* e *Yseult* são mais vivas na memoria do Coudel Mór, que já em 1458 andava apaixonado:

Alegays-me vós *Iseu*,
e *Oriana* com ella,
e falays no cuidar seu,
como que nunca *li* eu
Suspirar *Tristão* por ella. (3)

E tambem Nuno Pereira, no tempo em que a monarchia annullara a grandeza senhorial, escrevia em questões de amores:

Se o dissesse *Oriana*
e *Iseu*, alegar posso,
diriam quem se engana
que suspiros sam oufana
o cuydado quebranto meu. (4)

(1) *Canc. geral*, t. I, p. 278. Edição de Stuttgart.
(2) *Ibid.*, p. 280.
(3) *Ibid.*, p. 14.
(4) *Ibid.*, p. 7.

Em todos estes versos vêmos a fórma da *allegação juridica* a mostrar-nos, que a par do espirito cavalheiresco que inspira a revolta senhorial do seculo XV, está o legista, restaurador dos Codigos romanos, coadjuvando a realeza, para entregar o poder á arbitrariedade de um só homem.

Em uma época em que a bravura estava já codificada no *Regimento de Guerra,* a aventura dos *Doze de Inglaterra* seria absurda; o commercio de Italia tornara o interesse e o ganho um dos moveis da acção. Quando recebiamos de Inglaterra as novellas amorosas dos paladins mysticos, comprehende-se que se sentissem arrastados para essa Jerusalem das fadas e dos nevoeiros os doze paladins portuguezes, Alvaro Vaz de Almada, Lopo Fernandes Pacheco, João Fernandes Pacheco, Pero Homem da Costa, João Pereira, sobrinho do Codestavel, Luiz Gonsalves Malafaya, Alvaro Mendes Cerveira, Ruy Gomes da Silva, Soares da Costa, Martim Lopes de Azevedo e Alvaro Gonçalves Coutinho, mais conhecido pelo nome de Magriço.

Para annullar as grandes ambições da casa de Bragança, o Infante Dom Pedro, o ultimo cavalleiro portuguez, viu-se forçado a recorrer aos jurisconsultos e a absorver em um Codigo geral os direitos que os poderosos senhores se arrogavam. A centralisação politica precipitou-nos na edade da prosa. De repente achámo-nos sem ficções cavalheirescas; em vez do *voto denodado* achamo-nos com obrigações civis; em vez da palavra de honra, com a escriptura do contracto; em

vez do impulso heroico, só com o senso commum
por isso que as citações de poemas do cyclo de Ar
no reinado de Dom João II, são um anceio pelo pa
do, que fugiu para sempre.

N'estas condições, achamo-nos depois do segu
quartel do seculo XV sem poesia nossa; volvêmo
olhos em redor e deslumbrou-nos o explendor dos
tas aulicos da côrte de Castella. Abraçamos essa po
na altura em que ella ía. Conhece-se qual o per
poetico que nos absorveu, pelo nome dos poetas ca
lhanos que se acham citados pelos nossos poetas
mais predilecção. Enumeremol-os, segundo as s
preeminencias historicas ou litterarias. Admirámos
dos patriarchas da poesia castelhana, o celebre *M
quez de Vilhena,* cujas obras mereceram a honra
entrarem na livraria de el-rei Dom Duarte, como
mos pelo *Tratado da Lepra;* no principio do seculo
Sá de Miranda ainda citava o seu nome com respe
A influencia do Marquez de Vilhena define-se,
quanto a Portugal, com os seguintes caracteristi
dedicando uma poetica ao seu discipulo Marquez
Santillana, por seu turno este dedicou outro tra
de poesia concebido no mesmo espirito ao Condest
de Portugal. Ao Marquez de Vilhena pertence a i
de que a poesia tinha um caracter civil, para evit
ociosidade. Esta distracção para a ociosidade, em
seculo de revolta dos grandes vassallos, mostra o c
cter da poesia do seculo XV, quando a nobreza f
sem jurisdicção penal e militar, tornando-se palac

e parasita. A poesia do seculo xv designava-se com esta phrase frequente nos Cancioneiros castelhanos e tambem no de Resende: *Trovar palençiano.* (1) Por isso o Marquez de Vilhena exaltava a poesia, dizendo: «Tanto es el provecho que viene d'esta dotrina a la vida civil, quitando ocio y ocupando los generosos ingenios en tan honesta investigacion, que las otras naciones desearon y procuraron haver entre si escuela d'esta dotrina, y por esso fue ampliada por el mundo en diversas partes.» Esta explicação, durante o esforço da monarchia do seculo xv, comprehende-se pelo facto do cesarismo do seculo xviii, quando creou a Opera no Porto, para que os burguezes da cidade se distraíssem e não discutissem as questões perigosas da governação. O Marquez de Vilhena quiz tambem fazer reviver o *Consistorio da Gaya sciencia;* os processos amorosos que se usavam na côrte de Portugal são um reflexo d'esta restauração provençalesca.

O *Marquez de Santillana* teve uma influencia mais directa em Portugal; a sua *Carta* escripta ao Condestavel de Portugal antes de 1449, é uma poetica importante. A elle devemos a tendencia allegorica, que predomina nos poetas palacianos que foram elegiacos e amorosos. Estudamol-o adiante, no capitulo que trata do Condestavel de Portugal.

Á maneira do poderoso favorito *Alvaro de Luna,* o Infante Dom Pedro tambem metrificou no estylo di-

(1) *Cancioneiro geral,* t. III, p. 650.

dactico, a fórma mais propria para se alliar com a poesia o alardo da erudição, que affectou todos os bons espiritos do seculo XV. Alvaro de Luna vem citado nos versos do Infante Dom Pedro, aonde lhe dá o titulo de *Maestre de Escalona.* Todos os grandes vassallos que dependiam e gravitavam em volta d'esse favorito, compraziam-se trovando *palençeano.* Diz Bouterwek em uma ideia com que caracterisa o periodo poetico da côrte de Dom João II de Castella, mas que com maior verdade se deve applicar á poesia portugueza, a contar desde o Infante Dom Pedro: «A historia das nações e das litteraturas, difficilmente apresenta um segundo exemplo de uma tal côrte, de uma reunião de poetas grandes vassallos e guerreiros em volta de um rei sabio, mas fraco e no meio dos horrores de uma guerra civil. Este phenomeno deve dar uma alta ideia da intensidade do genio poetico de uma nação em que o espirito de facção, isto é, o que ha de mais contrario á poesia, o não pôde fazer extinguir.» (1)

De todos os poetas do primeiro periodo da *eschola hespanhola,* mas tambem pertencente ao periodo do explendor, um dos mais conhecidos em Portugal foi o enamorado *Mancias,* cujo nome se tornou proverbial e typico de todos os amantes. Transcrevemos essas referencias para que se conheça até que ponto o admiravamos. Escrevia o poeta Gil Moniz:

(1) *Hist. de la Litt. Españ.,* liv. I, secç. 1.

A qualquer que bem ama
de sy leixa tal memoria,
em seus dias;
eu soo devo ser na fama
cm uma ygual gloria
com *Mancias.* (1)

é a fórma estrophica usada por Jorge Manri-
ebre *Recuerde el alma adormida,* tão conhe-
Portugal. Cita-o em uns versos Fernão da

Dirá senhora de Sousa
«era este mal logrado
hum *Mancias.*» (2)

Gomes da Ilha, tambem se lembra:

Sei que vos confessarei
pelo anno e seus dias;
vós de mim aceitareis
trez peccados que sabeis
que condemnaram *Mançias:* (3)
vos direi que *sam casado,*
e que quero bem a casada;
E o peccado segundo
lhe direis: que meu sentido
nam se funda, nem me fundo
se nam sempre n'este mundo,
querer mal a seu marido.
O terceiro, concruzão
vos direi, que sam tam forte
amador por condiçam,
que nam sento contriçam
nem reçeo minha morte.

(1) *Cancioneiro geral,* t. I, p. 487.
(2) Idem, t. II, p. 14.
(3) Idem, p. 43.

Tristão da Silva tambem compara a sua vida poetica á de *Mançias:*

> Mandastes que vos servisse
> Com trovas como *Mançias*... (1)

E o fecundo Nuno Pereira, que luctava entre a fascinação da poesia popular e da erudita:

> Narciso, *Mançias* morreram
> de soo cuydados vencidos. (2)

Responde-lhe o Coudel-mór:

> Vós, cunhado, que alegastes
> Narciso, tambem *Mançias,*
> nam sey se lhe vos achastes.
> no como cuydar cuydastes
> que fez acabar seus dias. (3)

> Coração que tantos dias
> ha, que vives tam penado,
> que vivendo não vivias,
> coração, que o de *Mancias*
> nunca foy tam namorado. (4)

> Um *Mançias* sois segundo
> por servir damas tornado. (5)

(1) Idem, t. II, p. 516.
(2) Idem, t. I, p. 7.
(3) Idem, t. I, p. 14.
(4) Idem, p. 46.
(5) Idem, p. 159.

O poeta Nuno Gonçalves, alcaide do Castello de Alcobaça, rematando o processo do *Cuydar e Suspirar*, escreve:

> Myll annos e nove dias
> ha, que sam morto finado,
> comigo pousa *Mançias*,
> Mena, Padran das ancyas,
> e Tarquinio desterrado. (1)

Nuno Gonçalves traz uma *Cantiga de Mancias*, que não se encontra em nenhum Cancioneiro hespanhol, e que por analogas que põe na bocca de Tarquinio, julgamos apocrypha. O afamado Dom João de Menezes, que floresceu na côrte de tres monarchas e viu nascer a eschola italiana que destruiu o seu prestigio, tambem escreve:

> Pelo qual, sem esperar
> de vos ver mais em meus dias,
> cómo quem se vê matar,
> deixo isto por lembrar
> que me nam chegou *Mançias*,
> Em amor nem em querer
> com quanto teve gram fama,
> sem se nunca desdizer,
> e depois triste morrer
> por amor de sua dama. (2)

O afamado Dom João Manoel, que tanto brilhou com os seus versos na côrte de Castella, e que figura

(1) Idem, t. I, p. 85.
(2) *Ib.*, p. 122.

com honra nos Cancioneiros hespanhoes, admirava ta
bem Macias:

> Poetas ou trovadores
> que despendeis vossos dias,
> em dizer cem mil primores
> de Cupido e de *Mançias*. (1)

> Deixa-me, pues te dexó
> todo quanto bien tenias
> y mas razon te mató
> que a *Mançias*. (2)

Um outro trovador castelhano que exerceu uma
fluencia na poesia portugueza egual á do Marquez
Santillana, foi Juan de Mena, amigo intimo do Infa
Dom Pedro, que mutuamente se dirigiam as suas co
posições poeticas.

Os versos de João de Mena eram conhecidos e i
tados em Portugal, não só desde o tempo do Du
morto em Alfarrobeira, senão ainda no do Coudel M
Na afamada questão do *Cuydar e Suspirar*, provoca
por seu filho Jorge da Silveira, invoca elle o testi
nho de João de Mena:

> E por mayor decraraçam
> dos suspiros serem pena,
> vos alego a definçam
> d'amores por *Joam de Mena*.

(1) *Ibid.*, t. I, p. 384.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 412.

A qual diz em seus decretos,
por seus males concrudir
e amores decrarar:
«*sam dulçes males secretos,*
huum sospyrar e gemyr,
hum vergonçoso lhorar. (p. 36)

mais adiante diz:

Não vos presta que digays:
«cuidados dam muita pena,»
nem que são males mortaes
se o não autorisaes
per teystos de *João de Mena,*
D'Esthuniga ou Aguylar. (p. 40)

O Coudel Mór cita Stuniga outra vez:

Prova-se por ty que fales,
Stunhyga, de teu gemidos. (p. 72)

Suspirar vos tem confuso
per costume e per bom uso,
per antigua posse estar,
Per boa confirmaçam
que temos de *Juan de Mena,*
Juam Rodrigues del Padram,
Manrique, e quantos ssam,
ham suspiros por mór pena. (1)

Nuno Gonçalves, alcaide do Castello de Alcobaça, mbem no Processo do *Cuydar e Suspirar* invoca Juan e Mena, Juan Rodrigues da Camara, mais conhecido

(1) *Canc. geral,* t. I, p. 41.

pelo nome de Padran, e chega a compôr duas canç
que lhes attribue; (1) e adiante escreve:

Pelo qual vos alegaes
escryto com vossa pena
vós por vós vos degolaes
e por vós vos outorgaes
no que dixe *João de Mena.* (2)

Em uns versos de Nuno Pereira, o amigo da mo
dade de Dom João II, escrevendo ao poeta Anrique
Almeida Passaro, que regressara de Castella em co
panhia do Duque Dom Diogo, fala-lhe na admiração
que vinha possuido:

Sey que vindes muy sentido
por trovas de *João de Mena;*
oh homem grande, comprido,
soes perdido
nesta terra que é pequena. (3)

Duarte de Brito, moço fidalgo da casa de D
João II, obedecia a esta mesma admiração:

Conformes a tal tenção
Mançias, Pares, Elena
e com estes *Joan de Mena,*
Joam Roiz del Padram. (4)

(1) *Ib.*, p. 88, e 90.
(2) *Ib.*, p. 99.
(3) *Ib.*, p. 265.
(4) *Ib.*, p. 382.

Dom Luiz da Silveira, tambem não resiste á influencia castelhana, apesar das muitas pretenções classicas:

> Vossa pergunta me ordena
> tanta confusão e cata,
> que dera por *João de Mena*
> ou por dez annos de Sena
> até dez marcos de prata. (1)

N'estes *dez annos de Sena,* queria Luiz da Silveira alludir aos costumes da côrte franceza introduzidos em Portugal, depois da viagem de Affonso v em 1477.

Os poetas que seguiram a *eschola velha* ou hispano-italica do seculo XVI, tambem citaram com louvor João de Mena; a esta primeira influencia obedeceu o espirito severo de Sá de Miranda. Este exclusivismo de admiração por João de Mena fez com que em Portugal se conhecesse muito pouco a poesia italiana, que nos daria vigor com o seu platonismo; João de Mena só conhecia Dante e Petrarcha, mas sob o ponto de vista de modellos de allegoria.

Outros poetas castelhanos conhecemos, para fixar mais o servilismo da imitação. Quando o Coudel Mór se refere ás glosas da *Vita Christe,* (2) deve entender-se com relação ás coplas do poema do frade cartucho *Juan de Padilha,* auctor do *Retablo de la Vida de Christo,* em quatro tabulas, segundo os quatro evangelistas. Este poeta pertence á eschola dantesca de Micer Imperial, mas só muito tarde foi conhecido em Por-

(1) *Ibid.*, t. III, p. 317.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 59.

tugal, quando o canonismo catholico prendia a liberdade da imaginação. Este esmero pela orthodoxia fez com que os poetas castelhanos glosassem as orações do cathecismo, como o fez Hernan Perez de Gusman, e nós fômos atraz d'elle, como vêmos pelas traducções que d'este poeta fez o Doutor Frei João Claro, cujas poesias foram publicadas nos *Ineditos* de Alcobaça. Alvaro de Brito e Dom João Manoel tambem escreveram orações religiosas, mas já com mais liberdade.

As obras de *Hernan Perez de Gusman* lisonjeavam o espirito religioso, que levava a poesia para o insipido genero didactico; ainda no principio do seculo XVI se publicaram em Portugal traducções de Gusman; citaremos *Las Sentencias que son bien sçientificas é de grandes y diversas materias muy provechosas, por las cuales qualquier hombre puede tomar regla, doctrina y ejemplo de bien viver;* Lisboa, 1512, in 4.° (1) Em 1541, encontramos outra edição de Lisboa, *Sietecientas* de Fernan Perez de Gusman. (2) Esta tendencia moralista fez com que as coplas de *Jorge Manrique,* fossem frequentemente citadas pelos nossos poetas. Sá de Miranda glosava os seus versos, e o sentencioso Jorge Ferreira citava-o com bastante consciencia: « donde le aludio singularmente el Manriquez:

> nuestras vidas sam los rios
> que vam a dar en la mar.» (3)

(1) Rios, *Hist. de la Litt. esp.*, t. III, p. 90, not.
(2) Idem, *ibid.*, t. VI, p. 552.
(3) *Aulegraphia*, fl. 69.

Outros poetas mais secundarios, mas não menos conhecidos, foram celebrados em Portugal, como o satyrico *Roupeiro,* apodado por Alvaro de Brito e Garcia de Resende: (1)

D'arremedar e trovar
sois em Thomar
outro *Roupeiro* segundo. (2)

Montoro, (3) *Arelhano, Pedrosa,* tambem deixaram vestigios no *Cancioneiro* de Resende; este chronista louva como um assombro o musico e poeta Badajoz. Esquecia-nos citar o *Arcipreste de Hita,* da Livraria de Dom Duarte, e a influencia do chanceler *Pedro Lopes de Ayala,* prisioneiro na batalha de Aljubarrota.

Grande parte dos fidalgos portuguezes frequentaram a côrte de Castella, e uma boa parte das suas poesias anda recolhida nos Cancioneiros ineditos hespanhoes.

O celebre Fernão da Silveira, quando esteve em Castella, lá escreveu uns versos em que ainda lembrava a batalha de Aljubarrota. (4) O venerando Dom João de Menezes, nos divertimentos palacianos de Castella, escreveu uma Cantiga: *ao Conde de Fonsalyda, que hera casado com huma dama, a qual foy muito servida ante de casar com ele; e ele jogava a péla perant' ela, e demandava muytas vezes fautas e perdidas, e D. João*

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 278.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 653.
(3) Idem, t. I, p. 240.
(4) Idem, t. I, p. 29.

era juiz...» (1) Estes factos revelam que nos Cancioneiros hespanhoes devem existir muitas poesias dos nossos fidalgos que frequentaram as côrtes de Castella e Aragão. O Infante Dom Pedro tem poesias no *Cancionero* hespanhol n.º VII da Bibliotheca da casa real, e na Bibliotheca nacional. (2)

Em um *Cancionero* hespanhol, inedito, do seculo xv, que possue o snr. San Roman, e que analysou Amador de los Rios, se encontram vestigios da communicação da poesia portugueza e hespanhola n'este periodo. Alí se encontra a fl. 434, uma canção a Fernando Guevara, que começa:

Pues si vás á Portugal...

Tambem a fl. 469, v., se lê uma poesia assignada por *Un Portogues,* que começa:

Mal siglo aya quien vos enseñem

Tambem a fl. 451 se lê outra poesia anonyma, assim assignada: «Anónimo (gallego ou *portuguez*):

O demo teche per seus
todos estes castelaos.»

Isto prova a verdade do que disse Garcia de Resende ácerca das muitas poesias que se perderam, cir-

(1) *Canc. geral,* t. I, p. 125.
(2) *Rios, Hist.,* t. VI, p. 590 (Cod., p. 61).

cumstancia que o levou a recolher o seu *Cancioneiro geral,* depois do exemplo de Castillo.

Em um *Cancionero* castelhano, inedito, que possue Dom Pedro Salva, escripto depois de 1450, existe a fl. 174, v., uma poesia de Francisco de Miranda, (1) que em 1477 era moço fidalgo da côrte de Affonso v, com assentamento no livro das Moradias. Este mesmo nome tambem vem citado no *Cancioneiro* de Resende, e pela época das suas poesias se vê que se não póde confundir com Francisco de Sá de Miranda.

Um poeta d'esta mesma eschola, chamado Pedro de la Caltraviesa, apoda os poetas palacianos que sabiam casuistica amorosa, mas já não sabiam vencer batalhas:

> Depues de muertos los godos
> que se gano *el Portugal,*
> non sabian dezir todos :
> guarda-brazos, nym braçal.
> Placas, almete, gorjal
> tates nombres non oyeron,
> mas la batalla vençieron
> del Puerto de Muradal.

O Marquez de Santillana lisongeava as pertenções litterarias de Dom Affonso v, (2) endereçando-lhe umas *Coplas al muy Excellente é muy virtuoso señor Don Affonso, Rey de Portugal,* talvez escriptas antes de 1449, porque o titulo de virtuoso ainda não havia

(1) Rios, *Hist.*, t. vi, p. 555.
(2) Rios, *ib.*, t. vi, p. 113.

sido manchado com o assassinato de Alfarrobeira. Começam:

> Rey Alfonso, cuyo nombre
> Es e fue de reyes buenos,
> Lea, si querrá, todo ombre,
> E verá de todos genos:
> Asy nuestros como agenos
> Siempre fueron virtuosos,
> Guerreros é venturosos,
> Quales mas é quales menos.

O Marquez de Santillana considerava Affonso V como de «*perfeita discrecion, e buen sesso é de grant sentido*».

A cada pagina do *Cancioneiro* de Resende apparecem os documentos irrefragaveis da nossa admiração pela poesia lyrica de Castella. Das modas da côrte escreve Alvaro de Brito:

> O cabello *sevilhano*,
> borzeguins marroquis roxos
> morda sempre o *castelhano*... (1)

E Duarte de Brito:

> Nam hajaes por maravilha
> nam vos errar uma melha,
> por cortar por rroupa velha
> mas nom pela de *Sevilha*. (2)

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 254.
(2) *Ibid.*, p. 366.

ɪr de apparecerem no *Cancioneiro* bastantes ıs a Sevilha, nem por isso conhecêmos a sua poetica ou propriamente dantesca. A côrte de attraía-nos mais a attenção. Nuno Pereira apo- nrique de Almeida que regressára de Castella Duque de Bragança, explica o motivo da imi-

Portuguez ou *Castelhano*
vos venhaes muyto embora,
sey que vindes muy ufano
por um anno
que andaes de Moura fóra.
Oh que modo que trazeis
a desdenhar Portuguez!
oh que graças contareis,
e tomareys
d'elas mesmas o envés.

Da Veiga lá de Granada
e das estejas da guerra
vos nam ey ja de ouvir nada...

Por isso cumpre calar
perante mim quando fôr:
Portuguez sempre falar
e nam tomar
Castelhano sem sabor.

Oh como sei que sabeys
o de lá tão bem contar!
que invenções que fareys,
e direys
que *Castella* não tem par. (1)

imitação hespanhola acha-se melhor definida e isada nos apodos do antigo poeta João da Silveira

) *Ibid.*, t. I, p. 265.

aos dois poetas que acompanharam a Castella a embaixada de Dom João de Sousa; chamavam-se elles Pero Moniz e Dom Garcia de Albuquerque:

Parecer-lh'am grandes annos
todolos dias passados;
far-s'am muyto namorados
per geitos de *Castelhanos.*

Levam *motos* respondidos
pedidos para a despeza,
trabalharão por empreza;
mas nam hamde ser ouvidos.
O que este tempo fizeram
am que fique em balança,
e tambem sei que disseram:
—Ó duvidosa lembrança.

A um d'elles hamd' ouvir
—El secreto conhecido.
Oh que responder tão certo.
Se quereis que mal se alcance
nom digays muito se estendem,
mais am de cantar *rromance*
em que cuydem que s'entendem. (1)

João da Silveira dizia que haviam *cantar romance,* chasqueando-os por ignorarem os artificios do trovar palenceano, e só conhecerem os cantares de que a gente baixa se alegra, como chamava o Marquez de Santillana aos *romances.* Os castelhanos eram tidos em toda a Europa como modellos da galanteria; elles nos davam o tom; escreve Resende:

(1) *Ibid.,* t. III, p. 358.

Aragoes refinado,
doce, galente sergueiro,
Castelhano perfumado,
musico acayrelado (1)

Dom Francisco de Biveiro tambem allude á mania poetica que a côrte de Castella communicava aos portuguezes:

Monseour, *que andou em Castella*
e fora d'ella,
sem ser cá, nem lá apodado
por máo de seu pecado
m'enviou uma trova de lá. (2)

Com o casamento de Dona Leonor de Castella, é que começou esta influencia poetica e sumptuaria. Diz Dom Pedro de Almeida:

Nam saibam os *Castelhanos*,
que andam em cas' da rainha,
que vos lembrastes de canas
tam asinha. (3)

Ruy de Sousa, apodando a Lopo de Sousa aio do Duque de Bragança, por causa da moda das grandes carapuças de veludo, lhe diz:

Sobrinho, não vos pareça
que estaes em *Valhadoly*
caa nam trazem na cabeça
trez varas de azeytony. (4)

(1) *Ibid.*, t. III, p. 627.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 272.
(3) *Ibid.*, t. II, p. 429.
(4) *Ibid.*, t. III, p. 118.

Tambem o velho Coudel Mór tentou resistir á fascinação da poesia castelhana, quando escreveu:

> Por dar mate a *Castilla*
> por onra de Portugal,
> farey uma vez na cylha... (1)

O furor da moda sumptuaria explica a imitação poetica; não se discutia a fórma, comtanto que fosse a que dominava. É por isso que tendo relações com a eschola dantesca de Sevilha, não seguimos a sua direcção. Em uns versos de Francisco da Silveira, escriptos em 1498, apodando um fidalgo da Ilha da Madeira, que andava em Castella, refere-se ao Conde de Tendilha, como poeta, pae do chefe da *eschola de Sevilha* Diego Hurtado de Mendoza:

> Diga o *Conde de Tendilha*
> e a senhora Bobadilha,
> se da ilha do Funchal
> foi homem tam por seu mal
> a *Castilha.* (2)

Mas á medida que a Hespanha se aproximava mais da intenção italiana, a côrte portugueza pelas pazes com Fernando e Isabel os catholicos, desviava-se mais do caminho que Sá de Miranda abriu á poesia portugueza com a viagem á Italia. Já explorámos os Cancioneiros manuscriptos, faltam-nos ainda os impressos.

(1) *Ibid.*, t. I, p. 155.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 142.

O *Cancionero general* de Hernan del Castillo está cheio de relações intimas dos poetas portuguezes no seculo XV. Em primeiro logar cabe a este collector a gloria de ter provocado com a sua publicação o desejo em Garcia de Resende de colleccionar as trovas portuguezas que andavam dispersas desde o principio do seculo XV, dentro do espaço de cinco annos, que foi quantos empregou n'este trabalho desde que viu a anthologia hespanhola. Antes de examinarmos o *Cancionero* d'Anvers, cumpre deixar algumas indicações bibliographicas indispensaveis; a primeira edição d'esta anthologia data de 1511, tendo apparecido em Valencia de Aragão, em folio gothico, a duas e tres columnas. Em um prologo que serve de dedicatoria dirigida ao Conde de Oliva, diz Hernan del Castillo, que empregou n'este trabalho vinte annos, vindo portanto a dar-lhe principio em 1491. Contém o *Cancionero general* mil quinhentas e quinze composições, entre as anonymas e as de cento e trinta e seis poetas nomeados. Na outava edição, feita em Anvers em 1557 em casa de Martin Nucio, mudou-se de formato para outavo semi-gothico; contém este exemplar mil cento e cincoenta e sete composições, sendo d'ellas já augmentadas na quinta edição de 1527, cento e setenta e duas, e cincoenta e sete accrescentadas na presente. Apezar d'estas ampliações, supprimiram-se cento e outenta e sete composições da edição de 1511.

N'esta collecção figura o Camareiro-mór de el-rei Dom Manoel, o afamado Dom João Manoel, que andou

muito tempo confundido com o auctor do *Conde de Lucanor*. Entre os versos de Carthagena, vem este bello epigramma de Dom Juan Manoel:

> Perguntè a *Dom Juan Manuel*
> dezir — Señor, que sentis?
> «Que siento? me dixo el,
> poco pensais que pedis.
> Lo que siento,
> no lo fio del pensamiento,
> como haré lo que pedis? (1)

A rainha Dona Joanna, filha d'el-rei Dom Duarte, e mulher de Henrique IV de Castella, tambem desenvolveu a poesia da côrte, pedindo aos poetas que glosassem os motes com que ella mais sympathisava; (2) este facto historico coadjuva a lenda dos amores de Juan Rodrigues del Padran.

No *Inferno de Amor*, de Garci Sanchez de Badajoz, cita-se entre os desgraçados amadores a Dom Antonio de Velasco, aquelle que tomou parte nos Apodos de 1498 contra as ceroulas de chamalote, que fizera o poeta Manoel de Noronha quando Dom Manoel estava em Çaragoça. Diz Badajoz:

> Passava mal sin medida
> *dom Antonio de Velasco,*
> y el esperança perdida
> dezia com muy gran vasco
> perdoneseme la vida. (3)

(1) *Cancionero general*, fl. cxvij, Anvers, 1557.
(2) Idem, fl. cliii, v.
(3) *Idem*, fl. clxvij, v.

N'esta collecção vem canções de Dom João Manoel e Dom João de Menezes, do tempo em que frequentaram a côrte de Henrique IV, as quaes faltam na Collecção de Resende. (1)

Em umas justas que se fizeram em Castella, por ventura no casamento de Dona Joanna com Henrique IV, aí appareceu Fernão da Silveira, o antigo Coudel-Mór de Portugal, que tirara por cimeira um Physico que lhe apalpava o pulso, e dizia:

Tu dolor no tiene cura,
ningun remedio te siento,
porque és baxa tu ventura
y alto tu pensamiento.

Diz a rubrica do *Cancionero* de Hernan del Castillo: «*El mismo saco en otra justa los martyrius de la passion y dixo:*

Igualar otra a estos
seria gran desvario,
mas por Dios, grande es el mio. (2)

N'este mesmo torneio: «*La Reyna de Portugal traya por divisa um remo, y dixo*: Por desviar.» (3) Na côrte portugueza se imitaram os jogos trovados, usados na côrte de Fernando e Isabel, e que o grande aulico Garcia de Resende compunha para os serões da

(1) Idem, fl. clxxv, v., e fl. cclxvij, v.
(2) *Canc. gen.*, fl. CCXVIII, v.
(3) *Ibid.*, fl. cxx, v.

côrte de Dom Manoel. Em um jogo trovado que fez a rainha Isabel ás infantas e damas, encontram-se duas trovas de Pinar á Princeza de Portugal, esposa do principe Dom Affonso:

Tome vuestra realeza
Princeza señora y tal
por arbol nueva firmeza,
de su proprio natural;
y despues tomé un moral
e un cysne que até el
contando con voz ygual
donde amor hiere cruel
y el *refran* mas apropriado
porfia mata venado.

O *refran*, era ao que em Portugal se chamava *rifão*, especie de apódo em que certos versos ficavam proverbiaes; o verbo *rifar* no seculo XV significava satyrisar. N'este jogo vem um outro rifão á Infanta Dona Maria, que em 1501 veiu a ser segunda mulher delrei Dom Manoel.

O poeta Roupeiro, um dos maiores satyricos castelhanos do seculo XV, e sempre apodado pelos outros poetas por *marrano*, escreveu este rifão «*a un Portuguez, que vido vestido de minhas colores*»:

Dezid amigo soys flor
o obra morisca desparto,
o carlanço, o reyseñor,
o soys o Martin pescador,
o mariposa, o lagarto.

O menestril, o farsante,
o tamborino, o trompeta
o tañedor de burleta
O cantador de corsante. (1)

O nome de Roupeiro ficou em Portugal odioso, não pelas suas satyras, mas por causa da sua côr religiosa, pelo seu achaque de *marrano*. Alvaro de Brito accusando Anton de Montoro de herege por umas trovas que fez á Rainha Isabel de Castella, diz:

Mas se vos dissereis tal,
nos reinos de Portugal,
logo foreis, dom *Roupeiro*,
c'um baraço d'azeiteiro
ao fogo de Sam Barçal. (2)

Comprehende-se melhor o insulto dirigido a Anton de Montoro, chamando-lhe *Roupeiro*, se lêrmos outras trovas do *Cancionero general* de Hernan del Castillo contra elle:

Que vos trobays palançiano
esse trobar mas os mata,
porque, se van a la cata,
bien sabran que sois *marrano*. (3)

Infelizmente tanto em Portugal como em Hespanha esta palavra *marrano* annunciava o furacão do fanatismo, que vinha esterelisar na Peninsula a seiva nova do

(1) *Canc. general*, fl. ccclxix.
(2) *Canc.* de Resende, t. I, p. 241.
(3) *Canc. general*, fl. ccclxiiij.

seculo XVI, e matar a industria d'estes dois povos, lançando fôra os judeus, a alma do commercio, os verdadeiros mobilisadores do capital. Alvaro de Brito é, de todos os poetas do seculo XV, o que primeiro usa na linguagem escripta da palavra *marrano:*

Todas boas confianças
por malissimos enganos
sam perdidas;
justos pesos e balanças
danam judeus e *Marranos,*
e medidas.

No superlativo *malissimo* já se encontra a influencia erudita dos latinistas do seculo XV, junto com o conhecimento da poesia italiana da primeira Renascença. Mas Alvaro de Brito define melhor em outra estrophe o que era o *marrano:*

Por *Marranos* não defamo
os que foram judeus, sendo
Chrystãos lindos,
mas apostolos lhes chamo,
muy grandes louvores tendo
muy infindos.
Sam *Marranos* os que marram
nossa fée mui infeis,
baptizados,
que na lei velha se amarram
dos negros Abravaneis
dotrinados. (1)

(1) *Canc.* de Resende, t. I, p. 192.

Esta intolerancia para com os judeus e christãos novos, fez com que as duas côrtes intolerantes de Fernando e de Dom Manoel se alliassem por casamentos, para a realisação da obra diabolica da asphyxia de uma raça. Depois de termos visto a parte que os nossos poetas do seculo xv tomaram nos Cancioneiros castelhanos, cumpre vêr que fidalgos hespanhoes collaboraram no *Cancioneiro* de Resende; alí achamos citados com suas coplas ás damas do paço o Condestabre de Castella, o duque de Sigorbe, o Conde de Haro, Don Antonio de Valasco, o Conde de Onhate e Dom Luiz Ladran, (1) quasi todos poetas de primeira ordem, citados por Garci Sanchez de Badajoz no seu *Inferno de Amor*. No *Cancioneiro* de Resende encontram-se tambem umas coplas formosas de Diogo de Saldanha, fidalgo castelhano, que no tempo da batalha do Toro, que Dom Affonso v sustentou contra Fernando e Isabel, os Catholicos, seguiu o partido do monarcha portuguez, e o acompanhou para França em 1477, aonde morreu. Diogo de Saldanha foi casado com D. Maria Bobadilha, filha de Tòribio Rodrigues Bobadilha, que está enterrado na capella mór de S. Domingos de Santarem. Em um serão do passo da côrte de Dom João II appareceram uns versos de Dona Maria Bobadilha em louvor de Dona Beatriz de Vilhena, em que diz:

(1) *Canc. ger.*, t. II p. 419 a 423, e t. III, p. 131.

Isto nam m'o agradeçaes
porque isto vos am de achar;
que o que mais vos louvar
vos fica devendo mais.
Nem queiraes outros sinaes
de serdes tam perigosa
senão serdes tão fremosa. (1)

Em outros logares do *Cancioneiro*, fala-se n'e
nome de Bobadilha:

Diga-o o Conde de Tendilha,
e a *senhora Bobadilha*, etc. (2)

Mas pois o paço he filha
per *Valasco*, e *Bobadilha*...

Do poeta castelhano Diogo de Saldanha restam
Cancioneiro apenas umas Coplas, que mereceram
glosadas por Dom João Manoel. Começam:

Ojos tristes, ojos tristes,
triste coraçon penoso,
estando ya de reposo
nuevo cuydado me distes. (3)

D'este Diogo de Saldanha acha-se citado no *C*
cioneiro um filho chamado João de Saldanha ao qua
trovador João Fogaça fez um remoque «*por uma to*
que trouxe ao paço muito mal posta, partindo

(1) *Ibid.*, t. III, p. 26.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 143 e 145.
(3) *Ibid.*, t. I, p. 388.

rei.» Deu-se este facto em 1577. João de Saldanha subiu os altos cargos do paço, e foi veador da rainha D. Maria, segunda mulher d'el-rei Dom Manoel, e da Imperatriz sua filha; casou com D. Joanna de Lima, filha de Dom Alvaro de Lima, monteiro-mór d'el-rei Dom Manoel, e em segundas nupcias com Dona Leonor de Mello, viuva do Doutor Gonçalo Mendes da Silveira.

Desde a Batalha de Toro muitos fidalgos castelhanos que haviam seguido a parte de Dom Affonso v refugiaram-se em Portugal, como succedera no tempo de Dom Fernando com os fidalgos da Galiza. D'aqui resultou uma communicação mais directa com a poesia castelhana geralmente usada no paço, e uma certa sympathia pela lingua hespanhola, que era para a boa sociedade do seculo XV o mesmo que é hoje o francez nas conversas elegantes. A viagem á côrte de Castella, a permanencia de largos annos aí, nas occupações da diplomacia, eram uma aprendizagem indispensavel para ser um consummado palaciano, para completar o *tour de France* da aristocracia. Dom João de Menezes, Dom João Manoel, o Coudel Mór e centos de outros trovadores fizeram essa peregrinação distincta. Foi n'este seculo que os portuguezes alcançaram em Castella o titulo de apaixonados, de que se serve Lope de Vega na sua *Dorothea;* na totalidade dos *Cancioneros* hespanhoes manuscriptos, apparece sempre um ou outro poeta portuguez. No seculo XV enriqueceram os nossos poetas lyricos os *Cancioneros* hespanhoes, do mesmo modo que no seculo XVII os nossos poetas dramaticos

tornaram sem numero as comedias famosas do repertorio do theatro hespanhol.

Falámos na batalha de Toro como uma das causas poderosas do dominio da poetica hespanhola em Portugal, mas a esta batalha se deve a ida de Dom Affonso á côrte de França pedir auxilio a Luiz XI. N'este tempo a poesia franceza estava passando por uma crise de esterilidade; as grandes Canções de *Gesta* eram reduzidas á prosa burgueza, e a poesia lyrica luctava com a erudição. Muitos fidalgos acompanharam Affonso V, e da côrte franceza tomaram certas arias musicaes, vestimentas e cortezania. Á influencia das cantigas francezas se devem attribuir certas rubricas dos *Autos* de Gil Vicente, em que indica vagamente, por muito conhecidas, algumas cantigas *que vieram de França,* como por exemplo:

Ai de la noble
Ville de Paris.

No *Cancioneiro* de Resende abundam as referencias ás modas francezas. Diz Duarte de Brito:

Mas um conselho, senhor
vos darey *á lei de França,*
que nam vos fieis do amor,
que é falso enganador. (1)

No *Cancioneiro* de Resende vem uma cantiga «*do Coudel mór a sua cunhada, que lhe mandou* uma escre-

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 318.

vaninha franceza, *que trazia o cano no tinteiro, todo junto pegado.»* (1) Das noticias que chegavam da viagem de D. Affonso V a Luiz XI, escrevia o mesmo Coudel Mór:

> Quem macho alcança
> se ha por bençam;
> mil falas *de França*
> por este viram. (2)

E aconselhando um sobrinho para parecer bem na côrte, escreve:

> Pois vos tacham de cortez
> sobrinho, gentil cunhado,
> sobr' alto, alvo, delgado,
> nam ha mays em um *Francez*. (3)

O poeta Pero de Sousa Ribeiro fôra por embaixador a Luiz XI, antes da viagem de Affonso V; o Conde de Vimioso escrevia-lhe *«sobre uma capa franceza, que fez:*

> Sois ajes no Portuguez
> nascestes para a gineta,
> nam se meta
> nenhum de vossas mercês
> enculpar *trajo francez*. (4)

Francisco da Silveira referia-se ás suas viagens:

(1) *Cancioneiro* de Resende, t. I, p. 175.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 139.
(3) *Ibid.*, t. I, p. 144.
(4) *Ibid.*, t. II, p. 122.

Todos meus dias perdi
em buscal-a;
Castella, *França* corri,
outras mil terras que vy
sem achal-a! (1)

Pedro Homem condemnando as modas que come
vam a chegar de França, dá noticia da doença mais t
rivel que tem corrompido a especie humana:

Sayba todo o portuguez
porque tal trajo o não vença,
qu'estas vem de uma doença
que se chama *mal francez.*
Pegou-se da Frontaria
a Perpinhão,
morreu loguo o capitão. (2)

E o afamado Dom João de Menezes:

Quem vyo nunca Portuguez
que gastasse tanto pano,
em um tão mau entremez,
que mays fizera um *Francez*,
ou Castelhano. (3)

Dom Francisco de Biveiro ridicularisa tambem
novas invenções poeticas:

Confessou-me o adayam
e isto é chão,
que quem sua trova fez
nam em *França*, mas em Fez
aprendeu esta envenção. (4)

(1) *Cancioneiro* de Resende, t. III, p. 26.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 117.
(3) *Ibid.*, t. III, p. 118.
(4) *Ibid.*, t. III, p. 271.

Finalmente, o poeta João Fogaça, procura mostrar que é alheio á influencia da côrte franceza, dizendo:

> Senhor, não tenho lembrança
> de cousa que já fezesse
> mays do que se faz em *França*. (1)

Á rapida impressão causada pela viagem de um grande numero de fidalgos portuguezes á côrte de Luiz XI, podemos attribuir as seguintes consequencias: primeiramente, um grande numero de contos decameronicos ou obscenos, que se encontram nas *Cem Novellas novas*, e que ainda hoje andam na tradição oral portugueza, como o conto da *Maré do Carvoeiro;* em segundo logar, um caracter erudito mais pronunciado dado á nossa imitação lyrica da eschola hespanhola; o primeiro conhecimento da musica franceza, que ainda no seculo XVI se chamava *jusquina,* no sentido de melodiosa; e finalmente, é d'este tempo que data a entrada dos Autos hieraticos, imitados das *Moralidades* francezas, a que Gil Vicente só depois de 1502 pôde dar foro de nacionalidade. (2) Para esta introducção de uma fórma dramatica mais perfeita tinhamos já o campo preparado pelos *Momos,* que nos vieram pelas nossas relações com a Italia.

Tocamos na terceira influencia litteraria a que obedecemos no seculo XV; em primeiro logar é digno de

(1) *Cancioneiro* de Resende, t. II, p. 184.
(2) Provado no t. I da *Hist. do Theatro portuguez.*

*

notar-se o não se encontrarem pelo menos citados os nomes de Dante e Petrarcha pelos poetas palacianos! A causa d'isto foi a nossa ignorancia; tinhamos relações com a Italia, mas exclusivamente commerciaes. Este mesmo mercantilismo fez com que se conhecesse em Hespanha sómente esses dois poetas, porque um genovez, Micer Francisco Imperial, falou n'elles. Os bons espiritos do seculo XV queixam-se do exagerado mercantilismo que penetrava a sociedade portugueza. Azurara, terminando a *Chronica de Guiné*, ou melhor do Infante Dom Henrique, em 1448, escreve: «cá depois d'este anno avante, sempre se os feitos d'aquellas partes tentaram *mais per trautos e aveenças de mercadarya*, que per fortalleza, nem trabalho de armas.» (1) Iamos á Italia mercadejar ou receber nas Universidades leigas a tradição dos jurisconsultos romanos para restaurar em Portugal o cesarismo bysantino. Nos seus versos os poetas falam n'estas duas tendencias. Alvaro de Brito descreve minuciosamente este pharisaismo introduzido nos nossos costumes cavalheirescos, attribuindo-o á sua verdadeira causa:

> *Regatar* e *revender*
> fazem monturos mui altos
> fedorentos;
> nam se podem desfazer
> sem grandes tombos e saltos
> escarmentos.

(1) Edição de Paris, p. 456.

Arrenego de tal uso
de ganhar no que outros mercam
outros dobro;
por costume tam confuso
bons costumes nam se percam,
ajam cobro.

Os useiros e veseiros
de falsas mercadorias
muito pedem;
as onzenas de onzeneiros
usuras e simonias
nos desmedem...

Estrangeiros partisando
levam d'esta nossa terra
ouro, prata,
nossas bolsas alivando,
com su paz nos fazem guerra
que nos mata...

Assy como vam da náo,
todolos outros estantes
nos depenam:
levam ouro, trazem pau;
nossos tratos mercadantes
desordenam.
Por Framengos, *Genovezes*
Frorentius e Castelhanos
mal nos vindo,
com seus novos antremezes
dão-nos trinta mil abanos,
vam-se rindo. (1)

te-se aqui a queixa de um cavalleiro invadido
teresse burguez; Alvaro de Brito pinta-nos a
:ia da Italia, e caracterisando o acto de com-

Canc. ger., t. I, p. 185.

mercio pelo facto de *revender*, como o definem os cantilistas italianos, o cardeal Luca e Casaregis lhe esquece tambem de ligar importancia ao eler judaico que se assimilava á nacionalidade. Da importámos a fórma dramatica dos *Momos* e *Ent* *zes*. Na legislação vêem-se mais claramente defi as nossas relações commerciaes com a Italia. Em Lei de 1392 se isemptam as Galés de Veneza d gar direitos de mercadorias do que trouxessem carregassem e não vendessem. Em 1460, pagav Fillippe Peroço, tio de el-rei Carlos Florentim, a ma do coral pescado no Algarve. O Coudel Mór no da casuistica amorosa, lembra-se do contraste da cancia:

> Se mandaes cousas a Frandres
> cuydado faz segurar;
> mas d'amores carreguar
> retorna suspiros grandes. (1)
>
> Os feitos tam assignados
> levam-nos todos a Frandes
> para virem figurados
> como cousas muito grandes. (2)

Por estes versos d'Anrique d'Almeida Passaro, que recebiamos as obras d'arte da eschola flan no seculo XV. Nas Universidades italianas appar a tradição pura dos codigos romanos; a realeza

(1) *Canc. geral*, t. I, p. 13.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 138.

dou alí os seus jurisconsultos para estudarem e fundarem o cesarismo. João da Regras apprendeu na eschola de Bolonha; o Doutor João Teixeira tinha um filho a educar sob a direcção de Angelo Policiano. Este amor pela sciencia juridica, como um meio de vencer as juridicções senhoriaes e ecclesiasticas, começou no seculo XV e tocou o seu explendor no seculo XVI. Nos poetas do *Cancioneiro* é sensivel a modificação das *Côrtes de Amor* em processos, com todas as praxes de requerimentos, libellos, contrariedades, allegações, sentenças, como vemos no de *Cuydar e Suspirar*, em que figura Nuno Pereira, e no de Vasco Abul, em que figura Gil Vicente. O Coudel Mór escreve:

> Vossas copras receiando
> tinha feitos meus proçessos,
> mas pois se vae divulgando,
> pelo que m'ys alegando
> revolver cumpre *Dejestos*. (1)

E Gil Vicente tambem allude á influencia dos legistas:

> Quem mete *Bartholo* aqui
> nem os doutores legistas....
> ....
> vereys com quanta graveza
> busca leis de gentileza
> no lindo estyllo romano. (2)

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 19.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 535.

O Doutor João da Silveira foi chefe d'essa grande familia de poetas do *Cancioneiro,* que tanto figuraram na conspiração contra Dom João II. O jurista inventou em vez da nobreza de sangue a nobreza do talento, e pelo facto de pertencer á Casa da Supplicação ficava intitulado Conde palatino; a bravura dos paladins reduziu-a ás obrigações definidas no *Regimento de Guerra portuguez.* Foram estas as consequencias das nossas relações com a Italia; para alí corriam os aventureiros, que se achavam tolhidos na sua liberdade pelas ordenações monarchicas.

Na *Vida de Hernando d'Avalos,* Marquez de Pescara, se lê: «Siendo este Don Rodrigo de alto ingenio, y de gran fuerça de cuerpo, y aun mancebo, mató en un desafio un *Cavallero Portugues* que lo havia desafiado, en presencia de los dos exercitos que miravam la pelea. Ganó tanto favor y voluntad de todalas ordenes de soldados, e tanta benevolencia con el Rey por aquella hazaña tan esclarescida, que hasta poco fue hecho gran Condestable: la qual honra muy alta de guerra, se acostumbrava encommendar a solos los principes de nobreza antigua.» (1) Esta passagem refere-se a Dom Rodrigo Davalos, trovador palaciano e bisavô do Marquez de Pascara.

De todas estas trez influencias que ficam analysadas sômos levados á conclusão, de que a revolução da poesia do seculo XV não é devida a uma elaboração no-

(1) Liv. I, cap. I. Ed. 1558.

va do genio, mas a uma modificação profunda na vida politica, em que o senhor feudal se torna diante do poder monarchico um aulico sem importancia, e diante da burguezia um Quixote ridiculo. Grande parte dos fidalgos do seculo XV, occupados com as suas genealogias, versificavam para imitarem os seus antepassados.

Assim, a historia da poesia do seculo XV resume-se na seguinte these: o esforço pedantesco da erudição e do artificio para encobrir a natureza, e ao mesmo tempo a verdade natural a transparecer por debaixo d'esta desfiguração e mau gosto. Dirigidos por esta antinomia, procuremos-lhe os seus caracteres. São elles:

1.º Uma feição *erudita,* com referencias á Mythologia e aos sabios da antiguidade; um grande amor pelas traducções latinas; uma tendencia didactica encobrindo a falta de imaginação. A descoberta da Imprensa era uma facto que, pondo os espiritos do seculo XV em contacto com a antiguidade, lhes dava insensivelmente a vaidade de querer ser sabio. O amor da variedade e de se mostrar perito em todas as formas poeticas, fez com que depois de esgotadas as formas cultas os poetas descessem aos metros populares, circumstancia fortuita que rehabilitou o *Romance,* que por isso recebeu forma litteraria no seculo XVI.

2.º A segunda feição é toda *casuistica,* resto tradicional das canções trobadorescas, fortalecido pelo gosto da allegação juridica dos doutores romanistas que estudavam na Italia, e do platonismo da primeira Renascença, que os mysticos levaram a todos os paizes catholicos. O seu correctivo foram as coplas satyricas.

3.º Não merece menos importancia, o caracter *devoto,* em que os poetas escrevem Orações ou paraphraseam os hymnos da Egreja. Anda este caracter reunido á sua antithese, á mais desbragada *desenvoltura,* á grossa obscenidade, que só se póde explicar pela ingenuidade medieval em presença da corrupção palaciana. Ha no *Cancioneiro* raras composições historicas; nenhuma d'ellas serviu de germen para uma epopêa regular como os eruditos a comprehendiam. Nenhum poeta, nenhuma composição escapa a estas três classes de caracteriscos. Resta-nos exemplifical-os.

A Mythologia grega era o que mais lisongeava o paladar dos eruditos; n'esses primeiros annos da Renascença as palavras *Musas, Parnasso, Apollo* não tinham sentido, mas despertavam um ideal vago, impossivel de formar-se em um seculo que leu Chompré ou Demoustier. É por isso que a Mythologia temperava a estrophe descolorida, e até certo ponto lhe dava a magia de um carmen.

Eis uma descripção mythologica do tempo, pelo aulico Anryque da Mota:

> A madre que começava
> derramar seus lavradores,
> a filha de novas frores
> o mundo já visitava.
> E *Neptuno* derramava
> seus thezouros.
> Sobre Christãos sobre Mouros
> *Febo* seus cabellos louros
> resserrava
> e sem graça se mostrava.

O qual hya repousando
na casa do animal,
que c'o rabo fere mal
e da bocca é mui brando...

que da Mota expõe o successo de uma visão
creve minuciosamente, por novas impressões
beu da leitura do Homero:

Na qual ida me temi
de me acontecer assy
como ey lido
que *Omero* foi perdido.

E com tam gram desatino
prosegui por minha via,
Ramusya tomei por guia,
como fez el-rei *Cadino*...

E eu vendo que errei
o caminho da pousada
comecey buscar entrada
por sair per hu entrei.
E depois que trabalhei
em buscal-o
sem poder jamais achal-o,
de ter áas como *Dedalo*
desejei
quando cercado me achei.

Porem o carro *Febeo*
caminhando,
me foi toda luz tirando,
em taes trevas me leixando
como *Orfeo*
quando do inferno veo.

E depois que me cercou
a sombra de *Tesifone*

fiquei mais triste que *Prone*
quando seu filho matou.
....

E comecei de rogar
a *Cupido*,
qu'alumie meu sentido
e pera que fuy trazido
a tal lugar
me quizesse declarar.
E eu que nam acabava,
meu rogo tam paciente
quando vi supitamente
um craror que me cercava.
E no meio d'elle estava
poderoso
um moço cego fremoso;
ora ledo, ora cuidoso,
se mostrava
e tinha aas com que voava.

E trazia por sinal
de suas obras secretas
um coldre com muitas setas
e um arco mui real...

E aquelles que feria
com seus furiosos tiros,
fazia-lhe dar suspiros
sem cançar noite nem dia. (1)

Não podiamos escolher um trecho mais frisante para mostrar a fascinação da Mythologia nos poetas do seculo XV. Em uns versos de Simão de Sousa, vem:

Puys que já *Archilles* nam es,
nem menos *Eytor* troyano... (2)

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 495.
(2) Idem, p. 256.

Nos versos de Duarte de Resende, traductor do livro *De Officiis,* abundam as allusões mythologicas a *Cancro, Febo, Proserpina, Foton, Diana, Anteon, Pirame.* Nos versos de Duarte de Brito cita-se *Saturno, Jupiter, Mares, Venus, Mercurio, Diana, Chimera, Apolo, Friso, Vello, Ajenor, Polus e Castor, Perseo, Cancro, Virgo, Léo, as Lyvras, Escorpiam, Alciam, Teriam, Sagitario, Capricornio, Acarios, Cupido, Cenesura, Ouriam, Latona, Plutam, Cerveiro, Busyres, Sifo, Ystriga, Proserpina, Tesyfone, Aleto, Danão, Dedal, Villeano, Pryteo, Atreo, Penteo, Exyão, Jerião, Tantal, Ccoytos, Leteo, Charonte, Teseo, Erudyce, Orfeo, Driana* (Ariadne) *Ercoles, Daynyra, Pares, Elena, Eco, Narciso, Pasife, Minus, Nyso, Policena, Piramus, Tisbe, Lucrecia, Tarquinio, Ipolito, Fedra, Semetra,* em um grande kyrie de deoses, semideoses e heroes. (1) Esta influencia erudita apesar de fazer perder o criterio poetico, serviu para imprimir á lingua portugueza uma feição alatinada, e tornar mais livre o uso de palavras novas. Os poetas de Castella eram accusados d'este crime pelos puristas; Duarte de Brito gaba-se de empregar os condemnados neologismos:

> Assy eu com minhas trovas
> levemente com saber,
> vos furtey os consoantes
> *por umas palavras novas,*
> que de agudas e galantes
> nam lhe sabeis responder. (2)

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 429.
(2) *Ibid.*, p. 368.

A influencia do erudito Nebrixa, que provocoù na Peninsula nos fins do seculo xv uma especie de renascimento da lingua latina, fez com que os nossos trovadores procurassem distinguir-se pelas suas traducções poeticas. Aos traductores latinos do seculo xv se devem grandes innovações de fórmas linguisticas, e a adopção de muitas palavras das linguas classicas. Dom Duarte lançára entre nós as primeiras regras como se devia traduzir bem a poesia latina; o Dr. Frei João Claro traduziu em verso as *Horas canonicas*. Tudo fez com que João Rodrigues de Sá, João Rodrigues de Lucena, neto do afamado Alvaro Fernandes de Lucena, Ayres Telles, Duarte de Resende e Diogo Brandão se distinguissem pelos seus conhecimentos da lingua latina ou pelas versões poeticas de Ovidio. As livrarias de Dom Duarte e Dom Affonso v eram riquissimas de classicos latinos, quasi todos traduzidos em Portugal. A presença do poeta Cataldo Siculo, amigo de Dom João Manoel, devia contribuir para a admiração pela poesia latina. Dom Francisco de Biveiro, apodando os dois Silveiras, Simão e Luiz, exclama:

Um d'elles *sabe latim.* (1)

Com o andar do tempo, no reinado de Dom Manoel, o latim era cultivado pelas damas do paço, que vertiam e poetavam n'essa lingua. Tudo isto são caracteristicos de uma poesia pedante e sem vitalidade.

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 265.

A segunda feição com que descrevemos a poesia do seculo XV é toda *casuistica;* o seu principal elemento é a *allegoria,* substituindo as questões scientificas que propunham os poetas da côrte de Henrique IV. O melhor exemplo d'este caracteristico é a poesia de Francisco de Sousa, *aqueyxando-se da rezam e vontade:*

> A *vontade* e a *rezam*
> ambas vejo contra mim:
> a vontade é emfim
> a que segue opinião.
> A razam nam me abasta,
> posto que seja sobeja
> ond' a vontade deseja,
> em chegando tudo basta.

A celebre questão de qual era mais doloroso, se o *cuidar* ou *suspirar,* occupou um grande numero de serões nos primeiros annos do reinado de Dom João II. Ainda no principio do seculo XVI Dom João de Menezes era consultado pelos outros poetas em casuistica de amor. Os poetas que se entregam á *Allegoria,* como o Condestavel de Portugal, Duarte de Brito ou Anryque da Mota, todos se perdem em um páramo deserto, e lhe apparecem varias figuras personificadas em alguma virtude theologal.

Era assim que se comprehendia a poesia, segundo a definição que dera o erudito poeta Marquez de Santillana: «E que cosa es la Poesia, que en nuestro vulgar llamamos gaya ciencia, sinó um fingimiento de cosas utiles é veladas con muy fremosas coberturas, com-

puestas, distinguidas, escondidas, por certo cuento, peso e medida?» Por esta definição vemos em primeiro logar, que a palavra *Poesia* introduziu-se na lingua hespanhola e portugueza por via da erudição, substituindo a designação de *gaya sciencia,* como o nome de *poeta* poz em desuso o de *trovador;* no *Cancionero* de Baena já se emprega a palavra *poetria,* talvez introduzida pelas relações que tinha com os aventureiros inglezes, que vieram ajudar Henrique de Trastamara. O uso palaciano da poesia obrigava-a tambem ás conveniencias da pragmatica; a *Allegoria,* que para o provençal era uma audacia, para o poeta da corte tornava-se um servilismo. Esta lucta da *Rasão e da Vontade,* faz-nos lembrar a lucta da natureza com as banalidadades da erudição; na poesia do *Cancioneiro* vemos esta contradição flagrante confrontando a ode sentidissima de Francisco de Sousa:

Oh montes erguidos
deixae-vos caír, etc.,

com as coplas que Alvaro de Brito fez em aliteração para celebrar os nomes de Fernando e Isabel, de Castella, tomando para as palavras todas de cada estrophe uma letra d'esses nomes. O reinado da *allegoria* ainda não era chegado; usou-se na poesia, seguindo a allegoria dantesca através do que viamos em Castella; mas as Pastoraes e sobretudo as obras dos Jesuitas, que ousaram acommodar á sua doutrina o *Pilgrim*

Progress de Bunyan, tiraram as ultimas consequencias d'este desvario da imaginação. A natureza, que se mostrava sentida e verdadeira em muitas poesias, era quasi sempre vencida pelas prosaicas sentenças do genero didactico e pelo pedantismo da erudição, mas tinha por unico desabafo a satyra mordente, o *apodo,* o *rifão,* em que o senso commum substituia o ideal, mas chegava á mesma conclusão de realidade e de verdade. Raro será o poeta amoroso do *Cancioneiro* que não empunhasse a palheta distribuindo sarcasmos com mão larga sobre o seu tempo; as influencias castelhana, franceza e italiana, a que elles obedeciam, aí ficam verberadas por este *genus irritabile vatum,* que mais se agravava com o nosso temperamento bilioso melancholico, e com o estado de violencia em que a inspiração se achava comprimida pela moda de ser sabio.

Durante este estado psychologico do seculo XV, a Italia produziu esses espiritos encyclopedicos que foram geometras e poetas, pintores, architectos, esculptores e politicos, como Miguel Angelo ou Leonardo de Vinci; Portugal tambem apresentou alguns homens que abrangeram a vastidão intellectual do seu tempo, como Garcia de Resende, que foi chronista, politico, musico, pintor, poeta e architecto. Ao encyclopedismo da sua intelligencia devemos o possuir-se hoje o grande monumento da poesia portugueza do seculo XV, o *Cancioneiro geral.*

Obedecendo á influencia castelhana e italiana, e reflectindo as emoções moraes que precederam a Re-

forma, a poesia portugueza do seculo XV tambem recebeu um accentuado caracter *devoto*. Os poetas castelhanos Juan de Padilha, Jorge Manrique e Hernan Perez de Gusman, eram traduzidos e imitados em Portugal; de Italia tambem se propagava a moda dos *Laudi spirituali*. Os cantos vulgares com que o povo cantava na liturgia e com que se queria emancipar do canonismo romano, os *Lollards*, conhecidos e prohibidos por Dom Duarte com o nome de *cantigas sagraes*, eram o que ainda restava do espirito medieval. A esta corrente obedeceram dois poetas do *Cancioneiro*, Alvaro de Brito e Dom João Manoel; o primeiro escreveu uma Oração a Nossa Senhora, na mesma fórma estrophica de Manrique, e o afamado Camareiro-mór deixou um poemêto em estylo allegorico, carregado de erudição e mythologia sobre os sete peccados mortaes. Mas este caracter *devoto*, ainda mais evidente nas orações *farsis* de Gil Vicente, não merecia ser notado na historia, se a par d'elle se não desenvolvesse a corrente do espirito malicioso da burguezia, a parodia irreverente e obscena.

O poeta Francisco Lopes parodía varias orações religiosas, descrevendo uma dama do paço, e o motivo por que fôra presa:

> *Estabat*, como soya
> em suas contemprações
> esta senhora Faria,
> que de noite e de dia
> dá gram pena aos corações...

Com todos seus Fariseus
erat autem, João da Nova,
que pareciam Judeus,
que prendiam *Cristus Deus*
no orto, segun se prova... (1)

Nas trovas do erudito Anryque da Mota a parodia mais atrevida:

In die illa tremenda
quando for o céo movido,
e o vinho falecido
que nam achem quem no venda
nem fiado, nem á tenda,
Nem per força nem per rogo,
Domine michi defenda
de tam aspera emenda
ante me julgue per fogo. (2)

O espirito burguez parodía com despejo a terrivel sequencia do *Dies iræ*, que encheu de espanto a edade media, e ao mesmo tempo o ordalio judicial a que recorrêra na época da incerteza do Direito. Sob este ponto de vista, os versos de Garcia de Resende contra Ruy de Figueiredo o Potas, que se queria meter frade, são mais grotescos que as bambochatas italianas:

.... á meza jejuar
que façays todos pasmar;
mas tereis em vossa cella
mantimento sempre n'ella
com que possaes jarrear.

(1) *Canc. geral*, t. III, p. 385.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 505.

Tereys n'ella potarram,
que seja do vosso geyto;
se bater o guardiam
á porta, dar-lhe de mam
para debaixo do leito.
Se vos achar suarento,
dizei que vosso elemento
é estar d'essa maneira;
esta Regra é verdadeira
e o tudo al é vento. (1)

O povo sem ter a erudição de Rabelais ou de Resende tambem desenhou egual quadro no romance da *Morena,* presentindo que era preciso despir o burel monachal com que a edade media o vestiu. As *coplas devotas* no genero de Manrique vieram a parar nos versos de Ruy Moniz, o poeta mais obsceno do *Cancioneiro.* Por aqui se vê que iamos entrar na festa da Renascença, alegrada pela nova fórma dos *Autos* de Gil Vicente; mas el-rei Dom Manoel para se aparentar com os reis de Hespanha desceu a todas as condições para alcançar-lhes uma filha. A consciencia portugueza perdeu a liberdade, e a intelligencia atrophiou-se. Dependentes da politica hespanhola pelos casamentos de Dom Manoel e de Dom João III, continuámos a imitar a poetica palaciana de Castella, e a este aferro que se proclamou contra a imitação italiana chamou-se *eschola velha.* Á maneira de Castella, todos os fidalgos portuguezes queriam possuir o seu Cancioneiro, que no seculo XV e XVI era o mesmo que o Album de versos

(1) *Canc. ger.,* t. III, p. 639.

de nossos dias. Temos citado o *Cancioneiro* de Dom Duarte, o de Dom Francisco Coutinho, conde de Marialva, e já antes de Resende existia no Mosteiro de Alcobaça um *Cancioneiro* manuscripto do Dom Abbade Frei Martinho, de que Resende não chegou a servir-se, por isso que o cita nas ultimas folhas da sua collecção, (1) apezar de o ter pedido por intervenção do poeta Diogo de Mello. Esta mania de Cancioneiros manuscriptos foi criticada por Jorge Ferreira na comedia *Ulyssipo,* n'aquella passagem: «Fazem per si mundo em segredo, vivem como morcegos, têm Cancioneiro de boa letra e má nota, e mostram-no em particular a quantos lh'o querem ouvir.» (2) Em vista d'estes factos explica-se o apparecimento de um *Cancioneiro* portuguez na Bibliotheca de Madrid, de noventa e seis folhas de folio, com poesias de cento e setenta e dois palacianos. (3) Ferreira Gordo deu noticia d'este *Cancioneiro,* que tem cento e trinta auctores de menos que o de Resende, o que faz crêr que era uma compilação anterior ao *Cancioneiro* de 1516. A influencia palaciana que tanto amava os Cancioneiros prevaleceu até ao meado do seculo XVI, como se vê pelo titulo de *Cancionero de Romances,* amalgama disparatado, feito pela força do costume para comprazer com os cultistas.

(1) *Canc. geral,* t. III, p. 634.
(2) *Ulyssipo,* fl. 213, v.
(3) Estante M, n.º 28.

CAPITULO II

El-rei Dom Duarte e o cyclo poetico da Ilha da Madeira

A epocha de Dom Duarte considerada no seculo XV como triste. — Predominio da erudição. — O *Leal Conselheiro* e as Encyclopedias do seculo XV. — Os livros raros da Bibliotheca de Dom Darte. — A traducção de Gower, de Roberto Payno. — As traducções latinas. — Oração do *Justo Juiz*, traduzida por el-rei Dom Duarte. — Regras para fazer traducções. — O hymno latino do *Justus Judex* com o mesmo artificio das coplas de Alvaro de Brito a Fernando e Isabel. — Os cantos populares religiosos. — *Laudi spirituali* em Italia e em Aragão. — Os hymnos religiosos do Doutor Frei João Claro. — Influencia da eschola lyrica de Aragão, por effeito do casamento de Dom Duarte. — Poetas aragonezes citados por Santillana. — Ausias March, citado por Jorge Ferreira. — Cantos populares catalães e portuguezes. — A poesia de Aragão influe no cyclo poetico da Ilha da Madeira: Tristão Teixeira, João Gonçalves, Pero Correia, Manoel de Noronha e João Gomes da Ilha. — Poetas da expedição a Tanger com o Infante Santo. — Influencia de Castella com o casamento de Dona Joanna com Henrique IV. — Lenda dos amores com Juan Rodrigues del Padron. — Fernão Lopes e a edade da poesia.

A epoca de el-rei Dom Duarte foi perturbada com grandes tristezas e pestes, e com a lucta dos jurisconsultos para organisarem um codigo geral com que se fortalecesse o poder monarchico. O vulto d'este rei, que passára a mocidade presidindo a um tribunal de justiça e compilando os moralistas antigos, apparece-nos na penumbra do passado com uma gravidade curul, que explica o pouco desenvolvimento da poesia no seu reinado. Este caracter sombrio e laborioso, incapaz da *galanteria* palaciana, já se acha notado pelos poetas dos

fins do seculo que XV, que alludem a elle com certa ironia. Diz Dom Diogo Lobo, Barão de Alvito:

> *Em tempo del rrey Duarte*
> dizem que foram usadas
> muy grandes caperutadas. (1)

Tambem o satyrico Anryque da Mota apodando a Dom Diogo, filho do Marquez de Valença, por uma mula velha de seu irmão que parára á sua porta, refere-se a esta antiguidade, como nós hoje ao tempo dos Affonsinhos:

> O que dizeis he assy?
> dizey, assy vos Deos farte?
> *no tempo del rrei Duarte*
> vos afirmo que naçy. (2)

Das caperutadas que cita o Barão de Alvito, escreve Soropita no fim do seculo XVI: «o seu vestir mais certo é um chapéo de uma fórma quadrada *do tempo do duque de Coimbra.*» (3) N'este periodo faltava-nos a imitação da côrte de Castella, e a educação ingleza de D. Filippa de Lencastre temperara o genio bilioso de seus filhos com uma certa aspiração ao ideal, provocada pelas novellas bretãs. Dom João I, ao entrar no seculo XV comprehendeu que o rei para seguir o seu tempo devia ser sabio; elle mesmo sacrificou-se a es-

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 117.
(2) Idem, p. 507.
(3) *Prosas*, p. 65.

crever o *Livro das Horas do Espirito Santo,* os *Psalmos certos para os finados,* o *Livro da Montaria,* e a *Corte Imperial.* Dom Duarte, como herdeiro do throno, recebeu a direcção encyclopedica que caracterisa os sabios do seculo xv. A grande obra, o *Leal Conselheiro,* é uma encyclopedia das sciencias moraes e politicas do seu tempo; elle extractava tudo quanto encontrava de bom nos exemplares antigos: «Fiz trelladar em el algũns capitulos doutros livros, que por me parecer que fariam declaraçom e ajuda no que escrevia...» (1) Raros eram os altos personagens da edade media que sabiam escrever. Dom Duarte na dedicatoria do *Leal Conselheiro,* diz que escrevera toda a sua obra pelo seu proprio punho: «de minha mão foy todo primeiro escripto.» (2) O estylo é a pura linguagem familiar do seculo xv, tam diversa da elocução rhetorica adoptada por seu irmão o infante Dom Pedro: «acordei de levar esta ordem de escrever na geral maneira de nosso falar.» (3) A grande pratica de redacção legal levou-o a seguir a fórma racional do estylo, e a presentir no resto do vigor poetico do seculo xv, que estava perto da edade da prosa. N'este seculo de uma profunda elaboração da intelligencia em Portugal, a illustração estava reconcentrada na côrte; Dom Duarte não escrevera o *Leal Conselheiro* para o povo, mas para os palacianos, como elle proprio confessa: «E tal

(1) Op. cit., p. 9.
(2) Idem, p. 3.
(3) *Idem, p.* 8.

ıdo me parece que principalmente deve pertencer homens da côrte, que alguma cousa saibam de se-ınte sciencia e desejem viver virtuosamente, por-ıos outros bem penso que nom muyto lhes praza ler, nem de o ouvir.» (1) Por aqui se vê que ó que então começava a nova existencia politica, , não tinha uma existencia moral reconhecida. Por n'esta epoca de erudição, em que uma sciencia progresso, a Moral, predominava, o senso poetico inha uma manifestação organica. Dom Duarte em foi poeta, por isso que era erudito; os sabios eculo XV entregavam-se em geral ás traducções, e monarcha ensinava como se deviam fazer as tra-ões em verso. Temos poucos documentos para aqui-o seu talento poetico; no exame que já passamos rica Bibliotheca, a par das obras didacticas e his-ıs abundam os poemas do cyclo bretão e os Can-iros lyricos como o de Affonso Sabio, o de Dom s. A poesia hespanhola abundava na sua livraria, obras principaes recapitulamos, para melhor se ir o caracter do seu possuidor.

.s *Obras* do Marquez de Vilhena existiam na Li-a de el-rei Dom Duarte, apezar de terem sido nadas pelo Bispo de Cuenca Dom Lope de Bar-s. No n.º 39 do *Catalogo dos Livros de uso* vem *ro da Lepra,* que não é outra cousa senão o *Tra- da Lepra,* do citado Marquez, que andava junto

l) Op. cit., p. 8.

aos *Trabalhos de Hercules,* escriptos na villa de T
ralva em 1417. (1)

Um dos livros mais sumptuosos da edade med
pela riqueza das suas estampas, era o *Liber Pontifi
lis,* de Anastacio Bibliothecario, escripto no seculo
É tambem este o primeiro volume da Bibliotheca
Dom Duarte, com o qual abre o seu Catalogo dos
vros de uso; (2) esta obra de Anastacio é propriame
uma Vida dos Papas desde Sam Pedro até Nicolau
que andava geralmente acompanhada de retratos i
minados. (3)

Á livraria de Dom Duarte pertencia esse ma
scripto precioso da *Côrte Imperial,* que já deixan
analysado, e veiu a caír em poder de Affonso Vaz
Calvos. Estê possuidor do manuscripto, como vemos
um *Nobiliario* inedito, foi creado do Duque de Brag
ça em 1442, e d'elle fazia o Duque muitissimo ca
por sua instancia lhe alcançou d'el-rei Affonso v o pr
legio de não ser vereador, nem ter officio algum na
dade do Porto, aonde morava no anno de 1454 em
consegiu a dita mercê. Teve um filho chamado L
de Calvos, que porventura cederia o livro a Santa C
de Coimbra.

O Livro que no Catalogo de Dom Duarte, (n.º
se intitula *Estorea geral,* ainda se conservava no mei

(1) Ticknor, *Hist. da Litt. hesp.*, t. I, p. 575. *Introd
á Hist. da Litt. port.*, p. 236.

(2) *Introducção á Hist. da Litt. port.*, p. 214. Não de
mos este livro no logar competente por nos faltarem recu

(3) *Dicc. de Iconographie*, p. 1027.

do seculo XVI no Mosteiro de Peralonga, como o declara o primeiro grammatico portuguez Fernão de Oliveira: «As diçöes velhas são as que foram usadas, mas agora são esquecidas, como... *rução,* que quiz dizer cidadão, segundo que eu julguei em hum livro antigo, o qual foi trasladado em tempo do mui esforçado rei Dom Johão da boa memorea, o premeiro d'este nome em Portugal: por seu mandado foi o livro que digo escrito, e está no moesteiro de Peralonga, e chama-se *estórea geral,* no qual achei estas com outras anteguidades de falar...» (1) Tambem do tempo de Dom João I, data a traducção do poema inglez a *Confissão do Amante* de João Gower, que Dom Duarte guardou na sua livraria, (n.º 30) feita por um dos fidalgos que acompanharam para Portugal Dona Felippa de Lencastre, que se chamava Roberto Payno, ou Paim, conego em Lisboa. Este monumento litterario existe ainda hoje na Bibliotheca do Escurial, na traducção que do exemplar portuguez fez Juan de Cuenca para o castelhano. (2) Este Roberto Payno é sem duvida filho de Thomaz Elim Paim, que veiu por secretario de Dona Philippa, mulher de Dom João I, (3) e que entre nós fundou o ramo nobiliarchico insulano dos Paim.

No *Catalogo dos livros de uso* d'este monarcha, (n.º 76) vem esta indicação *Livro das Trovas de El Rei.*

(1) *Grammatica de linguagem portugueza,* p. 80. Serve de correcção ao que dissemos na *Introducção,* p. 223, n.º 24.
(2) *Bibl. do Escurial,* Cod. g. i. j. 19. Rios, t. VI, p. 46.
(3) Cordeiro, *Hist. insul.,* p. 246.

Não ha que hesitar em considerar este livro como um *Cancioneiro* de Dom Duarte, que se perdeu; mas pelos habitos dos eruditos do seculo xv e pelo genio compilador do monarcha, é de crêr que as canções apaixonadas estivessem substituidas por traducções dos poetas antigos, principalmente dos hymnographos christãos, e de paraphrases poeticas dos *Exemplos* da edade media. De el-rei Dom Duarte resta ainda uma Canção, que elle transcreve no *Leal Conselheiro* para mostrar o modo como se fazem as versões. Copiamos a primeira das doze estrophes de que consta:

> Justo juiz Jesus Christo
> Rey dos reis e bon senhor,
> Que com padre reinas sempre,
> Hu é d'ambos um amor;
> Praza-te de me ouvir,
> Pois me sento peccador. (1)

Eis as regras que apresenta el-rei Dom Duarte: *Da maneyra para bem tornar alguma leitura em nossa linguagem:* «Primeiro, conhecer bem a sentença do que a tomar, e poella enteiramente, nom mudando, acrecentando, nem minguando alguma cousa do que está escripto. O segundo, que nom ponha palavras latinadas, nem d'outra linguagem, mas todo seja em nossa linguagem scripto, mais achegadamente ao geral boo costume de nosso falar que se poder fazer. O terceiro, que sempre se ponham palavras que sejam direita linguagem, res-

(1) *Leal Conselheiro*, p. 478. *Canc. popular*, p. 14.

pondente ao latim, nom mudando umas por outras, assy que onde desser per latim *scorregar,* nom ponha *afastar,* e assy em outras semelhante, entendendo que tanto monta uma como outra, porque grande deferença faz para se bem entender serem estas palavras propriamente escriptas. O quarto, que nom ponha palavras, que segundo o nosso costume de falar sejam havidas por deshonestas. O quinto, que se guarde aquella ordem que egualmente deve guardar em qualquer outra cousa que se escrever deva, scilicet, que escrevam cousas de boa sustancia claramente pera se bem poder entender e fremoso o mais que elle poder, e curtamente quando fôr necessario; e pera esto aproveita muito paragraphar, e pontar bem. Se um razoar tornando do latim em linguagem, e outro escrever, achará melhoria de todo juntamente per hum ser feito.

«E porque per vosso requerimento tomei em linguagem simpresmente rimada de seis pés de hum consoante a oraçom do *Justo Juiz Jesus Christo,* vol-a fiz aqui screver, a qual pera fazer consoar nom pude compridamente dar sua linguagem, nem a fiz em outra melhor forma por concordar com a maneira e tençom que era feita em latim.» (1) A traducção foi feita a pedido de sua mulher, Dona Leonor. Este documento é d'alta importancia para vêr a tendencia que tomou a poesia no seu reinado; dominado pela tradição latina elle chama *pé,* da metrificação por quantidade, ao que

(1) *Leal Conselheiro,* p. 476.

é syllaba. Esta mesma designação usavam os poetas aragonezes. O hymno latino vertido liberrimamente suppômos ser o:

> Justus judex, imperator,
> jurium justificator,
> justissimo judicio,
> impiorum judicator,
> justorum illuminator
> jubar illuminatio,
> jubilus, jubilatio
> jubilei inceptio,
> initium inchoator,
> immensus in imperio
> infinitus in judicio,
> intellectus illustrator. (1)

Este hymno compõe-se de seis estrophes, cada uma usando sómente uma letra do nome *Jhesus*. Dom Duarte bem confessa que não pode traduzir segundo a intenção com que o hymno foi feito. Este genero acha-se usado na poesia latina da edade media por Hucbald, por Mameranno de Luxemburg, por Andreas Rivinus, e com certeza foi conhecido em Portugal, porque o imitou tambem Alvaro de Brito nos versos a Fernando e Isabel de Castella, depois da paz com Dom João II. Eis a primeira estrophe das coplas a Isabel:

> Esclarecida, exalçada
> em Europa enlegida,
> esperantes esperada,
> estrella esclarecida.

(1) Du Meril, *Poésies populaires latines anterieurs au XII siècle*, p. 150.

Esplandor espiritual
electa, espectativa,
especta, executiva,
estrema, essencial. (1)

El-rei Dom Duarte ainda não estava senhor dos artificios da poetica para vencer estas difficuldades. A oração do *Justo Juiz* tambem recebeu no seculo XV uma forma popular, que ainda hoje se conserva na tradição oral das ilhas dos Açores:

Justo juiz regedor
Sois direito rei senhor,
Senhor do tempo antigo;
Fôste preso e amarrado
Da mão do vosso inimigo, etc. (2)

No seculo XVII era esta oração ainda popular em Hespanha, pelo que vemos em Quebedo, que retratou as classes infimas da sociedade. Na *Vida do Gran Tacaño,* escreve: «y me acuerdo que hize entonces la (oracion) del *Justo Juez,* grave y sonorosa, que provocaba a gestos.» (3) A erudição latina, antes da imitação hespanhola, levara a poesia para este campo das traducções; outro poeta, que se não encontra nos *Cancioneiros,* o Doutor Frei João Claro, que floresceu, segundo Frei Fortunato de Sam Boaventura, entre 1450 e 1455, tambem traduziu os hymnos latinos das horas

(1) *Canc. geral,* t. I, p. 213.
(2) *Cantos do Archipelago,* p. 162.
(3) *Op. cit.,* cap. XXII, p. 175. Ed. de 1751.

canonicas, em uma grande variedade e artificio de estrophes. Terminam assim:

Ó meu Senhor
Ensinador
Do jejum e temperança!
Ó mau ardor
Degastador
Da vil gula de min lança.

En morrendo,
Padecendo
Fel e azedo ceaste!
En vivendo
En soffrendo
Fame, jejuu consecraste.

Per tua paixom
Me dá perdom,
Jesu Christo piedoso,
E galardam
De salvaçam
No teu regno glorioso. (1)

Tambem Frei Fortunato de Sam Boaventura publicou a versão anonyma do seculo XV do hymno *Ave Maris Stella,* que pertence á eschola de Dom Duarte, e por ventura ao seu *Cancioneiro.* (2)

Começando no principio do seculo XV as nossas relações commerciaes com Italia, e tendo grande parte dos poetas que acompanharam a imperatriz Dona Leonor á côrte de Frederico III, passado por Italia, é na-

(1) *Cancioneiro popular*, p. 31.
(2) *Ibid.*, p. 17.

tural que trouxessem a Portugal a noticia dos *Laudi spirituali*, póstos em moda por Savonarola. Eis uma amostra d'este genero, que é a primeira strophe de uma *Lauda al Crocifixo:*

> Jesû sommo conforto
> Tu sei tutto il mio amore,
> El mio beato porto,
> E Sancto Redemptore
> O gran Bonta!
> Dolce Pieta!

Sob esta influencia prosaica da orthodoxia e da moral, el-rei Dom Duarte amava tambem o *Exemplo*, que os theologos, á imitação do conto decameronico, empregavam para se fazerem entender. No *Leal Conselheiro* apresenta o *Exemplo do espelho, da manta e pandeiro,* (1) ainda hoje popular no adagio: «O diabo tem uma manta e um chocalho.» Explica o monarcha: «Dizem que tenta com *espelho*, pera se filhar tam rijo sentido de alguma cousa perque nos quer enduzir quando continuadamente nos apresenta... Porquanto tal sentido errado nem se correge sem outro virtuoso, nembrando-se os males que se podem seguir das cousas mal feitas, na presente vida e na que esperamos, todo esto com a *manta* se trabalha de encobrir, mostrando que nom ha mal... Com *pandeiro* se mostra tentar quando as cousas que promete serem muyto encobertas, com mal e perda dos que as fazem, faz descobrir, etc.» Em

(1) *Leal Conselheiro*, p. 418.

outro logar appresenta o monarcha o *Exemplo* tambem celebre das *Duas barcas*. A influencia erudita introduziu um elemento pagão na poesia religiosa. Nas festas da natividade, cantava-se nas egrejas de Hespanha uma Sequencia em que apparecia a Sybilla: *la Sybilla deu estar ja apparellada en la trona* (pulpito) *vestida com à dona:*

En lo ior de iudice
venrás qui ha fet servici.

Duna Verge naxerá
Deu y hom qui iutiará
de cascu lobe yl mal
al iorn del iuhi final.
Mostrar san quince senyals
per lo mon molt generals,
los morts ressucitáran,
de hon tots tremolarán.
Dalt dels cels devallará
Jesuchrist, ys mostrará
en lo vall de Josaphat
hon será tot hom iutiat.
Portará cascu scrit
en lo front à seu despit
les obres que haurá fet,
don haura cascu son dret.
Als bons dará goig etern,
è als mals lo foch dinfern,
à hon sempre penarán
puix à Deu offes haurán.» (1)

Estes costumes tambem foram adoptados pelo nosso povo, como se vê plos *Autos* hieraticos de Gil Vicente, em que apparecem as Sybillas. Mas Dom Duarte, obe-

(1) *Viage litteraria à las Iglesias de España*, t. I, p. 135.

decendo aos escrupulos do canonismo romano acabou por condemnar as *cantigas sagraes*.

A *Sequencia* que acabamos de citar está escripta na lingua catalã, que se falava em Aragão antes da fusão com Castella. Sabendo que Dom Duarte foi casado com uma infanta de Aragão, vê-se o motivo por que elle era versado na litteratura aragoneza, da qual tinha na sua Livraria a traducção de Valerio Maximo *em aragoez*, e a *Historia de Troya, por aragoez*. Pelo facto do seu casamento e do de seu irmão o infante Dom Pedro, explica-se o caracter da poesia do seu reinado; ainda não haviam acabado completamente os odios contra Castella, que ficaram depois da batalha de Aljubarrota. As relações intimas com Aragão punham os nossos principes em contacto com os ultimos restos da tradição provençal. Da lingua portugueza diz vagamente Bouterwek, que tinha relações com o catalão «pelo retrahimento das suas palavras, nas fórmas grammaticaes, bem como na pronunciação, que era privativa ao catalão como ao portuguez.» (1) Este phenomeno linguistico produzido pela poetica dos trovadores, tornou-se mais caracteristico no reinado de Dom Duarte. Ainda no seculo XVI Jorge Ferreira de Vasconcellos citava o principe dos Trovadores aragonezes Ausias March: «Tratam Boscam familiarmente e a passos o vêem por peneiras, latindo á cova de Petrarcha; falam de ouvidos

(1) *Hist. de la Litt. esp. Introd.*, p. 68.

em *Ausias March.»* (1) Jorge Ferreira apodava aquelles que só conheciam *Ausias March* pela traducção que no seculo XVI fez o portuguez Jorge de Montemór. O Marquez de Santillana na sua *Carta* ao Condestavel de Portugal, sobrinho de el-rei Dom Duarte, eleva a uma grande altura a poesia aragoneza, lisongeando assim a naturalidade de sua mãe: «Los Catalanes, Valencianos y aun algunos del reyno de Aragon fueron é son grandes oficiales desta arte. Escribieron primeramente en trobas rimadas, que son pies, ó bordones largos de silabas; é algunos consonaban é otros non... Ovo entre elles de señalados hombres assi en las invenciones como en metrificar. *Guillen de Bergueda,* generoso é noble caballero, é *Pao de Benlibre,* adquirieron en esta arte grant fama. Mosen *Pero March* el viejo, valiente é noble caballero fizo asaz gentiles cosas: é entre las otras escribió proverbios de grant moralidat. En estes nuestros tiempos floresció Mosen *Jorde de Sant Jordi* caballero prudente... Mosen *Febler* fizo obras nobles... Mosen *Ausias March,* el cual aun vive, ès grant trovador, é hombre de asaz elevado espiritu.» O Marquez de Santillana, enumerando os principaes poetas aragonezes, deixa em relevo os caracteres d'esta eschola, que com um grande artificio de fórmas punha em verso os proverbios e as sentenças moraes. A celebre novella de *Tirant el Blanco,* composta por Joannot Martorel, e dedicada a um principe de Portugal, foi escripta se-

(1) *Ulyssipo,* fl. 213.

gundo Ticknor «primeiramente em portuguez e se imprimiu traduzida em Valenciano.» (1)

Segundo as annotações de Gayangos, a declaração que Mortorell faz no prologo de que traduzira a novella do inglez para o portuguez e depois para valenciano, é uma mera ficção frequente em obras d'este genero, mas o facto da dedicatoria e da ficção mostram as relações intimas de Portugal com a litteratura aragoneza, e o modo como podia ser influenciado. O gosto da novella de cavalleria em prosa fôra-nos communicado pela Inglaterra, e de Portugal passou para Aragão; tal é o sentido do prologo de Mortorell, que coincide com a verdade. O *Tirant el Blanco* tem imitações palpaveis do *Amadis de Gaula,* como o typo da donzella *Prazer da minha vida* calcado sobre a Dariolette; o cavalleiro *Tenebroso* lembra o nome de *Beltenebros,* com que Amadis se torna incognito no seu retiro de Rochapobre. (2) Depois de todas estas influencias litterarias torna-se mais notavel a paridade que ha entre certos romances portuguezes e catalães. O final do Romance de *Bernal francez* apparece em catalão d'esta forma:

«Ahont auen vos el bon compte—ahont auen tan demati?
—Vat à veure la comptessa—tan de temps que no'ns hem vist.
«La comptessa ya n'es morta—ya es morta que yo pug dir,
Qu'el dia del seu enterro yo la missa vatz vir,
Las cortinas del palacio yo de dol las vatz cubrir,
Els infants qu'ella tenia yo de dol los vatz vestir.

(1) *Hist. da litter. hesp.*, t. I, época I, cap. XVII, not. 12.
(2) Baret, *Troubadours*, p. 114.

Al sentir aixo el bon compte, passa avant el seu cami,
Al la punta de l'espasa ell la fossa li va abrir.

« Alsat, alsat la comptessa, qu'el teu compte n'es aqui. »
—Com malsaré, le bon compte, si sola no me pug tenir?
Casat, casat, lo bon compte, casat per l'amor de mi.
Y la dona que tindras, estimala como a mi,
Que com pensaras ab ella, tambá pensarás ab mi,
Y tot los fills que teniam posal's en un monastir,
Posal's-hi chiquets no aprenguin el mon que cosa vol dir,
Fes-los dir lo Pare Nostre, el vespre y el donati.—

Se no seculo XV a poesia aragoneza foi uma (mais fecundas da Peninsula, a sua prosa foi a que m depressa se desenvolveu para acompanhar as neces dades da historia que se faziam sentir. O caracter s tencioso da poesia de Dom Duarte accusa a influen lyrica, mas as obras em prosa, os tratados de moral c se escreveram no seu reinado, como a *Virtuosa Bemf toria,* o *Leal Conselheiro,* os livros da Historia que traduziram, e as Chronicas de Fernão Lopes deix: vêr que levavamos a mesma direcção que seguiu a teratura aragoneza.

O casamento de el-rei Dom Duarte com uma fi de Fernando IV de Aragão, Dona Leonor, em 1428 o casamento do infante Dom Pedro com Isabel, filha Conde de Urgel, Jaime II e de Dona Isabel, infa: de Aragão, fizeram com que a primeira influencia eschola hespanhola nos viesse da côrte de Aragão, a de existia a tradição provençal desde o tempo de . fonso II. O nome de Calatayud, de algumas damas paço, data do tempo d'estes dois casamentos. Na *Ch nica de Dom Affonso V,* de Ruy de Pina, cita-se o :

me de Beatriz Curelha, como de uma donzella aragoneza da rainha Dona Leonor, viuva de D. Duarte; (1) no *Cancioneiro* de Resende apparece uma copla de *Curelha,* apodando Manoel de Noronha por usar umas ceroulas de chamalote:

> Sed testigos, senhores
> como Manoel de Noronha
> muere de pura ponçonha
> y no de amores.
> Pequenas son las colores
> *d'Aragon*
> pera tam fresca invençon. (2)

Estes versos pertencem já ao reinado de Dom Manoel e portanto devem considerar-se como de algum filho da antiga dama da rainha Dona Leonor d'Aragão.

O nome de Manoel de Noronha, *filho do Capitão da Ilha da Madeira,* como diz a rubrica do *Cancioneiro,* aviva-nos a ideia da eschola poetica da Madeira, que floresceu em tempo de Dom Duarte. Os principaes poetas d'esta eschola foram Tristão Teixeira, João Gonçalves, Pero Correa e Manoel de Noronha, que todos figuram no *Cancioneiro geral.*

O lyrismo do cyclo poetico da Ilha da Madeira é provocado pela influencia da poesia aragoneza, conhecida em Portugal pelo casamento e relações politicas de el-rei Dom Duarte. Esta eschola prevaleceu até

(1) *Chron.*, cap. LXIV, p. 309.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 135.

á regencia do Infante Dom Pedro, que seguiu o partido de Alvaro de Luna, Condestavel de João II de Castella, contra os Infantes de Aragão. Na eschola da Madeira ainda se encontra a impressão das tradições inglezas, na formosa lenda de Machico. O primeiro poeta do *Cancioneiro,* anterior á influencia castelhana, é Tristão Teixeira; uma rubrica de Resende, presta-nos o meio de reconhecer a personalidade d'este poeta; as unicas tres canções que se acham recolhidas, trazem a seguinte indicação: «De Tristão Teixeira, *Capitão de Machico.*» Tristão Teixeira era fidalgo da Casa do Infante Dom Henrique, e um dos aventureiros que realisaram as expedições maritimas começadas no principio do seculo XV. O Infante Dom Henrique deu-lhe um navio para ir á descoberta da Ilha da Madeira, em 1419, acompanhando Bartholomeu Perestrello e João Gonçalves Zarco. Sua mulher chamava-se Branca Teixeira, da Casa de Villa Real. Teve uma filha, Maria Teixeira, casada com o poeta João de Abreu; (1) outra, chamada Guiomar Teixeira, casou com Bartholomeu Perestrello, filho do celebre navegador e de sua segunda mulher Isabel Moniz; e mais Lancerote Teixeira, e outro Tristão Teixeira que frequentou o paço, sendo este ultimo muito afamado entre as damas, tendo casado com Dona Guionar de Lordelo, dama da *Excellente Senhora.* Este segundo *Capitão de Machico* deveria ser considerado o poeta do *Cancioneiro,* se

(1) *Canc. geral,* t. III, p. 254, 281.

Tristão Teixeira, seu pae, não tivesse morrido com oitenta annos de edade, e portanto em condições de assistir á elaboração poetica do seu tempo. As coplas de Tristão Teixeira, têm um artificio e subjectivismo proprio da tradição provençal da eschola aragoneza:

Folguo muito de vos vêr,
pesa-me quando vos vejo:
como póde aquisto ser?
que vêr-vos é meu desejo.

Isto não sei que o faz,
nem d'onde tal mal me vem,
sei bem que vos quero bem,
com quanto dano me traz;
mas isto é para descrer,
ter, senhora, tam gram pejo,
morrer muito por vos vêr
pesa-me quando vos vejo. (1)

Este subjectivismo estava no periodo do seu esplendor, quando as lendas amorosas nos vinham de Inglaterra; da Capitania de Machico se espalhou uma lenda formosa, que devia forçosamente inspirar os poetas da côrte. Transcrevemol-a como a conta Cordeiro na *Historia insulana:* «Reinando em Portugal Dom João o I, e ainda em Inglaterra Dom Duarte III do nome, havia n'ella um nobre cavalleiro inglez, de alcunha o Machim, que querendo casar com uma nobre dama Anna Arfet, e não querendo d'esta os parentes, se resolveram ambos a passar a França, que tinha guerras então

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 1.

com Inglaterra, e com tal pressa o fizeram, que embarcando-se em um navio que partira de Bristol, nem esperando pelo piloto, se entregaram ao mar. Eis que sobrevindo-lhe uma forte tempestade, e não tendo piloto que o governasse, perdidos por alguns dias, foram, sem saber por onde íam, dar em uma ponta de terra, e em uma fresca ribeira, que alí da terra saía ao mar; o que vendo a dama Arfet, pediu ao seu Machim, que ao menos por dois dias a desembarcasse alí, para se desenjoar; mas na terceira noite tornou tal tempestade, que o navio desappareceu, e os que ficaram em terra, se deram por mais perdidos do que o navio no mar, e á Dama Arfet deu tal accidente, que sem dizer mais palavra alguma, dentro de tres dias expirou.—Vendo Machim tal successo, enterrou alí mesmo a defunta, e pondo-lhe de pedra uma campa em cima, e um crucifixo que comsigo trouxera a defunta, levantou mais sobre ella uma grande Cruz de pau, com letreiro em latim, que continha o successo e pedia aos christãos que em alguma hora alí fossem, fizessem em aquelle logar uma egreja da invocação de Christo Nosso Senhor; e voltando-se logo aos companheiros, lhes rogou instantemente que com as roupas e peças que alí estavam, e aves que podíam tomar, se fossem seguindo a ventura, que elle alí ficaria até morrer, acompanhando aquella sepultura; mas não querendo deixal-o os amigos fidelissimos e ficando-se com elle, foi tal o sentimento de Machim, que de pura dôr da morte de tal esposa morreu *ao quinto* dia, o que vendo os companheiros, lhe

abriram sepultura junto á da defunta, e enterrando-o n'ella, lhe puzeram em cima outra grande Cruz de pau, e n'ella escreveram o fim do lastimoso successo.» (1) Entre estes companheiros, que se meteram ao mar, e foram dar na costa de Barbaria, ía um piloto João de Amores, que mais tarde veiu a ser aprisionado por João Gonçalves Zarco, a quem revelou o segredo da Ilha encoberta. Eram estas lendas, animadas pelo colorido da alma celtica, que incitavam os nossos navegadores, e os fazia ao mesmo tempo homens de acção e poetas. No *Cancioneiro* de Resende encontram-se poesias de João Gonsalves, com a rubrica *Capitão da Ilha;* mas por este epitheto se deve entender o segundo Capitão donatario do Funchal João Gonçalves da Camara, filho de João Gonçalves Zarco, descobridor da Ilha da Madeira, e de Constança Rodrigues de Almeida. Uma neta de Zarco, casou com o poeta Duarte de Brito, outra casou com o poeta Ruy de Sousa, e outra casou com o poeta Ruy Gomes da Grã. (2) Em umas trovas feitas contra Dom Francisco de Biveiro, «que andava negociando em dar uma mula e touca, tabardo e sombreiro a uma dama, que lh'os pedira e era recado falso» escreveu João Gonçalves, *Capitão da Ilha:*

> Se se soffrer em verão
> eu vos tenho enculcada
> envençam,
> que vem cosida e talhada:

(1) Cordeiro, *loc. cit.*, p. 67.
(2) Cordeiro, *op. cit.*, p. 84.

Loba aberta alaranjada,
qu' aqui fez um bom senhor,
com que irá mui bem betada
e mais vestida de côr. (1)

A estes versos respondeu D. Francisco de Biveiro, com outros que trazem a rubrica: «A João Gonsalves, *filho do Capitão,*» (2) o que prova referirem-se ao filho de Zarco. Em outros versos contra Jorge de Oliveira, rendeiro da chancellaria, apodando-o por ter levado doze mil reis ao poeta Jorge de Mello por um padrão de despacho, apparece assignado João Gonçalves, *Capitão.* (3) É quanto d'elle resta no *Cancioneiro,* e é de crêr se perdessem muitas poesias suas.

D'este João Gonçalves escreve Cordeiro: «João Gonçalves da Camara, chamado o da Porrinha, por costumar trazer um pau na mão, filho mais velho do insigne Zarco, succedeu ao pae na capitania e governo do Funchal, e foi tam grande cavalleiro, e em armas tão conhecido, especialmente em Arzilla, e em Ceuta, de Africa, que casou com Dona Maria de Noronha, filha de João Henriques, que era filho de Dom Diogo Henriques, Conde de Gijon, e filho natural de El-rei de Castella, Dom Henrique, e da dita bisneta d'este rei houve os filhos seguintes, etc.» (4) O quarto filho d'este segundo capitão do Funchal, foi um dos poetas do *Can-*

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 258.
(2) *Ibid.*, p. 268.
(3) *Ibid.*, p. 282.
(4) Cordeiro, *Hist. insul.*, p. 86.

cioneiro que mais apodaram os outros poetas palacianos. No *Cancioneiro* encontram-se os rifões que lhe fez o celebre poeta castelhano Dom Antonio de Vallasco, «*a umas çeroylas de chamalote que fez* Manoel de Noronha, *filho do Capitão da Ilha da Madeira.*» (1) Entre os apodistas encontra-se o nome de João Fogaça, sogro de seu irmão Pedro Gonçalves da Camara, que casára com Dona Joana de Sá. A eschola de Aragão influenciára na Madeira desde o tempo d'el-rei Dom Duarte; nos apodos de todos os poetas allude-se a essa côrte frequentemente; diz Vallasco:

> pues mira quanto es mas sano
> el veludo en *Aragon*,
> que los chamylotes son.

O Camareiro Mór tambem escreve:

> Antes quero nam ser sano
> em *Aragam*,
> que fazer tal envençam.

Curelha, uma das donzellas que veiu de Aragão com a rainha Dona Leonor, mulher de Dom Duarte, tambem o apodou como acima vimos.

Gonçalo Mendes Çacoto, apoda-o dizendo, que vira galantes atrevidos em trajos invencionados, mas que não se lembrava:

> Que das Ilhas na memorea
> esta envençam
> trouxessem té *Aragão*.

(1) *Canc. ger.*, t. III, *p. 131.*

Dom Rodrigo de Sande tambem fala em Aragão, e diz-lhe Nuno Fernandes de Athayde, capitão de Çafim:

Fizestes taes entremezes
n'estas calças que trazeis,
que juram *Aragonezes*,
c' as cortes durem trez mezes
se vós não vos corregeis.
Assy que nos não fareis
com rezam
invernar em *Aragão*.

O Coudel Mór Francisco da Silveira, e o afamado satyrico João Gomes de Abreu, descrevem a triste figura que fazia Manoel de Noronha em Aragão com as suas ceroulas de chamalote. Manoel de Noronha tambem foi dos que apodaram o velho Embaixador de Affonso v, Pero de Sousa Ribeiro, que chasqueára em verso de todos os casados da côrte. Manoel de Noronha escreve-lhe:

Se tevessemos memoreas
para tudo nos lembrar,
ha n'elle cem mil ystoreas
notaveis para contar.
E' de Christos cavalleiro,
muitas vezes foi zombado,
por geitos, trajo coçado,
Pero de Sousa Ribeiro. (1)

O terceiro capitão da Ilha da Madeira, Mano Noronha, casou a primeira vez com Dona Beat

(1) *Canc. ger.*, p. 224.

Menezes, neta do afamado Conde Dom Duarte de Menezes, e segunda vez com D. Maria de Athayde, cujo nome aparece no *Cancioneiro* dando motes a Duarte de Brito, poeta allegorico da eschola aragoneza. (1) Manoel de Noronha foi soccorrer á sua custa Çafim, e com elle foram outros fidalgos da Madeira, (2) sendo então capitão da praça o poeta Nuno Fernandes de Athayde, que em tempo o apodára por causa das ceroulas de chamalote. (3) Muitas das filhas de Manoel de Noronha casaram com poetas da côrte, como Dona Filippa de Noronha, mulher de Henrique Henriques, senhor das Alcaçovas, Dona Mecia de Noronha, mulher de Dom Martinho de Castello Branco, e as filhas d'este, suas netas, que casaram com João Rodrigues de Sá, alcayde mór do Porto, e com Dom Luiz da Silveira, Conde de Sortelha, todos poetas palacianos. Por aqui se vê que a eschola poetica da Madeira floresceu mesmo através da influencia de Castella por via dos casamentos com as familias nobres da Ilha.

Um outro poeta d'este cyclo insulano, é o capitão da Ilha da Graciosa, Pero Corrêa, casado com Iseu Perestrella, filha do primeiro donatario da Ilha da Madeira Bartholomeu Perestrello e Beatriz Furtado de Mendonça. Em uns louvores de Dom Diogo de Menezes a Dona Filippa de Abreu encontram-se estes versos de Pero Corrêa:

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 334.
(2) Cordeiro, *op. cit.*, p. 86.
(3) *Canc. ger.*, t. III, p. 139.

Sois galante singular
e dino de muita fama,
pois em tam fermosa dama
vos soubestes empregar.
Oxalá vos fosse eu!
nam digaes que vol-o disse;
que tam bem seria seu
se m'o ella consentisse. (1)

Pero Corrêa comprou a Capitania da Madeira á segunda mulher e viuva de Perestrello, Isabel Moniz, por trezentos mil reis em dinheiro, e trinta mil reis de juro. Quando mais tarde um filho de Perestrello voltou das guerras de Africa, pôz demanda a seu cunhado e venceu-o. Este poeta acha-se citado por Gil Vicente no processo de Vasco Abul, notando-o como muito velho:

Item, quer provar tambem
que ela quer a cadeia,
e que contra ela vem
o doutor *Pero Corrêa*
primo de Matusalem. (2)

O ultimo poeta da eschola da Madeira foi o afamado João Gomes da Ilha, amigo de Dom João de Menezes e de Duarte de Brito, tendo abandonado a côrte depois do desastre do Duque de Bragança.

Uma das grandes tristezas que enlutaram o reinado de Dom Duarte, foi a expedição de Tanger, em 1437,

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 4.
(2) *Ibid.*, p. 531.

especie de cruzada tumultuosa e irreflectida do mystico Dom Fernando, que a lenda celebra com o nome de Infante Santo. A este tempo já a corôa de Aragão estava unida a Castella, e a *eschola hespanhola*, pelas imitações do Infante Dom Pedro e suas relações com João de Mena, lançava raizes em Portugal. O prazer das armas acordava o genio poetico nos cavalleiros; entre os fidalgos que acompanharam o Infante Dom Fernando a Tanger contam-se os seguintes poetas: D. Fernando de Menezes, (1) Ruy Dias de Sousa, (2) e João Falcão, (3) irmão do Arcebispo d'Evora, que levava a bandeira, todos fidalgos da casa d'El-rei D. Duarte. Em uns versos de Pedro Homem, á cruzada de 1457, vem:

A conquista d'ultramar
m'escreveys, s'imos alem,
porque eu, se d'esta escapar,
nam espero de parar
menos de Jerusalem:
Cá por não saber se vam,
nam sei se vivo,
e tamhem de *Jam Falcam*
se é já cativo.

No livro das Moradias de D. Affonso V, apparece tambem o nome de João Falcão com o epitheto de *cativo*. Mais adiante repete o mesmo:

No feito de Joam Falcam
ainda s'agora sonha....

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 29.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 169, 276, 478.
(3) *Ibid.*, t. I, p. 463, 466; t. III, 125.

Por ventura seria o seu regresso do cativeiro
elle contava na côrte; este João Falcão era ascen
do celebrado auctor do *Crisfal*, como se vê pelo
liario manuscripto do Abbade de Perozello.

Da casa do Infante D. Henrique tambem acc
nharam a expedição de Tanger o poeta Dom Fern
Castro. (1) Nos apodos em que elle entra, diz o
veiro:

> Setent'annos ha que vivo
> mas eu nunca vi tal canto,
> nem vi tipre tam esquivo,
> nem vi dar tam gram quebranto
> qual deu o tipre ao tenor,
> n'aquella rua d'el-rei,
> que sem duvida foi mayor
> que o que em *Tanger* elevei.

O Claveiro era D. Diogo de Menezes. Da casa d
fante D. Henrique foram mais os poetas Ruy de S
alcaide-mór de Marvão, (2) e Ruy de Mello que f
mirante (3). Era este ultimo, filho de Diogo de M
e de D. Maria da Silva, filha de Pedro Gonçalve
lafaya, veador da Fazenda de D. Affonso V. Da
do Infante D. João, tambem foi na expedição a T
o poeta João Fogaça, e o poeta Alvaro de Brito
era guarda do Arrayal. (4)

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 90.
(2) *Ibid.*, t. III, 104, 118, 187, 239.
(3) *Ibid.*, t. III, p. 628.
(4) Ruy de Pina, *Chron. de D. Duarte*, p. 150.

Em uns versos de Alvaro Barreto a Dom Affonso v, fala-se em Ruy de Sousa, e em seu pae Ruy Gomes da Chamusca, que o houve de sua terceira mulher Dona Felicia de Andrade. (1) O nome de João Fogaça figurou mais tarde como vedor de Dom João II, casado com Dona Maria de Payva, sèndo Commendador de Cunha e Calvelo.

O desastre de Tanger, o cativeiro do Infante Dom Fernando, foram uma das causas da morte d'el-rei Dom Duarte, a 9 de septembro de 1438. A rainha D. Leo-Leonor ficou gravida da infanta Dona Joanna, que veiu pelo seu casamento com Henrique IV a tornar mais estreitas as relações com a côrte de Castella, e por consequencia a contribuir para o desenvolvimento da poesia palaciana.

A rainha Dona Joanna, filha do nosso rei Dom Duarte e mulher de Henrique IV de Castella, desejára vêr glosados os versos do romance *Nunca fue pena mayor,* feito pelo Duque de Alva. O Commendador Roman, não vendo quem lhe satisfizesse este desejo, fez a pretendida glosa, que enviou á rainha, com estas coplas:

Dizen que a vuestro oido
agradó aquel dulçor,
de la cancion del sentido,
famoso, franco, sabido
Duque d'Alva, mi señor.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 276.

Por darle gracia famosa
y favor demasiado,
alta reyna gloriosa
que aveis pedido la glosa
y que nunca os lan glosado.

Yo sabiendo lo tal
en el caso que concluyo,
alta reina angelical
mostreme por principal
porque soy criado suyo.
No saliendo delantero
de mil otros de consuno,
antes simple postrimero,
mas porque supe primero
la causa que otro ninguno. (1)

Na primeira copla do Commendador Ramon exalta-se a rainha Dona Joanna como uma das bellezas mais maravilhosas que se tinham visto, não havendo lingua nem mão humana para a pintar ou descrever. Isto explica o fervor poetico da côrte de Henrique IV, em grande parte communicado por Portugal. O romance lyrico de *Nunca fue pena mayor,* conhecido na Peninsula depois de 1456, e admittido na tradição depois de conhecida a sympathia da rainha Dona Joanna, tambem foi glosado no *Cancioneiro* de Resende pelo poeta Pero Homem:

Pero cantou o tenor
depois do áque del-rei:
nunca foi pena mayor. (2)

(1) *Canc. gen.*, Anvers, 1557, fl. cliij, v.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 87.

Esta trova endereçada ao Duque Dom Diogo, foi escripta muito antes de 1483, e ainda no reinado de Dom Affonso V, irmão da rainha Dona Joanna. O amor que esta rainha professava pela poesia foi causa de se espalhar no seculo XV uma lenda dos seus amores com Juan Rodrigues del Padron. Tudo mostra que o manuscripto em que ella pela primeira vez apparece não merece fé, porque dá Juan Rodrigues como aragonez, quando elle era natural de Padron, na Galiza; como filho e herdeiro de um grande morgado, quando elle era criado do Cardeal de Sam Pedro, Dom Pedro de Cervantes, arcebispo de Sevilha; e fidalgo da côrte de Henrique IV, quando elle apenas floresceu no tempo de João II. Não obstante todos estes factos que destituem a authenticidade da *Vida del trovador Juan Rodriguez del Padron,* extractamos a lenda, como um reflexo que illumina o viver intimo das côrtes no seculo XV: A rainha Dona Joanna queria premiar a discrição e galanteria cavalleirosa de Juan Rodrigues, e lendo nos seus versos a anciedade de amor que elle descobria, entendeu conceder-lhe o mais que a imaginação de um amante póde pedir. Escreveu-lhe uma carta para que apparecesse em sitio onde nem mesmo o poeta a conhecesse; e quando o poeta, ao anoitecer, passeava no terrasso, appareceu a uma janella do paço uma dama, que lhe lançou uma carta. Padron não podia suspeitar que fosse a rainha. Guardou a carta e recolheu-se a casa para lel-a. Dizia assim: «Como a fortuna tenha em tão pouca conta o merecimento, não é justo que tenha

vossa mercê em pouco a affeição e vontade com que esta se vos escreve, porque nem vossas muitas graças, nem discrição, nem serviços que eu haja recebido me fazem fazer isto, senão um desejo e vontade cheia de amor, que me fórça a experimentar se Deos vos fez tão cumprido para saber callar e guardar segredo, como extremo entre todos os cavalleiros da côrte: para isto quiz pôr e aventurar minha vida e honra só para mostrar o que a vossa mercê quero, e saber o que digo, aclarando-me e rogando-vos que esta noite assim que derem as duas que estejaes á porta falsa da cava, aonde em batendo com os dedos trez pancadas, vos abrirão: a qual não pouco deve ter o coração aberto para querer-vos...» Logo que João Rodrigues acabou de ler esta carta consultou um seu amigo, e concordaram que fossem á aventura nocturna, ambos armados, o poeta para descobrir o mysterio, e elle para o defender em caso de perigo. Ás duas horas da noite Juan Rodrigues chegou á porta falsa da cava e deu o signal ajustado. Á terceira pancada a porta abriu-se. Falou-lhe uma voz argentina de mulher, com a brandura do segredo. O poeta tomou-lhe uma das mãos, beijou-lh'a, falou-lhe com os doces requebros da galanteria de um trovador da côrte. A dama disse ao cavalleiro que estendesse a capa, e sentando-se n'aquelle espaço acanhado, revelou-lhe que estava prisioneira n'aquelle carcere real, e depois de pintar-lhe o risco da sua honra e vida, exigiu como unico premio d'estes sacrificios o mais inviolavel segredo. Depois de Juan Rodrigues conhecer que

ella não era nenhuma das donzellas da côrte, suspeitou que seria alguma dama viuva, e instou para que se désse a conhecer. A dama disse-lhe que era feia, e que só lhe diria o seu nome no caso de o merecer.

Juan Rodrigues nada mais pôde descortinar d'este mysterio, e ficaram em de tres em tres dias vir o poeta bater á porta falsa da cava. Logo que Juan Rodrigues saiu encontrou o amigo e contou-lhe tudo; analysaram as palavras trocadas, a fórma do corpo, o som da voz, percorreram pela imaginação todas as damas da côrte e não foram capazes de suspeitar quem era a mysteriosa dama. Á terceira noite foi novamente o poeta ao logar encantado; depois de todas as loucuras quiz-lhe surprehender o segredo. A dama resistiu. Pediu-lhe o poeta uma madeixa de cabello, cortou-a com a sua mão. Mas nem elle nem o amigo poderam descobrir por esse indicio a dama da aventura nocturna. A este tempo o rei andava em côrtes e estava longe de palacio. A dama em outro encontro disse-lhe que com a chegada do rei era mais difficil ou quasi impossivel o tornarem-se a abraçar, porque as chaves d'aquelle sitio ficavam no quarto do rei e difficilmente poderiam ser subtrahidas. Padron, para conhecer a gerarchia da extraordinaria amante, disse-lhe que não tendo recebido dinheiro de sua casa, recorria a ella temporariamente, por causa da situação difficil em que se achava. Em outra noite a dama trouxe-lhe muitas joias, dizendo-lhe ao entregal-as, que as desmanchasse para que se não soubesse de quem eram, porque haviam sido tiradas á rainha e

ás damas do paço. Com todas estas circumstancias, o poeta nem o amigo não podiam resolver o difficil problema. Depois que o rei chegou de côrtes, o poeta voltou á porta falsa da cava, e não se abriu. Insistiu sempre, não perdeu a constancia, até que de uma vez abriram-lh'a.

Queixou-se Padron da pouca fé que a dama tinha na sua discrição de amante, e da frieza d'ella que sabia resistir a todos os pedidos que fazia para que descobrisse quem era. Juan Rodrigues tinha a grande arte da galanteria; depois de empregar todos os argumentos, a amante resolveu-se a erguer uma ponta do véo que encobria o seu nome. Disse-lhe que breve chegava a festa de Sam Pedro; que lhe désse uma joia, e que por ella a conheceria entre as damas. Juan Rodrigues não tinha comsigo outra cousa que pudesse dar a não ser o seu cinto escarlate. A rainha tomou-o e disse-lhe: «Amanhã o verás no meu cabello feito em laço.» Ao outro dia, quando o rei e a rainha, antes do torneio, se dirigiram á sala do docel, Padron e o seu amigo estavam vendo passar as damas, procurando com a vista o laço escarlate. A rainha ia passando desapercebida, quando o confidente de Padron vendo o laço no cabello da rainha, chamou-lhe a attenção inopinadamente. A rainha conheceu a traição do poeta e não tornou a olhar para elle. N'esse dia Padron levou a palma de todos os jogos do torneio; o rei chegou a alegrar-se e a distinguil-o. N'essa mesma noite Padron foi bater á porta falsa; abriu-se, segundo o costume, mas para receber

o castigo da sua indiscrição. A rainha reprehendeu-o, ameaçou-o com a morte, e disse-lhe que o deixava viver para soffrer o desgosto da sua perda; e que n'esse mesmo dia saisse de Castella, aonde nunca mais voltaria. Quando Padron saiu do sitio aonde gosara tam altos amores, esperava-o o amigo, embalado com sonhos de felicidade. Tudo estava perdido. Padron ainda cantou:

> Ardan mis tristes membranças
> Como yo ardi por ellas,
> Pues perdi la esperança
> Pierda-se el placer con ellas.
> Porque no hayan con quien
> Parte solo triste y tal
> Memoria de ningun bien
> En tiempo de tanto mal. (1)

O nome de Padron ficou como um typo dos amantes desgraçados; o motivo por que se ligou esta lenda á rainha Dona Joanna, filha de el-rei Dom Duarte, vê-se nos chronistas hespanhoes que falam nos seus amores adulterinos, motivo por que chamaram á princeza Dona Joanna, sua filha, mais conhecida pelo nome da *Excellente Senhora,* o appellido ignominioso de *Beltraneja.* Uma lenda como esta devia fazer conhecido o nome de Padron em Portugal. No *Cancioneiro* de Rezende vem citado pelo nome de Juan Rodrigues da Ca-

(1) Esta lenda é resumida do manuscripto antigo publicado por Pidal no *Canc. de Baena*, tom. II, p. 347.

mera, tal como se encontra no *Cancioneiro* de Stuniga, na composição dos *Sete gosos do amor,* e na sua novella de amores de *Arlindier y Lyessa,* signal de que era conhecido pelas suas obras. Ainda no meado do seculo XVI, Jorge Ferreira de Vasconcellos citava este poeta: «Sabei por esse respeito, me não trocarei por Juan Rodrigues del Padrão.» (1) N'este logar tambem vem citado Garci Sanchez de Badajoz.

Poucos são os monumentos poeticos que restam do reinado de Dom Duarte. O pezadello da *lei mental* não deixava nem ao rei nem aos grandes senhores o descuido necessario para a liberdade da imaginação. Vendo os grandes homens que cercam o monarcha, achamos caracterisado o seu tempo no latinista Vasco Fernandes de Lucena, no jurisconsulto Diogo Affonso de Mangancha, e no chronista Fernão Lopes. Do primeiro veiu mais tarde a figurar na côrte de D. João II um neto, poeta erudito, traductor das Epistolas de Ovidio, João Rodrigues de Lucena. No *Leal Conselheiro* existem escriptos do Desembargador Mangancha, que no seu regresso de Italia, depois do Concilio de Ferrara, trouxera varios livros de jurisprudencia. No seu testamento cita elle um *Chino,* titulo que designa um commentario ás leis romanas do italiano *Cino da Pistoya.* No *Cancionero* de Baena, o nome d'este interprete vem escripto tal como se pronuncía:

(1) *Ulyssipo,* act. II, sc. 2, p. 85.

Complid su mandado, é mas los derechos
que ponem los libros de *Chino* é Digesto. (1)

Azurara, na *Chronica do Conde Dom Pedro de Menezes*, tambem cita este jurisconsulto: «E como Micé *Chino de Pistoia* em uma sua Canção Moral diga, que se não pode dar herdade de mayor riqueza, nem joya de maior valor a qualquer nobre e excellente, que a imagem sua pintada de virtudes...» (2)

O terceiro vulto, e o que melhor caracterisa a edade da prosa em Portugal, o espirito malicioso da burguezia, que elle revela na fabula da raposa, foi Fernão Lopes, o ultimo lampejo da ingenuidade medieval.

Fernão Lopes é o principal historiador portuguez, aquelle aonde se encontra mais o crêr e sentir dos primitivos tempos da nossa edade media. É n'elle que se póde ir procurar a formação da prosa. É o Herodoto e o Froissart da sciencia da historia; como o historiographo grego que percorre todas as cidades á busca de tradições antigas, como Froissart que se assenta ao lar nos solares dos senhores feudaes a ouvir as proesas de galanteria e valor, Fernão Lopes recolhe todas as lendas dispersas, na sua fórma dramatica; anima a narrativa, faz-se povo e cavalleiro para contar as revoltas, as conquistas, a formação do terceiro estado, os ditos agudos dos fidalgos no discretear palaciano e do ar-

(1) *Op. cit.*, t. II, p. 119.
(2) *Ineditos* da Academia, t. II, p. 215

raial. A historia portugueza antes de Fernão Lopes, resumia-se a algumas *ephemerides* recolhidas pelos mosteiros, e aos factos conservados nas vidas dos santos; a tradição oral era tudo; feitos de armas e glorias perpetuavam-se nas familias. A existencia das tradições historicas encontra-se n'estas palavras, com que Dom Duarte (em 1434) deu *carrego a Fernão Lopes, seu escripvam, de poer em caronyca as estorias dos reys, que antygamente em Portugal foram; esso meesmo os grandes feytos e altos do muy vertuoso, e de grandes vertudes, el-rey seu senhor e padre...»* Herculano considera estas *estorias,* que Fernão Lopes poz em *caronyca,* algumas memorias espalhadas dos successos publicos, entre os quaes aponta o manuscripto de Santa Cruz de Coimbra, do seculo XIV, em que se resumem os principaes factos dos tres primeiros reinados, «parecendo-nos, diz elle, indubitavel, que alguma cousa havia escripta antes de Fernão Lopes, porque alguma cousa eram essas *estorias* dos antigos reis, mencionadas na carta de nomeação de Fernão Lopes, e que n'esse documento se distinguem claramente dos *feitos* de Dom João I.» (1) A existencia d'estas fontes da tradição mostra o processso de que se serviu Fernão Lopes, e que o eguala a Froissart consultando as narrativas do castello do conde de Foix. Na *Chronica* de Dom Pedro que lendas palacianas não correriam ainda dos amores de Ignez de Castro, do sentimento de justiça do rei;

(1) *Panorama*, vol. III, p. 196, (1839)

das intrigas de Leonor Telles, as revoltas populares do terceiro estado constituido por Dom João I! A palavra *estoria* na advertencia do *Cancioneiro* de Resende denota uma tradição. Como a de Herodoto, é sublime a velhice do historiador portuguez, substituido no seu *carrego* por Gomes Eanes de Azurara, «*por ser já tão velho e fraco, que por si não podia bem servir o dito officio, dando-o a outrem, por seu prazimento, e por fazer a elle mercê, como rasom de se dar aos boõs servidores*....» Nas Chronicas de Fernão Lopes encontram-se os dizeres populares, e vê-se a formação litteraria da lingua, seguindo o progresso espontaneo dado pela civilisação; é elle sob este ponto de vista o principal escriptor aonde mais se póde apprender e o que com a sua prosa pittoresca melhor fecha este cyclo poetico.

CAPITULO III

O Infante Dom Pedro e Juan de Mena

Caracter aventuroso do Infante Dom Pedro. — A lenda d
te João e as *Sete Partidas do mundo.* — Influencia d
gens de Marco Polo, conhecidas em Portugal pelo se
vulgar de *Mylhão.* — Odio de Dona Leonor, mulher
Duarte, ao Infante Dom Pedro. — Luctas da regencia
noridade de Affonso v. — Relações com João de Mena,
de 1439. — O Duque de Bragança conspira contra o I
— Poetas que abraçaram a defeza do Infante: Ayres
da Silva, Luiz de Azevedo, João Corrêa, Ruy Gomes
e Ruy Gonsalves de Castello Branco. — Seguem o
de D. Leonor os poetas Diogo de Pedrosa, Alvaro P
Tavora, e João Paes. — O Infante entrega o poder
Affonso v. — Infamias do Duque de Bragança até pro
desastre de Alfarrobeira. — O poema do *Menospreço d
do,* escripto depois de 1446. — A dedicatoria a Dom
v, e as allusões a Alvaro de Luna e a João Sans Pe
que de Borgonha. — O Infante vindo justificar-se á
atacado pelo rei em Alfarrobeira. — Alvaro de Brito
o combate. — Versos de Luiz de Azevedo á morte do
de Coimbra. — Consequencias d'este desastre. — Uso
panhol na poesia portugueza.

Pelas relações directas que a côrte de Dom
te tinha com Aragão, e pelas damas e cavalleir
residiam com a rainha Dona Leonor, deve-se att
á tradição provençal communicada pela poesia c
uso da palavra *trovador,* em uma epoca que só e
va a designação erudita de *poeta.* O Coudel Mó
era ainda mancebo n'este tempo, escreveu:

E vós que de *trovador*
calentays os *trovadores*,
como days vós meu senhor
ao cuydado mays primor
qu'o suspirar nos amores? (1)

Sómente depois da morte de Dom Duarte é que a *eschola hespanhola* dominou em Portugal, começando na Regencia do Infante Dom Pedro, amigo e admirador de Juan de Mena. É este principe o vulto eminente da poesia portugueza da primeira metade do seculo XV. Nasceu em Lisboa a 9 de Dezembro de 1322, sendo o quarto filho de Dom João I e de Dona Filippa de Lencastre; Ruy de Pina descrevendo-lhe as feições, diz que teve os cabellos da barba «algum tanto ruyvos como Yngrés», (2) o que prova ter recebido de sua mãe esse genio da aventura cavalheiresca, e esse amor pelo mysticismo, que o dominaram durante a vida. O Infante Dom Pedro acompanhou seu pae á expedição de Ceuta aos vinte tres annos de edade, em 1415, e em seguida foi nomeado Duque de Coimbra, e senhor de Condeixa, Pereira e Tentugal. Á maneira dos Paladins da Cavalleria celeste, elle foi tambem pelo mundo correndo aventuras, não em busca do Santo Greal que recolheu o sangue de Christo, mas a vêr se descobria esse principe mysterioso que reinava no Oriente, e mantinha em seus vastissimos estados a religião de Chris-

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 13.
(2) *Chr. de D. Affonso* V, cap. 125.

to. Foi a partida para esta romagem phantastica em 1424; o Infante procurava a realidade do *Preste João das Indias,* cuja lenda despertara na alma dos cavalleiros do Occidente o genio que levou ás grandes navegações. A fonte por onde entrou em Portugal esta lenda, por ventura seria pelas relações com a côrte de Aragão, por isso que no *Atlas em lingua catalã,* delineado em 1374, se vê entre as duas palavras *Affricha* e *Nubia,* a imagem de um imperador, de sceptro e com a seguinte legenda «... *de Sarrayus, ciutat do... est... de Nubia. Está tos tempos en guerra e armes con crestians de Nubia, qui son so seynoria de l'imperador de Ethiopia de la terra de Preste Johan...*» (1) Nos escriptores ecclesiasticos acham-se vestigios para descobrir como a lenda do Preste João penetrou na Europa; em 1145, no pontificado de Eugenio III, um Bispo da Syria, que veiu implorar protecção á Europa, deu noticia de um principe que reinava no Oriente, christão nestoriano, chamado *Preste João;* em 1177, o papa Alexandre III escreveu uma carta «ao rei dos Ethyopes a quem chamamos Preste João»; em 1237 recebeu o Papa Gregorio IX uma carta do Prior dos pregadores de Jerusalem, em que relatava: «Temos recebido muitas cartas do patriarcha nestoriano, a quem obedece a grande India, o reino do *Preste Joam,* e as terras visinhas do Oriente...» Quando o Infante Dom

(1) Edição por J. A. C. Buchon. de 1838. Apud Saraiva, *Port.* t. I. p. 145.

Pedro conseguiu a licença para correr aventuras, a ideia da descoberta do Preste João não o tinha ainda impressionado; á maneira dos paladins da cavalleria celeste elle escolheu tambem doze cavalleiros: «não quiz levar comsigo senão doze companheiros, em lembrança dos doze Apostolos, com elle treze, como N. Senhor Jesus Christo com seus discipulos», como relata Gomes de Santo Estevam, na descripção d'esta viagem. Só depois que o Infante Dom Pedro chegou a Veneza, é que lhe veiu ao conhecimento o livro das Viagens de Marco Polo, aonde no capitulo cincoenta fala explicitamente do Preste João: «É certo que os Tartaros habitam ao norte, perto da Georgia, em grandes planicies, sentados em seus prados, com fontes de agua potavel, aonde não ha cidades, nem castellos, nem outras habitações; não tinham chefe, mas eram tributarios a um chefe, que os francezes chamam *Preste João,* do poder do qual o mundo inteiro se occupava.» Em seguida a este, mais tres capitulos falam do Preste João; e da sua permanencia em Veneza e leitura das Viagens é que o Infante Dom Pedro se sentiu impellido para visitar o mysterioso principe christão. Na Relação de Gomes de Santo Estevam, a todas as perguntas que fazem aos treze peregrinos, o lingua Garcia Ramires responde sempre: «Sômos pobres companheiros vassallos d'el-rei de Leão de Hespanha; é nossa vontade ir ao *Preste João das Indias.*»

As grandes relações maritimas e commerciaes que tivemos com as republicas italianas do seculo xv, fize-

ram com que muito cedo conhecessemos o livro extraordinario de Marco Polo. Em Portugal o seu nome chegou a ser empregado como synonimo de maravilha, caso fabuloso, como se deprehende de uns versos do Coudel-Mór. Por causa das immensas riquezas que Marco Polo trouxera das suas viagens, chamaram-lhe os venezianos Marco o *Milhão;* quando depois de 1279 o viajante retocou o seu livro, já este era tambem conhecido pelo nome de *Milhão.* (1) Nos versos do Coudel Mór, contando as profundas alterações que Dom João II fizera na sociedade aristocratica portugueza em 1485, escreve este trovador a Anrique d'Almeida Passaro:

> Tambem dizem que é bispado
> Elvas com menystraçam;
> outros metem mais *Mylham*
> do mesmo ponteficado. (2)

A palavra *Mylham* no sentido de maravilha extraordinaria provém do muito conhecimento que havia entre nós das viagens de Marco Polo. Um manuscripto d'ellas fôra offerecido antes de 1428 ao Infante D. Pedro, que o depositou na livraria de seu irmão el-rei Dom Duarte, acompanhando este exemplar latino com uma versão sua, que andava adjunta. (3) Este livro assombroso exerceu uma grande influencia no genio do Infante Dom Pedro e de seu irmão o Infante Dom Henrique, e veiu

(1) *Journal illustré des Voyages*, t. I, p. 48 (1857.)
(2) *Canc. ger.*, t. I, p. 141.
(3) *Introducç. á Hist. da Litt. port.*, p. 214.

acordar em Portugal o sentimento da aventura que nos levava para o Oriente, pela renovação da lenda do Preste João das Indias. N'estas longas viagens, o Infante D. Pedro visitou a côrte do Grão Turco Amurates II, do Sultão da Babylonia, do Papa Martinho V, de el-rei de Dinamarca Eric X, sendo recebido com altissimas honras por D. João II de Castella, e sendo armado Cavalleiro em Inglaterra por Henrique II. Ás suas viagens chamou-se na tradição popular as *Sete partidas do mundo*, que hoje são conhecidas como fórma proverbial.

O Infante D. Pedro regressou a Portugal em 1428; e nas suas relações com João de Mena, o poeta da côrte do rei João II em uns versos que lhe escreve allude ás suas viagens:

Nunca fue despues, ny ante,
quyen vyesse los atavios
e secretos de Levante
sus montes, insoas e ryos,
sus calores y sus frios,
como vós, senhor jfante.
Antre Moros e judios
esta gram virtud se cante;
entre todos tres gentios
cantarán nos metros mios
vuestra perfeçyon delante. (1)

Luiz de Azevedo, que acompanhou o Infante a Alfarrobeira, tambem allude ás suas viagens:

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 72.

Nàm ha reyno em Christãos
que em todos nam andasse,
e que sempre nom achasse
nos reys d'elles doces mãos. (1)

No seculo XVII, a tradição das *Sete partidas do Infante D. Pedro* era bastante popular, porque D. Francisco Manoel de Mello, na Carta XI, escreve em estylo jocoso:

Não sendo o Infante D. Pedro
das *Partidas*, nunca trato;
em que de muito partido
do partido não faço caso. (2)

Em um romance de Gongora, que começa: *Recebi vuestro villete,* vem uma referencia á tradição das Partidas, como quem ridicularisa um objecto da credulidade do vulgo:

Os embio esse inventario
de las *partidas*, que tengo,
que es como se os embiara
las *del Infante Don Pedro*. (3)

Faria e Sousa commentando este verso de Camões, em que fala do Infante D. Pedro:

Aquelle faz que fama illustre fique
D'elle em Germania com que a morte engana
Lus., cant. VIII, est. 37.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 452.
(2) *Canfonha d'Euterpe*, p. 113.
(3) *Obras* de Gongora, p. 386. Lisboa, 1667.

ra: «Aquel es Don Pedro, que corrió muchas partes del mundo, con que dió motivo, a que de su peregrinacion se escreviessen cósas que parecen fabulas a quien ha visto poco: principalmente un quaderno, que vulgarmente se llama *Auto do Infante Don Pedro*. Algunos piensan que el nombre es improprio, porque piensam que Auto no passa a significar mas de una suerte de comedia. Pero quien escribió aquel pedaço de historia, se debia acordar del titulo de los Apostolos de Christo, que es Actus Apostulorum, etc. Assi que *Auto del Infante* quer decir acciones suyas; de manera el titulo está ajustado a lo escripto.» (1) Faria e Sousa refere-se ao folheto que ainda hoje anda nas mãos do povo em edições deturpadissimas, intitulado *Livro do Infante D. Pedro de Portugal, o qual andou as sete partidas do mundo, feito por Gomes de Santo Estevam, um dos doze que foram na sua companhia*. Faria e Sousa explicou perfeitamente o titulo do opusculo, titulo que indica a sua antiguidade, porque em 1505 se imprimiu com um titulo analogo os *Autos dos Apostolos;* as grandes tentativas que fez el-rei Dom João II para descobrir a realidade do Preste João das Indias, em quanto Christovam Colombo repellido de Portugal descobria a America, provocaram o redigir-se a relação de Gomes de Santo Estevam, talvez com as cartas que os exploradores mandaram para o reino. Para commentar estes versos de Camões, Faria devera ter consultado Eneas Silvius,

(1) *Comment.* t. III, p. 434.

que fala nos combates em que o Infante entrou na Allemanha.

Pouco depois de ter regressado ao reino o Infante Dom Pedro, casou em 1429 com Dona Isabel, Infanta de Aragão, filha de D. Jayme II, conde de Urgel. Este casamento era odioso para a rainha D. Leonor, mulher de el-rei Dom Duarte, que toda a sua vida tratou de malquistar o Infante Dom Pedro com seu irmão, e de causar por fim a sua morte. Ruy de Pina, que escrevia sob a inspiração de Dom João II, relata isto com toda a verdade: «porém sempre em sua vida mostrou ao Infante Dom Pedro que lhe não tinha boa vontade: e as causas porque assim fosse eram occultas para culpar o Infante, salvo se procedessem de enduzimentos alheios, que em sua feminil fraqueza de ligeiro fariam impressão, ou por ventura procederia das inimizades, que foram antre El-Rey D. Fernando d'Aragão, pae da Rainha, e o conde Urgel, pae da Infante D. Isabel, mulher do dito Infante D. Pedro, que pretendeu por dereyto na sobcessam de Aragão, e foi d'El-Rey n'ella vencido.» (1) A esta mesma causa se deve attribuir o odio do Arcebispo de Lisboa Dom Pedro de Noronha, que era primo da rainha Dona Leonor. (2) Até á morte de el-rei Dom Duarte em 1438, o Infante Dom Pedro viveu entregue aos estudos litterarios, completando a experiencia das suas longas viagens pela sciencia dos

(1) *Chron. de D. Affonso V*, cap. 2. *Ined.*, t. I., p. 207.
(2) *Ibid.*, p. 189.

xemplares da antiguidade. A sua vida domestica era de uma simplicidade de moralista; e emquanto estava á meza «costumava mandar ler proveitosos livros, e ter praticas e disputa, de que se tomava muyto ensino e doutrina.» (1) Por este seu caracter litterario, teve o Infante D. Pedro estreita amisade com os poetas Luiz de Azevedo, Fernão Telles, João Corrêa, Ayres Gomes da Silva, Ruy Gomes da Grã, que abraçaram a sua defeza, tomando alguns parte na acção de Alfarrobeira. O poeta Dom Rolym, citado no *Cancioneiro* de Resende, era filho de Fernão de Moura, e de Garcez, dama catalã, camareira de Dona Isabel, mulher do Infante Dom Pedro. Dom Rolym de Moura foi casado com Dona Brites Caldeira, e d'elle resta apenas no *Cancioneiro* a seguinte poesia:

En gram peligro me veo
en my muerte no ay tardança,
porque me pyd'el deseo
lo que niegua la esperança.

Pede-me la fantesya
cosa muy grave de ser,
y s'aquesto se desvia
es forçado padeçer.
No me defiendo y peleo
muerto aura de mi vengança,
porque me pyd'el deseo
lo que me niegua esperança. (2)

(1) *Chron. de D. Affonso V*, p. 434.
(2) *Canc. ger.*, t. I, p. 444.

Parte da vida do Infante Dom Pedro passou no doce remanso do seu ducado, entregue ao amor de sua mulher, de quem teve os seguintes filhos: Dom Pedro, que foi quarto Condestavel de Portugal, Dom João, que foi rei de Chypre, Dona Isabel, mulher de Dom Affonso v, Dom Jayme, cardeal, Dona Brites, e Dona Fillippa.

Ruy de Pina faz este retrato dos meritos litterarios do Infante Dom Pedro: «foi bem latinado e assaz mystico (encyclopedico) em sciencias e doutrinas de letras, e dado muito ao estudo, elle tirou do latim em linguagem o *Regimento de Principes*, que Frei Gil Correado compoz, e assi tirou o livro dos *Officios* de Tullio, e Vegecio de *Re Militari*, e compoz o Livro que se diz da *Virtuosa Bemfeituria*, com uma confissam a qualquer christão muito proveitosa.» (1) Todas estas obras se devem julgar escriptas antes de 1438, por isso que figuram na Bibliotheca de el-rei Dom Duarte. Este ultimo livro da *Virtuosa Bemfeituria* existia na Cartuxa d'Evora, aonde pararam muitos livros d'el-rei Dom Duarte, e em 1813 mandou extrair uma copia Dom Antonio de S. José de Castro, Bispo do Porto, Patriarcha eleito de Lisboa, Governador do Reino, e Socio honorario da Academia, á qual o offereceu. Este livro foi dirigido: «Ao mui alto principe de grande poderio e prezado senhor Iffante Eduarte, primogenito herdeiro

(1) *Chronica de Dom Affonso V*, cap. 125, p. 433.

dos Regnos de Portugal e do Algarve.» Divide-se em seis livros:

«1.º Declara que cousa é a virtuosa bemffeituria.

2.º Traucta como o beneffiçio deve seer dado.

3.º Falla como a virtuosa bemffytoria deve ser requerida.

4.º Devisa como o beneficio deve seer recebido.

5.º Declara que cousa é agradecimento e en quo maneyra deve seer feyto.

6.º Demostra os modos porque as benffeyturias se podem perder.»

Este livro serve para mostrar até que ponto o estudo da Moral atrazou a intelligencia do seculo XV e nos tornou quasi que extranhos ao movimento da Renascença. Como latinista, o Infante Dom Pedro enriqueceu a lingua portugueza com palavras antigas. Diz elle: «A taes prazeres como estes chamam-se em latim specialmente *Jocunditates*. E nós, por não termos em nossa linguagem vocabulo apropriado, podemol-os chamar Sobreavondante e extremada alegria.» Isto mesmo achamos já nos traductores do seculo XIV, que Dom Pedro conhecia; Pedro de Bercheure, traductor de Tito Livio, introduziu nas linguas modernas as palavras: *Cohorte, Colonia, Magistrado, Tribuno do Povo, Fastos, Facção, Transfuga, Senado, Triumpho, Auspicio, Auguro, Inauguração.* Oresme, traduzindo Aristoles do latim, introduziu: *Monarchia, Tyrannia, Democracia, Aristocracia, Oligarchia, Despota, Demagogia,*

Sedição, Insurreição. (1) No livro I, capitulo 2.º da *Virtuosa Bemfeituria,* o Infante Dom Pedro defende-se d'esta liberdade: «E os que menos letrados forem do que eu som, nem se anojem d'alguas *palavras latinadas* e termos scuros, que em taes obras se nam podem scusar.» O Infante dizia isto «fazendo uma nova compilaçam proveitosa dos sete livros de Seneca», a quem chama «grande philosopho moral.» O Infante Dom Pedro estava ainda possuido do espirito cavalheiresco da edade media; elle correu as sete partidas do mundo como um paladim que procura o Santo Greal, e pulsou a lyra como os grandes principes da Cruzada; mas a erudição do seculo XV seduziu-o, a admiração pela antiguidade levou-o á illusão de confundir os poemas medievaes com a historia: «Assy como se screve no *livro da Troya,* onde contando o estoriador quaaes erom de hũa parte e quaaes da outra, logo começa [illegible] Rey priamo, que antre todos era mais honrado senhor...» (2) «E tall modo como este teve o storiador que os feytos de *hercoles* contou largamente, fallando primeiro da sua nacença. Contando as obras da sua mocidade, ainda que de tanto louvor dignas não fossem como outras que elle despois acabou...» Esta illusão produzida pelas tradições classicas prevaleceu nos historiadores portuguezes até ao seculo XIX. Mais poeta do que el-rei Dom Duarte, ou ignorando mais os limites

(1) Littré, *Études sur le Moyen Age*, p. 412.
(2) *Virtuosa Bemfeituria*, liv. I, cap. VI.

tes entre a linguagem da prosa e da poesia, o Infante Dom Pedro é empolado e cheio de allegorias, levando as metaphoras até ao desconcerto. Rematando a *Virtuosa Bemfeituria,* escreve: «Deste desejo en teendo a minha parte, nom sento folgança em o que screvy, senom em quanto sguardo com pequeno prazer a deleytosa praya daqueste mar grande que a outros mays sabedores é pequeno ryo. Com sperança de pousar a nave de meu fraco entender que per batimentos de contrayras ondas jaz muyto fraca, em grande cançasso, ffarey termho em aqueste livro. E lançarey ancora sobre o porto com entençom de tarde ou nunca tornar a logar em que me feyram taes tempestades. E perquanto assy como molleyro fiz açude, mostrando em o primeiro livro que cousa he beneficio. E ordenando auga em o segundo, que para sse outorgar era compridoyro. Trabalhey que chegasse atee o moynho em o terçeyro livro e quarto, em que o pedir e rreçeber forom mostrados. E fiz que as moos moessem, falando no quinto do agradecimento.» (1) Com a morte de el-rei Dom Duarte, e por motivos da Regencia do reino na menoridade de Dom Affonso v, o Infante Dom Pedro perdeu aquelle descuido dos ocios litterarios; o seu poema allegorico do *Menospreço do Mundo* foi escripto quando elle precisava fortalecer o espirito com considerações moraes, contra os que o intrigavam na côrte. Porém as suas relações com João de Mena são anteriores ao tempo em

(1) *Op. cit.*, liv. vi, cap. i.

que elle entregou o governo a seu sobrinho Dom Affonso V. O poeta Juan de Mena era um dos favoritos de João II de Castella e amigo de Alvaro de Luna; os seus versos eram então admiradissimos, e o Infante Dom Pedro imitou o *Labyrinto*, nas suas coplas do *Menospreço do mundo*. O Infante escreveu-lhe uma poesia louvando-o, e Juan de Mena, com o fino caracter palaciano, não se esqueceu de lisongeal-o, falando-lhe nas suas viagens. Eis os versos do *Cancioneiro* com a rubrica: *Do infante Dom Pedro, filho del-rey Dom Juam em louvor de Joam de Mena:*

Nom vos será gram louvor
por serdes de mim louvado,
que nam sam tam sabedor
em trovas, que vos dê grado.
Mas meu desejo de grado
a mim praz de vos louvar,
e vós o podereis tomar
tal, quejando vos é dado.

Sabedor e bem falante,
gracioso em dizer,
coronysta abastante
em poesias trazer,
Ou de novo as fazer,
hu sempre com gram maestria
de comparar melhoria,
dos outros deveis haver.

D'amor trovador sentido,
com' a quem seu mal sentiu,
e o houve bem servydo,
e os seus segredos vyu.
e de todo departiu
muy fermoso e muy bem,
como pode dizer quem
vossas obras ler ouvyo.

De louvar, quem a vos praz
aconselhar lealmente,
d'esto sabeis vós assáz,
e fazey-lo sajesmente;
e assentar-se ao presente
creo nam terdes ygoal,
de consoar outro tal,
julgue-o quem o bem sente.

Fym

Por todo esto sam contente
das vossas obras que vejo,
e as não vystas desejo,
faze-me d'ellas presente. (1)

; de crer que Juan de Mena mandasse as suas obras
ifante Dom Pedro, como mais tarde Santillana sa-
; aos pedidos de Gomez Manrique e do Condesta-
e Portugal. O tempo em que foram estas relações
João de Mena, deve fixar-se logo que elle accei-
, regencia do reino em 1439, como se deprehende
sposta de João de Mena:

Soys de quyen nunca os vido
amado publicamente,
tam prefeto esclareçydo
que, por serdes byen regido
dios vos fyzo su *rregente*.

) Infante Dom Pedro replicou:

l) *Canc. ger.*, t. II, p. 70.

Como terra frutuosa,
Joam de Mena, respondestes,
com messe muy abastosa
do fruyto que recebestes;
mas em esto vós errastes,
louvar mais do merecido
mas por mim é recebido
que louvando m'ensinastes. (1)

Com a vinda das obras de João de Mena ina
rava-se em Portugal a *eschola hespanhola,* livre d
tras quaesquer influencias. O Infante Dom Pedro
ma a João de Mena *coronysta abastante;* ora este
ta foi chronista real de Dom João II de Castella c
1429 a 1445, portanto aqui temos os limites dentr
quaes se fixaram essas relações. Ainda em 1480 o ı
de João de Mena era citado como moralista na Car
infame delator Lopo de Figueiredo accusando o D
de Bragança a Dom João II de Portugal; falanc
sua lealdade ao monarcha, lembra-se do «dicto do
ta *João de Mena* que diz: *Tal entré, qual veni*
una barca sin remos.» Assim como o Infante Don
dro pediu a João de Mena os seus versos, é pro
que o chronista para o lisongear, segundo os seus
tos tambem lhe pedisse egual favor, o que se póde
var pelo apparecimento de varias poesias do In
nos Cancioneiros hespanhoes. Eis uma d'essas Caı
perdidas, que existe recolhida no Cancioneiro d
bliotheca real de Hespanha:

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 73.

Bien diré d'amor
pues que me lo fes
quedar esta ves
por seu servidor.
  Eu ten vontade
d'amor me partir,
Et en tal verdade
nunca o servir,
sin aver gaardar
de mynia señor.
  Ho amor me desia
um dia falando,
si me plazeria
amar de seu bando
gentil graciosa
de fina color. (1)

Além d'esta Canção que falta no *Cancioneiro* de Resende, ainda se conservam duas estrophes de um *Poema em louvor da cidade de Lisboa,* publicado por Frei Bernardo de Brito na *Monarchia Luzitana.* A fonte é duvidosa; além d'isso a não ser Faria e Sousa e Barbosa Machado ninguem mais se lembrou d'essas duas estrophes. Reproduzimol-as para vêrmos depois a authenticidade que encerram:

Porque tu foste acolheyta
D'aquelle grego sesudo
tão matreiro,
A te fez toda bemfeita
N'este logo tam sabudo
A n'este outeiro.

(1) *Cod.* VII, A. 3, da Bibl. real, fl. 78. (Rios, *Hist.*, t. VII, p. 74.)

A depois de muitos segres
S'ergueu de tua semente
A d'esta terra
O Anibal Cartagez
Que ós Romãos e sua gente
Armou guerra. (1)

Confrontados os versos portuguezes do Infante Dom Pedro que dirigiu a João de Mena, com estes, conclue-se immediatamente para accusar Brito de estupida falsidade. Primeiramente nos versos a João de Mena não apparece esse *a* expletivo, com que Brito carregou as duas estrophes quatro vezes, para assim lhe dar um sabôr antigo, como encontrára na *Canção do Figueiral;* accresce a circumstancia de que no longo poema do *Menospreço do Mundo,* trabalhando em verso endecassyllabo, e portanto mais difficil, nunca o Infante Dom Pedro usou do *a* expletivo, que Brito descobriu tambem em algumas outavas de Camões. Em segundo logar a fórma estrophica só começou a ser frequente depois que Jorge Manrique escreveu as Coplas á morte de seu pae, em 1476, isto é vinte sete annos depois da morte do Infante. Demais, ha n'esse fragmento plebeismos que arremedam o estylo archaico, e umas allusões historicas anteriores á lenda erudita da fundação de Lisboa por Ulysses. Por tudo rejeitamos o monumento apresentado por Frei Bernardo de Brito, conservando-o apenas para typo das falsificações litterarias do seculo XVI em Portugal.

(1) *Monarch. Lusit.*, Part. I, liv. 2, cap. 15.—Frei Bernardino da Silva, *Defens.* P. II, c. 31.—Faria, *Europa,* t. III, p. 381.

A obra mais importante do Infante Dom Pedro e, com certeza, da primeira metade do seculo XV em Portugal, é o poema didactico, que na fl. 73 do *Cancioneiro* de Resende traz a rubrica: «*Do jfante don Pedro, fylho del-rey don Joan da groriosa memoria, sobre o menospreço das cousas do mundo em lingoajem castelhana, as quaes tem grosa.*» A composição d'este poema assignala uma época nova na vida do Infante Dom Pedro, e é impossivel comprehender esses versos sem mostrar a situação moral em que os escreveu. O Infante votara sempre contra o projecto de expedição a Tanger de seu irmão Dom Fernando; a rainha Dona Leonor, sua inimiga, coadjuvava o projecto, e pelo ascendente que exercia em seu marido, conseguiu assim contrariar a vontade do prudente Duque de Coimbra. Succedeu o desastre e o cativeiro de Dom Fernando, e os desgostos que d'aí resultaram foram a causa unica da morte de Dom Duarte. Ruy de Pina, nos seus momentos de azedume, deixa escapar a verdade: «e porém a tenção em que os mais se affirmaram, que a El-rei causara sua morte, foi a desegual tristeza e continua paixão, que pela desaventura do succedimento do cerco de Tanger tomou.» (1) Depois da morte de Dom Duarte abriu-se o seu testamento, e descubriu-se logo a influencia da animadversão da rainha Dona Leonor contra o Infante Dom Pedro; a regencia do reino e a tutella do principe Dom Affonso ficava unica e exclusivamente a Dona

(1) *Chronica de D. Duarte*, cap. 43.

Leonor: «antre outras cousas foi achado ella sem ajuda d'outra pessoa ficar em solido testamenteira de sua alma, e tutor e curador de seus filhos e Regedor do reino, e herdeira de todo o movel.» O povo com o seu grande senso conheceu logo a injustiça de não attender á alta prudencia e honradez do Infante Dom Pedro para tratar de seu sobrinho, e á leveza em confiar o reino do poder de uma mulher e estrangeira. Induzida pelo arcebispo de Lisboa, a rainha suspeitava que o Infante queria privar do throno seu filho, mas logo que elle procedeu ao acto da acclamação de Affonso v, Dona Leonor não pôde deixar de reconhecer a sua probidade, e mandou-lhe dizer pelo celebre jurisconsulto Ruy Fernandes, que Dom Duarte deixara dito ao seu confessor Frei Gil de Tavira, que era sua derradeira vontade que seu filho Dom Affonso casasse com Dona Isabel, filha do Infante Dom Pedro. (1) Em seguida o Infante foi convidado a tomar parte na regencia com Dom Pedro de Noronha, arcebispo de Lisboa. A noticia da vontade de Dom Duarte com relação ao casamento de Dom Affonso v enchera de inveja o conde de Barcellos, filho adulterino de Dom João I, e por influencia do arcebispo, conseguiu que a rainha negasse o seu consentimento; em quanto os estados do reino se juntavam em Thomar, para solver questões pendentes com Castella, o marechal Vasco Fernandes Coutinho, primeiro conde de Marialva, reuniu em uma egreja os principaes

(1) *Chron. de D. Affonso V*, cap. 6, p. 213.

fidalgos, que conspiravam contra o Infante Dom Pedro, porque temiam que elle cerceasse os abusos senhoriaes em um codigo geral. Os principaes conspiradores foram Dom Sancho de Noronha, e o Prior do Crato Frei Nuno de Goes.

Os fidalgos que por effeito d'este conloio não quizeram vir ás côrtes foram o marechal Dom Duarte, senhor de Bragança, Dom Duarte de Menezes, Fernão Coutinho, Gonçalo Pereira, Alvaro Pires de Tavora, Diogo Soares de Albergaria, Fernão Soares, Ruy Vaz Pereira, Luiz Alvares de Sousa, Pero Gomes de Abreu, Lyonel de Lima, Gomes Freire, Lopo Vaz do Castello Branco, Martim Affonso de Mello, Diogo Lopes Lobo, Fernão de Sá, e João Gouvêa. D'entre estes fidalgos alguns tem poesias no *Cancioneiro* de Resende. De Alvares Pires de Tavora encontramos estas coplas em louvor do Claveiro D. Diogo de Menezes:

Quem se decrarou por vosso,
acho eu que se tirou
de muytos danos,
porque eu triste não posso,
chamando-me de cujo sou
aa mil annos.
E assy que nam sam meu
nem o quero ser hum'ora;
e isto confesso eu,
a minha prima e senhora
dona Felippa de Abreu. (1)

(1) *Canc.*, t. III, p. 4.

Na *Historia da Casa de Tavora*, se diz que no anno de 1462 Alvaro Pires de Tavora, senhor de Mogadouro, tinha o fôro de cavalleiro com 400 réis de moradia; (1) era a paga da sua parcialidade pelo Duque de Bragança, que dominava Dom Affonso v. De Gomes Freire, diz Alvaro Barreto:

O das mangas regaçadas
que *Gomes Freire* se chama,.... (2)

Pela sua parte, o Infante Dom Henrique, segundo o dizer de Ruy de Pina: «fôra sempre mais inclinado á parte da rainha, que á do Infante.» (3) Infelizmente da intervenção do Infante Dom Henrique dependia a vida de seu irmão, e manda a historia que se accuse o seu criminoso egoismo.

Do partido do Infante era o celebre litterato Doutor Diogo Affonso de Mangancha, que «*com exemplos de estoryas antigas* reprovou Regimento publico ser dado a mulher.» (4) Ruy Gomes da Grã, «outrosi cidadão e de boa e antiga linhagem, que era presente, com palavras de grande auctoridade e rasão, contradisse muito a dilação n'este caso....» D'este Ruy Gomes da Grã apenas existem no *Cancioneiro* umas coplas aos servidores de Dona Leonor Mascarenhas, que ella despedira:

(1) Sousa, *Provas*, t. II, p. 36.
(2) *Canc. ger.*, t. I., p. 279.
(3) *Chron. de D. Affonso* v, cap. 15, p. 222.
(4) *Ibid.*, cap. 36, p. 255.

Com gram dor, com gram cuidado,
com muy sobeja tristeza
he força fazer mandado
de vossa grande cruesa.
A qual sempre mal obrando
contra nós,
nos manda partir de vós
brasfemando. (1)

Por todos estes factos se vê que os homens mais illustrados achavam ser indignidade o deixar a regencia do reino a uma estrangeira, desconsiderando principes como o Infante Dom Pedro, Dom Henrique e Dom João. Este mesmo sentimento penetrou no povo, e em Lisboa começaram os alvoroços, dos quaes a rainha, que estava em Sacavem - «era avisada por pessoas que para isso esperavam com ella mais graça, e pelas cousas que lhe faziam crêr ella começou d'haver e declarar por suspeitas e contrarias a si mesma todas as cousas do Infante Dom Pedro.» (2) Com a imprudencia da paixão a rainha mandou lançar fóra do paço duas donzellas, filhas de Isabel Gomes da Silva, mulher de Pero Gonçalves da Silva, filha de João Gomes da Silva e irmã de Ayres Gomes da Silva, por serem de familia que seguia o partido de uma regencia do Infante Dom Pedro. Este Ayres da Silva era tambem poeta, filho de João da Silva e de Dona Branca Outeiro; foi camareiro de Dom João II, Regedor das justiças e senhor de Vargos, embaixador de Inglaterra e cavalleiro da Jar-

(1) *Canc.*, t. III, p. 191.
(2) Pina, *Ibid.*, cap, 23.

reteira. Casou com Dona Guiomar de Castro,
Dona Leonor, imperatriz da Allemanha. D'elle
no *Cancioneiro* apenas uma estrophe satyrica
Nuno Pereira pela intimidade que tinha com o
pe Dom João:

> Eu sam caçador de galgos,
> e tenho feição de choupa,
> nam folgo na guarda-roupa,
> nem deixo lá ir fidalgos.
> Na bésta tenho certeza
> e sam já commendador,
> mantenha Deos sua alteza
> do Principe nosso senhor. (1)

O favor que Ayres da Silva encontrou no re
de Dom João II, é uma prova de que este mon
não se esqueceu d'aquelles que abraçaram a justa
de seu avô. A rainha viuva tambem expulsou d
uma sobrinha de Alvaro Vaz de Almada, que m
ao lado do Infante em Alfarrobeira; tudo isto es
ceu o animo do povo, que obrigou o Infante a ac
a regencia e a convocar para isso as côrtes em
Antes de trazer a Lisboa o principe Dom Af
«mandou o Infante D. Pedro a Ruy Gonçalv
Castello Branco, védor que fôra d'el-rei Dom D
que fizesse nos paços correger em grande perfei
salla em que el-rei havia de entrar nas côrtes.

(1) *Canc.*, t. III, p. 157.
(2) *Pina, ibid.* cap. 49, p. 277.

fidalgo da côrte de Dom Duarte existem muitas no *Cancioneiro*, que provam ter soffrido bastan-astres na sua vida, com certeza em consequen-sua adhesão á regencia do Infante. As suas poe-m uma tristeza que não vem só das magoas de

> Tudo já tenho perdido,
> tudo já tenho deixado,
> tudo faço sem sentido,
> sendo certo que esquecido
> sam de quem sam tam lembrado.
> Pois vivo desemparado,
> que será de minha vida?
> que farei? não sei que pida
> que me não seja escusado.
>
> A morte nam satisfaz
> quanto mal tenho soffrido;
> a vida morte me traz
> de toda cousa duvido, etc. (1)

De Ruy Gonçalves de Castello Branco existem mas voltas, com a rubrica *ha morte da Duqueza*, por ntura D. Isabel, mulher do Infante D. Pedro, Duque a Coimbra:

> Oh descanço! aonde estás
> que nunca te vê ninguem?
> quem cuidamos que te tem
> nam sabe por onde vás, etc.

(1) *Canc. geral*, t. III, p. 300 a 315, e p. 216.

A rainha D. Leonor depois de privada da R
cia pediu auxilio a seus irmãos os Infantes de Ar
que a este tempo haviam tornado a recuperar as
ças de D. João II de Castella, conseguindo ba
Condestavel Alvaro de Luna.

Dom Pedro bem sabia que a nobreza do rein
um instrumento com que o Duque de Bragança o
ria arruinar; a alliança secreta de Dona Leonor
os Infantes de Aragão obrigou-o a alliar-se tar
secretamente com Alvaro de Luna, banido da
enviando-lhe em auxilio seu filho primogenito
Pedro, quando foram cercados os Infantes de A
em Olmedo. Como mal aconselhada a rainha Dona
nor fugiu de noite de Almeirim, para fingir
diante do povo que era tyrannisada; seguiram-na
tos fidalgos e criados, entre os quaes achamos dois
tas do *Cancioneiro,* João Paes e Diogo de Ped
«... trouxeram ao Regente presos muitos dos q
Almeirim se iam pera a Raynha, e os que acha
rem seus moradores, logo os mandava todos soltar
liberdade e licença segura de a irem servir se q
sem, salvo hum *João Paes,* cantor, e *Diogo de Ped*
que eram casados com criadas da Rainha, aos
por haver n'elle alguma suspeita, que estando o R
te nos Paços de Santarem, tratavam de o matar
bésta, foi dado tormento de açoutes nos pés, e por
confessarem culpa, que os obrigassem a outra n
pena, os mandou soltar.» (1)

(1) *Pina, ibid.,* cap. 67, p. 313.

D'este Diogo de Pedrosa existe apenas uma poesia dirigida ao Coudel Mór, avisando-o de que queria casar com uma filha sua, e em que tambem allude a *Merlim*, como ainda na corrente das tradições de Inglaterra. Transcrevemos a ultima das tres estrophes:

O que foi d'esse *Merlim*
e d'outras d'antes d'agora,
ysso hade ser de mim
por vossa filha senhora.
Licença tenha do papa
nam he grande maravilha,
de todo por vossa filha
guanhar ou perder a capa. (1)

O Coudel Mór respondeu-lhe pelos mesmos consoantes:

Mas se vos tresfoy *Martin*
fazeys inda sem demora,
medrareys o galarim
segundo o al em vos móra, etc.

Diogo de Pedrosa teve tambem um irmão, poeta do *Cancioneiro*, chamado Sancho de Pedrosa. Esta medrança de que fala o Coudel Mór allude á sua decidida parcialidade pelo Duque de Bragança. Em uma *Carta* de Dom Martinho, Conde de Athouguia, mandada ao Duque de Bragança, vinda de Hespanha, se lê: «e por isso vos peço por mercê, Senhor, que nem

(1) *Canc.*, t. I, p. 449.

as charamellas que destinavam *Diogo de Pedrosa* e João de Athayde como repique a cavallo de frontaria vos não trovem a conhecer o preço da leal amisade...» Este documento refere-se á segunda conspiração da Casa de Bragança contra Dom João II, que Lopo de Figueiredo descobriu. Do segundo poeta *João Paes*, Cantor, que fugira para Almeirim, apparecem no *Cancioneiro* raras coplas satyricas, das quaes colhemos uma, dirigida a Sancho de Pedrosa, em ajuda:

A quantos aquesta virem,
senhores, faço saber
que é muita rasão de rirem
de quem esta foi fazer,
pola minha esquecer.
Nunca tal cousa se viu,
que camisa debruada
precedesse huma lavrada. (1)

Depois de immensas intrigas da rainha e de embaixadas fingidas de Castella, e de pedidos ao papa para que não désse dispensa para o casamento de Dom Affonso com a filha do Infante Dom Pedro, o Regente, logo que o seu pupillo completou dezeseis annos em 1446, entregou-lhe segundo o fôro de Hespanha as redeas do governo, que Dom Affonso não quiz acceitar, reconduzindo-o novamente *de seu proprio moto*, sem lembrança nem requerimento de alguem. (2)

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 292. *Ibid.*, p. 197, 205.
(2) *Pina, ibid.*, cap, 86, p. 354.

Induzido pelo Arcebispo de Lisboa, e pela parcia-
de de Bragança, Dom Affonso v logo em 1447 pe-
ao Infante que desistisse da regencia. Dom Pedro
eceu o motivo de tal incoherencia, e em quanto
pria esta vontade caprichosa, foi segunda vez reque-
pelo sobrinho. Em Maio de 1447 tomou posse do
o, casando Dom Affonso v em Santarem com sua
ma Dona Isabel. D. Pedro retirou-se para Coimbra,
em quanto o Duque de Bragança fazia com que Af-
nso v annullasse todas as nomeações do Infante D. Pe-
dro, e os criados da rainha Dona Leonor trabalhavam
para alcançar beneficios a pretexto de terem sido victi-
mas do Regente, (1) o Infante via a tempestade formar-
se, e presentia a sua morte, como se vê pela recusa ao
povo de Lisboa que lhe queria levantar uma estatua.
N'esta situação moral, em que o cavalleiro que não sabe
tergiversar não quer saber da intriga da casa de Bra-
gança, é que foi escripto o longo poema didactico do
Menospreço do mundo, fructo da leitura do *Labyrinto*
de Juan de Mena, seu amigo. Antes de entrar na de-
terminação da data d'este poema e do seu valor littera-
rio, cumpre citar um dos principaes titulos de gloria do
Infante Dom Pedro, com que assignalou a sua regen-
cia — a publicação dos cinco livros das *Ordenações do
Reino* em 1446 ou 1447. Este codigo monumental e

(1) 1448, 15 de Setembro—Lei para que todos os que pos-
uissem bens tirados depois da morte de Dom Duarte a seus
iados e da rainha sua mulher, apresentarem suas cartas até 20
e outubro, para se examinar se foram tirados com justiça.
(L. 6.º das *Vereações do Porto*, fl. 17.)

typo de todas as Ordenações do reino, um dos codigos mais perfeitos do seculo XV, foi começado no reinado de Dom João I e Dom Duarte pelo Corregedor João Mendes e mandado continuar pelo infante Dom Pedro ao Doutor Ruy Fernandes, que o acabou na Villa da Arruda a 28 de julho de 1446. Foi revisto por este ultimo redactor, pelo Doutor Lopo Vasques, Corregedor da cidade de Lisboa, e pelos desembargadores Luis Martins e Fernam Rodrigues. Este livro foi o mais solido esteio do poder monarchico, e com certeza o maior motivo do rancor da casa de Bragança contra o digno Infante.

Depois que o Regente se retirou para o seu ducado de Coimbra, ainda continuou as suas relações paternaes com Affonso V. Nas copias do poema do *Menospreço do Mundo* vem uma dedicatoria a Dom Affonso V, *señor de la insigne é muy guerrera africana çibdat,* como se vê em Mendes. (1) A dedicatoria começa: «No se me olvida, invictissimo señor, et mui glorioso rey, aver leydo en la introduccion de Boecio...» Por uma estrophe do poema se póde precisar a data da composição, porque n'ella se allude a uma dignidade alcançada pelo Condestavel Alvaro de Luna, com quem fôra alliado. Exemplificando a *Privança,* diz:

> Ya pues veyamos Aman que razona,
> de ti, o que siente de bien, e de mal,
> fable *el maestre señor de Escalona,*
> *diga si le fueste fiel é leal.* (2)

(1) *Typ. española*, p. 138. — Rios, *Hist.*, t. VII, p. 75.
(2) *Canc. ger.*, t. II, p. 82.

Amador de los Rios notou pela primeira vez este facto: «Reparando em que dá o Infante titulo de *Mestre* a Dom Alvaro, dignidade que só obteve depois da morte do Infante Dom Henrique, acontecida em 1445, por effeito das feridas que recebeu na batalha do Olmedo, é inegavel que só pôde escrever este poema feita já a eleição no privado de Dom João II, e recebido geralmente como Mestre de Santhiago. Parece portanto evidente que o Regente de Portugal poz fim ao seu livro pelo anno de 1446.» (1) A esta batalha de Olmedo foi mandado o Condestavel de Portugal, filho do Infante, e d'aqui datam as suas relações com o Marquez de Santillana.

O Mestre de Escalona foi degolado em 1455, seis annos depois da morte de Dom Pedro; d'isto fala Garcia de Resende:

> O *Mestre*, tão gram privado
> que Castella assi mandou
> Condestable prosperado,
> que tanto senhoreou
> vimos morto degolado.
> E tambem en Portugal
> vimos outro caso tal,
> em outro mui gram senhor,
> de tal poder e valor
> que não tinha seu egual. (2)

Este parallelo da historia portugueza diz respeito á morte do Duque de Bragança, filho do que causou o de-

(1) Rios, *Hist.*, t. VII, p. 80.
(2) *Miscel.*, fl. 153.

sastre de Alfarrobeira. O poema do *Menospreço do Mundo* foi escripto quando o Infante Dom Pedro estava vencido pela privança perfida do Duque de Bragança com o joven Affonso V; o poema tem cento e vinte cinco outavas escriptas segundo a disposição das rimas do fragmento da *Cava,* que pertence ao principio da eschola hespanhola; o poeta começa invocando *Minerva,* e com certeza foi elle o primeiro que entre nós se serviu dos recursos da mythologia; ha ali um inventario da historia antiga e das sentenças moraes exemplificadas por ella. Discursa largamente *de la mal fiable fortuna,* como quem está ressentido de uma injustiça flagrante; a cada passo lembra a infamia e os desastres causados pelos falsos conselheiros, mesmo com factos recentes passados ainda em sua vida. Falando *de las honras e dignidades no reales,* escreve:

> Mataram a *Johan, duque del Condado,*
> *no pudo su estado su morte evitar.* (1)

Esta allusão refere-se a João Sans-Peur, *Duque* de Borgonha, que ainda em vida de seu pae Filippe o Ousado, já era intitulado *Conde.* João, depois de ter sido prisioneiro dos turcos e libertado por Bejazet em rasão da sua coragem, foi o primeiro onde começou o odio de raça entre os duques de Borgonha e os de Orleans; depois de ter derrotado os Liegeses em 1408, e ter sus-

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 80.

tentado a França, foi assassinado na ponte de Montereau pelo Delphim em 1419. Depois d'isto comprehende-se como o Duque de Coimbra conhecia o odio de raça que havia entre elle e o Duque de Bragança, que devia de ser vencedor pela traição do favoritismo. Lido a esta luz o poema do *Menospreço do Mundo* perde a monotonia do seu genero didactico. Sabendo-se os grandes presentimentos que o Infante Dom Pedro tinha da sua morte, comprehende-se o porque elle escrevia e sua sobrinho Dom Affonso V:

> Ja muchas vezes los fijos tentaran
> de matar sus padres, e *los desterraron*,
> de sus altos thronos é de sus reynados,
> e en las tinieblas los encarcelaron
> de su mesmo ser muy mal recordados.

Depois de invocar a Santa Musa, o sentimento christão leva-o a renegar das divindades pagãs, que a erudição impoz até ao seculo XIX:

> Id-vos d'aqui, Musas, que en Parnasso
> segund los Poetas fezietes morada,
> yd-vos muy allende del Monte Caucaso
> pues no sodes dignas d'aquesta jornada.
> Nin vuestra ponçonha será derramada
> con la su dulçeza en las venas mias;
> ca ser no me plaze de vuestra mesnada,
> ny soy *Omerista*, nin sigo sus vias.

Sem duvida esta estrophe é a mais importante para conhecer o caracter litterario do poema; sente-se ali

uma alma crente da edade media, por um instante deslumbrada com a erudição da antiguidade, mas que não renega da fé inabalavel que foi o seu movel de acção durante a vida. A palavra *Omerista* aqui designa poeta cyclico, cantor de façanhas de heroes, mas ainda sem o sentido individual, que deram as academias á palavra Homero. O final do poema resume a these fundamental que o inspira, com a qual o Infante D. Pedro relata a situação moral em que se acha:

> Si veys à los malos ser muy exalçados
> y à los buenos venir afficiones,
> ni por aquesso sed vos apartados
> de guiar al bien vuestros coraçones.

O Duque de Bragança, filho de um bastardo de Dom João I, dominava o animo fraco de D. Affonso V, então de pouco mais de desessete annos. Foi-lhe facil enganar esta criança, dizendo que seu tio o Duque de Coimbra era traidor, que havia expulsado sua mãe do reino e causado a sua morte, tendo em vista prival-o do throno. Em consequencia d'isto o monarcha começou a opprimir todos aquelles que defendiam o Infante contra as calumnias que lhe imputavam, e «tirou ao Conde de Abranches o Castello de Lisboa, e a *Ayres Gomes da Silva,* o officio do Regedor da justiça na Casa do Civel, e a *Luiz de Azevedo*, o officio de Vedor da Fazenda, sómente por serem amigos e servidores do Infante tendo-lhes já confirmados per suas cartas.» (1) O Conde de Ourém pediu ao rei que tirasse a

(1) *Pina, ibid.*, cap. 93, p. 369.

Dom Pedro, filho do Duque, o titulo de Condestavel, mas Dom Affonso não se atrevendo a dal-o a um inimigo declarado do Infante, o deu a seu irmão Dom Fernando. Em seguida intimou o Duque para fazer entrega de quaesquer armas que tivesse no castello de Coimbra. Dom Pedro escrevia ao monarcha seu pupillo, mas os parasitas respondiam em nome do rei com phrases como se as dirigissem a um traidor. Um poeta do *Cancioneiro*, Alvaro Pires de Tavora, acompanhando o Duque de Bragança, que entrava de mão armada pelas terras do Infante Dom Pedro pretextando ir á côrte ao chamado do rei, disse-lhe que o seu odio era conhecido, e portanto que em vez de tal insulto cobarde, antes procurasse o Duque e o atacasse. Depois de ter o Infante recebido uma carta de sua filha a rainha D. Isabel, de que se havia assentado em conselho cercal-o em Coimbra e matal-o, ou encarceral-o para sempre, ou desterral-o para fóra do reino; tudo isto fez com que o Infante se dirigisse á côrte para explicar a inextrincavel intriga, tomando primeiramente conselho com Luiz de Azevedo e muitos outros cavalleiros que abraçaram generosamente a sua desgraça. Antes da partida o Conde de Abranches jurou morrer com o Infante. Acompanharam-n'o entre outros cavalleiros os poetas Ayres Gomes da Silva, Fernão Telles, Luis de Azevedo, João Corrêa e Pero de Athayde. Pelo caminho os ginetes de el-rei chamavam-lhe traidor e tyranno, dizendo-lhe «palavras torpes e mui feas» e procurando provocar

uma escaramuça. (1) Chegado ao pé do ribeiro de Alfarrobeira o Infante achou-se de repente cercado pela soldadesca de seu sobrinho, que mandou lançar um pregão ameaçando os que vinham com o Infante, para que o abandonassem. Da parte dos soldados do rei começaram os tiros traiçoeiros, que iam dizimando a comitiva do Infante; por casualidade um tiro foi bater na barraca de Dom Affonso v; isto alvoraçou os odios que procuravam um pretexto para aniquilar o Infante, e o poeta *Alvaro de Brito Pestana,* que commandava os espingardeiros do rei, mandou disparar, e travou-se uma batalha desigual, em que o Duque de Coimbra em poucos instantes foi morto; logo que Alvaro Vaz de Almada, Conde de Abranches, viu baquear o seu irmão das armas, atirou-se ao fragor do combate, e cançado de castigar este crime inaudito, deixou-se caír ante os golpes dos insolentes lançando essa phrase eterna: *Fartar villanagem!*

O Duque de Bragança e o seu partido levavam sicarios adestrados para o assassinato do Infante. Diz Ruy de Pina: «e o bésteiro que o ferio, bem foi conhecido e havido por assaz destro em seu officio, o qual com outros de seu mister segundo fama, foram em especial pelos imigos do Ifante escolhidos e ordenados contra elle para mais cedo abreviarem sua morte...» (2) Dos partidarios do Infante que assistiram á batalha de

(1) Pina, *ibid.*, cap. 118, p. 417.
(2) *Ibid.*, cap. 121, p. 423.

Alfarrobeira, é o mais notavel Luiz de Azevedo, que tem no *Cancioneiro* uma poesia com esta rubrica: «*De Luiz de Azevedo, á morte do jfante Dom Pedro, que morreu n'Alfarrobeira, e vam em nome do Infante.*» Consta esta notavel poesia de quinze estrophes, cada qual mais cheia de verdade; transcrevemos os trechos que encerram mais allusões historicas:

> Eu criey em gram alteza
> hum só rey e seu irmão,
> sempre lhe beijei a mão,
> e resguardei sa realeza.

Refere-se a Dom Affonso v, e a seu irmão Dom Fernando. Falando das suas viagens, declara Luiz de Azevedo o dia em que foi o assassinato, em uma *terça feira*, 20 de Maio de 1449:

> Eu andey per muitas partes
> e por muito boas terras,
> muita paz e tambem guerras
> vi tratar per muitas artes.
> Mas aqueste *dia Martes*
> foi infeliz para mim;
> o meu sangue me deu fim,
> e rompeu meus estandartes.

Em outra estrophe allude Luiz de Azevedo á tenebrosa intriga do Duque de Bragança, depois que o Infante deixou a regencia em 1447:

E vós fostes os culpados
causadores de meu dano,
que já passa de um anno (1447)
que andays aconselhados;
e com rostos desvairados
me falaveis cada dia;
mas de vós não me temia,
porque ereis meus criados.

Provavelmente Luiz de Azevedo escreveu esta poesia pouco depois do crime de Alfarrobeira, porque allude aos perigos a que ficára exposta a rainha Dona Isabel, filha do Infante Dom Pedro e mulher de Affonso V. Os perigos foram nada menos que uma nova intriga do Duque de Bragança, publicando que ella tinha amores com Dom Alvaro de Castro, Conde de Monsanto; (1) mas como a innocencia foi mais poderosa diante do joven monarcha, o veneno dos Braganças acabou o que não conseguiu a infamia. (2) Era por isto que Luiz de Azevedo escrevia estas palavras, que pôz na bocca do Infante:

A morte tenho passada
e o medo já perdido;
pero levo gram sentido
da infante lastimada
e da rainha muito amada:
e meus filhos orfãos leixo,
d'esto todo me aqueyxo,
que da morte, nam de nada. (3)

(1) Pina, *ibid.*, p. 409.
(2) *Ibid.*, cap. 137, p. 457.
(3) *Canc. ger.*, t. I, p. 451, 455.

Só uma alma de poeta é que podia tomar publicamente a defeza do Infante, quando os seus inimigos gosavam o triumpho miseravel. Luiz de Azevedo era da mais alta nobreza de Portugal, e isto mostra mais o heroismo das suas palavras, chegando até a comparar o Infante a Christo:

> Todos fostes mui ingratos
> e de pouco conhecer,
> bem quizestes parecer
> ós do tempo de Pilatos.

Depois de sabermos que existiu no seculo XV um homem que protestou contra este crime, tornam-se mais preciosos os seus dados biographicos. Eis o que encontramos pelos Nobiliarios manuscriptos e pelas Chronicas do reino. No *Nobiliario do Cazal do Paço* diz-se, que Luiz de Azevedo era quinto filho de Lopo Dias de Azevedo, senhor da Casa de Azevedo, Bouro, Castro, primeiro senhor de Sam João de Rey, e Aguiar de Pena. Lopo Dias de Azevedo esteve na batalha de Aljubarrota, e el-rei Dom João I lhe deu todos os bens que foram de João Affonso de Beja. Em outro *Nobiliario* encontramos que o avô de Luiz d'Azevedo se chamava Diogo Gonçalves de Azevedo e Castro, e que fôra morto nas guerras que Dom Fernando teve com Henrique de Trastamara, por ter abraçado o partido de Castella. Lopo Dias de Azevedo, filho d'este, casou com Dona Joanna Gomes da Silva, de quem teve entre outros filhos notaveis nas guerras de Africa, o

poeta Luiz de Azevedo, que abraçou a defeza do Infante Dom Pedro. Azurara, na *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes,* fala com immenso respeito d'esta familia, e da sua amisade particular com Luiz d'Azevedo: «fidalgo nobre e que serviu el-rei Dom João nas primeiras guerras, o qual houve sete filhos ou outo, dos quaes eu, que esta Historia escrevo, principalmente cónheci quatro homens de grande auctoridade, especialmente Fernão Lopes, que foi Commendador-Mór de Christus, e *Luiz de Azevedo,* que foi Veador da Fazenda, ambos do Conselho d'El-rei, e que foram enviados em grandes embaixadas, assi de mouros, como de Christãos, segundo achareis escripto nos feitos que se fizeram reinando el-rei Dom Duarte e el-rei Dom Affonso v, que esta historia mandou escrever.» (1) Azurara descreve n'esta Chronica a morte de Pero Lopes, irmão do poeta Luiz de Azevedo, e louva João Lopes e Martim Lopes, irmãos d'estes dois, que militaram em Ceuta, no tempo do Conde Dom Pedro de Menezes, e lá morreram. (2) Luiz de Azevedo casou duas vezes, a primeira com Dona Aldonça de Menezes, filha bastarda do celebre Dom Pedro de Menezes, Conde de Vianna, viuva de Ruy Nogueira, (3) tendo d'ella uma filha, Dona Catherina de Menezes, que casou com João Rodrigues de Sá; da segunda vez casou com Dona Joanna de Mello Feyo, segundo os *Nobiliarios* manuscriptos

(1) Azurara, *Op. cit.*, cap. 34, p. 317.
(2) *Ibid.*, cap. 4, liv. II, p. 493.
(3) *Ibid.*, cap. 3, p. 221.

catalã, de quem teve Pedro de Azevedo Feyo. (1) estas circumstancias provam que era preciso ter caracter justo e inabalavel para um homem como de Azevedo ousar defender publicamente o Duque de Coimbra. Não se encontra esta virtude em Anão da Mota, que como partidario do Duque de Bragança, apodando uma mula velha de Dom Diogo, Marquez de Villa Real, allude com sarcasmo ao desastre de Alfarrobeira:

> Vós, por vossa gram magreira
> não devês ter dor de baço;
> já devês deixar o paço
> pois vos dam tam má canceira.
> Que não sinto quem vos queira,
> porem sey,
> *quando foi d'Alfarrobeira*
> *qu' andaveis na dianteira*
> *c'os del-rey*. (2)

No *Cancioneiro* de Resende encontra-se um apodo de Diogo Fogaça a Luiz de Azevedo, por ter casado duas vezes, ou por ter casado com uma viuva:

> Manda Deus de um homem só
> ser contente uma mulher,
> e quem mais que um quizer
> o demo aja d'ella dó;
> julgua *Luiz de Azevedo*,
> que tem a vara del-rei
> que moyra segundo a lei,
> ou ande c'o rabo quedo. (3)

(1) *Nobiliario do Casal do Paço*, fl. 18 e 47. Ms.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 505.
(3) *Ibid.*, t. I, p, 482.

D'este Diogo Fogaça existem apenas tres poesias no *Cancioneiro;* podemos crêr que era do partido do Infante, porque João Fogaça foi Vedor de D. João II. No *Cancioneiro* existem outros poetas d'esta familia, como Luiz Fogaça (1) e Tristão Fogaça. (2)

No *Cancioneiro* encontra-se uma poesia de Diogo Lopes de Azevedo, irmão de Luiz de Azevedo, da qual transcrevemos a primeira quintilha:

> Que quer mais quem póde vêr-vos
> que soffrer pena crecida?
> pois o bem de conhecer-vos
> nom póde satisfazer-vos
> que perca por vós a vida. (3)

Um fidalgo que esteve na batalha de Alfarrobeira, Fernão Telles, era tambem poeta do *Cancioneiro;* elle se achou combatendo ao lado de seu pae Ayres Gomes da Silva. Chamava-se sua mãe, Dona Brites de Menezes. Foi quarto senhor de Unhão e Gestaçó, Commendador de Ourique, na Ordem de Sam Thiago, e mordomo-mór da rainha Dona Leonor. Casou com Dona Maria Vilhena, filha de Martim Affonso de Mello, Alcaide mór de Olivença. Morreu a 10 de Abril de 1477. (4) No *Cancioneiro* vem apenas uma

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 179.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 51 e 59.
(3) *Ibid.*, t. II, p. 521.
(4) Sousa, *Grandes de Portugal*, p. 666.

a em hespanhol, (1) e uma copla em louvor do
oão da Silveira, dirigida a Dona Margarida

> Eu bem sei, que me seria
> de meus males gram conforto
> se visse na phantasia,
> quem na vida me tem morto.
> Mas pois triste contemplar
> tam infindo padecer,
> nam póde ser,
> louve-vos quem vos louvar,
> que eu não sei mais que adorar
> e padecer. (2)

versos de João Corrêa, poeta do *Cancioneiro*
endador de Aljazur, que acompanhou o Infan-
Pedro, ha umas referencias ás confiscações dos
quelles que se acharam em Alfarrobeira, pela
7 de Julho de 1449. Respondendo a uns versos
Fogaça, sobre *se dizer, que se perdiam os mo-*
commendadores, escreve João Corrêa:

> Sem dinheiro ou boa prenda
> a risco corro jantar,
> e por isso é bom provenda
> para s' omem segurar.
> sêde vós, senhor, juiz,
> qu' eu o consento,
> cá certo por bem o fiz,
> lançar-me cá ó convento.

Canc. ger., t. I, p. 446.
Ibid., t. III, p. 44.

E pois ande este zumzum,
que minha alma jà receia,
convém senhor, que vos crea
em não ter moval nenhum;
e antes que a calveira
me assentem, é forçado,
que o meu corpo picado
vá por uma panasqueira. (1)

Visto sob este aspecto dos factos politicos, o *Cancioneiro* encerra os traços mais pittorescos da vida moral do seculo XV.

As consequencias do ascendente que o Duque de Bragança adquiriu por captação sobre Dom Affonso V, com pouco mais de dezesete annos, estão claras na legislação que vigorava:

Em uma lei de 22 de Abril de 1449, concede Dom Affonso V amplissimos privilegios aos boticarios vindos de Ceuta, por pedido do Duque de Bragança.

Em 27 de Junho de 1449, publicou uma lei sobre que ficassem em certos casos obrigados aquelles a quem fizesse ou tivesse feito doação dos bens confiscados aos partidarios do Infante D. Pedro, ás dividas dos mesmos.

A 10 de Outubro de 1449, publica uma lei contra os que se acharam na batalha de Alfarrobeira.

A 24 de Dezembro de 1452, concede um privilegio, ao filho de marquez, e sobrinho de Dom Affonso V, da isempção dos dizimos do que mandava vir para o seu uso.

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 178.

A 25 de Julho, de 1454, lei para as justiças das terras do Duque de Bragança não executarem as Cartas que infringem as regalias do Duque sem primeiro as apresentarem.

A 20 de Julho de 1454, Carta para que se não tirem os feitos das terras do Duque de Bragança.

A 20 de Julho de 1455, conseguira a rainha Dona Isabel um perdão e lei para que se restituissem as honras aos que acompanharam o Infante Dom Pedro; mas a 2 de Dezembro d'este mesmo anno a rainha morre envenenada em Evora!

Diante d'estes factos o cutello de Dom João II levanta-se como um iris da providencia.

O Infante Dom Pedro e a sua familia foram os que mais trabalharam para a nossa riqueza litteraria do seculo XV; sua mulher, a Duqueza Dona Isabel mandou traduzir em portuguez a *Vita Christi* de Ludolpho Cartusiano, como pelo mesmo livro se descobre: «mandou trasladar de latim em linguagem portuguez a muyto alta Princeza Infanta Dona Ysabel, duqueza de Coymbra y senhora de Monte moor, ao muy pobre de virtudes dom Abbade do moesteiro de Sam Paulo.» (1) Esta obra foi mandada imprimir por Dom João II como uma desaffronta a uma familia tão digna.

Ainda no seculo XV foi publicado pela imprensa, que acabava de ser introduzida em Portugal, o poema do *Menospreço do mundo* do Infante Dom Pedro; appa-

(1) *Op. cit.*, t. I, p. 520 e 521.

receu sem data, o que nos parece um primeiro symptoma de reacção a favor da sua memoria. Este poema tambem foi commentado por Anton d'Urrea, e offerecido a Dom Affonso de Aragão.

Nò seculo XVIII, quando o despotismo da Casa de Bragança estava no seu mais crasso apogeu, houve um poeta que avivou a tradição do Infante Dom Pedro rejeitar uma estatua que a cidade de Lisboa lhe queria levantar, tradição heroica narrada na Chronica de Ruy de Pina; (1) esse poeta chamava-se Pedro Antonio Corrêa Garção, (2) um dos fundadores da Arcadia. E como o marquez de Pombal visse n'isto uma affronta á estatua equestre levantada a um monarcha imbecil, mandou encarcerar o poeta no Limoeiro, aonde morreu pela culpa de ter nascido em uma época de prepotencia.

(1) *Chronica de D. Affonso V*, p. 287.
(2) *Obras*, p. 164.

CAPITULO IV

O Condestavel de Portugal e o Marquez de Santillana

Suas relações com o Marquez de Santillana. — Em 1445 vae á batalha de Olmedo a Hespanha em auxilio de Alvaro de Luna. —Sua volta a Portugal e carreira militar em Ceuta. — A *Carta* do Marquez de Santillana. — Sua importancia litteraria. — O Condestavel banido de Portugal. — Offerecem-lhe a corôa de rei de Aragão em 1462. — Sua derrota, por Fernando de Castella. — Os seus versos no *Cancioneiro* de Resende, confundidos com os de Dom Pedro I. — O seu poema dantesco da *Satyra dos Vicios e Virtudes*, que se guarda na Bibliotheca de Madrid. — Era offerecido a sua irmã Dona Isabel, mulher de Dom Affonso V. — Perda das suas poesias. — A *Satyra de felice e infelice vida*. — Caracter litterario do Condestavel. — Dona Filippa cultiva a poesia no Mosteiro de Odivellas. — Como ella desperta o desejo da vingança em seu sobrinho Dom João II.

De todos os poetas portuguezes do seculo XV é este o mais conhecido em toda a Hespanha pelas suas relações litterarias com o Marquez de Santillana; sem a Carta que lhe dirigiu o erudito Marquez, o seu nome teria caído no esquecimento, porque as poucas poesias que d'elle restam no *Cancioneiro* andavam attribuidas a Dom Pedro I, amante de Dona Ignez de Castro, e o seu poema dos *Vicios e Virtudes* estava perdido em uma Bibliotheca hespanhola. A desgraça embalou este illustre principe durante a vida e além da morte; a sua sorte está ligada ao desastre de seu pae o Infante Dom Pedro. Nasceu este principe em 1429; no anno de 1443 faleceu Dom Diogo, filho do Infante Dom João, Condestavel de Portugal, e como n'esta familia não ficasse

varão, proveu o Infante Dom Pedro o officio de Condestavel em seu filho primogenito Dom Pedro. O Conde de Ourem reclamou esta dignidade para si, fundando-se em que este cargo pertencera já a seu avô Dom Nuno Alvares Pereira. O Infante Dom Pedro, respondeu que seria Condestavel se o Conde de Ourem appresentasse titulo authentico com que provasse direito de successão a um cargo de confiança. O Conde não respondeu, e foi este um dos grandes motivos do odio sanguinario da Casa de Bragança ao Regente. Logo que Alvaro de Luna viu enfraquecido o partido dos Infantes de Aragão, pediu auxilio ao Infante Dom Pedro para ir ao resgate de Dom João II de Castella. Dom Pedro quiz ir em pessoa, mas melhor aconselhado mandou «Dom Pedro seu filho, que era Condestavel, em edade de quinze annos, e *a mais fremosa nem melhor proporcionada criatura, que se podia ver de seu tempo,* ao qual foram ordenados dois mil homens de cavallo, e quatro mil de pé...» (1) O joven Condestavel ainda não era cavalleiro, e foi armado pelo Infante Dom Henrique, no mosteiro de Sam Jorge, em Coimbra. Antes do Condestavel chegar a submetter-se ás ordens de Alvaro de Luna, já havia sido ganhada a batalha do Olmedo, em que os cunhados do rei de Castella, o Infante Dom Henrique e El-rei de Navarra foram vencidos. O Condestavel foi recebido na côrte com immensas festas, voltando para Portugal a fim de continuar os seus estudos. N'està expedição a Hespanha teve o Condestavel

(1) *Pina, Chron. de Dom Affonso V*, cap. 85. p. 349.

occasião de falar com o Marquez de Santillana, um dos poetas mais illustres da Peninsula e um oraculo do seu tempo. Depois que chegou a Portugal, Dom Pedro escreveu ao Marquez de Santillana pedindo-lhe a collecção das suas obras, por um enviado especial, Alvaro Gonçalves de Alcantara, familiar e servidor da casa de seu pae o Duque de Coimbra. Pelo principio da Carta de Inhigo Lopes de Mendoza, que na batalha de Olmedo ganhou o titulo de Marquez de Santillana, se conhece que a resposta que acompanhava o presente das suas obras foi antes de 1449, porque allude a Dom Pedro Duque de Coimbra como ainda vivo. Antes de reproduzirmos este notavel documento que tanta luz derrama sobre a historia da poesia da edade media da Peninsula, cumpre citar os habitos litterarios do seculo XV, que fizeram com que o Marquez de Santillana fosse conhecido em Portugal. Os grandes senhores pediam entre si os seus versos ou collecções a que chamavam Cancioneiros. O Infante Dom Pedro, como já vimos, pediu a João de Mena os seus versos; e tambem como o Condestavel de Portugal, já Gomes Manrique pedira ao Marquez de Santillana o Cancioneiro das suas obras:

> Vós escreveis en poesia mejor
> que el (1) ni alguno de los Oradores,
> en la poesia los mas sabedores
> vos tienen eleito para su mayor.
> Lo qual *mi codicia no haze menor*
> *de aver vuestras obras en un Cancionero*,
> si quiera por ser dellas pregonero
> puesto que les sea pequeno favor.

(1) Dante.

Merced de las quales os he demandado
y agora buelvo a la demandar,
bien conociendo no deverse dar
salvo a discretos y *grandes de estado.*
Y como yo sea de todo menguado
no digno me hallo señor ciertamente
de un tan preciado y rico presente
en mi gran rudeza no bien empleado. (1)

Eis como o Marquez de Santilhana costumav
ponder a estes pedidos:

Si *Cancionero* se os ha retardado
no fue la causa querello tardar,
qu' el gran beneficio se deve abreviar,
quanto mas lo poco y mucho rogado...

Para o Marquez de Santillana era Gomes Man
um poeta consummado, por isso apenas acompa
o brinde do seu *Cancionero* com algumas estroph
songeiras; mas o Condestavel de Portugal con
quando muito, desoito annos quando lhe pediu as
obras, por isso elle as acompanhou com uma longa
ta, em que, para o illustrar na arte em que tão
mostrava tanta predilecção, lhe faz uma historia d
sia do fim da edade media na Peninsula. Esta *Ca*
um monumento, que tem andado sempre desloca
seu logar proprio, que é a historia da poesia portu
no seculo XV; é por isso que aqui a transcrevem
sua integra, pela primeira vez traduzida correctam

(1) *Cancionero* d'Anvers, fl. lxxvj, vers. Ed. 1557.

Começa o prohemio e carta que o marquez de Santilhana enviou ao Condestavel de Portugal com as suas obras.

Ao illustre senhor Dom Pedro, mui magnifico Condestavel de Portugal, o marquez de Santilhana, conde del Real, etc. etc. —saude paz e devida consideração...

I. N'estes dias passados, Alvaro Gonçalvez de Alcantara, familiar e creado da casa do senhor Infante Dom Pedro, muy inclyto Duque de Coimbra, vosso pae, da parte vossa, senhor, me rogou que os dizeres e canções minhas enviasse á vossa magnificencia. Em verdade, senhor, em outros feitos de mór importancia, ainda que a mim mais trabalhosos, quizera eu comprazer á vossa nobreza: porque estas obras, ou ao menos, as mais d'ellas, não são de taes materias, nem assim formadas e construidas com arte que de memoravel registo dignas pareçam. Porque, senhor, assi como o apostolo diz: *Cùm essem parvulus, cogitabam ut parvulus, loquebar ut parvulus.* Ca estas taes cousas alegres e jocosas andam e concorrem com o tempo da nova idade da juventude: convem a saber: com o vestir, com o justar, com o dançar, e com outros taes palacianos exercicios. E assim, senhor, muitas cousas aprazem agora a vós, que já não prazem, nem devem aprazer a mim. Porém, mui virtuoso senhor, protestando que a minha vontade seja ou fosse não outra do que digo, porque a vossa sem impedimento tenha logar, e vosso mandado se faça, de umas e de outras partes, e pelos livros e cancioneiros alheios fiz buscar e copiar por ordem, segundo as eu fiz, as que n'esse pequeno volume vos envio.

II. Mas como quer que de tanta insufficiencia estas obrinhas minhas que vós, senhor, pedis, sejam, ou por ventura mais de quanto as eu estimo e reputo, vos quero certificar que me apraz muito que todas estas cousas que entrem ou andem sob esta regra de canto poetal, vos aprazam: do qual me fazem certo assim vossos graciosos pedidos como algumas cousas gentis que eu tenho visto compostas de vossa prudencia: como é certo este seja um zêlo celeste, uma affeição divina, um insaciavel pasto do animo: o qual, assim como a materia busca a forma e o imperfeito a perfeição, nunca esta sciencia de poesia é *gaya sciencia* se não fallar aos animos gentis e elevados espiritos.

III. E que cousa é a poesia, (que em nosso vulgar *Gaya Sciencia* chamâmos) senão um fingimento de cousas uteis, cobertas ou veladas, com mui formosa cobertura, compostas, distinguidas e medidas por certo conto, pêso e medida? E certamente, mui virtuoso senhor, erram aquelles que pensão querer ou dizer sómente que as taes cousas consistam ou tendam a cou-

sas vans e lascivas: tal como os hortos fructiferos abun
e dão convenientes fructos para todos os tempos do anno,
sim os homens bem nascidos e doutos a quem estas sciencias
periores são infusas, usão d'aquellas e de tal exercicio, seg
do as idades. E se por ventura as sciencias são desejaveis,
sim como Tullio quer, qual de todas é mais prestante, mais
bre, e mais digna do homem? ou qual mais propria a toda
especies de humanidade? Porque as escuridades e cerrame
d'ellas, quem as demonstra e faz patentes senão a eloque
doce, o formoso fallar, quer em metro, quer em prosa?

IV. Quanto maior seja a excellencia e prerogativa das ri
e metro, do que da solta prosa, salvo para aquelles que das
fias injustas cuidão adquirir soberbas honras, manifesta co
é. E assi seguindo a via dos estoicos, os quaes com grande
ligencia inquiriram a origem e causas das cousas, me esfor
provar o metro ser anterior em tempo e de maior perfeição
a solta prosa. Isidoro carthaginez, santo arcebispo hispalense
sim o approva e testifica: e quer que o primeiro que fez ri
ou canto em verso haja sido Moyses que em metro cantou e
phetisou a vinda do Messias: e depois d'elle Josué, em louvo
vencimento de Gabaon. David cantou em metro a victoria
philisteos e a restituição da arca do Testamento, e todos os
co livros do Psalterio. E ainda portanto os hebraicos ousão
firmar que nósoutros não podemos assim como elles sentir o
to da sua doçura. E Salomão metreficados fez os seus «Pro
bios» e certas cousas de Job escritas em rima, em especia
palavras de conforto que os seus amigos lhe respondiam ás
vexações.

V. Dos gregos querem sejam os primeiros Achatesio, M
sio, e depois d'elle Pherécides Tiro, e Homero, não obstante
Dante *soberano poeta* o chama. Dos Latinos, Ennio foi o
meiro, embora queiram que Virgilio, da lingua latina haj
do e tenha a monarchia: e ainda assim aprouve a Dant
aonde diz, em nome de Sordello Mantuano:

O gloria del latin solo per cui
Mostro chio che potea la lingua nostra!
O precio eterno del loco ove io fui!

E assim concluo, que esta sciencia poetal é acceita pri
palmente a Deos, e depois a toda a linhagem e especie de
tes. Affirma-o Cassiodoro no livro de «Varias causas» dize
Todo o resplandor de eloquencia, e todo o modo ou maneir

[...]sia ou poetal locução e falla, toda a variedade de honesto fal[...] teve e tiveram começo das divinas Escripturas. Esta nos dei[...] templos se canta, e nas côrtes e palacios imperiaes e reaes, [...]ciosamente recebida. As praças, as lojas, as festas, os con[...] opulentos sem ella como surdos e em silencio se acham.

VI. E quaes são ou quaes aquellas coisas adonde, ouso per[...]tar, esta arte assim como necessaria não intervenha e não sir[...]? Em metro os epithalamios que são cantares, que em louvor [...] noivos, nas bodas se cantam, são compostos. E de uns em ou[...] grãos ainda aos pastores de certa maneira servem: e são [...]elles ditados, a que os poetas *bucolicas* chamaram. Em outros [...]pos ás exequias e enterramentos dos mortos metros elegiacos [...] cantavam: e ainda agora em algumas partes se usam os quaes [...] chamados *endeixas*. N'esta fórma Jeremias cantou a destrui[...] de Jerusalem; Gayo Cesar, Octaviano Augusto, Tiberio e [...]to, imperadores, maravilhosamente metrificavam, e lhes agra[...] toda a maneira de metro.

VII. Mas deixemos já a historia antiga, para chegarmos mais perto de nossos tempos. O rei Roberto de Napoles, claro e virtuoso principe, tanto lhe aprouve esta sciencia, que como n'esta mesma epoca Micer Francisco Petrarcha, poeta laureado, florescesse, é certo que grande tempo o teve comsigo no Castel-Novo de Napoles, com quem elle muito a miudo conferenciava e praticava estas artes: de tal maneira, que muito foi tido por acceito a elle, e grão privado seu. E ali se diz haver elle feito muitas de suas obras, assim latinas, como vulgares: e entre outras o livro de *Rerum memorandarum*, e as suas eglogas, e muitos sonetos, em especial aquelle que fez á morte d'este mesmo rei, que começa:

Rota el alta collupna é el verde lauro, etc.

VIII. Johan Bocacio, poeta excellente e orador insigne, afirma o rei João de Chipre haver-se dado mais aos estudos d'esta graciosa sciencia do que a nenhuma outra: e assi parece que o amostra, na entrada prohemial do seu livro da *Genealogia ou Linhagem dos Deuses gentilicos*, fallando com o Senhor de Parma, mensageiro ou embaixador seu.

IX. Como, pois, ou por qual maneira, Senhor mui virtuoso, estas sciencias tenham primeiramente caído em mãos dos romancistas ou vulgares, creio seria difficil investigação e uma trabalhosa pesquisa. Porém deixadas agora as regiões, terras e comarcas mais longinquas, e mais separadas de nós, não é de duvidar

que universalmente em todas sempre estas sciencias se haja
usado e usem e ainda em muitas d'ellas n'estes tres gráos, a sa
ber: *Sublime, Mediocre, Infimo. Sublime* se poderia classifica
aquelles que as suas obras escreveram em lingua grega ou la
tina, digo metrificando. *Mediocre* usaram aquelles que em vul
gar escreveram, assi como Guido Januncello, bolonhez, e Arnal
do Daniello, provençal. E como quer que d'estes eu não tenh
visto obra nenhuma: porém querem alguns haverem elles si
do os primeiros que escreveram terça-rima e sonetos em roman
ce. E assi como diz o philosopho, dos primeiros primeira é
especulação. *Infimos* são aquelles, que sem nenhuma ordem, re
gra nem conto fazem estes romances e cantares, de que a gen
te baixa e de servil condição se alegra. Depois de Guido e
Arnaldo Daniello, Dante escreveu em terça rima elegantement
as suas tres comedias, *Inferno, Purgatorio, Parayso:* Micer
Francisco Petrarcha os seus *Triumphos;* Checo Dascoli o livro
De proprietatibus rerum; Johan Bocacio o livro que *Ninfa*
se intitula, ainda que ajuntou a elle prosas de grande eloquen-
cia, á maneira do *Boecio Consolatorio.* Estes e outros muitos
escreveram em fórma de metros em lingua italica, que sonetos
e canções moraes se chamam.

X. Estenderam-se, creio, d'aquellas terras e comarcas de
Lemosinos, estas artes aos Gallicos e a esta extrema e o
cidental parte, que é a nossa Hespanha, aonde assaz prude
te e formosamente se hão usado. Os Gallicos e Francezes esc
veram em diversas maneiras rimas e versos, que no contar
pés e bordões discrepam: porém o accento e conto das sillabas
terça rima, e dos sonetos e das canções moraes eguaes são ao
baladas: ainda que em algumas, assi de umas como das out
ha alguns pés truncados que nósoutros chamâmos meio-pés,
Lemosinos, Francezes, e mesmo Catalães chamam *bioqs.*

XI. De entre estes houve homens mui doctos e ass
lados n'estas artes: porque Mestre Johan Lorris fez o *R*
de la Rosa, e acabou-o Mestre Johan Copinete, natural d
de Meun. Michaute escreveu igualmente um grande livro d
das, canções, rondeis, lays, virolays, e ensoôu muitos d'ell
cer Otho de Crantson, cavalleiro estrenuo e mui virtu
houve alta e docemente n'esta arte. Alen Charrotier, r
ro poeta moderno, e secretario d'este rei Dom Luiz d
ça, com grande elegancia compoz e cantou em metr
creveu o *Debate das quatro damas;* a *Bella dama S*
El Revelle matin: La Grant Pastora: El Breviario de
e Hospital de amores: por certo coisas bastante fermosa
ziveis de ouvir.

XII. Os Italicos prefiro eu, sob emenda de quem mais souber, aos Francezes sómente, pois as suas obras se mostram de mais altos engenhos, e adornão-n'as e compõem-n'as de formosas e peregrinas historias: e os francezes aos italicos no guardar da arte: da qual os italicos senão sómente no peso ou rimas não se fazem menção alguma. Põem em musica egualmente as suas obras, e cantam-n'as por doces e diversas maneiras: e tanto hão familiar e usual a musica, que parece que entre elles nasceram aquelles grandes philosophos Orpheo, Pithagoras, e Empedocles: os quais, assim como alguns descrevem, não sómente as iras dos homens, mas ainda as furias infernaes com as sonorosas e doces modulações dos seus metros applacavam. E quem duvida que assim como as verdes folhas no tempo da primavera guarnecem e acompanham as arvores nuas, as doces vozes e formosos sons não apoiem e acompanhem todo o metro, todo o verso, seja de qualquer arte, accento e medida?

XIII. Os Catalães, Valencianos, e ainda alguns do reino de Aragão foram e são grandes officiaes d'esta arte. Escreveram primeiramente em trovas rimadas que são pés ou bordões largos de syllabas, e alguns consoantavam e outros não. De pois d'isto usaram o dizer em coplas de dez syllabas á maneira dos lemosinos. Houve entre elles homens assignalados assim nas invenções como no metrificar. Guillen de Berguedà generoso e nobre cavalleiro, e Páo de Benlibre adquiriram entre estes grande fama. Mossen Pero March o velho, valente e honrado cavalleiro, fez cousas assás gentis, e entre ellas escreveu proverbios de grande moralidade. N'estes nossos tempos floresceu Mossen Jorde de Sant Jordi, cavalleiro prudente, o qual certamente compoz assás formosas cousas, as quaes elle mesmo ensoava: pois foi musico excellente, e fez entre outras uma canção de oppositos que começa:

Tosions aprench è desaprench ensems.

Fez a *Paixão de Amor*, na qual compilou muitas boas canções antigas, assim d'este que eu disse como de outros. Mossen Febler fez obras notaveis e alguns affirmam haver traduzido o Dante da lingua florentina em catalão, não minguando ponto na ordem de metrificar e rimar. Mossen Ausias March, o qual ainda vive, é grande trovador, e homem de assás elevado espirito.

XIV. Entre nós outros usou-se primeiramente o metro em várias fórmas: assi como o *Libro de Alexandre; Os votos do Pa-*

vão, e tambem o livro do Archipreste de Hita. Ainda d'esta
se escreveu Pero Lopes de Ayala, o velho, um livro qu
das *Maneiras de Palacio*, e chamaram-lhe *Rimos*. E d
acharam esta arte que maior se chama, e a arte commum, (
nos reinos de Galliza e Portugal, *aonde não ha que du*
que o exercicio d'estas sciencias mais que em nenhumas outr
giões e provincias de Hespanha se acostumou; em tanto
que não ha muito tempo quaesquer dezidores e trovadores d'
partes, ou fossem castelhanos, andaluzes, ou da Extrema
todas as suas obras compunham em lingua gallega ou portu
za. *E ainda é certo recebemos os nomes d'arte assim como n*
tria maior e menor, encadeados, lexapren e mansobre.

XV. Recordo-me, Senhor mui magnifico, sendo de i
não provecta, mas assás pequeno moço, em poder de minha
Dona Mecia de Cisneros, entre outros livros haver vist
grande volume de cantigas, serranas e dizeres portugue
gallegos, *dos quaes a maior parte, eram do rey don Din*
Portugal (creio, Senhor, foi vosso bisavô) cujas obras aqu
que as liam louvavam de invenções subtis, e de graciosas e
ces palavras. Haviam outras de Joham Soarez de Pavia, o
se diz morrera em Galliza por amores de uma infante de P
gal: e de outro Fernant Gonzales de Senabria. Depois d'
vieram Basco Perez de Camões e Ferrant Casquicio, e aq
grande enamorado Macias, do qual não se acham senão q
canções; porém certamente amorosas e de mui formosas se
ças, convem a saber:

I. Cativo de miña tristura.
II. Amor cruel é brioso.
III. Señora, en quien fiancé.
IV. Probé de buscar mesura.

XVI. N'este reino de Castella poetou bem o Rei D. Af
o sabio, e eu vi quem viu *dizeres* seus, e ainda se diz que n
ficava altamente em lingua latina. Vieram depois d'este
João de La Cerda e Pero Gonçales de Mendoça, meu avó
boas canções, e entre outras:

Pero te sirvo sin arte,

e outra ás Monjas de la Zaydia, quando o rei D. Pedro su
tavá o sitio contra Valença; começa:

A las riberas de un rio

maneira de dizer cantares, assim como Scenicos, Plau-
Terencianos, tanto em estrambotes como em serranas.
n'estes tempos um judeo que se chamava Rabi San-
veu mui boas coisas, e entre outras *Proverbios mora-*
erdade de assaz recommendaveis sentenças. Enume-
re tão nobres gentes por gram trovador: que assim co-
fiz n'um dos seus proverbios:

> Non vale el azor menos
> Por nascer en vil nio.
> Nin los enxeimplos buenos
> Por los decir judio.

Gonçalez de Castro, natural d'esta villa de Guadalaja-
ou bastante bem e fez estas canções:

> I. Con tan alto poderio.
> II. Vedes que descortesia.

III. Depois d'estes, em tempo d'Elrei D. Joan, foi o Ar-
de Toro; este fez:

> Crueldat et trocamento

canção que diz:

> De quien cuydo et cuydè.

a que diz:

> A Deus, amor, á Deus el rey.

houve tambem Garci Fernandes de Gerena. Desde o
do reì Dom Henrique, de gloriosa memoria, pae d'el-Rei
senhor, e até aos nossos tempos se começou a elevar mais
ciencia e com maior elegancia: e tem havido homens mui
s em esta, e principalmente Affonso Alvares de Illiescas,
e dizidor: do qual se poderia dizer aquillo que em louvor
idio um grande historiador escreve: convem a saber, que
os seus motes e palavras eram metro. Fez tantas canções
res, que seria bem longo e diffuso o nosso processo, se por
o, ainda sómente os principios d'ellas recontar se houves-
E assim por isto, como por ser tanto conhecidas e espalha-
n todas as partes as suas obras, passaremos a Micer Fran-

cisco Imperial, ao qual eu não chamaria dizidor ou tro
mas poeta: como seja certo que se algum n'estas partes
caso mereceu premio d'aquella triumphal e laurea grina
louvando a todos os outros, este foi. Fez ao nascimento d'
nosso senhor aquelle dizer famoso:

En dos setecientos é mas dos é três

e mui outras cousas graciosas e louvaveis.

XVIII, Fernant Sanches Calvera, commendador da
de Calatrava, compoz assaz bons dizeres. Dom Pedro Ve
Guevara, meu tio, gracioso e nobre cavalleiro, egualmen
creveu gentis dizeres e canções, entre outros aquelle qu

Julio César, el afortunado.

Fernan Perez de Guzman, meu tio, cavalleiro douto em t
boa doctrina, compoz muitas cousas metrificadas, e entre
tras aquelle epitaphio da sepultura de meu senhor o Almi
Dom Diogo Furtado, que começa:

Hombre que vienes aqui de presente.

Fez outros dizeres e cantigas de amores, e ainda agora ben
co tempo ha escreveu proverbios de grandes sentenças, e
obra assaz util e bem composta das *Quatro virtudes car*

XIX. Ao muito magnifico duque Dom Fadrique, m
nhor e irmão, aprouve muito esta sciencia, e fez assaz
canções e dizeres: e tinha na sua casa grandes trovadores,
cialmente a Fernan Rodrigues Portocarrero, e Joham de
so e Affonso Gayoso de Morana. Fernant Manuel de L
honrado cavalleiro, escreveu mui boas cousas de poesia
tou mais que nenhum outro a Micer Francisco Imperia
tambem algumas invectivas contra Affonso Alvares, de
sas materias e bem ordenadas.

XX. Os que depois d'elles n'estes nossos tempos es
ram ou escrevem, deixo de os nomear, porque de tod
parece que vós, mui nobre senhor, tenhaes noticia e co
mento. E não vos maravilheis, senhor, se n'este prohemio
tam extenso e largamente memorado estes tão antigos, e
cipalmente nossos auctores, e alguns dizeres e canções d
como parecerá haver procedido com uma maneira de ociosi
o qual de todo o ponto negam não menos a edade minha,

tempos. Porém é assim que como em nova idade
sem, achei-os agora, quando me pareceu serem ne-
Que assim como Horacio poeta, diz:

Quem nova concepit olla servabit odorem.

Porém de todos estes, mui magnifico senhor, assim
no Provençaes, Lemosis, Catalães, Castelhanos, Portu-
allegos, e ainda de quaesquer outras nações se adian-
tepozeram os Gallaicos cisalpinos ou da provincia de
em solemnisar e dar honra a estas artes. A forma e
omo, deixo agora de contar, por quanto já no pro-
eus *Proverbios* fica mencionada. Pelas quaes con-
a por outras muitas, que por mim, e mais por quem
esse, se poderiam ampliar e dizer, poderá sentir e co-
ossa magnificencia em quanta reputação, estima e re-
ação estas sciencias haver se devem: e quanto vós,
rtuoso, deveis estimar que aquellas donas que em
onte de Elicon incessantemente dançam, em tão tenra
o immeritamente na sua companhia vos hajam recebi-
nto, senhor, quanto eu posso exhorto e advirto a vos-
cencia que, assim em a composição dos formosos poe-
o na polida ordem e regra d'aquelles, em tanto que
a trama da vida (estambre) vosso mui elevado senti-
na não cessem, por tal que quando Atropos cortar o
nenos delphicas que marciaes honras obtenhaes.

quanto duraram as intrigas que precederam o
le Alfarrobeira em 1449, o Condestavel filho do
, como Mestre d'Aviz, esteve sempre entre Tejo
na, onde tinha as fortalezas do Mestrado e os
s de Elvas e de Marvão. Os de Bragança não
m de fazer notar isto ao joven Dom Affonso v,
-lhe que Dom Pedro tinha alliança com o Con-
l e Mestre de Alcantara, e que com seu filho e
le Castella se queria apossar da sua pessoa. Sen-
ado, o Condestavel de Portugal abandonou os

castellos e refugiou-se em Valença, no mestrado de Alcantara. Depois da batalha de Alfarrobeira, Dom Affonso v tirou o titulo de Condestavel a Dom Pedro, e não se atrevendo a dal-o ao Conde de Ourem, reservou-o para seu irmão o principe Dom Fernando, casado com uma filha do Duque de Bragança; o titulo de Mestre de Aviz deu-o ao infante Dom Henrique, o celebre inaugurador das grandes navegações, mas infelizmente cumplice de pusillanimidade na morte de seu irmão. Dom Pedro foi lançado fóra do reino, vivendo pobremente em Castella desde 1449 a 1457. Foi entre estas duas datas que o Condestavel escreveu no seu desterro um longo poema allegorico, intitulado *Satyra de Vicios e Virtudes,* desconhecido completamente em Portugal, e durante muitos seculos perdido para a litteratura. Este poema foi dedicado a sua irmã a rainha Dona Isabel, envenenada em 1455; portanto, falando d'ella como viva, entende-se que o poema não ultrapassa este anno.

Guarda-se a *Satyra da felice e infelice vida* na Bibliotheca Nacional de Madrid, sob marca P. 61, em um tomo in-4.º, escripto por Cristofol Bosch em 1468, dois annos depois da morte do auctor. O nome do trasladador, e o facto de ter Dom Pedro passado os ultimos annos na Catalunha, levam a crêr que teria ali sido escripto, porque a esse tempo já lá se falava o castelhano. Na nota final se lê: *Ffou acabad lo present libre á* [illegible] *de may any 1468 de ma deu Cristofal Bosch, librate*[illegible]*. —Deo gracias.»* A *Satyra* tem por epigraphe: «Si [illegible]

gue-se la epistola á la muy formosa, muy excelente princeza, muy devota, muy virtuosa e perfeita señora, Dona Isabel, por la deifica mano reyna de Portugal, gran señora en las libianas (libicas) partes, embiada por el su hermano é en deséo perpetuo mayor servidor.» Chama-lhe *Satyra* e explica na dedicatoria: «La intitulé *Satyra*... que quiere dezir reprehension, con animo amigable corregir; e aun este nombre satyra viene de *satura,* ques loar.» — Este poema é uma visão amorosa e allegorica, pautada pela *Comedieta de Ponsa,* e pelo *Labyrintho;* é alternado em prosa e verso, como o *Carcel d'Amor* e *Siervo libre de amor.* — Figura que ao Condestavel em uma noite de julho só e triste, lhe apparece a *Discrição* e o collegio das Sete virtudes a *Prudencia, a Piedade,* etc.

Eis um trecho do lamento final:

Discreta, linda, fermosa,
templo de mortal virtud,
honestad muy graçiosa,
luçero de juventud
y de beldad:
á mis preces acatad,
oyd las plegarias mias;
non fenescan los mis dias
con sobra de lealtad.
  Non fenesca vuestra fama
que vuela por toda parte;
non fenesca quien vos ama;
desechad, echad aparte
la crueldad;
seguid virtud é bondad,
e non lieve la victoria
la dañada voluntad.

Esta composição, que Rios qualifica de notavel, consta de quinze estrophes, entre as quaes vem algumas de arte maior, como esta:

> Que es otra cosa usar piedad,
> Salvo ser sancta é ser religiosa
> Pia é humilde, misericordiosa,
> Liberal, dadora con graciosidad?...
> Mirad pues los titulos de gran dinidat,
> que ganan aquellas que son piadosas;
> ganaldos vos lumbre é luz de fermosas,
> ganad é quered tal felicitat. (1)

O motivo porque escreveu a *Satyra* em castelhano vem declarado: «Si la muy insigne magnifiçencia vuestra demandare qual fué la causa, que á mi movio dexar el materno vulgar é la siguinte obra en este romance proseguir, yo responderé que con la rodante fortuna con su tenebrosa rueda me visitasse, venido en estas partes, me di á esta lengua, más constreñido de la necessidad que de la voluntad. Que traydo al texto á la desseada fin é parte de las glosas en lingua portugueza, acabadas, quise todo transformar é lo que restaba acabar en este castellano ydioma, porque segund antiguamente és dicho é la experiençia lo demuestra, todas las cosas nuevas aplacen, é aun que esta non sea muy nueva delante la vuestra real e muy virtuosa magestad, á lo menos será non tan usada que lo que continuamente fiere los oydos.» (2)

(1) Cod., fl. 63. Rios, *Hist.*, t. VII, p. 95.
(2) Rios, *Ibid.*, t. VII, p. 86.

Depois da morte de sua irmã a rainha Dona Isabel, Affonso V permittiu que voltasse a Portugal o Condestavel Dom Pedro, movido pela piedade, que antes devera de ser remorso.

Do anno de 1457 diz Ruy de Pina: «N'este tempo e no fervor d'esta cruzada, andava ainda desterrado em Castella o senhor Dom Pedro, filho do Infante Dom Pedro, que com muita paciencia de grandes necessidades e desaventuras, que em seu desterro supportava e com uma louvada temperança, que em suas falas e obras pera el-rei e pera o reino sempre teve, obrygou e commoveu el-rei pera o retornar em seus reinos e lhe fazer aquella honra e mercê que elle per muitas causas merecia, especialmente *porque o Duque de Bragança, como viu a morte da rainha não o contradisse com tanta sustancia nem com tanto receio, como em sua vida d'ella fazia; porque tinha uma promessa d'el-rei, que o dito Dom Pedro em vida do Duque, sem seu prazer nom viesse a estes reinos, da qual desistiu.*» (1)

A estes crimes, que levaram ao throno Dom Manoel, succedeu o castigo da imbecilidade.

No *Cancioneiro* encontram-se quatro Canções do Condestavel, mas nenhuma pertence a este periodo do seu regresso á patria; a rubrica *De El-rei Dom Pedro,* bem mostra que essas canções não são anteriores a 1462. Dom Pedro acompanhára seu primo e cunhado a Tanger, aonde batalhava em Ceuta em 1463 quando

(1) *Chr. de Dom Affonso V*, cap. 138.

morreu o principe Dom Carlos de Vienna; os catalães mandaram uma deputação secreta, offerecendo-lhe o Condado de Barcelona, e bem assim a corôa e principado de Aragão, emquanto os poetas João da Silveira e Lopo de Almeida estavam em Fonte Rabia por parte de Dom Affonso v conspirando a favor de Henrique IV. (1) Partiu secretamente para Barcelona, aonde tomou o titulo de Conde e de Rei, nos primeiros dias de 1464, empenhando-se por estes factos em uma lucta temeraria. Foi vencido nos Prados do Rei pelo Principe Dom Fernando, que contava apenas treze annos. O Condestavel escapou por ter despido no campo as insignias e se confundir entre a soldadesca. Voltou portanto a Portugal em fim de 1464.

Da sua chegada ha no *Cancioneiro* uns versos do Coudel-Mór, que alludem a ella na seguinte rubrica: «*Do Coudel-Mor a el-rey Dom Pedro, que chegando á côrte se mostrou servidor d'huma senhora a quem elle servia:*»

Voss' agouro longe vá,
e vossos motes de amores... (2)

Os motes de amóres, a que se refere o Coudel-Mór, são essas quatro canções escriptas á dama que servia na côrte em 1465. Eis uma d'essas canções que por muito tempo se attribuia a Dom Pedro o Justiceiro:

(1) Ruy de Pina, *Chr.*, p. 499.
(2) *Canc. geral*, t. I, p. 179.

Onde acharão folguança
meus amores?
Onde meus grandes temores
segurança?

Tristeza nam dá logar,
menos consente receio,
temor me faz suspirar,
mudança faz que não veio.

D'outra parte esperança
dá favores!
sem averem meus amores
segurança. (1)

O Condestavel Dom Pedro aspirava ao throno de Aragão por ser neto de Pedro IV. Não é sem assombro, que vemos uma lei de 5 de Junho de 1465, em que se confiscam todos os castellos e villas e mais bens do Condestavel Dom Pedro, por se haver retirado para Aragão, aonde se acclamou. (2) Perseguido na patria pelos traidores que se serviram da mão de um rei de dezesete annos para assassinar o Infante Dom Pedro, o Condestavel tambem foi morto a 30 de Julho de 1466, quando se dirigia de Manreza para Barcelona, não sem fama de *envenenado,* como diz Amador de los Rios, conhecedor das tradições hespanholas. Ruy de Pina o confirma: «Mas n'esta prosperidade Dom Pedro durou pouco; porque em breve *acabou com peçonha* sua vida dentro em Barcellona, onde na Ygreja maior jaz se-

(1) *Ibid.*, t. II, p. 67.
(2) Torre do Tombo, liv. III dos *Mysticos*, fl. 64. Apud João Pedro Ribeiro.

pultado.» (1) Deixou ao principe Dom João, seu sobrinho, o direito á corôa de Aragão. Morreu aos trinta e cinco annos, este cavalleiro e poeta, cuja divisa sympathica era — *Modestia por alegria.* É provavel que se perdessem muitas outras poesias suas, attendendo á vida de desterro que soffreu e ás ideias cavalheirescas com que foi educado. N'este poeta termina a influencia aragoneza, que se fez sentir em Portugal pela allegoria e por um ultimo resto de passividade e casuistica provençal. Como testemunha de todos estes desastres apparece-nos uma figura de mulher, uma poetisa, vivendo no retiro do claustro, como para guardar todas as dôres e para vêr um dia raiar o sol da justiça. Era a filha do Infante Dom Pedro, Dona Filippa, nascida em Coimbra em 1437; em 1449 já ella frequentava o paço desde a edade dos sete annos, e em consequencia do assassinato de seu pae foi mettida no convento de Odivellas, aonde sem professar morreu em 1493. Esta illustre princeza era tambem poetisa; em uma traducção dos Evangelhos, deixou umas coplas, reproduzidas por Jorge Cardoso, no estylo da côrte de Dom Duarte. (2) Dom João II respeitou sempre a princeza sua tia, que cultivou uma das artes mais bellas da edade media, a illuminura; e a reclusa de Odivellas foi a que accendeu na alma do monarcha o desejo de vingar os desastres da sua familia.

(1) *Chron. de Dom Affonso V*, p. 501.
(2) *Cancioneiro popular*, p. 40.

LIVRO II

A CORTE DE DOM AFFONSO V

A fixação do poder monarchico encontrava em toda a Europa as mesmas luctas; em França Luiz XI trabalha para sacudir a pressão do poderoso Duque de Borgonha; em Hespanha Dom João II dominado pelo seu favorito Alvaro de Luna, é á força subtrahido d'esta influencia pelos revoltosos Infantes de Aragão. Em Portugal o joven rei Dom Affonso V começa o seu reinado completamente absorvido pela grande familia do Duque de Bragança e por todos aquelles que trabalharam para o assassinato do Infante Dom Pedro. O periodo que decorre de 1447 a 1481, caracterisa-se pelo mais impudente favoritismo, pela annulação da vontade de um rei com falsas ideias de cavalleria, e que só se convencia de que era rei gastando as riquezas da nação em grandes presentes, em tenças extravagantes e

em projectos sem consequencia util. Quando os grande senhores e as hierarchias feudaes perdiam a existenci politica na Europa, é que Dom Affonso v nomêa un barão, dez condes, tres marquezes e dois duques. A côrte enche-se-lhe de parasitas; é a este anachronism que se deve a maior abundancia do *Cancioneiro;* as in vejas dos favoritos deram á collecção de Resende a re velação de tantos segredos nas allusões historicas, e esse caracter satyrico que predomina na poesia palaciana, por effeito da lucta das pequenas ambições.

CAPITULO I

O Cancioneiro geral e a vida historica do seculo XV

Determinação dos poetas do cyclo affonsino, pelo Livro das Moradias de Dom Affonso v. — Matheus Pisano chamado de Inglaterra para mestre do monarcha. — As festas pelo casamento de Dona Leonor com o Imperador da Allemanha. — Poetas que figuraram nos festejos : Lopo de Almeida, Alvaro de Sousa, João Gomes da Ilha, Fernão da Silveira, Diogo de Mello, Ruy de Sousa.—Envenenamento da rainha Dona Isabel. — Dom Affonso v e as guerras de Africa. — Origem do proverbio : *Oh noite má para quem te apparelhas?* — O poeta Fernão Gomes da Mina, descobridor da costa da Mina. — As côrtes da Guarda. — Tomada de Arzila. — Origem do proverbio: *Çamora não se tomou n'um dia.* — A batalha do Toro. —Poetas que figuraram na batalha: Ruy de Mello, Gonçalo Vaz de Castello Branco, Ruy de Sousa, Duarte de Almeida. — O poeta Pero de Sousa Ribeiro vae como Embaixador a Luis xi. — O Coudel-Mór satyrisa as Côrtes de Monte-mór, emquanto Dom Affonso v está em França. — A expedição á Turquia em 1480, e as trovas do Brazeiro. —Morte de Dom Affonso v, e apodos ao seu saymento pelos poetas palacianos. — João Rodrigues de Castello Branco retrata a feição moral d'este reinado.

É immensamente difficil determinar a época de todas as poesias do *Cancioneiro* de Resende ; o chronista de Dom João II não teve systema na sua colleccionação ; ía agrupando as composições manuscriptas á medida que as descobria ou recebia das familias que frequentavam a côrte e ainda guardavam essas curiosidades de seus maiores ; elle mesmo pedia aos poetas seus contemporaneos que lhe mandassem algumas trovas para enriquecer esse monumento, e supplantar pelo numero as

collecções castelhanas. Tudo isto foi causa de se encon trarem poetas da côrte de Dom Duarte a par dos qu floresceram durante os vinte annos do reinado de Dom Manoel que se acham comprehendidos no *Cancioneiro* de Resende; para o leitor desprevenido esta confusão falsifica o criterio e torna quasi impossivel o penetrar a vida historica e moral do seculo XV, completamente re-tratada n'essas poesias. Os poetas que frequentaram a côrte de D. Affonso V sobem a perto de cento e cin-coenta. Como determinal-os? Empregámos o meio mais simples: procurando nos *Livros das Moradias da Casa de Dom Affonso V* os nomes dos poetas que figuram no *Cancioneiro*, e ao mesmo tempo recolhendo nas Chro-nicas do reino os factos que explicam as allusões histo-ricas. Para melhor se conhecer o campo em que vamos trabalhar, começamos pela enumeração de todos os poe-tas do cyclo affonsino, acompanhando os seus nomes com a citação do logar occupado por composições no *Cancioneiro*:

Livro das Moradias da Casa de Dom Affonso V

CAVALLEIROS DO CONSELHO

1462

Conde de Marialva (vid. Dom Gonçalo Coutinho), *Canc.*, t. [illegible] p. 216.
Alvaro de Sousa, mordomo-mór, *Ib.*, t. iij, p. 628.
Martim Affonso de Mello, *Ib.*, t. iij, p. 253, 259, 266, 280.
Dom Garcia de Castro, *Ib.*, t. i, p. 273; t. iij, p. 27.
Dom Fernando de Castro, *Ib.*, t. iij, p. 90, 100.
[illegible] de Almeida, Vedor da Fazenda, *Ib.*, t. iij, p. 126.

ogo da Silveira, *Ib.*, t. iij, p. 6, 169, 240.
is de Asevedo, *Ib.*, t. i, p. 451, 482.
nçalo Vaz de Castello Branco, *Ib.*, t. iij, p. 60.

1469

Pedro de Noronha, *Ib.*, t. iij, p. 47; t. i, p. 138.
Gonçalo Coutinho, *Ib.*, t. i, p. 467; t. ij, p. 177, 188; t. iij, p. 125, 220, 244.

1475

ro de Sousa, *Ib.*, t. i, p. 29; t. ij, p. 122; t. iij, p. 27, 105, 167, 216, 393.

1476

o de Saldanha, Secretario, *Ib.*, t. i, p. 388.

1479

Soares de Mello, Resposteiro-mór, *Ib.*, t. iij, p. 152, 156.

1481 *(em que morreu Dom Affonso)*

da Silva, Aposentador-mór, *Ib.*, t. iij, p. 563.

CAVALLEIROS FIDALGOS

1462

om Pedro de Noronha
onçalo Vaz Coutinho, *Ib.*, t. ij, p. 187.
om Nuno . . ., *Ib.*, t. iij, p. 26, 278.
uy de Mello, *Ib.*, t. iij, p. 628.
asco Martins de Mello, Moço, *Ib.*, t. i, p. 277.
oão Rodrigues de Sá, *Ib.*, t. ij, p. 223, 345, 358; t. iij, p. 19, 36, 40, 59, 65, 73, 259, 268, 277, 299, 302, 473, 576, 626.
oão de Lima, *Ib.*, t. iij, p. 241.
artim Affonso de Mello, o Moço.
lvaro Pires de Tavora, *Ib.*, t. iij, p. 4.
ernão Cabral, *Ib.*, t. i, p. 159.
ffonso Telles, *Ib.*, t. iij p. 238.
yres de Miranda, *Ib.*, t. i, p. 159; t. iij, p. 241.
om Rolim . . ., *Ib.*, t. i, p. 444.
edro de Moura, *Ib.*, t. i, p. 278.
uy de Sousa, *Ib.*, t. i, p. 169, 276, 478; t. iij, p. 105, 118, 187, 239.

Pedro da Silva.
João *de Sousa* Falcão, *Ib.*, t. i, p. 463, 466; t. iij, p. 125.
Alvaro de Brito, *Ib.*, t. i, p. 74, 179.
Alvaro de Athayde, *Ib.*, t. ij, p. 26; t. iij, p. 80, 82, 129.
Ruy Lopes *Coutinho*, *Ib.*, t. iij, p. 88.
João Pereira *Cavalleiro*, *Ib.*, t. iij, p. 161.
Pedro de Almeida *de Infante*, *Ib.*, t. ij, p. 427; t. iij, p. 15, 5
73, 110, 273, 281, 302, 311.
Duarte de Almeida, *Ib.*, t. iii, p. 90.
Gil Ayres Moniz, *Ib.*, t. i, p. 486.
Gil de Castro, *Ib.*, t. i, p. 456.
Ruy Gonçalves de Castello Branco, *Ib.*, t. ij, p. 216, 306.
Ruy Lobo, *Ib.*, t. iij, p. 241.
Alvaro de Brito Pestana.
Pedro Borges, Armador, *Ib.*, t. i, p. 207.
Alvaro da Cunha, o Moço, *Ib.*, t. ij, p. 161, 177.
João Caldeira, *Ib.*, t. iij, p. 239.
Pedro Borges, o Moço.

1469

Dom Henrique Henriques, *Ib.*, t. iij, p. 123, 151, 154, 241.
Francisco de Sousa, *Ib.*, t. iij, p. 21.
Dom Guterre Coutinho, *Ib*, t. i, p. 168; t. ij, p. 51; t. iij,
79, 84, 95, 102, 110.
Dom João de Lima, *Ib.*, t. iij, p. 241.
José Gomes de Lemos (Liman?) *Ib.*, t. i, p. 273.
Gomes Soares *de Mello*, *Ib.*, t. iij, p. 152, 156.
Pedro de Moura.
Pedro de Athayde.
Pedro da Silva.
Ruy Lopes *Coutinho*, *Ib.*, t. iij, p. 88.
Gomes Freire, *Ib.*, t. .., p. 279.
Duarte Xira, *Ib.*, t. i, p. 218.
João Falcão, *Ib.*, t. i, p. 463, 466; t. iij, p. 125.
Gil de Castro, *Ib.*, t. i, p. 456.
João Rodrigues de Castello Branco, *Ib.*, t. ij, p. 293.
Diogo Reimoto, *Ib.*, t. iij, p. 150, 156; t. i, p. 206, 258.
João Paes, *Ib.*, t. iij, p. 197, 205, 292.
Affonso de Aboim, *Ib.*, t. iij, p. 191.
Dom João de Menezes, *Ib.*, t. i, p. 3, 4, 21, 43, 107; t. iij,
58, 71, 76, 98, 112, 118, 135, 214.

1477

Dom Henrique Anriques.

Dom Rodrigo de *Castro* Monsanto, *Ib.*, t. iij, p. 104, 106, 111, 175.
Dom Affonso Henriques, *Ib.*, t. iij, p. 151, 154.
Dom Fernando de Menezes, *Ib.*, t. iij, p. 29.
Dom João de Menezes *Tello*.
João Rodrigues Pereira, *Ib.*, t. iij, p. 99, 221.
Martim Affonso de Mello, Copeiro-mór.
Pedro de Sousa Ribeiro, *Ib.*, t. i, p. 29; t. iij, p. 27, 105, 167, 216, 393.
Martinho de Tavora, *Ib.*, t. iij, p. 104.
Gomes Soares de Mello.
João *de Sousa* Falcão.
Diogo Moniz, *Ib.*, t. iij, p. 100.
João Fogaça, *Ib.*, t. ij, p. 177; t. iij, p. 10, 18, 50, 106, 133, 140, 152, 211, 219, 630.
João Falcão
Pedro Vaz, *Ib.*, t. iij, p. 459.
João Corrêa, *Ib.*, t. ij, p. 178; t. iij, p. 81.
João Lobo, *Ib.*, t. ij. p. 127; t. iij, p. 46, 58, 252.
Lourenço Godinho, *Ib.*, t. iij, p. 260.
Diogo Reymoto
Jaques de Miranda (Diogo?) *Ib.*, t. i. p. 446; t. iij, p. 152, 156.

1475

Jorge de Vasconcellos, *Ib.*, t. iij, p. 114, 120, 129, 215, 222, 473, 632.

1477

Dom João de Noronha, *Ib.*, t. iij, p. 502.
Dom Pedro de Athayde
Pedro de Sousa Ribeiro.
Gomes Soares, *resposteiro-mór*.
João Falcão
Lourenço Godinho.
Diogo Reimoto.

1479

Sancho de Pedroza, *Ib.*, t. ij, p. 498, 517; t. iij, p. 123, 290.
Lancerote de Mello, *Ib.*, t. ij, p. 480.

1481

Francisco de Miranda, *Ib.*, t. iij, p. 159.

ESCUDEIROS FIDALGOS

1452

Affonso de Abuim, *Ib.*, t. iij, p. 191.

1469

Lopo de Sousa, *Ib.*, t. iij, p. 116, 127.
Luiz de Azevedo.
Anrique de Sousa, *Ib.*, t. iij, p. 225.
Affonso Fernandes Montarroyo, (1474) *Ib.*, t. iij, p. 528.
João Lobo.

1475

Fernam Brandão, *Ib.*, t. ij, p. 334; t. iij, p. 215.
Vasco Martins Moniz, *Ib.*, t. i, p. 273.

1477

Anrique de Sousa, filho de Ruy de Sousa.

1479

Pedro da Silva, filho de Ruy Gomes d'Elvas.
Fernam Brandão, d'Evora.

1480

João de Saldanha, *Ib.*, t. ij, p. 186.
Henrique de Sousa, (outro filho do Commendador).
Vasco *de Sousa* Chichorro, *Ib.*, t. iij, p. 253, 280.

MOÇOS FIDALGOS

1462

Dom João de Noronha.
Dom João de Menezes.
Lopo de Sousa, *Ib.*, t. iij, p. 116, 127.
Pedro de Mendonça, *Ib.*, t. iij, p. 279.
Affonso de Abuim.
Affonso de Mantarroyo.
João Lobo.

1469

Dom Affonso, filho de Marquez.
Dom João de Noronha.

...o Henriques.
...go de Monsanto.
...a.
...a.

1474

...ho de Noronha, *Ib.*, t. iij, p. 502.
...de Miranda, filho de Ayres de Miranda.
...da Silveira, filho de Fernão da Silveira, *Ib.*, t. i, p.
...49; t. ij, p. 160; t. iij, p. 9, 26, 31, 154, 240, 397.
...de Mello.
...Vasconcellos.
...rtins Moniz.
... Pedrosa.

1475

...res de Tavora.
...Mello, *Ib.*, t. iij, p. 48, 188, 238.

1477

...nho de Noronha.
...rigo de Menezes, *Ib.*, t. ij, p. 488; t. iij, p. 99, 226.
...de Miranda.
...res de Tavora.
...e Pedrosa.
...e Mello, *Ib.*, t. iij, p. 172.

1479

...*nçalves* de Sousa Cide, *Ib.*, t. iij, p. 126.
...cão, filho de Gonçalo.
...rigo de Moura, filho de Dom Rolim, *Ib.*, t. iij, p. 185.
...e Mello, filho de Dom João Affonso, *Ib.*, t. iij, p. 156.
...e Pedrosa.

1480

...cão, filho de João Falcão.
...onçalves, ou Gil Teixeira, filho do dr. João Teixeira,
... iij, p. 529.
...opes de Sequeira, filho de Lopo Vaz, (1) *Ib.*, t. iij, p.

...ousa, *Provas*, t. ij, de p. 23 a 48. — Os nomes que não
...referencia do *Cancioneiro*, é porque já fica atraz indica-
...tricula mais antiga. As citações são feitas sobre a edi-
...tuttgart, de 1846, como a unica accessivel ao estudo.

Muitos d'estes poetas aqui citados que abrilhantaram a côrte de Dom Affonso v, apenas figuram no *Cancioneiro* com uma estrophe ou são simplesmente lembrados por algum outro poeta. Resende queixa-se da perda de muitas poesias. Como estes poetas não podem ser tratados em monographias especiaes, estudamol-os sómente quando os seus nomes se agrupam em volta de um facto historico, ou de um poeta distincto.

Assim guiados por este systema vamos recompôr a vida historica da côrte de Affonso v pelas allusões do *Cancioneiro*.

O Infante D. Pedro esmerou-se na educação do seu pupillo e sobrinho Dom Affonso v; deu-lhe por Mestre Matheus Pisano, que segundo José Corrêa da Serra, era filho da celebre Christina de Pisano, dama erudita dos principios do seculo xv. Para verificarmos a identidade d'este Matheus Pisano, precisamos confrontar algumas datas; Christina de Pisano, acompanhou seu pae Thomaz Pisano, á côrte de Carlos v, como seu astrologo em 1368; a este tempo contava Christina cinco annos de edade, tendo nascido em 1363. As graças e educação esmerada de Christina, os seus talentos litterarios fizeram com que os mais illustres cavalleiros a pretendessem em casamento. Christina casou aos quinze annos com Etienne de Castel, que por influencia de Thomaz Pisano foi nomeado secretario do rei. Com a morte de Carlos v, Thomaz Pisano perdeu a sua influencia e viu-se reduzido á miseria, morrendo em seguida por effeito de uma grande tristeza. Em 1402

ristina perdeu seu marido, e viu-se reduzida á mais soluta pobreza; foi então que se entregou a escrever bras litterarias e historicas, sendo o primeiro escriptor e lançou mão da penna para garantir a sua subsistencia. N'este meio tempo, em 1397 veiu a França o onde de Salisbury por occasião do casamento de Ricardo II de Inglaterra com Isabel filha de Carlos VI. O onde de Salisbury comprou generosamente um livro e versos de Christina, e não podendo resolvel-a a fixar residencia na côrte de Inglaterra, levou-lhe um seu filho, que então contava treze annos e por consequencia nascido em 1384. D'este filho dá noticia Christina de Pisano, no seu livro *Vision de Christine: «N'as tu un fils aussi bel e gracieux, et bien morigenez, et tel que en jonece que ne passe vint ans (1384—1404) du temps qu'il a estudié en nos premiers sciences et grammaire on ne trouveroit en Rhetorique et Poetique langage, naturellement à luy propice, gaire plus aperte, et plus subtil que il est, avec le bel entendement, et bone judicative qu'il a.»* A vinda de Matheus Pisano para Portugal, tambem serve para deixar mais provado que é este o filho que a celebre Christina de Pisano não nomeia. Henrique de Lencastre tambem quiz levar para Inglaterra esta dama erudita, mas não o conseguindo, veiu a ser o protector de Matheus, depois da desgraça do Conde de Salisbury. Christina de Pisano descreve a partida do seu filho para Inglaterra, para a côrte de Henrique de Lencastre: *«A donc tres joyeusement pris mon enfant vers lui et tint chierement, et en tres*

hom estat. Et de fait par deux de ses hairaulx, bles hommes venus par deça, Lencastre et Fa Rois d'armes, me manda moult à certes priant e mettant du bien largement, que par de la j'ai etc.» Henrique de Lencastre, era irmão da rainha Filippa, e tio do Infante Dom Pedro; portant theus Pisano veiu de Inglaterra para Portugal em por effeito das relações litterarias que no princi seculo XV tinhamos com a côrte ingleza. No c da *Chronica do Conde D. Pedro de Menezes*, Az fala de Matheus Pisano, louvando-o como poet reado, e como Mestre de Dom Affonso V: «Os C que vierem da geração d'este Conde... devem ser obrigados a este Rei, porque não sómente se cont de os fazer escrever em nosso proprio vulgar portu mas inda os fez traduzir á lingua latina: porqu sómente os seus naturaes houvessem conto e sab grandes cavallerias d'aquelle Conde, e dos outro com elle concorreram, mas que ainda fossem mani dos a todo o conhecimento de toda a nobreza da tandade por mestre *Matheus de Pisano*, que foi *M d'este rei Dom Affonso*, o qual foi *poeta laureado* dos sofficientes phylosophos e oradores, que em dias concorreram na christandade.» Este talent torio e poetico combina tambem com o que diz tina ácerca da Rhetorica de seu filho. Ao In Dom Pedro deveu Dom Affonso V este sabio n cuja influencia se reflecte no amor que teve por rara, no enriquecimento da Bibliotheca de seu p

erudição que mostra em algumas cartas, e na efflorescencia poetica da sua côrte. Mas todas estas circumstancias tornam mais negro o crime do attentado contra o seu segundo pae o Infante Dom Pedro.

No reinado de Affonso V, começaram as festas do paço, que d'alí em diante foram sempre abrilhantadas pela poesia. Em 1450 chegára a Lisboa um Embaixador da Allemanha, a pedir a Infanta Dona Leonor, irmã de Affonso V, para casar com Frederico III, imperador da Allemanha. Do poeta João Fogaça, que esteve no desastre de Tanger, existem uns versos que alludem a este successo: «*De João Foguaça, quando veo o Embaxador d'Alemanha...*»

> *Embaixadar d'Alemanha*,
> he entrado
> para o qual será chamado
> o gram Gyjono de Canha.
> Pera ir ao sextro lado
> perguntará per novella,
> responderá sim e nam;
> e dos grandes de Castella
> que foram,
> e em Navarra e *Araguam*. (1)

O tio de Dona Leonor, Dom Affonso, rei de Napoles e de *Aragão* já tinha sido tambem requerido para realisar-se este casamento. D'entre estes festejos, surge a figura de um Jurisconsulto, o Doutor João Fernandes da Silveira, primeiro Barão de Alvito, e poeta do

(1) *Canc.*, t. II, p. 182.

Cancioneiro, que veiu redigir as escripturas do
mento. Effectuou-se o casamento a 9 de Agost
1451, e as festas que se fizeram foram tão estr
sas, que na sua velhice o poeta Duarte de Brito
dava João Gomes da Ilha, dizendo-lhe:

> Eram vossos tempos *Autos,*
> *nas festas da Imperatriz,*
> mas agora calar chiz,
> nam he tempo de chrisautos. (1)

Ruy de Pina descreve estas festas, em que figu
os poetas Lopo d'Almeida, Alvaro de Sousa, João I
re, Fernam da Silveira, João Gomes da Ilha e pri
palmente Diogo de Mello. Diz Pina: «E por hon
memoria d'aquelle dia, depois do casamento acab
a requerimento da Imperatriz e dos Embaixadores,
torgou el-rei difficeis perdões de mui rigorosos cas
fez quite de grandes dividas, que pera outras pes
particulares lhe foram requeridas. E houve aquelle
convite real de vinhos e fructas em uma notavel pe
ção, e assi muitas danças e festas toda a noite. E
pois em todolos dias em que a Emperatriz esteve n
dade antes da sua partida, houve sempre mui s
ptuosos banquetes, em que del-rei e da rainha foi n
tas vezes convidada, e assi os Embaixadores e os I
tes, como em *ricos momos, que o Infante Dom Fern*
do per si fez, e outros de muito mór riqueza e sin

(1) *Ibid.,* t. I, p. 367.

invenção, que o Infante Dom Henrique mandou fa-
com outros de muitos senhores e fidalgos, e sobre
o de El-rei, em que desafiou os cavalleiros para
tas reaes, que manteve na rua nova, com condi-
muy excellentes de gentilleza, e assi prepostos
os e emprezas muy ricas para quem mais galante
e á tea, e assim melhor justasse. A que o Infante
Fernando veiu com os seus aventureiros vestidos
guedelhas de seda fina como selvajens em cima de
cavallos envestidos e cobertos de figuras e côres
alimarias conhecidas e outras disformes, e todas mui
aes, e o Infante Dom Fernando por melhor justa-
venceu entam o grado, que foi uma rica copa de
e fez logo presente a Diogo de Mello. E assy vie-
outros seis ventureiros do Infante Dom Henrique,
e em boa ordenança, e após elles outros muitos,
no primeiro dia e em outros quatro que el-rei man-
justaram, em que se fizeram notaveis e maravi-
sos encontros. E depois das justas houve touros e
as, e mais momos e banquetes, e muitos entreme-
de grandes envenções e com muita custa.» (1) Os
tremezes e momos eram introduzidos na côrte pelas
lações com as côrtes de Italia; as canas e os touros
am nacionaes. Todos estes usos foram decaindo, se-
gundo confessa Garcia de Resende na *Miscellanea,* e
hoje ainda existem no povo, com o nome de cavalha-

(1) *Chron. de Affonso V*, cap. 131.

das, que nos podem dar uma completa ideia dos divertimentos da côrte portugueza do seculo XV.

A Imperatriz chegou a Pisa no primeiro de Fevereiro de 1452, aonde entre outros personagens veiu ao encontro d'ella o erudito «Eneas Silvius, que então era Bispo da dita cidade de Sena, e depois foi cardeal, e tambem papa, chamado Pio II.» (1) Eneas Silvius é o unico escriptor contemporaneo do Infante Dom Pedro, que fala dos combates em que entrou nas guerras da Allemanha. (2) O irmão de Frederico III, o Duque Alberto, que depois foi rei de Hungria, veiu á cidade de Sena, ao encontro de sua cunhada. Do Duque Alberto, e do insigne justador Diogo de Mello fala o poeta Alvaro Barreto:

(1) Pina, *ibid.*, cap. 133.

(2) No livro *De Viris illustribus*, ms. da Vaticana, publicado em 1842 na collecção de Stuttgart, se lê ácerca do Infante Dom Pedro: « Is Petrus juventutis suae tempore multum orbem partem migravit, veniensque ad Sigismundum caesarem in Hungaria diu cum eo fuit ac in pluribus bellis contra Turcos multa exhibuit virtutis suae experimenta: cui pro stipendio viginti millia auri pondo quotannis dabantur. Ex in quoque propter egregia ejus facinora, propterque alia, quae facturum se promittebat Marchionatus Trivisanus concessus est; sed postea cum promissa non adimpleret, rursus Sigismundum Marchionatus ipsum Venetis concessit. Sed Fridericus demum iterum Petro Infanti marchionatum tradidit, cum senatores ejus usque industria venissent.» Era d'este Sigismundo, morto em 1437, que dizia Anrique da Motta, no *Cancioneiro geral*, t. III, p. 531:

E no parrafo segundo
d'outra caronyca nova
diz, que El rei *Sagismundo*,
que é já no outro mundo
que faz muyto á nossa prova.

Do gentil Mosen *Diogo*
de Mello, pousentador
o mayor juguetador
que haver póde no jogo,
M'escreve, se em dançar
te parece mais esperto,
ou por se desenfadar
inda sabe remedar
seu senhor o *Duque Alberto*. (1)

lvaro Barreto, em uma carta a Dom Affonso v,
outros cavalleiros que figuraram nas festas da
atriz, taes como Gomes Freire, João Freire, Al-
de Brito, que foi até á côrte da Allemanha, Ruy
usa, auctor dos *Momos*, e o Barão d'Alvito:

O das mangas regaçadas
que *Gomes Freire* se chama,
que quando dança com dama
conta sempre trez passadas.
Nam muda fysolomia
por andar espenicado,
nem tira sa fantesia
de sospirar cada dia
polos sayos do seado.

Do gram fazedor de brusca
mycer *Jam Freire* de Berlade,
hum pouco menos de edade
de Ruy Gomes da Chamusca,
Vossa Alteza saberá
que na dança faz corrilhas
pera ver se poderá
com trabalho que se dá,
desfazer as pantorrilhas.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 274.

Ruy de Sousa, que bem cabe
n'esta terra em que sômos,
por tal fazedor de *momos*
qual ante nós se nam sabe,
Não no podemos chegar
assi aja eu boa fim!
a fazer que queira dar
hum pequeno de vaguar
ó tenor de romatim.

O grande *Lobo d'Alvito*,
que por se desenfadar
se tem sésta no malvar,
diga-ô *Alvaro de Brito*...
Diogo de Mello, o lasso,
que o jugatar atiça
e ás vezes com preguiça
nam póde mover um passo
Sey que houve outra ora
d'Alvar Eanes ensino,
porque nos *motes* de agora:
son uno de una mora
rayvo como can varzyno. (1)

N'esta mesma poesia «*a el-rei Dom Affonso*»
Barreto allude ás côrtes de Santarem, em que
tou de responder ao embaixador da Allemanha
principe Dom Fernando, irmão de Dom Affonso
tanto se distinguiu nas festas da Imperatriz:

Que depoys que me party
em *Santarem* vos leixando,
sojeito do vosso mando,
como sempre me senti,
A cas de *vosso irmão* cheguei,
do qual, sem falecer ponto,
quanto se faz vos direi,
por vêrdes se me acupey
em vos dar d'elle bom conto.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 275 a 279.

Em uma carta de Pero de Sousa, contando ao Duque Dom Jayme a chegada de Dona Leonor á Allemanha, fala-lhe em Diogo de Mello e Alvaro de Brito, que regressaram ao reino por Italia. Todos estes trovadores que tomaram parte nas festas da Imperatriz foram contrarios ao Infante Dom Pedro, e mais ou menos vieram a ficar desconsiderados na côrte de Dom João II.

No anno de 1453 foi a tomada de Constantinopla pelos turcos; Dom Affonso V prometteu coadjuvar o Papa Callisto III n'uma cruzada que tinha em vista defender a Europa central de uma invasão. Com o fallecimento do papa todos os principes christãos desistiram do intento. Diz Ruy de Pina, que tinha o rei «muyta frota e gente prestes para a empregar como dezia»; (1) no *Cancioneiro* acha-se um reflexo d'este facto, em uns versos «*de João Foguaça ao Conde Prior por uma molher d'um marinheiro que foi com elle a Torquya, e requeria o soldo de seu marido.*» (2)

Dom Affonso V vendo-se só em campo, teve de desistir da cruzada, contra o parecer do Marquez de Valença, que, segundo a opinião do tempo, «nam fora senão por arredar El-rei da afeiçam da Rainha, de que muito se receava por causa da morte do Infante Dom Pedro seu padre, em que elle fora o principal movedor.» (3) Uma vez entrados no caminho da infa-

(1) Pina, *Chronica de Dom Affonso V*, cap. 135.
(2) *Cancioneiro geral*, t. II, p. 180.
(3) Pina, *Chronica de Dom Affonso V*, cap. 135.

*

mia e do crime, os partidarios do Duque de Bragança e seus filhos não hesitaram em sacrificar a filha do Infante Dom Pedro, que dominava o monarcha pelo seu amor; com o nascimento do principe Dom João receiaram que o rei se apaixonasse mais por ella e viesse a reconhecer a torpeza dos seus conselheiros. A trasladação dos ossos do Infante Dom Pedro da egreja de Alverca para a Batalha, fôra alcançada pelo pedido da virtuosa filha do assassinado. O Duque de Bragança e seu filho o Marquez de Valença contrariaram-se com este symptoma de influencia, e deliberaràm matar tambem a rainha, pelo unico crime de rehabilitar a memoria de seu pae. Ruy de Pina, que escreveu sob a protecção de Dom João II, relata este attentado: «entrado ja o inverno, El-rei e a rainha se foram para a cidade d'Evora, onde a rainha adoeceu logo de fruxo de sangue, de que nos paços de Sam Francisco onde pousava a 2 de Dezembro do dito anno de 1455 logo falleceu, cuja morte foi d'El-rei muito chorada e sentida, e assy de todos, *em especial dos criados e servidores do Infante Dom Pedro. A causa de sua morte*, segundo foi accidental e arrebatada, per maginação dos mais *foi attribuida a peçonha, que dos imigos de seu Padre por sua segurança disseram que lhe fora hordenada,* e como quer que para isso houve muitas conjecturas e presumpções, porem da certa verdade Deos é o sabedor.» (1) Foram taes as suspeitas contra

(1) Pina, *Chron. de Dom Affonso V*, cap. 137.

o Duque de Bragança, que em 1457, condoendo-se Affonso v do desterro e miseria em que jazia seu cunhado o Condestavel Dom Pedro, o Duque não se atreveu a impedil-o que o chamasse ao reino, apezar de ter uma declaração do monarcha em como o não faria em sua vida.

Em 1457 o Papa Callisto mandou a Dom Affonso v um convite para uma Cruzada contra os Turcos, que havia já quatro annos estavam apoderados de Constantinopla; como cavalleiro Dom Affonso v. apparelhou-se para a guerra sagrada; seu irmão o Infante Dom Fernando, ainda mais visionario, abraçava com delirio a causa da fé. No *Cancioneiro* encontra-se:

> A Cruzada tem tomada
> *rey e princepe* tambem,
> e é nova levantada
> que ymos no verão que vem. (1)

Dom Affonso v mandou consultar os outros principes da Europa e achou-os completamente alheios á cruzada do Papa Callisto; foi então que resolveu passar a Africa sobre Tanger. Diz Ruy de Pina: «Porque esta determinação de El-rei hir sobre Tanger foi ao Conde Dom Sancho revelada, per seu conselho a mudou e converteu em *Alcacere Ceger,* com fundamento e razões, que a bem da conquista e necessidades do reino competiam....» (2) Nos versos de João Rodri-

(1) *Canc.*, t. I, p. 462.
(2) *Chron.*, cap. 133, p. 462.

gues de Castello Branco, ha uma referencia á t
de Alcacer-Ceguer em 1457; vem na rubrica i
«a Antam da Affonseca, commendador do Ro
nhal, a *Alcacer Ceguer*, em resposta d'outras» e
lhe diz:

As trovas que me mandastes
vos tenho muito em mercê,
porque vos dou minha fé,
que bem as metreficastes.
Dos Mouros que lá matastes
vos tenho muita inveja,
e levo gloria sobeja
da grande honra que ganhastes.
. . . .

Vós lá quebrantais as raias
e as tranqueiras dos Mouros;
e nós cá corremos touros
e fazemos grandes maias.
Nam curamos de azagayas,
nem d'armas muito luzidas,
mas gastamos nossas vidas
em capas, gibões e saias.

João Rodrigues de Castello Branco faz um pa
da vida de Fronteiro de Africa com a effemi
da côrte de Dom Affonso v; o poeta estava re
d'ella e vivia na Beira, talvez em consequencia d
adhesão ao Duque de Coimbra. Referindo-se á t
aventurosa e rapida de Tetuão em 1437, exclam

Entrastes em *Tetuão*
como gentis cavalleiros,
esforçados e guerreiros,
mais fortes que Cepião:

Nós cá temos o verão
em logeas frias sem calma,
sem buscar sombra de palma,
nem favor de capitão.

D'esta tomada de Tetuão conta Azurara uma formosa lenda: O Conde Dom Pedro de Menezes, antes de morrer, pediu a seu filho que lhe tomasse aquella fortaleza; seu filho Dom Duarte satisfez immediatamente este desejo do venerando Fronteiro. (1) No final da sua carta, João Rodrigues de Castello Branco recommenda-se a outros cavalleiros que haviam ficado em Alcacer-Ceguer, tambem poetas, Ruy Lobo, e Jorge de Sousa:

e nam vos esquecerão
Ruy Lobo e Jorge de Sousa,
que nam podem mandar cousa
que negue meu coração. (2)

Contra Ruy Lobo ha um apodo, nos *Porquês* anonymos que appareceram nos Paços de Setubal:

Porque nunca da ucharia
Ruy Lobo nada dar quer...

O nome de João Rodrigues de Castello Branco apparece na lista dos fidalgos de D. Affonso v em 1469.

N'este anno de 1457 em que fôra a tomada de Alcacer-Ceguer, rebentara em Lisboa uma grande peste;

(1) *Chron. do Conde Dom Pedro de Menezes*, p. 622.
(2) *Canc.*, t. II, p. 301.

a este tempo pertence uma cantiga de Anrique de Sá, pae de João Rodrigues de Sá, dirigida «*a Nossa Senhora, estando com doentes de peste em sua casa.*» (1) Dom Affonso v, depois de ajuntar mais essa conquista ao seu nome, vendo que Ceuta era cercada pelo rei de Fez, mandou-lhe um cartel de desafio por Martim de Tavora e Lopo de Almeida, cujos nomes figuram no *Cancioneiro,* se é que elles vieram a alcançar o dom nobiliarchico.

No cêrco de Alcacer, Martim de Tavora viu o seu inimigo mortal Gonçalo Vaz Coutinho perdido entre os mouros e quasi a ser morto; correu a salval-o com todo o heroismo, «e d'hy em diante ficaram em sua ymizade mortal.» (2) Os guerreiros de Africa tinham rasão para despresarem a ociosidade da côrte. D'este Gonçalo Vaz Coutinho contam os nobiliarios uma lenda tenebrosa: matou sua primeira mulher Dona Joanna de Noronha, e tornando a casar com Dona Genebra de Cerqueira, filha de Fernão Vaz de Sequeira, o da Palma, tambem a matou, pelo que teve de morrer degolado. No *Cancioneiro* ha a seguinte allusão:

> O Conde de Marialva
> com outro tal que mandou
> uma dama soterrou
> e perdeu o corpo e alma. (3)

(1) *Canc. geral,* t. II, p. 330.
(2) Pina, *Chron. de Dom Affonso V,* p. 475.
(3) *Canc. ger.,* t. III, p 258.

Em 1462, o poeta João Falcão, moço fidalgo, junto outros quiz ir descobrir um cano nos muros de ger, por onde poderiam entrar na cidade; a esta ecta se referem os versos de Dom João Manoel, dizem: «No feyto de João Falcão, ainda se agora ,» (1) alludindo tambem á demora de Dom Af-o V a determinar-se a essa expedição. Em uma escalladas de Tanger, feita pelo principe Dom Fer-ndo, sem licença de seu irmão Dom Affonso V, fi-a o poeta *Fernão Telles,* com a mesma imparciali-de com que se achou em Alfarrobeira, contrariando ontade do principe. (2) Depois de tentativas desas-das, Dom Fernando quiz pela terceira vez a 19 de neiro de 1464 escallar os muros de Tanger. Parti-m os cavalleiros de Alcacer ao anoitecer: «E na tris-e pezo que todos levavam pelo caminho, logo para ta do feito pareceu desaventurado pronostico, espe-ialmente que sendo sobre o cabeço, que dizem d'Al-mar, pareceu no céo á vista de todos um espantoso meta, que lançava de si muitos raios de fogo em gura de dragão. Alí disse então Gomes Freire, nobre dalgo e de grande coraçam: *Oo noite má, pera quem apparelhas,* que ficou em proverbio muito tempo ostumado.» (3) Assombra-nos a vida e a verdade da adição do povo, quando ella nos apparece inteira ao bo de quatro seculos, através de tantas revoluções

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 466.
(2) Pina, *Chron. de Dom Affonso V*, p. 502.
(3) Idem, *ibid.*, p. 595.

historicas e sociaes! Bem dizia Grimm: o povc
mente na sua poesia; em 1870 ouvimos pela prir
vez na Foz o proverbio que o valoroso Gomes F
inventára na noite da escalada de Tanger, em 1
Pina diz que ficára em proverbio muito tempo
tumado, e falava verdade, porque o achámos na
fórma completa:

—Oh noite má
P'ra quem t'apparelhas?
«P'r'os pobres soldados,
E pastores de ovelhas.
—E os homens do mar
Aonde os deixas?
«Esses ficam metidos
Até ás orelhas.

Ruy de Pina recolheu apenas os dois primeiros
sos, por isso que era o proverbio ainda muito sa
no seu tempo. Recolhemos essa estrophe antes de co
cer a passagem da *Chronica de Dom Affonso V;*
a impressão recebida foi profunda e analoga á de
pção da partida dos cavalleiros para a escallad
Tanger em uma noite de inverno. Esses outo pe
nos versos pintam-nos mais a vida moral do secul
do que todas as paginas academicas. N'esta esca
morreu Dom Gonçalo Coutinho, segundo Cond
Marialva, meirinho mór do reino; era filho de V
Fernandes Coutinho e de Dona Maria de Sousa.
Gonçalo Coutinho casou com Dona Brites de Mell
lha de Martim Affonso de Mello, guarda-mór da

de Dom João I, e de sua segunda mulher Dona olanja de Sousa. Com este nome se encontra outro ta, que tomou parte nos apodos á gangorra de Lopo Sousa, celebrados no paço em 1482:

> Quando per escaramuças
> nam poderam fazer dano
> *Franceses* a *Castelhanos*
> lançaram-lhe carapuças,
> E com esta sajaria
> ficaram
> com ellas por maldiçam. (1)

Esta passagem refere-se ás longas guerras entre a Hespanha e a França, que só vieram a terminar em 1478, depois que Fernando o Catholico, firmou a sua monarchia. Tanto esta allusão, como a data do apodo de 1482, mostrãm dois Gonçalos Coutinhos, um que morreu em Tanger em 1464, e outro que morreu degollado como acima vimos, e que suppômos ser o poeta; nos apodos ao velho embaixador Pero de Sousa Ribeiro assigna-se *Conde de Marialva.* Explicada esta homonymia, continuemos no desastre de Tanger. N'esta batalha ficaram captivos entre outros cavalleiros os poetas Fernão Telles e João Falcão, de quem já falamos, Diogo da Silva, que foi Conde de Portalegre e Garcia de Mello; diz Pina, que este desastre causou: «grandes prantos e geraes lamentações». Do Conde de Portalegre encontram-se apenas no *Cancioneiro* duas coplas,

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 125.

uma em ajuda do filho do Marquez, porque chamára a Dona Beatriz de Vilhena *a periguosa,* (1) e outra contra a gangorra de Lopo de Sousa.

Diogo da Silva casou com Dona Maria de Ayala filha de Dona Ignez Peraza e de Dom Garcia de Herrera, castelhanos. Tendo ido tomar posse das Ilhas Canarias, que o Infante Dom Fernando, irmão de Dom Affonso v, comprou, veiu reclamal-as a Portugal Fernão de Peraza; o Infante cedeu-lhe as Ilhas, e Diogo da Silva casou então com a neta d'esse fidalgo, Dona Maria de Ayala, vindo a ficar com a Ilha de Lançarote e Forte Ventura, que lhe rendiam n'esse tempo mais de 300$000 reis. (2) Dom Diogo da Silva foi mórdomo de Dom Affonso v e senhor da Ilha de Sam Vicente, do Archipelago de Cabo Verde.

De Garcia de Mello perdeu-se a copla contra a privança de Nuno Pereira com o principe Dom João, que originou esta em resposta:

> Perguntey á Nu por novas
> das *Alcaçovas* e Paz;
> respondeu-me: Se vos praz
> la vos vy posto nas trovas.
> Respondi-lhe com frieza
> e que grande semsabor,
> quem grosa carta d'alteza
> do *principe nosso senhor.* (3)

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 14.
(2) Cordeiro, *Hist. ins.*, p. 50.
(3) *Canc. ger.*, t. III, p. 157.

A graça d'este motejo parece explicar-se por outra passagem do proprio Nuno Pereira, quando abandonou a côrte:

A vós faça Deos privar,
a mim guarde e defenda
de desembargar
e da *Alcaçova* falar,
e de Crasto na fazenda. (1)

No *Cancioneiro* encontramos um Garcia de Mello, sobrinho do Coudel-Mór, que estudava as regras de figurar no paço.

No mesmo apodo em que figura Garcia de Mello encontramos o nome de Fernão Gomes da Mina, que recebeu este appellido por ter feito a descoberta da costa da Mina em 1469; a este proposito diz Nuno Pereira:

Ando por ruas a pé,
meus brozeguys com recramos,
criados, compadres, amos,
tudo casta de Guiné.
Todo Portugal me preza,
porque *fui desoubridor*
da Mina, de su'alteza
do principe nosso senhor. (2)

Esta estrophe refere-se á sua usura; foi casado com Catherina Leme, filha bastarda de Martim Leme, o Velho, flamengo que viveu em Lisboa.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 257.
(2) *Ib.*, t. III, p. 159.

No anno de 1465, vendo-se Henrique IV de Castella opprimido pelos seus fidalgos, mandou sua mulher Dona Joanna pedir auxilio a Dom Affonso V, vindo á cidade da Guarda, aonde se convocaram côrtes geraes. (1) D'este facto, que deu origem á batalha do Toro, porque versava sobre questões de casamentos, fala um poeta do *Cancioneiro*, o cantor Braz da Costa, como se vê pela rubrica: «*e foy no tempo em que el-rei estava para yr a Goarda:*» (2)

Nam andeys maginativo
poys vosso saber alarda,
nem cureys de ida aa Guarda,
pois que sois tam enventivo...

Braz da Costa alludia ao projecto que havia de casar a Infanta Dona Joanna, ou *Excellente Senhora*, com o principe Dom João, e a Infanta Dona Isabel, chamada a Catholica, com seu pae Dom Affonso V.

Em consequencia do desastrado escallamento de Tanger, o Infante Dom Fernando caíu em um estado de profunda tristeza; para o consolar, Dom Affonso V pediu-lhe em casamento para o principe Dom João, sua filha Dona Leonor. Assim se desfizeram as combinações tratadas nas côrtes da Guarda, que Braz da Costa julgava inventivas. Em 1471 partiu o rei de novo para Africa já acompanhado por seu filho, levando em vista a tomada de Tanger.

(1) Pina, *Chron.*, p. 158.
(2) *Canc. ger.*, t. II, p. 489.

Vendo Dom Affonso v os seus poucos recursos, atacou Arzilla, que se rendeu com promptidão. Em uns versos do conde de Vimioso ha uma rubrica referindo-se a este successo: «*a Simão de Sousa, da maneira que havia d'acheguar á côrte vindo d'Arzilla.*» (1)

Ha outros versos de Dom Martinho da Silveira, *estando em Arzilla,* em resposta a outros que Simão Corrêa lhe mandou de Alcacer; n'estes versos se descrevem mais particularidades,— como o temporal com que os cavalleiros desembarcaram, e a rendição da cidade:

> Estando n'este logar
> onde muita guerra achey,
> *sem com Mouros pelejar,*
> sem corrermos, sem entrar,
> depois que n'elle entrei,
> Vossas trovas recebí;
> guabal-as é escusado
> qu'ellas o fazem per si;
> mas direy novas de mi,
> como por vós me é mandado.
>
> *O dia que aqui chegamos*
> *fez tormenta tão desfeita,*
> c'entre tanto nos molhámos
> como lá, quando passamos
> a gram vereda de Ceita. (2)

Depois da tomada de Arzilla a inexpugnavel Tanger entregou-se ao monarcha portuguez poucos dias depois. Foi logo alí restabelecido o culto catholico, e a

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 129.
(2) *Ib.*, t. I, p. 440.

este proposito ha uns versos de João Fogaça, 1
mendando *«um frade de observancia que ia por*
diam a Tangere.» (1)

Quando Dom Affonso v voltou ao reino veiu (
trar sua filha a Infanta Dona Joanna vivendo cor
o apparato de uma rainha; «e porque fazia sem
sidade grandes despezas, e assy por se evitarem 1
escandalos e prejuizos que em sua casa por não 1
seda se podiam seguir» (2) foi mandada recol
mosteiro de Odivellas, d'onde veiu depois para (
vento de Jesus em Aveiro, aonde morreu com che
santidade. A esta peripecia palaciana parece ref(
o poeta Affonso de Carvalho apodando uma dam

> Por escusar ganharia
> de gualantes e donzellas,
> o que melhor vos seria
> *he freiria*
> *d'Aveiro,* mas não de Chelas. (3)

Com a morte de Henrique IV de Castella em
complicaram-se os tramas de casamentos das du
milias reaes; Henrique declarava por sua filha
Joanna *a Beltraneja,* e herdeira de seu throno pa
casasse com Dom Affonso v. Isabel por ter casad
Fernando de Aragão ficára desherdada; Dom .
so v acceitou as propostas, d'onde resultou a bata

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 180.
(2) Pina, *Mon.*, cap. 168, p. 532.
(3) *Ibid.*, t. III, p. 100.

ero. A cidade do Touro foi entregue a Dom Affonso por João de Ulhoa, que veiu a ser sogro do conde Marialva Dom Francisco Coutinho. Era capitão dos tes de el-rei Vasco Martins de Sousa Chicorro, que versos no *Cancioneiro;* (1) a primeira victoria de Affonso v foi a tomada de Çamora, e das traições se venceram veiu o adagio portuguez: «*N'um dia se tomou Çamora*». Em uns versos de Gil de Crasfere-se á batalha de Toro e á tomada de Çamora:

> se falarem na *batalha,*
> nam digaes que foste preso;
> mas mostray-vos barbiteso,
> sem tomar de nemigalha.
> Dizei-lhe: Se eu lá fôra,
> nem creas que me ficara,
> que primeiro nam *tomara*
> *a ponte e mais Çamora.* (2)

Foi em 1476 que se deu a celebre batalha do Toro, em que ambos os exercitos se arrogaram as honras da victoria; n'esta batalha se acharam Dom Anrique Anriques, mordomo-mór de el-rei, e commandante da sua brigada. D'este cavalleiro ha varias coplas na collecção de Resende. (3) Figurou tambem com o Almirante, seu irmão e poeta Dom Affonso Henriques. (4)

Os poetas Ruy de Mello, Gonçalo Vaz de Castello Branco, Ruy de Sousa, e o Alferes da Bandeira Duarte

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 253 e 280.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 458.
(3) *Ibid.*, t. III, p. 123, 151, 154, 241.
(4) *Ibid.*, t. III, p. 151, 154.

de Almeida, aí figuraram. Este Dom Gonçalo V
Castello Branco era filho de Lopo Vaz de C
Branco, Monteiro-mór de Dom João I e de Dom
te, Alcaide Mór de Moura; sua mãe chamava-se
Catharina Vaz Passanha, filha de Micer Antonio
sanha, que morreu em Alfarrobeira. Gonçallo V
Castello Branco foi segundo genito, escrivão da
dade e Vedor da Fazenda de Dom Affonso V e s
de Villa Nova de Portimão. No *Cancioneiro* ha de
Gonçalo de Castello Branco apenas esta copla:

> Se ousara nomear,
> já tivera dito quem
> me pode dar com amar
> saude que de ninguem
> até qui quiz acceitar,
> Por todo meu mal guardar
> ha sarar quando disser
> o nome d'esta mulher. (1)

O outro poeta Ruy de Sousa, era filho de Ru
mes da Chamusca e de sua terceira mulher Don
licia de Andrade, filha de Alvaro de Andrade,
de Dom Affonso V em Flandres. Ruy de Sousa
com Dona Leonor de Noronha, filha de Dom Ma
de Castello Branco, primeiro Conde de Villa-No
Coudel-Mor apoda Ruy de Sousa por lhe levar ses
e nove reaes por uma carta de seguro; (2) Alvaro B

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 60.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 169.

cita-o como auctor dos *Momos*, que se fizeram nas festas da Imperatriz; (1) em João Barbato tambem ha um apodo a este poeta:

> Depois d'isto começado
> vós dissestes uma cousa
> pois já tal é meu pecado,
> amigo sêde lembrado,
> nam no saiba *Ruy de Sousa*. (2)

O poeta Ruy de Mello, que esteve na batalha do Toro, era filho de Antonio de Mello e de Dona Antonia de Castro. Casou com Dona Isabel de Menezes, a *Formosa*, dama da rainha Dona Isabel, mulher de Dom Affonso v, e depois camareira-mór da princeza Dona Joanna, filha da rainha. Foi Alcaide-mór d'Elvas, como se vê por um apodo que junto com Alvaro Barreto mandou a Garcia de Resende. (3)

De todos o que mais se distinguiu na batalha do Toro foi o Alferes da Bandeira, Duarte de Almeida. D'elle diz Ruy de Pina, falando da perda da bandeira: «a qual nam foi aquelle dia tomada das mãos de Duarte de Almeida, alferes pequeno, até que lh'as primeiro nom deceparam com outras infindas feridas, que no rosto e em todo o corpo houve, de que escapou. E a tanto mal se estende o mao sobcedimento das cousas, que este Alferes, a que tanta honra e riqueza apoz isto

(1) *Canc. ger.*, p. 276.
(2) *Ibid.*, p. 478.
(3) *Ibid.*, t. III, p. 628.

se devia, viveu depois aleijado e prove, e não cc
lardam disso, de tal serviço.» (1) Nos apodos d(
João Manoel ás pancadas de um tiple em um
escreveu Duarte d'Almeida:

> O tipre vi que cantava
> altas vozes: mata, mata,
> no tenor assy soava
> outava como a quarta. (2)

Não apparecem mais versos d'este poeta, p
como não pertencia á aristocracia, ninguem se lem
de recolher os seus versos.

Na batalha do Toro tambem se distinguiu,
Alferes do principe Dom João, Lourenço de Fari
que achamos apodado no *Cancioneiro* por Do
drigo de Monsanto e João Fogaça, pela *manei*
mandava a um seu escravo que curasse uma sua

> Lourenço: «Comprar
> Pastel de pão alvo»
> dizendo ao escravo
> « querer já chofrar.»
> Escravo com medo:
> —senhor chofrarei—
> Lourenço: « azedo,
> asinha, dom perro
> az para moley.» etc. (3)

(1) Ruy de Pina, *Chron.*, cap. 191, p. 562.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 90.
(3) *Ibid.*, t. II, p. 106.

Este Lourenço de Faria era filho de Alvaro de Fa- ... e seu avô distinguira-se na batalha de Aljubarrota; ... mãe chamou-se Dona Isabel da Silva. Lourenço de ... ia foi Monteiro-mór, Alcaide de Portel e do Senho- ... de Evora Monte. Foi casado com Dona Joanna de ... ronha. No *Cancioneiro* não se encontram poesias ... as, mas o apodo palaciano não o atacaria se elle se ... pudesse defender com eguaes armas.

Depois da indecisão da batalha do Toro, Dom Af- ... so v vendo enfraquecer o seu partido em Castel- ... e ao mesmo tempo consolidar-se o throno de Fer- ... ndo e Isabel, mandou uma embaixada a Luiz XI pa- ... lhe pedir auxilio. O escolhido foi o mais apodado ... poetas do *Cancioneiro*, Pero de Sousa Ribeiro, que ... i em 1477 enviado ao monarcha francez. Diz Ruy ... Pina: «E d'alí (do Porto) foi enviado *Pero de Sou-* ... noteficar a El Rey de França a yda del rei Dom Affonso, que de todo hy foi determinada.» (1) O poe- ta Pero de Sousa Ribeiro era filho segundo de João Ro- drigues Ribeiro de Vasconcellos, senhor de Figueiró e Pedrógam e de Dona Branca de Menezes e Silva, filha de Ruy Gomes da Silva. Pero de Sousa, foi commen- dador e Alcaide-mór de Pombal, e casou com Dona Joanna de Lemos, filha de Gomes Martins Lemos, se- nhor da Trofa. (2) O Barão Diogo da Silveira, Jorge da Silveira e Luiz da Silveira apodaram Pero de Sou-

(1) Pina, *Chr.*, cap. 193, p. 567.
(2) Sousa, *Grandes de Portugal*, p. 347.

sa *«sobre uma capa franceza que fez.»* (1) O velho Conde de Vimioso defendeu-o contra os que enculpavam trajo francez. De Pero de Sousa ha tambem uns versos a Dona Maria de Menezes, *estando para casar:*

> Sey o mal do casamento
> porqu'uma vez já casei... (2)

Entre os graciosos apodos feitos na côrte a Pero de Sousa, em um *das Donzellas da Infanta Dona Joanna,* se allude ao logar do seu nascimento:

> Avemos d'elle gram dó,
> fidalgo velho e honrado;
> em triste dia mingoado
> *naçeo elle em Figueiró.*

Entre outros chascos se lê:

> Faz mil geitos n'um serão
> com que faz a gente rouca
> de rir, e não já em vão
> traz um cabello na mão
> melhor c'açay d'uma touca. (3)

E da sua avançada edade:

> Vós de tantos filhos padre
> vós, que já tres reis lograstes,
> s'enfadastes sua madre
> como na filha cuidastes?

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 122.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 27.
(3) *Ibid.*, t. III, p. 221.

> Pois já sois o derradeiro
> d'aquelle tempo primeiro
> cumpre-vos mais repousar,
> que trovar, nem namorar,
> Pero de Sousa Ribeiro.

Pero de Sousa escreveu os versos para o singular mo de Santos, de 1490, (1) tendo antes tomado te no processo do *Cuidar* e *Suspirar*. (2)

Pero de Sousa teve entre outros filhos o poeta Simão de Sousa, que casou com Dona Catherina Anriques, filha de Dom Anriques o velho, e segunda vez com Dona Brites ou Leonor da Silva, de quem teve dois filhos, ambos poetas do *Cancioneiro*, Manoel de Sousa e Francisco de Sousa.

Do que succedeu no reino com a ida de Dom Affonso V a França, e com os primeiros golpes que D. João II começou a dar nos prepotentes validos de seu pae, temos grandes referencias em uns versos do Coudel-Mór «*a Anrique d'Almeida, que lhe mandou pedir novas das côrtes que El-rei Dom João fez em Monte-Mór o novo sendo principe, o anno de setenta e sete, sendo El-rei seu pae em França:*» (3)

> No mez de janeiro
> e anno de sete,
> na era que mete
> dez setes primeiro,

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 395.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 29.
(3) *Ibid.*, t. I, p. 136.

em moor Monte novo
os povos se ajuntam,
respondem, perguntam
mil cousas de provo.

Ali se refere á ameaça feita por Dom João II a Dom Jorge que foi cardeal de Alpedrinha, e a Dom Pedro de Noronha, filho do Arcebispo de Lisboa, inimigo do Infante Dom Pedro, e de uma amasia Branca Dias Perestrella:

Lisboa que sonha
no *cardealado*,
moordomo *Noronha*
tambem deputado,
hy é Portimão,
Alvito, Penela,
Beringel, Canella,
que faz o sermão.

Com barba de Mouro
tomar recoveiro,
um zunzun de besoiro
em som lastimeiro.
Quem macho alcança
se ha por bençam
mil falàs de França
por este viram

O Coudel-Mór referia-se ás desillusões que Dom Affonso V encontrára nas promessas de Luiz XI, pela indiscrição de falar na amisade do duque de Borgonha, com quem contava, ao seu maior inimigo. O Coudel tambem fala nas pazes com Castella, quando diz:

> *Rainha, Fernando*
> cá dizem que vem,
> com fama lançando
> d'Ocres que já tem,
> e vem muy per vista
> em calça Sevilha
> nam é maravilha
> queremos dar vista.

Os golpes que Dom João II tinha de descarregar sobre a nobreza que seguia o duque de Bragança, acham-se revelados n'estes versos do Coudel-Mór:

> E pois vosso olho
> todo isto vê bem,
> as vossas convem
> lançar em remolho.

Em 1480 o Bispo de Evora Dom Garcia de Menezes é mandado com uma grande frota contra os turcos; encontramos uma referencia a este successo nos apodos a um fidalgo que no serão d'el-rey se metteu em uma chaminé e fez seus feytos n'um brasciro, e diziam que era *um dos capitães que hyam a Turquia* com o conde de Tarouca.» (1) No *Cancioneiro* não se descobre o nome d'este capitão que soffreu as mais engraçadas e desenvoltas chufas dos palacianos; mas nos *Nobiliarios* manuscriptos apparece-nos o nome de Garcia de Mello, o *Brazeiro,* tambem citado em uma trova de Nuno Pereira. (2) Portanto não hesitamos em lançar á conta d'este

(1) *Canc.*, t. III, p. 443.
(2) *Ib.*, p. 156.

fidalgo as apimentadas trovas que Garcia de Res(
intitulou *As do Braseiro*. Garcia de Mello era ter(
filho de Vasco Martins de Miranda, talvez esse ap
do nos *Porquês* anonymos, que appareceram nos p
de Setubal:

> Porque *Vasco de Miranda*
> nunca deixou de furtar? (1)

Garcia de Mello o *Brazeiro*, casou com Dona G
mar Henriques, e foi capitão de Çafim, aonde mo)

Em uns versos de Alvaro de Brito tambem ha
satyra á confusão dos estados, e se nos lembrarmo
que este poeta esteve em Alfarrobeira, logo se (
prehende o porque condemnava as reformas de
João II. Dom Affonso v regressou a Portugal m
mente morto, e veiu expirar no seu desalento nos
ços de Cintra, em 1481, com quarenta e nove ann(
edade. Ao ultimo successo d'este periodo escreve
varo de Brito:

> Lembra-me tempos passados
> todos de triste viver;
> sey morrer
> senhores d'altos estados;
> sey morrer *o nosso rey*
> *dom Affonso*, muy amado;
> como criado,
> sa morte senti chorey. (2)

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 240.
(2) *Ib.*, t. I, p. 233.

adaver de Dom Affonso v foi logo, como diz
Pina: «Com muita sollenidade e grande tris-
vado ao Moesteiro da Batalha, honde foi sepul-
a Casa do Cabydo...» O que a *Chronica* cha-
ande tristeza, apparece-nos no *Cancioneiro* ser-
de motivo de risota, na poesia que tem a rubri-
De Nuno Pereira, a uma Dama, da maneira que
via de guarnecer uma mula em que fosse, *partin-*
El-Rrey para Batalha a fazer o saymento del
eu pay,» etc.:

> Meus olhos e minha vida
> d'oje mais me avey por vosso,
> vos sereis de mim servida
> n'esta hyda
> se nam s'eu nada nam posso,
> de mula e goarnimento
> e sombreiro de guedelha
> *que vá lá no saymento*
> antre cento
> nem vejays vossa semelha.
> ....
> Ennovar bem me queria
> antr' est'outros cortezãos,
> *com cyrios de confraria*
> e metaria
> encanados e nam sãos.

conde de Tarouca tomou parte n'este apodo; re-
lo-se a um costume que ainda hoje existe no Al-
:

Senhora, pois que tecido
esqueceu n'esta receita,
eu vos mando um de *empreita*,
que de Çeita
me trouxerão guarnecido.
E pois hys para a Batalha
a seer n'este saymento,
huns alforges com bytalha
que nemigalha
levae por avisamento.

Dom João de Menezes apoda a dama com o s
bolo juridico da edade media:

Por fazer causa enovada
hyrês ao revés na sela,
ó rabo mui bem pegada
escanchada
faça que quizer *burrella.*

O novo monarcha partira de Beja para celebr
saymento de seu pae; nos versos com que Francisc
Silveira termina este apodo, diz o mesmo á infeliz da

falarão de vós em Fez
e mais dez
fareys rir de vós em Beja. (1)

Com a acclamação de Dom João II muitos po
abandonaram a côrte, satyrisando os costumes que
tr'ora lhe agradavam. Nos versos de João Rodrigue

(1) *Canc.*, t. III, p. 92, 101.

tello Branco se faz o retrato da côrte do monarcha cido na impotencia, e das novas alterações produzipor seu filho:

Mas quem é bem enfreiado
e tem vergonha no rosto,
vê o tempo mal desposto
para ser muyto medrado.

...

Sam fóra de requerer
veadores de fazenda,
officio, nem commenda
já nam espero de haver.
Já me não dá de comer
senão minha fazendinha;
rey nem roque, nem rainha
não queria nunca ver.

O pagar das moradias
é o que mais me contenta,
o despachar da ementa
as madrugadas tam frias.
Trabalhar noites e dias
por ser na côrte cabidos,
e os tempos despendidos,
ficar com as mãos vasias.

Armadas idas d'além
já sabeis como se fazem,
quantos cativos lá jazem,
quantos lá vão que não vem.
E quantas esse mar tem
sumidos, que não parecem:
e quam cedo cá esquecem
sem lembrarem á ninguem.

E alguns que sam tornados
livres d'estas borriscadas,
se os ys vêr ás pousadas
achayl-os esfarrapados,
Pobres e necessitados
por muy diversas maneiras,
por casas das regateiras
os vestidos apenhados. (1)

É este o espirito da historia do reinado de I
Affonso v, e o ponto aonde começa a formar-se o t
nacional do *fidalgo pobre*. Estudada a epoca pelas
ferencias do *Cancioneiro*, retratemos agora os vi
mais distinctos que floresceram n'ella.

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 295.

CAPITULO II

Alvaro de Brito Pestana

Epoca provavel do seu nascimento em 1432.—Segue o partido do Duque de Bragança contra o Infante Dom Pedro.—Rompe o fogo no crime de Alfarrobeira em 1449.—Acompanha a Imperatriz da Allemanha, e demora-se na Italia em 1451.—Era amigo de Alvaro Barreto.—Seu parentesco com a familia dos Silveiras do *Cancioneiro*.—Relações com o poeta Diogo Reimoto.—Apparece nas *Moradias* de Dom Affonso v em 1469.—Relações com Nuno Pereira, na côrte de Dom João II em 1483.—É perseguido pelos Magistrados de Dom João II por ter-se achado em Alfarrobeira.—Bajulação a Fernando e Isabel de Hespanha.—Canta a vinda da princeza Dona Isabel em 1490.—Chora a catastrophe do principe Dom Affonso em 1491.—Sua pobreza e seu caracter satyrico.—Frequenta a côrte de Dom Manoel.—Carta a Luiz Fogaça na occasião da peste de Lisboa em 1496.

Este poeta pertence á mais alta aristocracia, e é um dos distinctos membros da familia dos Pestanas, que figuraram na côrte de Dom Affonso v. Devia ter nascido pelo menos em 1432, por isso que nos Nobiliarios manuscriptos se diz que sua mãe fôra ama de Dom Affonso v. Era natural de Evora, filho de Affonso Rodrigues Alardo e de Dona Mecia de Brito.

O seu nome apparece pela primeira vez na historia, como um dos partidarios do joven Affonso v, e o que imprudentemente apressou a hora da desastre de Alfarrobeira, em 1449. Eis como Ruy de Pina revela este facto importante, e da mais absoluta veracidade, porque foi seu contemporaneo:

«Andando as gentes de uma parte e da outra provendo suas necessidades, buscando os cercados do Infante maneiras para se defender, e os mais d'El-rei para offender, aconteceu que certos bésteiros da gente del-rei tomaram uma encoberta, e se meteram escondidos em um arvoredo, que sobre a agua hy estava, d'onde sem serem vistos faziam tiros aos do arrayal do Infante, de que alguns desavisadamente caím mortos e feridos. E *Alvaro de Brito Pestana,* que tinha então carrego dos espingardeiros d'el-rei, lhes mandou outrosi que de um cabeço em que estavam tirassem aos do Infante em que se fez algum dano, e o Infante vendo começos de tanto mal, pellò em alguma maneira desviar, mandou poer fogo a algumas bombardas que trazia encarretadas, e que tirassem aos do cabeço de que cria que o dano recebido procedia d'onde por máo tento e pouco resguardo d'algum bombardeiro dos do Infante sahiu a pedra de uma bombarda, que foi dar junto com a tenda de El-rei, sobre que muita e nobre gente logo acudiu, cuidando que na pessoa d'El-rei fizera algum dano, como publicamente se disse, o que não fez. E porém foi por isto tanto o alvoroço na gente d'el-rei, e com tamanha indignação contra o Infante e os seus que logo sem outro mandado nem repartida ordenança de peleja como se esperava, guiados somente de sua sanha, deram mui fortemente no arrayal do Infante...» (1)

(1) Ruy de Pina, *Chron. de Dom Affonso V*, p. 422, cap. 120.

Este facto não foi desconhecido a el-rei D. João II; isto explica a pobreza do fim da vida que este poeta soffreu. A familia dos Pestanas, talvez em attenção a este crime, adquiriu grande importancia na côrte. No *Livro das Moradias da Casa de Dom Affonso V*, vem o nome de Alvaro de Brito Pestana, bem como o de João Pestana, Affonso Vasques Pestana, Duarte Pestana e Manoel Pestana, talvez seus irmãos e primos.

Alvaro de Brito figurou na côrte logo como poeta, e talvez pelo facto de se distinguir nas justas e momos que se fizeram em Lisboa em 1451, quando Dona Leonor, irmã do rei, casou com Frederico III, imperador da Allemanha, mereceu o favor de ser um dos cavalleiros escolhidos para acompanhal-a na viagem. Em uma Carta de Pero de Sousa, senhor do Prado, dirigida ao Duque de Bragança Dom Jayme, descrevendo a ida da Imperatriz para a Allemanha, allude a este poeta: «O Marquez (de Valença) ficou ali e foi-se por outro caminho para Roma, e d'ali foi com elle João Freire e Diogo de Mello, e *Alvaro de Brito,* e Affonso de Miranda, e Pero Caldeira, e Fernão Martins, filho de Luiz Alvres, e estes foram com elle a Roma, e com elle sempre andaram e vieram até Portugal de Pisa...» (1) Nos versos que Alvaro Barreto dirigiu «*a el-rey Dom Affonso*» falando dos que se distinguiram nas festas da Imperatriz cita o nome de João Freire, Diogo de

(1) Sousa, *Provas*, t. I, p. 646.

Mello e *Alvaro de Brito.* (1) Apezar d'esta viage Italia, Alvaro de Brito não deixou nos seus vers minimo vestigio da influencia de Petrarcha; em 1 estava a eschola hespanhola no seu esplendor. Coı tado em uma questão de casuistica de amor, abon com João de Mena com o respeito de quem assisti periodo da sua gloria:

> Conformes a tal tençam
> Mancias, Pares, Elena
> e com estes *Joam de Mena*
> *Joam Roiz del Padram.* (2)

Este respeito explica-nos o caracter da sua poe Os Nobiliarios não falam do seu casamento; e é crêr, que morresse solteiro, o que se explica por caracter excentrico, aggressivo e satyrico proprio velhos celibatarios. Dos seus amores da mocidade uma certa Dona Margarida, fala Alvaro Barreto, velando que elle e o Barão de Alvito Dom Diogo L passavam a sésta com a complacente dama.

Alvaro de Brito tem umas coplas de louvor, uma afabilidade quasi paternal, a Dona Mecia de Ab a quem chamava sua prima:

> Vossa vergonha me apressa
> fremosa *prima* de Abreu. (3)

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 277.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 382.
(3) *Ibid.*, t. I, p. 235.

No *Nobiliario* da grande familia dos Silveiras, escripto por Dom Luiz Lobo da Silveira, começa-se pelos tanas de Evora. Ora esta Dona Mecia de Abreu era a de Nuno Martins da Silveira, homem honrado do tempo de Dom João I e de Dom Duarte, de quem foi escrivão da Puridade, Coudel-Mór, e vedor das obras do reino; era sua mãe Dona Leonor Gonçalves d'Abreu, filha de Gonçalo Annes de Abreu, senhor de Castello de Vide. Esta *formosa prima* de Alvaro de Brito foi segunda mulher de Dom Fradique de Castro *o bagarrette*. Não obstante isto, Alvaro de Brito foi considerado na côrte como um dos mais profundos poetas amorosos. Quando elle appareceu na côrte em 1481, diante do juiz supremó, que sabia todos os promenores do crime de Alfarrobeira, já o poeta era velho. O Camareiro-Mór Dom João Manoel ao propor-lhe uma questão amorosa, vê-se obrigado a confessar, para desaggravo da sua edade, que o obrigaram a pedir-lhe essa consulta. Diz elle:

> Vossa muita descrição,
> gentil modo de trovar,
> fará crêr e confessar
> cousas de contradiçam.
> *Mas pois que esta altercaçam*
> *d'amores se nos ordena,*
> quem faz com elles querena
> sabe sua condição.

Isto referia-se a Alvaro de Brito já se não occupar de amores.

Entre os poetas da côrte de Dom Affonso v, que é um d'elles Diogo Reimoto, que apparece na n cula das *Moradias* de 1469. Reymoto, tambem lh dia versos, como se vê pela rubrica «*a Reymoto lhe pedio hum consoante pera bem.*»

> Pedistes-m' um consoante
> para bem:
> dou-vos rosto de cofem,
> e na mão um puxavante,
> n'ora mala que gallante
> O'Reymoto
> unhas brancas de minhoto
> pescoço de llogabante. (1)

Tambem Nuno Pereira, quando já estava fór côrte, allude satyricamente a este poeta:

> O gingrar do meu caseiro
> co' chyote, que traz roto,
> par deos verdadeiro
> qu' ey por prazer mais inteiro
> que ouvir motes ó *Reymoto.* (2)

Nuno Pereira estava resentido com Diogo Re to, porque foi este um dos poetas que o apodou exagerada privança que tinha com o principe João. Eis o seu apodo:

> Eu andei já a Picardia
> e a terra de Dalphym,
> França e a Lombárdia,
> e tam gram semsaboria
> nam se achará como em mim.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 206.
(2) *Ibid.*, p. 258.

Com toda minha frieza
nom sam eu tam semsabor
qu' escrevesse: *per' alteza*
do princepe nosso senhor. (1)

resposta de Nuno Pereira, descobre-se que Dio-
moto era muito gordo. É quanto resta da per-
ide d'este poeta do *Cancioneiro*, e por isso só
er tratado accidentalmente na biographia de
citasse. Nos versos de Alvaro de Brito tambem
o nome de Duarte Xira, que apparece na ma-
las *Moradias* de 1469.
o no principio do reinado de Dom João II, a
recebeu um notavel desenvolvimento em atten-
genio litterario da rainha Dona Leonor; o mo-
tambem tinha suas pretenções a homem de gos-
mador. Alvaro de Brito não tomava parte n'es-
ico discretar dos serões do paço, quando em
suscitou a celebre côrte de amor intitulada do
e *Suspirar*. A formosa dama Dona Leonor da
omeou-o por arbitro da questão:

Pois o feito vem concruso
da mão dos procuradores,
por não ir termo confuso
mandal-o vêr não m'escuso
alguns *grandes trovadores*.
Um seja Alvaro Barreto,
e outro *Alvaro de Brito*, etc. (2)

Canc. ger., t. III, p. 150.
Ibid., t. I, p. 74.

D'aqui se vê que os trovadores da nova côrte peitavam ainda como um vulto glorioso dos serõ paço d'outr'ora. Na *Sentença do Deos de Amor*, que estes dois já eram velhos:

> *Brito*, Barreto concordantes
> na sentença do entrego
> sempre sejam bons andantes,
> na cama nunca possantes,
> e tenham grande desejo. (1)

O que faria Alvaro de Brito um grande mest Amor, como o vêmos citado no *Cuidar e Suspira* 1483, seria entre outros versos que se perdera consultas que elle recebia, das quaes resta aind de Dom João Manoel, que o compara aos grande losophos:

> E pois sois outro Platão,
> esta duvida pequena,
> pondo no papel a penna
> m'a tireis do coração. (p. 381 — I)

A pergunta era qual dos males era maior, am uma mulher:

> Sendo ella muy fermosa,
> achal-a muito sentida
> de mim e muito queixosa,
> ou antes mui esquecida.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 202.

Alvaro de Brito responde:

> Com franca desposição
> senhor, sem tino nem *lena*,
> respondo ledo, sem pena
> á vossa gentil questão.

Resumindo a sua resposta pelas mesmas consoantes, resolve a questão n'esta bella quadra:

> Esquecida, desdenhosa
> mais mal traz, sendo querida,
> que a queixosa, senhora
> sentida nam esquecida.

Depois da morte de Dom Affonso v e da catastrophe dos Duques de Bragança e de Vizeu, Dom João II fez as pazes com Fernando e Isabel, e procurou casar seu filho o principe Dom Affonso, com a princeza de Castella. Quando a princeza Dona Isabel era esperada em Portugal em 1490, Alvaro de Brito fez umas coplas hespanholas «*pelo principe Dom Affonso que esperava pela princeza...*» A alliança do throno de Castella, que Dom João II não póde conseguir com a batalha do Toro, gorou-se com o desastre da morte do principe em 1491, caíndo de um cavallo abaixo.

Na *Floresta de Romances*, já publicámos umas trovas de Alvaro de Brito «*á morte do principe Dom Affonso, que Deos tem*».

Ho que queda tam sanhosa
pera chorar e carpir!
. . . .
Morreu nossa defensam
e morreu nossa liança,
morreu nossa esperança
de nom vir a sojeiçam.

Estas palavras de Alvaro de Brito foram prop
cas; por esta morte se originou a sujeição de Por
a Castella. Alvaro de Brito quiz comprazer com
litica de Dom João II, que fez alliança com Fern
e Isabel, esquecendo a batalha do Toro; o poeta ca
os dois monarchas de Castella em duas poesias em
cada estrophe é escripta com palavras que com
pela mesma letra, segundo as que se empregam no
me, seguindo a fórma de acrostico.

Por este artificio sem inspiração, se vê o es
para comprazer com a côrte. Eis a primeira estro
da letra *F:*

Forte, fiel, façanhoso,
fazendo, feitos, famosos;
florescente, frutuoso
fundando fins frutuosos.
Fama, fé fortalezando
famosamente florece;
fydalguias favorece
franças franquezas firmando.

Não se póde chamar a isto *aliteração,* por que
tem naturalidade, e muito menos, poesia. Estes ve
seriam escriptos quando Alvaro de Brito frequent

como se conhece por um epigramma que fez a Dias, guarda das donzellas do paço. Mas apesar os lindos versos amorosos e moraes, o talento de de Brito chamava-o para a Satyra; um poeta *ancioneiros* hespanhoes, chamado Anton de Monez uns versos á rainha Isabel de Castella, que co- com esta disparatada hyperbole:

Alta reyna soverana
sy fuerades ante vós
que la hyja de Sant'Ana,
de vos el hyjo de Dios
recebiera carne humana.

varo de Brito desanca-o d'esta sorte, accusando-o hereje, e pondo-o em risco de ir á fogueira:

De vós, Montouro, brosnada
vi esta vossa cantigua,
que da *Toura* mui antigua
me parece ser forjada.
Que troveis tam d'avantagem
como tendes grande fama,
traz a orelha achei escama
d'onde vem vossa prumagem.
Vos mostraes por vossa mão,
que enxertado em Christão
sois em fazer um tal gabo,
tentando como diabo
a rainha tão em vão.

Mas se vós dissereis tal
nos reinos de Portugal,
logo foreis dom Roupeiro,
com um baraço d'azeiteiro
ao fogo de Sam Barçal. (p. 241)

Não era a primeira vez que se queimavam jud(
em Portugal; na satyra contra o escrivão Pero Di
lá fala de:

Um judeu que foi queimado
no Recyo por seu mal. (p. 218)

Na poesia amorosa, é Alvaro de Brito um dos m
proximos da tradição provençal; elogiando a formos
ra de uma dama da côrte, dá a entender que ella e
casada:

Falar em vossa bondade
vosso *estado* m'o defende,
por nom dar authoridade
ao que a humanidade
juizo dar não entende.

Na poesia dos *Sete sentimentos*, á mesma dama
eguala os trovadores na casuistica amorosa. É por iss
que elle foi nomeado arbitro no processo do *Cuidar*
Suspirar, considerado pelos seus contemporaneos com
grande trovador.

Em 1496, ainda Alvaro de Brito cultivava a poesi
com esmero; a este tempo estava elle fóra da côrte, di
rigindo os seus versos a Luiz Fogaça, vereador em
Lisboa, a quem fez este elogio insuspeito:

Sei que sois dos regedores
d'essa cidade muy nobre
de Lixboa;
sei que mereceis honores,
nobre fama vos recobre
e tam boa.

Por saber que sois zeloso
d'honesto viver e certo,
limpo, craro;
com os taes sam desejoso
de fallar, e mais esperto,
menos caro.

A vós, a quem muito quero,
envio assi trovadas
minhas cobras; *(coplas)*
nam aguardo nem espero
vêr por isso mais louvadas
minhas obras. (p. 180)

[De]pois de Alvaro de Brito falar das causas da peste [L]isboa, e dos meios de a combater, conclue que é [me]lhor limpar as ruas e esterqueiras em vez de procis[sões e r]omarias. Que satyra do viver da côrte no fim do [seculo] xv! Parece um espirito da tempera de Gil Vi[cente], ou um observador como Clenardo; elle conde[mna as] superstições, a falta de arruamentos, os sobornos [dos f]unccionarios publicos, e sobre tudo a avidez do pe[queno] commercio de regatear e vender, e da usura.
[A] peste a que elle allude é a de 1496. (1) Este Luiz [Foga]ça era neto do poeta João Fogaça, tantas vezes ci[tado;] era filho de Ayres Ferreira e de Dona Isabel Fo[gaça.] Em 29 de Septembro de 1469 fez-se o inventa[rio pe]la morte de seu pae. É provavel que Luiz Fo[gaça c]ultivasse a poesia; no *Cancioneiro* não se encon[tram] poesias suas, mas Alvaro de Brito que lhe escre-

(1) *Epidemologia portugueza*, p. 228, 231.

via em verso é porque lhe conhecia certa predilecç
pela arte.

N'estes versos fala Alvaro de Brito da sua pobrez

> Senhor meu Luys Fogaça
> sempre fui vosso amigo
> Deos o sabe;
> *Pobre sam*, não sei que faça,
> cousa começar não posso
> que se acabe.

Estes versos são na fórma estrophica usada p
Jorge Manrique, que Alvaro de Brito imita com muit
felicidade.

Escripta em 1496, ainda n'esta poesia fala Alvar
de Brito nas intrigas da côrte nos ultimos annos do rei
nado desastroso de Dom João II:

> Consiro em tal vivenda
> qual vivemos, d'emborilhos
> descontentes;
> em desamor, e contenda
> os irmãos e paes e filhos
> e parentes.

Alvaro de Brito era pobre, não só como elle o con
fessa no verso *pobre sam*, mas como mais claramente
se evidencia nas coplas «*a el-rei, porque o mandou ao
esmoler, pedindo-lhe mercê:*

> Menospreço desconsola
> a verdade bem se vê:
> que quem merece mercê
> nom espera por esmola. (p. 200)

tes versos eram feitos a Dom João II, que se lem-
da que o poeta seguira o partido do Duque de
nça na batalha de Alfarrobeira em 1449 contra
nte Dom Pedro. Em outra cantiga conta Alvaro
ito os perigos da côrte com o novo monarcha:

> Sem pena ou sem favor
> nem per graça devinal
> nam pode bom servidor
> medrar n'este Portugal. (p. 201)

n outra sua copla aos Escrivães de fazenda, diz
les têm o que elle já teve e que el-rei lhe deve.
nas trovas, glosando em cada estrophe, desde o
ro até ao ultimo verso do poema a composição
mareiro-Mór Dom João Manoel, *Cuidados dei-
s agora,* diz uma rubrica «fengyndo navegando
rmenta.» Que tormenta era esta, senão os desas-
a côrte?

> N'este negro navegar
> grandes agonias sento,
> em largas contas passar
> sam acêrca de dobrar
> com tormento meu tormento.
> Arvor seca vou correndo
> *sobre bancos de discordia,*
> antre baixas-me perdendo,
> nem destreza me valendo,
> nem pedir misericordia. (p. 204)

tes versos são a uma dama esquiva, mas conhe-
que encobrem um queixa real. É natural que Al-

varo de Brito soffresse alguma confiscação de bens, po: que elle não cessa de apodar os funccionarios; a Fei nam Vargas, *«que era muitas vezes juiz em Lisboa, n ausencia de outro»* lança-se este duro epigramma:

> Juiz de meio anno,
> tavanez,
> que para dez annos faz dano
> em meio mez. (p. 206)

Contra Pero Borges *«porque estando com febre lhe deu peor despacho que em são»* exclama:

> Vos, com febre, vos sem febre
> presumis de gram senhor,
> Pero Borges contador,
> demo soes em vez de lebre. (p. 207)

Tem outras trovas muito mais espirituosas. *«A Gryfo, sendo corregedor, porque lhe foi falar, e ell queixou-se:*

> Para que vos engrifaes,
> pois que comvosco não *rifo*.

Rifar, na linguagem do seculo xv, significava apodar, satyrisar. Outra trova *«a el-rey, queixando-se de trez desembargadores, que eram juizes d'antre elle e um villão»:*

> Senhor! Jam, Pero, Loys,
> trez da vossa Rollaçam,
> o que Deos não quer nem quiz,
> querem mostrar por rezam,
> querem salvar um vilão,
> querem condemnar a mim,
> querem fazer per Latim
> do nam sim, e do sim não. (p. 209)

Não acabam ainda aqui as suas pendencias com os strados; ha outra trova sua *«ao provisor Joam perante quem andava em demanda»*:

> Que rigor e que primor
> de Provisor?
> que regalos de Jam Gil,
> sobre rustico sutil,
> e sobre vil
> sem saber e sem sabor,
> servidor e servidor
> del-rei, contradiz el-rei, etc. (p. 209)

Eis outra rubrica accusando a sua perseguição: *«a de Ravoreda, porque lhe nam quiz pagar um desrgo e elle partia-se.»* A mais terrivel das suas sa-, é a que intitula: *«em louvor de Pero Dias, eso d'ante o corregedor da cidade de Lixboa»*. Dede mostrar como elle veiu do inferno falsificar as pturas, passa a mostrar o que os dois reis Dom uso V e Dom João II, que Pero Dias servira, lhe um dar em remuneração, levando-o ao pelourinho, lando-lhe cortar a mão direita, enterral-o ou estejal-o:

Isto tem bem merecido
a *dois reis* que mortos sam
sem de quanto tem servido
nuncà vêr, nem ter avido
nenhuma satisfação.
Mas praza ao rei divino
que ponha no coração
d'este nosso *rey benino*
que de tudo o que fôr dino
lhe mande dar galardão. (p. 221)

Estes versos foram escriptos depois de 1495
nando já Dom Manoel. O motivo d'estas queixa
nas palavras que Dom João II dirigiu ao Duq
Bragança: «E porém d'aqui não me escuso de
geral, *que com rigores dão a Juizes e Officiaes*
e assim será a rei novo, de que em seus principi
se escusam alguns aggravos...» (1) Alvaro de
auctorisa-se nas suas accusações com personage
côrte de Dom Affonso V:

Perguntem a *Dom João*
D'Abranches o nomeado,
e o Conde, seu irmão
e mais quantos aqui são, etc. (p. 218)

Em uma linda poesia mystica a Nossa Se
Alvaro de Brito fala das suas desgraças na côrte

Procuraram meus desejos
d'haver premios mundanos
muitos annos;
com trabalhos mui sobejos

(1) Pina, *Chron. de Dom João II*, p. 32.

Servi e segui mortaes;
deram-me por galardam
fraca raçam,
a menor de meus iguaes. (p. 231)

Lembra-me *tempos passados,*
todos de triste viver;
sei morrer
senhores d'altos estados,
Sei morrer o nosso rei
Dom Affonso, mui amado;
como criado
sa morte senti, chorei. (p. 233)

Alvaro de Brito tambem condemnou o principio da
dade burgueza, que ia desenvolver-se com o com-
io do Oriente:

Por trajos demasiados
em que todos sam iguaes
sam confusos,
os trez estados, danados,
alterados mesteyraes
em seus usos;
Nom devemos ser communs
senão pera Deos amarmos
e servirmos;
nam sejamos todos uns,
em ricamente calçarmos
e vestirmos. (p. 193)

Este poeta é o que melhor representa os costumes
sociedade portugueza dos fins do seculo xv; elle
rega as palavras francezas trazidas pelos fidalgos
acompanharam Dom Affonso v a França. Falando
governo, diz:

Nem por muito *reprochar*
nem me escuse de *reprocha*
e mal faço. (p. 197)

Assy me vou espedindo,
de *reprochar* m'envergonho. (p. 198)

Este bello quadro dos nossos costumes remat
uma confissão de dura pobreza:

Com a pobreza pelejo,
ella faz que triste seja
nam alegre. (p. 199)

Não se sabe quando Alvaro de Brito Pestan
reu; mas d'elle existem umas coplas com a epi
«*estando para se finar*», que são como uma esp
oração popular. Se nos lembrarmos de que fôra o
do arraial de Tanger, torna-se crivel que elle não
vivesse á peste de 1496.

Alvaro de Brito teve relações poeticas com
Gomes da Ilha e com o Coudel-Mór, que o aju
em seus versos. Apesar de condemnar a eleva
povo sobre os outros dois estados, ainda se re
sua glosa:

D'aquesta *cantiga velha*, (p. 239)

o que nos está mostrando, que o gosto da poesi
lar não tarda a assaltar os eruditos da Renasce

CAPITULO III

Alvaro Barreto o Gracioso, e os Monizes

Apparece pela primeira vez o seu nome na *Chronica do Conde Dom Pedro de Menezes.* — Relações com Martim Pirez, auctor da Livraria de Dom Duarte, antes de 1438. — Versos á morte do Duque de Coimbra, em 1449. — Sua filiação, segundo os *Nobiliarios.* — A anedocta do Commendador de Cassevel, fixa a personalidade de Alvaro Barreto. — Relações com o poeta Dom Alvaro de Almada, filho de Dom João de Almada. — Seu amor por Dona Filippa de Almada, poetisa. — Suas relações com a familia dos Monizes, poetas. — Ruy Moniz casa com Dona Filippa de Almada. — Em 1483 frequenta a côrte e toma parte no processo do *Cuidar e Suspirar.* — Motivo porque se perdeu a melhor parte das suas poesias. — O poeta Diogo de Mello, e o Barão de Alvito. — Alvaro Barreto apparece pela ultima vez citado em 1507.

São poucas as composições que restam d'este poeta; mas o gráo de importancia com que elle era consultado nas questões de amor a par de Alvaro de Brito, torna certo, que a melhor parte das suas poesias se perdeu. Essas poesias são cheias de referencias historicas, que lhe dão uma grande importancia litteraria. A primeira vez que se encontra o nome de Alvaro Barreto, é na *Chronica do Conde Dom Pedro de Menezes,* juntamente com um irmão de Luiz de Azevedo, militando ambos nas expedições de Africa. (1)

A sua antiguidade prova-se tambem pela poesia que escreveu junto com João Gomes da Ilha «*á morte*

(1) Azurara, *Op. cit.,* p. 456.

do Duque», que se deve entender o Duque de
bra, morto em Alfarrobeira em 1449, e não o
de Bragança, porque allude aos feitos de Godof
Bulhon e ao livro de Anibal, o que só podia c
com o aventuroso Infante Dom Pedro. (1)

Em uns versos dirigidos a Dom Affonso V,
do inducções depois de 1451, refere-se a Mar
res, o traductor da *Summa das Verdades da Th*
que já em 1438 se guardava na Bibliotheca
Dom Duarte: (2)

> ... nós montes é parceiro
> De *Martin Pires* bygorro... (3)

Todas estas referencias servem para determi
Nobiliarios manuscriptos qual é o poeta de que s
o Abbade de Perozello traz um Alvaro Barret
de João o Velho, de Vianna, creado do Duque
marães, existindo por 1463. Este João Velho e
po de Dom Manoel veiu como procurador ás côr
Vianna; casou com Leonor Gomes Barreto, filh
ral de Pero Barreto, alcaide-mór de Castro Ve
ordem de Sam Thiago. D'este casamento houv
lho chamado *Alvaro Barreto*, (4) que pelo peri
que floresceu seu pae, não póde ser o poeta do (
neiro.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 279.
(2) *Introducç. á Hist. da Litt.*, p. 251, n.º 78.
(3) *Canc. ger.*, t. I, p. 278.
(4) *Ms. do Abbade de Perozêllo*, t. III, fl. 116.

Ha um segundo Alvaro Barreto, filho de Duarte Barreto e de Dona Isabel Bayôa, o qual viveu em Alcacer do Sal; admittiriamos de preferencia este, se no Nobiliario manuscripto de Manoel Meyrelles de Sousa, não encontrassemos um *Alvaro Barreto,* conhecido pelo epitheto de Gracioso, com o qual ajustam muitas referencias do *Cancioneiro.* Era filho de Ayres Barreto e de Dona Isabel Lobo, filha de João Lobo, citado no *Cancioneiro* pelo Conde de Vimioso, (1) e aí representado como poeta, por duas coplas. Alvaro Barreto teve uma filha bastarda chamada Eiria, que casou com Francisco de Mello, commendador de Cassevel. Em umas trovas de Anrique d'Almeida Passaro, dá este um aviso a Dona Isabel da Silva: «*estando para casar com um velho, avisando-a do que aconteceu a João de Mello, commendador de Cassevel, que velho casou com uma moça.*» Em uns versos de Alvaro Barreto, ha uma allusão a este seu genro, commendador de Cassevel:

> O gram philisteu chamorro
> *Joam de Mello* copeiro...

Dá-o como parceiro de Martim Pirez, do tempo de Dom Duarte, e homem que ainda lía o *Joseph Abarymathia.* O manuscripto de Meyrelles de Sousa chama ao Commendador de Cassevel, Francisco de Mello, mas encostamo-nos antes ao seu contemporaneo Anrique de

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 127; t. III, p. 46, 58.

Almeida. No *Nobiliario* do Abbade de Perozello, s diz de João de Mello o *Cascavel: «o que casou velho»* teve um filho chamado Lançarote de Mello, apoda por João Affonso de Aveiro, e por Nuno Pereira. (1) graça da comparação com os amores do velho comme dador de Cassevel, está em que Dona Isabel da Silv como tambem se vê pelas satyras de João Gomes d Abreu, só era namorada por velhos:

> O Noronha de Ruão
> he da *Silva* namorado...
> ....
> Tem que passa dos outenta
> servidor n'esta cidade;
> e tem outros de quarenta
> na verdade. (2)

A anecdota do Commendador de Cassevel vem fixar a personalidade de Alvaro Barreto, a quem o epitheto de *Gracioso* seria dado para o distinguir dos seus homonymos. Nas *Moradias* da Casa de Dom João II ha tambem um Alvaro Telles Barreto.

A primeira composição d'este poeta é dirigida a Alvaro de Almada, filho de João Vaz de Almada, e neto de Alvaro Vaz de Almada, pedindo-lhe que lhe dê noticia ácerca dos conflictos entre o Duque de Coimbra e Dom Affonso V:

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 480.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 372.

> Micer Alvaro galante.
> presidente por teu pae,
> escreve-me como vae
> *os del-rei e do Infante.*
> De todos ponto per ponto,
> nam te falo no commum,
> mas dos que seguem bom conto,
> seja teu saber tão prompto
> que te não fique nenhum. (1)

texto é bem positivo, e por consequencia es-
lepois de 1447; os nomes que Alvaro Barreto
sta carta, são de partidarios do Duque de Bra-
que figuram nas *Moradias* de Dom Affonso v,
iogo Gil, Nuno da Cunha, João Gomes Limão,
Martins Moniz, Dom Garcia de Castro, Diogo
o e outros. Expliquemos algumas d'essas refe-

> E do gram doutor sotyl,
> poeta muy extremado,
> que das gentes é chamado
> per nome *Diogo Gil.*

ae d'este Diogo Gil era Gil Ayres Moniz, natu-
Alegrete, e segundo Dom Antonio de Lima Pe-
seu *Nobiliario,* fl. 345, era de baixa extrac-
ua mãe se chamava a *Trabusa;* Gil Moniz foi
da Puridade do Condestavel Dom Nuno Alva-
ira, e teve tres filhos que adoptaram o appellido
iz, quando o pae foi posto em honra.

Canc. ger., t. I, p. 272.

De Gil Moniz resta uma formosa poesia no *cioneiro* ainda sentida segundo o subjectivismc vençal; eis a primeira das seis estrophes:

Pois naci por vos amar,
e ser vosso ta morrer,
sem me partir;
eu nam devo recear
coytas, trabalhos soffrer
per vos servir.
Cá pois sempre vos amei
e vos amo certamente,
dizer posso,
que já nunca poderei
d'outra ser inteiramente
se não vosso. (1)

O primeiro filho d'este antiquissimo poeta foi *I Gil* Moniz, vedor da fazenda do Infante Dom Fe do, irmão de Dom Affonso v. Casou com Dona L de Sousa, filha de Ruy Gomes da Chamusca, a Alvaro Barreto apoda nos versos:

hum pouco menos de edade
de *Ruy Gomes da Chamusca*. (2)

D'este casamento teve Diogo Gil um filho cha Pero Moniz, reposteiro-mór d'el-rei Dom Manoel, o foi tambem poeta do *Cancioneiro*, (3) e casado Dona Isabel Henriques, filha de Francisco de Mir

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 486.
(2) *Ibid.*, p. 276.
(3) *Ibid.*, t. III, p. 41 e 357.

[illegible]ro Barreto cháma a este Diogo Gil *poeta ex-*[illegible], mas com certeza tambem se perderam as suas [illegible], porque no *Cancioneiro* ha d'elle apenas uma [illegible]e apodo, a uma dama, escripta em 1481, por [illegible] do saymento de Dom Affonso v. (1)

[illegible] carta de Alvaro Barreto encontra-se outra es[illegible] apodando um outro filho de Gil Moniz:

> De *Vasco Martins Moniz*,
> senhor de trotão morzello,
> *veador* longo e bello
> tam alvo como um gyz.
> O certo dizer m'envia,
> nam tardes, mas muy asinha,
> se acabou a perfia
> que este tempo trazia
> c'os sergentes da cosinha.

[illegible] uma carta a Dom Affonso v, Alvaro Barreto [illegible] referir-se a elle:

> *Vasco Martins*, veador,
> ingreme como bafordo,
> que nunca pode ser gordo,
> pero he gram comedor,
> Por se vos mostrar mais moço
> hu andamos com capuzes,
> ordena tal alvoroço
> com que mete no pescoço
> seu côlar dos alcatruzes. (2)

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 100.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 277.

Esta segunda estrophe explica o que significa
fia com os sergentes da cosinha. Vasco Martins
foi veador do Infante Dom João, que foi rei d
pre, e casou com Dona Leonor de Losinhão, o q
dizer a João Rodrigues de Sá, na declaração do
zões das familia:

> Ambalas armas reaes
> de *Chipre* e Jerusalem,
> com armas mistura tem
> de Moniz; mas estes taes
> a um só d'elles convem:
> um só a quem com resão
> chamem-se de *Lusinhão*,
> seu pae lh'o foi alcançar
> por se ajuntar e casar
> com tam alta geração. (1)

De Vasco Moniz não se encontram poesias n
cioneiro, mas ha de seu filho Phebus Moniz algu
sos de ajuda; este foi Reposteiro-mór d'el-rei Do
noel, e casado com Dona Maria da Cunha, filha d
çalo Corrêa, de Entre Douro e Minho, senhor do
de Farelães.

Do segundo casamento de Vasco Moniz, co
na Aldonça Cabral, filha de Fernão Cabral, sen
Azurara, Alcaide-mór de Belmonte, e Guarda-m
Infante Dom Henrique, nasceu outro poeta do C
neiro, chamado Jorge Moniz.

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 367.

Jorge Moniz era Guarda-mór do Duque Dom Diogo, lcaide-mór de Moura; e quando mataram o Duque, Dom João II tirou-lhe a Alcaidaria. Em umas trovas ereçadas ao Duque Dom Diogo por Dom João Ma-el, apodando umas pancadas que deu um tiple em um or e abbade em paga d'outras que recebera, Jorge oniz entrou assim no certâme:

> O nosso tripre medrou
> e tornou-se atabaqueiro,
> o tenor mui mais vozeiro
> do que soya cantou.
> A cantiga escutei
> e não dizia o tenor:
> *Donzella por cujo amor,*
> mas sin vergonça com temor:
> á que de Deos e d'el-rei. (1)

Jorge Moniz, escreveu esta copla antes de 1483; os poetas que tomaram parte no certâme, e que provavelmente pertenceram á Casa do Duque Dom Diogo, foram: Manoel Godinho, Fernão Godinho, Tristão da Cunha, Pedr'Omem, o Cantador Luiz Fernandes, João de Monte-Mór, Rodrigo Alvares, Bartholomeu da Costa, Ruy Lopes, Affonso Roiz, Duarte de Almeida, Rodrigo de Magalhães, Fernão de Castro, Gonçalo Gomes da Silva, Lionel Roiz, Affonso Valente, e Craveiro (Fernão da Silva) partidario do Duque.

Dom João II deu outras terras a Jorge Moniz em ompensação das que lhe tirou; foi depois Guarda-mór

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 86.

d'el-rei Dom Manoel, e senhor de Angeja, Bem
Figueiredo, e Pinheiro; casou com Dona Leon
reira, filha de Fernão Rodrigues. Em um dos ser
paço, o afamado Dom João de Menezes glosou
mote de Dona Leonor Pereira:

> Quem podesse saber, quem,
> sabe parte do meu bem. (1)

Dom João de Menezes, respondendo pelas
do paço a Fernão da Silveira, diz:

> *Dona Lianor Pereira*
> cobrou comvosco gram fama
> de dorida;
> ca chorou de tal maneira,
> que nunca vós vistes dama
> tam carpida, etc. (2)

O ultimo filho de Gil Moniz era Ruy Gil M
que Alvaro Barreto não cita, mas que era casad
Dona Filippa de Almada, filha de João Vaz
mada, e irmã de Alvaro de Almada, a quem fa
gida a Carta perguntando pelos do Rei e do In
No fim da Carta vem uma copla com a seguin
brica: «*Resposta da senhora Dona Felipa*». D'a
vê que a mulher de Ruy Moniz tambem cultiv
poesia, e que tanto os Monizes como os Almadas

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 111.
(2) *Ibid.*, t. II, p. 19.

ɪdade de Alvaro Barreto. Ruy Moniz foi The-
rda Moeda de Lisboa, e as suas poesias são as
scenas do *Cancioneiro*. É crivel que Ruy Mo-
e rival de Alvaro Barreto, desde que Dona Fi-
e Almada lhe escrevera, porque em versos de
niz vem a rubrica *«nam estando bem com sua
or favorecer outro»*:

> Poys pesar-me rasão he,
> *por serdes de tal linhagem*
> mays que per vossa menagem
> quebrardes nem vossa fé. (1)

a Filipa de Almada era neta de Alvaro Vaz de
.; e citando Alvaro Barreto os nomes de Diogo
e Vasco Martins Moniz, occulta acintemente o
e Ruy Moniz.

a Filippa de Almada figura no *Cancioneiro* de
, sendo ajudada pelo Coudel-Mór, Ruy de Sou-
hado de Diogo Moniz, Ruy Gonsalves Reixa e
Peixoto. Os seus versos são como uma resposta
de Ruy Moniz:

> E se es de mim amada
> assy es de mi servida,
> que muyto serás culpada
> em me ser desconhecida.
> Lembra-te que te servi,
> e amei tam de verdade,
> depois que te conheci,
> que nunca mudei vontade. (2)

Canc. ger., t. I, p. 495.
Ibid., t. I, p. 500.

A formosa e esquiva poetisa escreve:

> Mais me praz, que assi viva
> no limbo d'estes favores
> que vossos tristes amores
> me darem vida cativa.
> Pesa-me, que o mal vosso
> já cuydei de não ser mal;
> praz-me, porque sei e posso
> crêr agora de vós al. (1)

Seria n'um d'estes momentos de amante de
que Ruy Moniz escreveu essas tres poesias
do *Cancioneiro,* que pintam uma das faces da
laciana retratada tambem nos Autos de Gil
O certo é que os Nobiliarios dão Ruy Moniz cas
Dona Filippa de Almada.

Este facto explica-nos o motivo porque se
varo Barreto um dos grandes mestres de amor
tado como arbitro em 1483 no processo do *C*
Suspirar, não apparecem d'elle poesias amoros
serem todas de decepção:

> Quem se vê muy longe ser
> do que deve de cobrar,
> mais lhe val desesperar
> que vã esperança ter. (2)

Parece que a dama que Alvaro Barreto anti
servira, lhe pedira uns versos, ao que elle resp

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 589.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 285.

Alego primeiramente
que lei d'estes reinos he,
quem fôr velho ou doente,
tanto que provado lh'é,
Nam deve ser requerido
para servir com senhor...
....
E por que té este ponto
sam velho em vos amar,
já entro n'aqueste conto
sem me poder escusar.

sultado para decidir nas côrtes de amor de 1483, Barreto decidiu pelo *suspirar;* o grão de resse merecia na côrte, vê-se pela consulta do Cou-, propondo-lhe a questão: se o partir dá maior ou o chegar maior prazer:

Quem bem sabe em tudo sabe,
e porém d'aqui concrudo
que a vós, que sabes tudo
a solver as questões cabe. (1)

aro Barreto tambem foi um dos que apodou a grotesca de Garcia de Resende; (2) o chronista he galante, com pretenções a formoso, e ser- de arrebiques para parecel-o. Garcia de Reque se vingou de Gil Vicente, deu prova de que az de fazer o mesmo a Alvaro Barreto excluindo collecção os seus versos.

Canc., t. I, p. 166.
Ibid., t. III, p. 628.

Alvaro Barreto continua na sua carta pergu
a Alvaro de Almada:

Do Alcayde de Tavila
o qual sempre Deos ajude
m'escreve, se é de saude,
nam me falando mentira.

A graça d'esta pergunta está nas seguintes all
o poeta Jorge Furtado, filho de Nuno Furtado d
donça, Aposentador-mór de Dom Affonso V, e de
Leónor da Silva, era neto pela parte materna
caide-mór de Tavira; e Antonio de Mendonça,
de Jorge Furtado, e tambem poeta, foi casad
Dona Isabel de Castro, filha de Fernão de Alma
gundo Conde de Abranches. (1) Alvaro Barreto all
maliciosamente a este ultimo neto do Alcaide d
vira; Antonio de Mendonça figura no *Cancionei*
apodos contra as carapuças de solia, contra a ga
de Lopo de Sousa, e contra as ceroulas de cha
de Manoel de Noronha. (2) Antonio de Mendon
segundo commendador de Veiros, do Cano de S
Lavre na Ordem de Aviz. Seu irmão Jorge Fu
de quem descendem os Condes do Rio Grande, ta
figurou nos apodos a Dom Anrique, filho do Ma
por ter mandado um cruzado a Dona Maria de
zes, com quem andava de amores. (3) D'esta f

(1) Sousa, *Grandes*, p. 585 e 586.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 115, 122 e 139, 287.
(3) *Ibid.*, p. 287.

apparece no *Cancioneiro* outro poeta, Affonso Furtado, filho do Anadel-mór de Besteiros, senhor da honra de Pedroso, e de Dona Isabel Osorio. Affonso Furtado herdou os cargos de seu pae, e casou com Dona Constança Nogueira, filha de Affonso Anes Nogueira, alcaide-mór de Lisboa. (1)

O Alcaide-mór de Tavira chamava-se Manoel de Mello, e era casado com Dona Brites da Silva, de quem ... Ruy de Mello, que tambem figura no *Cancioneiro* casou com Dona Guiomar de Mello.

Um outro poeta citado por Alvaro Barreto, é o en... Diogo de Mello; a sua vida está ligada aos ... desastres da historia portugueza do seculo xv, ... da batalha do Toro, seu pae Lopo Vaz de Castello Branco, pelo facto de ter seguido o partido de Castella foi mandado assassinar por Dom João II em 1478, apesar de já estar arrependido. A fórma do assassinato foi odiosa e infame. Dom João II mandou Diogo Gil, o Magro, Ruy Gil, João Palha e Mem Pa..., que se fingiram fugitivos da justiça, pedindo abrigo ... Lopo Vaz de Castello Branco, no castello de Moura; depois que se viram acolhidos assassinaram-n'o. (2) O ... Diogo de Mello devia forçosamente revoltar-se contra quem mandou assassinar seu pae; é sobre esta ... moral que se funda a sua vida. O assassino Diogo Gil, fôra escudeiro do Conde Dom Pedro de Mene-

(1) *Canc. ger.*, p. 121.
(2) Ruy de Pina, *Chron. de D. Affonso V*, cap. 204, p. 586.

zes; (1) na casa de Vasco Palha, na ribeira (
rem, é que se recolheram a rainha e a prince:
do desastre do principe Dom Affonso!

Diogo de Mello, era filho de Dona Isabel
e herdou de seu pae a Alcaidaria de Moura
tram-se no *Cancioneiro* poesias de dois Diogos
mas o segundo evidentemente mais moderno
de Gomes de Figueiredo e de Dona Maria M
Alcaide de Moura, victima da conspiração co
João II, figurou em 1451 nas festas pelo casa
Imperatriz Dona Leonor; casou com Dona
Borges, filha bastarda de Pero Borges, escriv
mara e Chancellaria de Dom João II. Ha u
de Alvaro de Brito «*a Pero Borges, porque*
com febre lhe deu peor despacho do que em são

> Vós com febre, vós sem febre
> presumis de gram senhor,
> *Pero Borges* contador
> demo sois em vez de lebre. (2)

Em outro logar já vimos como Alvaro
apoda Diogo de Mello, o maior joguetador, e
dador do Duque Alberto, predilecto por modi
panholas. Diogo de Mello depois da morte de
fonso V não frequentou mais a côrte; ha d'elle
cioneiro alguns apodos a Dom Francisco de B

(1) Azurara, *Chron.*, p. 337.
(2) *Canc. ger.*, t. I, p. 207.

João da Silveira. (1) O motivo porque as suas poesias não foram recolhidas explica-se pelo favoritismo de Garcia de Resende com Dom João II. Ha outro Diogo de Mello da Silva, que esteve em Azamor desde 1513, e que nada tem de commum com o infeliz alcaide de Moura.

Nos versos de Alvaro Barreto vêmos tambem citado o nome do «*grande Lobo de Alvito,* que por se desenfadar, tem sésta no malvar»; (2) é este um dos poetas mais frequentes do *Cancioneiro,* chamado Dom Diogo Lobo da Silveira, segundo Barão de Alvito; era seu pae o celebre jurisconsulto João Fernandes da Silveira, Regedor das justiças, Chanceller-mór de Dom Affonso V, Vedor da Fazenda, e primeiro Barão de Alvito em 27 de Abril de 1475, confirmado em 10 de Abril de 1482, e morto no anno de 1484. Do seu segundo casamento, com Dona Maria de Sousa Lobo, filha herdeira de Diogo Lopes Lobo e de Dona Isabel de Sousa, nasceu o poeta Barão de Alvito Dom Diogo Lobo, irmão consanguineo de Fernão da Silveira, e germano de Dom Martinho da Silveira. É elle um dos principaes apodistas do *Cancioneiro,* (3) conhecido pelo titulo *O Barão.* Casou com Dona Joanna de Noronha, de quem teve um filho, Dom Rodrigo Lobo, tambem poeta do *Cancioneiro,* auctor das trovas «*ás damas porque fizeram um rol dos*

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 40, 46, 262, 269.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 277.
(3) *Ibid.*, t. II, p. 120, 122; t. III, p. 6, 8, 37, 46, 54, 67, 17, 172, 227, 393, 397.

homens que havia para casar cortesãos, e acha senta, e entre elles íam alguns que passavam senta.» (1) O Barão teve egualmente uma filh Leonor de Noronha, que casou com Dom Fern Athayde, filho do poeta Dom Pedro de Atha morreu esquartejado por causa da conspiração que de Viseu, em que figuraram alguns poet milia dos Silveiras. D'este Dom Pedro de A citado nas *Moradias* de Dom Affonso v, de 1 apenas um apodo contra Dom Rodrigo de Cast santo, por seu irmão ter rapado a barba á nav Todas estas circumstancias nos estão levando catastrophes do reinado de Dom João II.

A ultima referencia historica de Alvaro B o seu nome citado em uma Carta do poeta Do cisco de Almeida, primeiro Vice-rei da India; é datada de 1507: «Em uma carta que me deu *Barreto*, V. A. me faz aquella honra...» (3) I vel que este seja algum dos homonymos qu apontámos.

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 572, 360, 17.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 110.
(3) *Annaes das Sciencias e das Letras*, p. 151.

LIVRO III

A CORTE DE DOM JOÃO II

O caracter severo e implacavel d'este monarcha levava-o a querer distraír-se com a poesia e com a musica; os remorsos, as suas perturbações moraes encontravam um lenitivo n'estas *boas manhas*, com que se fez valer na côrte o seu chronista Garcia de Resende. Apparece aqui um elemento que faltou na côrte de Dom Affonso V, quasi sempre occupada com as expedições de Africa: uma rainha intelligente e dotada de um caracter artistico, em volta de quem se dispendiam todos os recursos da imaginação e da galanteria.

A rainha Dona Leonor protegeu a introducção da imprensa em Portugal, e por seu mandado se fizeram as edições mais luxuosas da nossa bibliographia; foi a que primeiro do que ninguem descobriu o genio comico de Gil Vicente, e quem provocou a fundação do

theatro portuguez. Era em volta d'esta rainha
ventilavam as côrtes de amor, e se processa
questões de casuistica sentimental. Grandes d
entenebreceram a alegria palaciana; profundo
tres alteraram a vida parasita dos aulicos e so
da sociedade portugueza. Mas parece que pór ur
partidario, os poetas da côrte procuravam dis
espiritos, não só com os apodos, que eram já pe
mas com a fórma dos processos e dos primeiros
tos do drama. A execução dos Duques de Bra
de Viseu, a reclusão affrontosa da Excellente S
a catastrophe do principe Dom Affonso, unico l
do throno, a descoberta da America desprezad
portuguezes e acceita pela Hespanha, e finalı
envenenamento de Dom João II, produziram ı
pressão moral na nação, que se não descobre na
É que a erudição cumpria reflectidamente o seı
versejava para que a pragmatica do paço não s
com as emoções da grande crise politica; atu
para não ter consciencia de que em volta de s
tava dando a manifestação da vida burgueza.

CAPITULO I

O Cancioneiro geral e os desastres da côrte

spiração do Duque de Bragança e o poeta Antão de Fa-
.—Os apodistas de Lopo de Sousa, ayo do Duque de Vi-
.—Poetas citados nas *Moradias* de Dom João II.—Por oc-
ião da prisão do Duque de Bragança, o poeta João Affon-
de Aveiro retira-se para as Ilhas.—Os serões da côrte em
ntarem em 1483, depois da execução do Duque.—O *Cuidar*
Suspirar.—Os jogos de cartas nos serões do paço.—A con-
iração do Duque de Viseu.—Poetas da segunda conspiração:
rnão da Silveira, D. Pedro de Athayde, D. Alvaro de Athay-
, Dom Goterre Coutinho, Gonçalo Gomes da Silva, Diogo
Mello.—Poetas que figuraram nos festejos pelo casamento
principe Dom Affonso.—Dom Martinho de Castello Bran-
director das festas d'Evora.—O desastre do principe Dom
nso nos versos de Dom João Manoel, Alvaro de Brito,
Anriques, Garcia de Resende e Jorge Ferreira.—O sin-
r *Momo* de Santos, por Pero de Sousa Ribeiro em 1490.
—Envenenamento de Dom João II.—Relações com Angelo
liciano.—Traducção das *Cartas*.—Poemas á sua morte
r Luiz Anriques e Diogo Brandão.—Dom João II e a lenda
Trajano.—O poeta Ayres Telles assiste ao fallecimento
o monarcha, e faz-se frade.

A fidalguia portugueza conheceu muito cedo, que o
ecessor de Dom Affonso V não comprehendia o cesa-
smo pela prodigalidade dos privilegios. Na lei de 31
e Abril de 1475 se manifestara este symptoma, exi-
indo-se para a validade de todas as doações e mercês
outorga do principe Dom João; lei que se tornou ex-
nsiva e absoluta em 15 de Março de 1476. Logo que
om João II subiu ao throno, começou a descarregar
primeiros golpes sobre a nobreza, exigindo em pri-
eiro logar a confirmação de todos os privilegios, de-

theatro portuguez. Era em vol dos po
ventilavam as côrtes de ar endo a a
questões de casuistica ser gistrados regi
entenebreceram a aler archa sabía que
tres alteraram a vi a os obrigar a des
da sociedade por de 1481 em que se ac
partidario, o alcaides um novo jurame
espiritos, ediatamente o Duque de Bra
mas co do; mandou o seu vedor o b
tos buscar a Villa Viçosa os titulos
de vam guardados em cofre secreto,
de quiz que Lopo de Figueiredo, qu
do cofre, descobrisse cartas e outros d
vasta conspiração contra Dom João
trouxe-os immediatamente ao monarcha,
dou copiar pelo seu camareiro intimo A
ria. (1) Todo este negocio se conservou n
lavel segredo; o Duque de Viseu estava
em Castella a pretexto das Terçarias. O I
seu regressou ao reino no verão de 1482.
neiro encontra-se uma collecção de apodos:
Sousa, ayo do Duque, vindo de Castella n
uma grande carapuça de veludo, que os
chamam gangorra. » (2) N'este apodo enco
cousas notaveis; primeiro, uns versos do D
gança, e em segundo logar uma copla do

(1) Pina, *Chr.*, cap. v, p. 21.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 116.

Antão de Faria! Os versos do Duque á carapuça tem a rubrica: *O senhor Dom Affonso:*

Com estar arrependido,
quem n'aqui portou primeiro,
fôra-lhe melhor vendido
o sobejo a bom dinheiro.
He propria galantaria
de Castelão,
que nunca foi cortezão.

Dom Garcia de Castro, apodando a gorra de veludo, fala em *Antão de Faria,* como quem não suspeita a catastrophe eminente:

Esta gorra é procedente
a todo o trajo galante
se não fosse repunante
para saude da gente.
Já diz *Antão de Faria*
que em Marvão
morreu d'ellas um villão.

Cabe a vez a Antão de Faria:

Se não fosse por pendença
eu certo não na trazia,
peso com que Dom Garcia
nunca fará reverença.
Porque mais leve seria
o morrião,
com que elle foi ter ao chão. (1)

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 127.

Era este Antão de Faria, senhor de Evora-M
Alcaide-mór de Portel, e veiu o ser testamentei
Dom João II; do seu casamento com Leonor Gons
de Oliveira, teve uma filha Dona Joanna de Far
qual casou com o poeta Nuno Fernandes de Ath
alcaide-mór de Alvor, senhor de Penacova e prin
capitão de Çafim. Nuno Fernandes de Athayde fi
nos apodos a Lopo de Sousa, e a Manoel de Noro
d'elle diz Garcia de Resende:

> *Nuno Fernandes* d'aqui
> vay cedo por capitam
> por dous annos a Çafy,
> e quinhentas lanças vam
> com elle segundo ouvi. (1)

A sua mulher Dona Joanna de Faria apparece u
dura satyra de Francisco Lopes, no *Cancioneiro:*

> *Interrogavit* a guia
> sua mãe: «A quem buscaes?»
> bradando a voz dizia:
> «*A Joana de Faria*
> e a vós que me falaes. (2)

A maior parte dos outros poetas figura nas *Mo
dias* de Dom João II; antes de entrarmos na ex
ração da vida historica do *Cancioneiro* n'este reina
cumpre deixar enumerados os poetas que lhe pert
cem, segundo o systema adoptado:

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 580.
(2) *Ib.*, p. 385.

radias de Dom João II, communicado por Joseph Freire de Monterroyo Mascarenhas

---

CAVALLEIROS DO CONSELHO

1484

Pedro de Noronha, *Canc. ger.*, t. i, p. 138; t. iij, p. 47.
ram d'Alvito, Dom Diogo Lobo, *Ib.*, t. ij, p. 120, 122;
im.
de Sousa, Almotacel-mór, *Ib.*, t. i, p. 169, 276, 478;
04; 118, 187, 239.
Rodrigo de Castro, *Ib.*, t. ij, p. 26, 127, 184; t. iij,
82, 102, 107.
de Sousa, *Ib.*, t. iij, p. 116, 127.
Gotterre Coutinho, *Ib.*, t. i, p. 168; t. ij, p. 51; t. iij,
95, 102, 110.
ue de Sá, *Ib.*, t. ij, p. 200, 326.
Pedro de Sousa Ribeiro.
de Mello, *Ib.*, t. iij, p. 48, 188, 238.
isco de Miranda, *Ib.*, t. iij, p. 159.
Fernando de Castro, *Ib.*, t. iij, p. 90,
ue de Sousa, filho de Ruy de Sousa, *Ib.*, t. iij, p. 225.
o da Silveira, *Ib.*, t. ij, p. 13; t. iij, *passim.*
o *Telles* Barreto, *Ib.*, t. i, p, 74, 166, 272; t. iij, p. 628.
Lobo, Vedor, *Ib.*, t. iij, 241.
Moniz, *Ib.*, t. iij, p. 100.
n de Faria, *Ib.*, t. iij, p. 127.
Falcão, Cativo, *Ib.*, t. i, p. 463, 466; t. iij, p. 125.
de Aguiar, *Ib.*, t. iij, p. 52.
ique de Figueiredo, *Ib.*, t. i, p. 202; iij, p. 230.
Homem, *Ib.*, t. i, p. 409, 460; iij, p. 25, 29, 87, 112,
193, 240.
Velho, *Ib.*, t. iij, p. 462.
de Bayam, *Ib.*, t. ij, p. 519; iij, p. 240.
Reimoto, *Ib.*, t. i, p. 206, 258; t. iij, p. 150 156.
João de Menezes, *Ib.*, t. i, p. 3, 4, 21, 43, 107; t. iij,
, 98, 112, 118, 135, 214.
l de Mello, *Ib.*, t. iij, p. 172.
Fernandes Tinoco, *Ib.*, t. iij, p. 239.
o Tinoco, *Ib.*, t. iij, p. 239.

ESCUDEIROS FIDALGOS

João de Saldanha, *Ib.*, t. ij, p. 186; iij, p. 161.
Francisco da Silveira, *Ib.*, t. i, p. 9, 21, 252, 256, ij, p. 161; t. iij, p. 9, 26, 31, 154, 240, 397.
Jorge de Vasconcellos, *Ib.*, t. iij, p. 114, 120, 129, 2 473, 632.
Vasco Martins Moniz, *Ib.*, t. i, p. 273, 277.
Jorge de Mello, mestre Sala, *Ib.*, t. iij, p. 48, 188,
Anrique de Sousa, *Ib.*, t. iij, p. 225.
Duarte de Brito, *Ib.*, t. i, p. 286.
Dom Diogo Lobo, *Ib.*, t. iij, p. 170.
Dom Sancho de Noronha, *Ib.*, t. iij, p. 502.
Pedro Vaz de Castello Branco, *Ib.*, t. ij, p. 182.
(Christovam Falcão).
Dom Gonçalo Coutinho, *Ib.*, t. i, p. 467; t. ij, p. 17 t. iij, p. 125, 220, 244.
Nuno Fernandes de Athayde, *Ib.*, t. iij, p. 124, 13
Ayres *Gomes* da Silva, *Ib.*, t. iij, p. 157.
Jorge Furtado, *Ib.*, t. iij, p. 115, 287.
Gonçalo da Silva, filho de João, *Ib.*, t. iij, p. 55, 2 272.
Simão de Miranda, *Ib.*, t. iij, p. 18, 63, 65, 124, 1
Ruy *Gonçalves* de Sousa Cid, *Ib.*, t. iij, p. 126. (1)

Estando ainda nas côrtes de Monte-mór, D. mandou uma embaixada a Inglaterra, composta lho Ruy de Sousa, do Dr. João d'Elvas e Fer Pina. Nos *Porquês* satyricos achados no paço de bal, ha uma allusão a este facto de 1482:

> Porque Tynoco Fernam
> *d'Inglaterra* tão asinha? (2)

(1) Sousa, *Provas*, t. II, p. 176 a 181.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 239.

N'este mesmo anno partiu outra embaixada para stella, levando Dom João da Silveira por seu secre- rio o chronista Ruy de Pina; entre outras cousas, requerer «perdões que se haviam de dar a alguns valleiros castelhanos, que durando as guerras servi- a el-rei Dom Affonso...» (1) Garcia de Resende nta este facto a Manoel de Goyos, tambem poeta:

> Os Senhores de Castella
> c'andavam cá desterrados
> por uma justa querella
> sam de todo perdoados
> tornam-se agora par' ella.
> Vieram-se despedir,
> fez-lhe el-rei ao partir
> honra, mercê e favor,
> os quaes diz que vam, senhor,
> bem prestes para o servir.

De outra embaixada ha uma satyra «*De João da Silveira a Pero Moniz e a Dom Garcia de Alboquerque, quando foram com Dom João de Sousa a Castella, que foi como embaixador...*» (2) N'esta e em successivas mbaixadas se começou a tratar do casamento do prin- ipe Dom Affonso, com a Infanta Dona Isabel, como retexto das concessões de Portugal e das pazes com astella.

Dom João II em 1483 veiu passar a quaresma a lmeirim, aonde a rainha Dona Leonor soffreu um mór

(1) *Chron. de Dom João II*, p. 26.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 356.

vito; acudiu a visital-a o Duque de Viseu, que já regressára de Castella, aonde conspirava para conseguir o seu casamento com a Excellente Senhora. Em umas trovas de Nuno Pereira «*a Anryque d'Almeyda quando veo de Castella com o Duque,* se refere ao tempo que durou esta viagem, alludindo á tomada de Alfama pelos Mouros, o que occasionou a conquista de Granada, e ás Embaixadas cavillosas:

> Portuguez ou Castelhano
> vos venhaes muyto embora,
> sey que vindes muy ufano
> *por um anno*
> qu'andastes de Moura fóra...
>
> Da Veiga lá de Granada
> e das estejas da guerra
> vos nam ey já de ouvir nada,
> *nem d'embayxada*
> que trouxesses d'esta terra...
>
> Da *Rainha* nem *d'El-rei*
> nam quero nada saber... (1)

Em uns versos de Gil de Castro, a Anrique d'Almeida, «*hindo para Castella*» lá o avisa de que não diga que foi preso na batalha do Toro, e que se não gabe de que se tomaria Çamora se elle lá estivesse. (2) Dom João II pelas cartas que recebera da mão de Lopo de Figueiredo, estava senhor dos planos da conspira-

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 265.
(2) *Ibid.*, p. 456.

ção, e sabia o alcance d'esta viagem a Castella. Vendo nos paços de Almeirim o Duque de Viseu e o Duque de Bragança, chamou este ultimo para a capella, e lhe revelou que sabia tudo quanto elle machinava em Castella. O Duque desculpou-se, protestou fidelidade e durou alguns mezes a apparencia de concordia.

No entanto o terrivel Antão de Faria trabalhava, e conseguiu outro delator contra o Duque de Bragança, Gaspar Jusarte, que revelava os segredos que seu irmão Pero Jusarte levava e trazia de Portugal para Castella. Em vista dos documentos inconcussos da alta traição, o Duque foi preso e processado segundo o estylo dos romanistas. A meza, a que El-rei presidia, estava «*armada de panos da estoria da severidade e justiça do Emperador Trajano.*» (1) N'este mesmo anno de 1483 o poeta Nuno Pereira, o amigo da mocidade do rei, estando por alcaide de Portel, não quiz dar asylo ao marquez de Monte-mór, que teve de fugir para Castella. O duque foi justiçado com todas as formalidades aviltantes, ficando o seu corpo durante uma hora exposto á contemplação do povo. A impressão causada por esta catastrophe apparece nas trovas do Coudel-mór: «*a João Affonso de Aveiro, que se foi a viver nas Ilhas, e de lá lhe escreveu que fizesse algumas cousas por elle, em que entrou falar a sua dama, e despachar outras com a senhora Ifante e c'o Duque; mas isto veo no tempo da morte do Duque.*» Este João Affonso de

(1) Pina, *Chr.*, p. 49.

Aveiro, era filho de João Gonsalves, alcaide de Almoster e de Catherina Garcia da Gama. Era criado do duque Dom Diogo, quarto duque de Beja, irmão d'el-rei Dom Manoel. Deixou varias poesias manuscriptas, em poder de um dominicano de Lisboa. (1) O Coudel-mór, que então se chamava Fernão da Silveira *o Bom*, para se distinguir do outro Fernão da Silveira compromettido na segunda conspiração, escreve a João Affonso de Aveiro sob a impressão da morte do duque:

Vay cá tempo tam contrairo
com agoagens sobre a terra,
que perd'a rota o cossayro
que do porto desaferra.
Quem quizera fazer guerra,
foi-lhe feita;
em quem coube haver suspeita
per si mesmo se desterra.

Passam cá tantas mudanças
que nam val nenhum terceiro,
e quem tem mais esperanças
dá de mão ao tavoleiro.
Ha-se cá por trunfo inteiro
o matador;
e louvam, quem mantedor
se tornou de aventureiro.

. . . .
Cá depois que vós passastes
a essas ilhas,
sam cá feitas maravilhas,
mais do que nunca cuidastes... (2)

(1) Fr. Manoel Homem, *Resurreição de Portugal e morte fatal de Castella*, liv. I, cap. 2, 5, 12. Apud Barbosa, *Bibl.*, t. II, p. 577.
(2) *Canc. ger.*, t. I, p. 157.

O caracter bajulador dos poetas d'este periodo resume-se no seguinte facto: depois da festa de Corpus Christi fôra a execução do Duque, e logo em Outubro d'esse mesmo anno de 1483, se celebraram os serões do paço em Santarem, (1) aonde a melhoria dos poetas tomou parte no afamado processo do *Cuidar e Suspirar.* Todos faziam por se esquecer da justiça, e distrahirem-se dos terrores.

O *Cancioneiro* de Resende abre com este serão da côrte de Dom João II, em que se ventilou uma questão de amor, cuja resolução levou muitas noites. Por toda a Europa se usavam estas *Côrtes galantes.* Foi em Novembro de 1483; Jorge da Silveira, filho do Coudel-mór, e Nuno Pereira, davam-se ambos por servidores de uma dama do paço, a senhora Dona Leonor da Silva; encontraram-se casualmente, indo um muito cuidoso e o outro muito suspiroso. Cada um entende que o estado moral em que anda é o mais afflictivo e apaixonado. Jorge da Silveira sustenta o partido dos *Suspiros,* Nuno Pereira toma a divisa dos *Cuidados,* e vão ambos fazer uma petição a Dona Leonor da Silva para que:

> de todo vossa merçe,
> sospirar, cuydar, decrare:
> quem, se n'elles vir ou vê,
> cuja morte mais se crê. (2)

(1) Pina, *Chr.*, cap. 16, p. 54.
(2) *Canc. ger.*, t. I, p. 3.

Está organisado o processo, em que as fórmulas são tiradas dos romanistas, e postas em moda pelos codificadores. Dona Leonor da Silva manda que os dois queixosos nomeiem seus advogados; Nuno Pereira escolhe para ajudarem sua tençam por parte do *cuydar* a João Gomes da Ilha e a Dom João de Menezes, filho de Dom Duarte de Menezes, Conde de Vianna, e nada menos do que Mordomo-mór de Dom João II, mais tarde primeiro Conde de Tarouca e septimo Governador e Capitão general de Tanger.

Os poetas e as damas da côrte do *Principe perfeito* tomaram cada qual o seu partido. Por parte do *suspirar,* Jorge da Silveira nomeia seu irmão Francisco da Silveira, cavalleiro da Ordem de Christo, servindo por vezes o logar de Coudel-mór em logar de seu pae, bem como o de Escrivão da Puridade. Francisco da Silveira, o guerreiro da India e capitão-mór das Fortalezas de Caul, Diu e Çofala, entra na lide á palavra:

vos, jrmão, acorrer-m'eis.

Agora cemeçam as tricas engraçadas do processo sentimental. Dom João de Menezes no seu arrasoado, sustenta:

que é muyto mór dôr cuydar:
qua quem pode suspirar
inda tem por onde vyva.

João Gomes da Ilha accrescenta, que:

> Os suspiros e gemydos
> Como faiscas se apagam...

Assim trabalham ambos com subtilezas, que Nuno Pereira vem reforçar com a auctoridade de um texto amatorio do trovador galeziano Mançias, citando factos de personagens celebres que morreram vencidos por *cuidados*.

Começam as allegações de Francisco da Silveira, como advogado de seu irmão por parte do *sospirar* contra o *cuidar*:

> dir-vos-ham, que sospirar
> he partir alma da carne, etc.,

declara que na sua vida de namorado, sabe por experiencia, que o

> *cuydar* trazia conforto,
> *suspirar* morte comsigo.

A questão vae-se intrincando, e Francisco da Silveira invoca o auxilio do Coudel-mór seu pae, o qual começa a rebater as allegações de Dom João de Menezes e de João Gomes da Ilha. O Coudel-Mór era Fernão da Silveira *o Bom,* Escrivão da Puridade, e Regedor da Casa da Supplicação. Começa as suas razões dirigindo-se a Dona Leonor da Silva:

Cá eu não me maravylho,
poys o feyto j' assy vay,
de nam dardes fee ó pay
de quem morto aves o fylho.

Respondendo a João Gomes,

que de trovador
calentays os trovadores,

diz-lhe que os cuidados são cousas geraes; que se têm cuidados quando se compra, quando se vende, quando se trata da fazenda, quando se tem brigas:

Mas não he já cousa nova
suspirar com mal d'amores.

O Coudel-mór protesta na sua contrariedade, que tinham sido convidados varios trovadores contra os suspiros:

E com isto vos rrepyto,
sser-me dyto
d'alguns grandes trovadores,
que vem como valedores
escrever, ou tem escripto
. . . .
He desy logo no meo
qu' ey reçeo
de vyr *Jorge d'Aguyar:*
que me mata seu trovar
quando suas cousas leo.

Este Jorge de Aguiar era filho de Pedro de Aguiar e Dona Mecia Sequeira, ama da princeza Dona Joanna,

filha de Affonso v; foi o trovador com quem embirrava o Coudel-mór, cavalleiro da ordem militar de S. Thiago da Espada, e Alcaide-mór da villa de Monforte. Foi casado com Dona Violante de Vasconcellos, filha de João Rodrigues Ribeiro de Vasconcellos. Morreu em 1508, quando ia para a India, capitão da armada.

Jorge de Aguiar entra com furia sustentando o *cuydar:*

Cuydado faz mau dormir,
Cuydado faz mau comer,
cuydado faz nunca rryr,
cuydado ensandecer,
cuydado não ter prazer.

O Coudel-mór responde-lhe:

Vossas copras rreçeando
tynha feyto meus proçessos,
mas poys se ve devulgando
pelo que m'ys alegando
rresolver compre Dejestos.

Dom João de Menezes acode com uma replica, e depois de muitas explicações vem Pero de Sousa Ribeiro ajudar o partido dos *suspiros*. Todas estas trovas eram escriptas no paço e recitadas no serão; de vez em quando alguma metaphora mais extravagante fazia nascer um novo e engraçado incidente na questão. O Coudel-mór, vendo que os trovadores vão caíndo em subtilezas, inventa a ficção de um correio enviado pelo deos do Amor em favor do *suspirar:* isto anima os contra-

rios, e os arrasoados prolongam-se. As damas da côrte andavam encantadas com os gracejos. O Coudel-mór requer para apresentar o testemunho de João de Mena;

> E por mais decraraçam
> dos suspiros serem pena,
> vos alego a definçam
> d'amores por Joam de Mena.

A lembrança do Coudel-mór foi engraçada, e veiu dar mais um momento de vida a esta *côrte de amor;* elle tornara-se a alma da pendencia poetica, e pelas suas argucias os *suspiros* levavam vantagem aos *cuydados*...

Pelos versos do Coudel-mór se conhece quaes os poetas que se liam em Portugal no fim do seculo XV; Manrique, Juan Rodrigues del Padran, Juan de Mena, Stuniga, poetas do *Cancionero general* de Hernando del Castillo, e afamados nas côrtes de João II e Henrique IV, tinham auctoridade em Portugal. A cada passo resaltam as provas que demonstram o vigor da eschola hespanhola.

Uma lembrança engraçada do Coudel-mór em favor do *suspirar,* é esta:

> Poys olhay, quando rrezamos
> a nossa salue rregina,
> nam diz ella: «em ty *cuydamos*»,
> mas diz: «a ty *sospiramos*»,
> por a cousa ser mays dina.

Dom João de Menezes o afamado trovador, cuja memoria Sá de Miranda ainda encontrou viva, n'este

o já seria bem velho, pelo que se deduz d'estes os:

> Estou c'os pees para a cova,
> por isso não faço trova;
> mas visto minha doença
> nam deves de dar sentença,
> té nam dar luguar a prova.

O partido do *Cuydado* ia na vencida; o Coudel-mór ão deixava argumento em favor dos *suspiros* que não apresentasse; João Gomes escreve lá da sua Ilha a vêr se póde salvar a questão. Depois de immemsos combates de coplas e rimas, Dona Leonor da Silva manda que sejam ouvidos Alvaro de Brito e Alvaro Barreto, dois *grandes trovadores;* decidiram em suas coplas que era maior tormento o *suspirar*. Sobre os fundamentos que os dois trovadores apresentaram, escreveu D. Leonor a sentença em verso, a 9 de novembro de 1483, como se deduz da seguinte decima:

> A nove dyas do mez
> dos onze mezes do anno,
> da era *d'oytenta e tres*
> d'esta sentença medes
> e auto palençeano,
> Foy feyta provicaçam
> dentro na côrte outrossy
> *do grande Rey dom Joham;*
> e eu, disto escryvam
> e qu'esto todo escrevy.

Assim se passavam entre profundos desastres os serões na côrte de Dom João II; alguns dos poetas aqui

citados, floresceram na côrte de Affonso v. É de suppôr que esta questão de amor durasse todo o inverno, e que fosse do agrado do rei e da fidalguia, por isso que a vemos continuada por Nuno Gonzalves, alcaide-mór da Fortaleza de Alcobaça, em umas coplas endereçadas a Dom João de Menezes.

A este divertimento da côrte succederam-se outros usados tambem em Castella, como os jogos de cartas, cujos Naipes eram n'esse tempo importados de Hespanha, como se vê pelo que diz Gil Vicente no verso: «Naipes vem de Andaluzia.» Em umas trovas de Garcia de Resende, a rubrica inicial traz a descripção de um d'esses jogos apreciados na côrte: «*Estas corenta e oyto trovas fez Garcia de Resende por mandado d'elrey, nosso senhor, para um joguo de cartas se jugar no seram d'esta maneira: Em cada carta sua trova escripta, e sam vinte e quatro de damas, e vinte e quatro de homens, são doze de louvor e doze de deslouvor. E baralhadas todas, ham de tirar uma carta em nome de foã ou foão, e então lel-a alto; e quem accertar o louvor, irá a bem, e quem tomar a de mal, riram d'elle.*» (1) Em quanto os poetas palacianos illudiam assim as tristezas da côrte, Dom João II, guiado pelo seu camareiro Antão de Faria, e tendo já uma vez perdoado ao Duque de Viseu, seu cunhado, descobriu a segunda conspiração, que elle e o Bispo de Evora Dom Garcia de Menezes tramavam contra a sua pessoa. Dom João II

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 654.

passou de Santarem para Setubal, em 27 de Agosto de 1484, e mandou chamar a Palmella o Duque de Viseu; logo que se achou a sós com elle no seu aposento matou-o ás punhaladas. Entre os cavalleiros comprommettidos n'este successo encontramos o nome do afamado poeta do *Cancioneiro*, Fernão da Silveira, filho mais velho do Doutor João Fernandes da Silveira; de Dom Pedro de Athayde, diz Ruy de Pina: «em fugindo de Setubal para Santarem, foi no caminho prezo e trazido á côrte», aonde foi esquartejado. (1) Ha uns versos d'este Dom Pedro de Athayde, junto com Dom Alvaro de Athayde e Dom Rodrigo de Castro, apodando Fernão da Silveira. (2) Era filho de Dom Affonso de Athayde e de Dona Isabel de Noronha; herdou a Castanheira, Povos e a Casa do Conde da Athalaya seu avô. Casou com a decantada Dona Felippa de Abreu, filha de Gonçalo de Castello Branco, senhor de Villa Nova de Portimão e governador da Casa do Civel. (3) No *Nobiliario* manuscripto de Meyrelles de Sousa, vem: «Este Dom Pedro, morreu esquartejado por ser culpado na traição do duque Dom Diogo contra El-rei D. João II. E foi o que fingiu tropeçar ao subir da escada por derrubar a El-rei, que perguntando-lhe — Que era? disse-lhe: que tropeçou, e El-rei lhe tornou: — Pero, olhay não cayaes!» — Seu irmão Dom Alvaro de Athayde, era filho da segunda mulher de seu pae, Dona Vio-

(1) Pina, *Chr.*, p. 61.
(2) *Canc. ger.*, t. II, p. 28.
(3) *Ibid.*, t. III. p. 1, e 241.

lante de Tavora, filha do celebre Pedro de Sousa Ribeiro; d'elle se encontram alguns apodos no *Cancioneiro*. (1) D'elle resa Pina: «Dom Alvaro d'Athayde era em Santarem, onde pelos da conjuração foi accordado que estivesse com muita gente, que com dissimulações recolhia, pero tanto que da morte de El-rei ou de algum alevantamento contra elle fosse certificado: logo recolhesse ao Castello a *Excellente Senhora* Dona Joanna, que então estava no Mosteiro de Santa Clara da dita Villa; porque pera uma coisa e para a outra se o caso sobreviera, tinha já as cousas aviadas e postas em um apparelho muy astucioso; porque sobre o recolhimento d'esta senhora tinham esperança d'ajuda e favor dos reis de Castella, a quem segundo fama tudo isto era revelado. Mas Dom Alvaro como da morte do Duque foi avisado, fugiu e foi-se para Castella onde andou em vida d'el-rei.» (2)

Um outro poeta do *Cancioneiro*, tambem estrangulado por motivos d'esta conspiração é o celebrado Dom Goterre Coutinho, commendador de Cezimbra; fiando-se em seu irmão Dom Vasco Coutinho, contou-lhe a empreza em que estava mettido; este o delatou pessoalmente a Dom João II, e por maximo favor apenas pôde conseguir que não fosse degollado publicamente. (3) Dom Guterre Coutinho era filho do Marechal do reino Dom Fernando Coutinho e de Dona Joan-

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 109 e 110.
(2) Pina, *ibid.*, p. 61.
(3) *Ibid.*, p. 60.

na de Castro, filha de Dom Alvaro Gonsalves de Athayde, primeiro Conde de Athouguia. Foi casado com Dona Isabel Pereira, filha de Dom Gonçalo de Castello Branco, poeta do *Cancioneiro.* (1) Na mesma noite da morte do Duque de Viseu, Dom Guterre Coutinho foi mettido na torre de Avis, aonde foi assassinado. Nos versos do Coudel-Mór, encontra-se a copla «*a Dom Goterre, com a metade de um cidrão.*» (2) No *Cancioneiro* encontram-se varias trovas de Dom Guterre Coutinho «*porque se casou sua dama em Benavente.*» Uma d'essas nove trovas fala da vida que levava na côrte:

> Ho campos de Santarem,
> altas torres de Almeirim,
> fazeys-me lembrar de quem
> me fez esquecer de mim. (3)

Anrique de Almeida, que em 1482 acompanhára o Duque de Viseu a Castella, escreveu umas trovas «*á barguilha de Dom Goterre, que fez de brocado, endereçadas ás damas.*» Tomaram parte no apodo entre os poetas conspiradores, o bom Coudel-Mór e Dom Alvaro de Athayde. O tempo d'este apodo foi em 1481, por que Dom Goterre lhe responde dizendo:

> Assy vos vejá eu em *Beja,*
> muyto á minha vontade... (4)

(1) *Canc. ger.* t. III, p. 60.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 168.
(3) *Ibid.*, t. II, p. 51.
(4) *Ibid.*, t. III, p. 79 a 84.

Tambem em 1481, Dom Goterre ajudou o apodo de Nuno Pereira á dama que ía ao saymento de Dom Affonso V á Batalha. (1) Para se vingar dos apodos á braguilha de brocado, Dom Goterre escreveu umas trovas *«aos gibões de Fernão da Silveira e Dom Pedro da Silva, que fizeram de brocado, com mêas mangas e collar de gram.»* (2) Junto com Dom Alvaro de Athayde e Dom Pedro de Athayde e Fernão da Silveira, apodou Dom Rodrigo de Castro por trazer a barba grande. (3) D'aqui se vê o vinculo que unia estes aulicos, que encobriam as emoções da conspiração com satyras engraçadas. O Bispo d'Evora, Dom Garcia de Menezes, afogado por cumplice da conspiração na cisterna do Castello de Palmella, vem uma vez citado no *Cancioneiro*. (4)

Em recompensa da delatação de Dom Vasco Coutinho, Dom João II fel-o Conde de Borba nas côrtes de Montemór em 1485; no *Cancioneiro* tambem se encontram versos amorosos do Conde de Borba *«a uma dama que lhe deu a outra huma cousa que lhe pediu por vida d'elle.»* A dama cantada era Dona Leonor da Silva. (5) Os *Nobiliarios* dão-o casado com Dona Catherina da Silva, filha de Dom João de Menezes. No processo do *Cuidar e Suspirar*, diz Dom João de Menezes:

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 95.
(2) *Ibid.*, p. 102.
(3) *Ibid.*, p. 109.
(4) *Ibid.*, t. II, p. 188.
(5) *Ibid.*, t. II, p. 56.

Dom Vasco mil dados tem
por minha senhora e filha... (1)

Nas Cartas descobertas por Lopo de Figueiredo, m que estavam os planos de conspiração do Duque de ragança, apparece o nome de outro poeta do *Cancioeiro*: «E isto me contou *Gonçalo Gomes da Silva*, de vive com o duque de Viseu, que a estas palavras steve presente, e ao recebimento, e como depois o dure de Bragança esteve em Moura com o dito duque e Viseu alguns dias ambos, em uma camara suas tres oras cada dia, a quem nenhuma pessoa os não via pratcando sobre seus feitos...» De Gonçalo Gomes da ilva ha uma trova enderaçada ao Duque D. Diogo. (2) Neste momento da catastrophe do Duque de Viseu, lanuram no Paço de Setubal uma satyra anonyma, apoando todos os poetas que frequentavam a côrte. O rão de celebridade que teve vê-se pela rubrica que lhe z Resende: «*Estes sam os* Porquês, *que foram acharm no paço em Setubal em tempo del-rey Dom João, m saberem quem os fez.*» (3) Aí se pergunta pelos deitos e achaques de Jorge de Mello, Marquez de Villa eal, Prior do Crato, Affonso Telles, Dom João de Mezes, Dom João de Abranches, Lopo da Cunha, João oniz, Lobo de Alvito, Tinoco, Miranda, Ruy de Sou, Diogo da Silveira, Antão de Faria, Francisco da lveira, Dom Anrique Anriques, e outros muitos.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 28.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 91.
(3) *Ibid.*, t. III, p. 238.

Esta satyra devia provocar uma intriga mysteriosa, principalmente n'esta crise de alta justiça. Do Coudel-mór, que submetteu á jurisdição civil o Bispo d'Evora, existe uma allusão á reforma que Dom João II fez nos bispados por occasião da morte de Sixto IV e elevação de Innocencio VIII; tem por epigraphe: «*Repartiçam dos Bispados, que el-rey Dom João deu em Sintra no anno de oytenta e cinco, a qual mandou o Coudel-mór a Anrique de Almeida.*» (1) Esta satyra refere-se ao facto que motivou a vinda do Nuncio João de Merle a Portugal, a intimar o rei por invadir a jurisdicção ecclesiastica. Ao passo que o monarcha se distraía mandando mensageiros para descobrirem a realidade do Preste João das Indias, mandava tambem assassinos para matarem os conspiradores que lhe escaparam.

Em 1486, o poeta João Affonso de Aveiro, que fugira para as Ilhas por occasião da sentença contra o duque de Bragança, fez a descoberta da terra de Beny, além da Mina no Rio dos escravos, e lá morreu. (2) D'aqui veiu a primeira pimenta de Guiné.

No anno de 1488 mandou Dom João II a Castella Ruy de Sande, para tratar do casamento do principe Dom Affonso, com a Infanta Dona Isabel. D'este Ruy de Sande, diz Barbosa, que as suas poesias haviam sido sómente recolhidas no *Cancionero de Anvers.* Era então camareiro do principe Dom Affonso o poeta Pero de

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 141.
(2) Pina, *Chr.*, p. 74.

Baião, como se vê por uma rubrica das suas trovas; (1) este facto explica-nos o sentido d'este:

> Porque *Pero de Baiam*
> diz mal de *Antam de Faria?* (2)

Era tambem da intimidade do principe o velho e apodado poeta Pero de Sousa Ribeiro, como se vê por esta rubrica a uma copla de Dom João de Menezes: «*a Pero de Sousa Ribeiro, porque entrando na camara do principe lhe prometteu de dizer d'elles e nam disse:*

> Se vós lá dizeis de nós
> o que cá de vós dizemos,
> rezam é que nam entremos. (3)

A intimidade do principe era a maxima esperança dos poetas palacianos. No *Cancioneiro* encontram-se umas coplas do Prior de Santa Cruz «*pelo principe dom Affonso, quando casou Dona Branca, com quem ele andava de amores.*» D'este poeta, diz Sousa: «Quem fosse este Prior, se vê na *Chronica dos Regrantes*, na P. II, cap. 23 e 24, a pag. 244, em que se lê... Dom Affonso Martins, XIX Prior de Santa Cruz... filho de Martim Affonso de Sousa, Senhor de Baião. O Prior, acompanhára na sua mocidade seu pae na batalha de Aljubarrota. Foi vedor da casa da Rainha Dona Leonor

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 519.
(2) *Ibid.*, t. III, p. 240.
(3) *Ibid.*, t. I, p. 135.

e casou com Dona Mayor Rodrigues.» (1) Ao anno de 1489 pertencem talvez os versos de Alvaro de Brito ao principe Dom Affonso, quando esperava a princeza. Em 1489 foi a descuberta e fundação da Graciosa, em Africa, pelo delator Gaspar Jusarte; uns versos do Camareiro-mór Dom João Manoel, trazem a rubrica: «*Estando na Graciosa.*» (2) No *Cancioneiro* encontramos os vestigios de uma grande festa que se fez em Lisboa, em 1490, para a qual o poeta Pero de Sousa Ribeiro escreveu um celebre *Momo*. Pela rubrica dos versos se descobre o tempo e o motivo da festa publica: «*Vilancete que fez Pero de Sousa, quando el-rey nosso senhor veo de Santyago, que fez o singular momo de Santos, o qual vilancete hyam cantando diante do entremes e carro em que hya Santhyago.*» D'esta romaria a Sam Thiago fala a Infanta Dona Filippa, em uma dedicatoria ás freiras de Odivellas: «Seguiu-se nossa romaria em a era do Senhor de 90, ao jubileu do Apostolo Santhyago em Galliza, onde eu e vós madre e muito amiga, com algumas irmãs de companhia fômos.» (3) A festa em que se celebrou o *Momo*, foi a 24 de Septembro, quando el-rei trasladou o Mosteiro velho de Santos para o novo Mosteiro de Sam Thiago; a velha Commendadeira Dona Violante Nogueira saiu em procissão com todas as suas freiras, sendo acompanhada por todas as ordens. Adian-

(1) *Grandes de Portugal*, p. 440.
(2) *Canc. ger.*, t. I, p. 383.
(3) Apud. Cardoso, *Agiologio*, t. I, p. 412.

te da imagem de Sam Thiago, iam representando e cantando:

> Alta rainha senhora,
> Santhyago por nós ora, etc. (1)

Todas estas festas contribuiam para acordar o genio dramatico de Gil Vicente, se é que o lavrante da rainha Dona Leonor não tomou já parte no Momo de Santos. Maiores festas, e tamanhas que occuparam a curiosidade dos Chronistas, foram as que se effectuaram pelo casamento do principe Dom Affonso. Foi o director de todos estes apparatosos festejos o poeta Dom Martinho de Castello Branco, que occupa um logar distincto no *Cancioneiro*: «E para isto, logo tanto que El-rei foi per seus embaixadores certificado de que o dito casamento era feito, e do tempo que havia de ser consummado, logo ordenou de ter sempre em seus paços casa deputada, que se chamava das festas, de que deu principal cargo a *Dom Martinho de Castello Branco,* Vedor da Fazenda, em que havia tanta confiança, que assim nas cousas graves e de muita importancia, como nas similhantes de festas e prazer, sempre seu siso, descriçam e saber foi dos reis a que serviu mui estimado.» (2) Era este poeta (3) filho de Dom Gonçalo Vaz de Castello Branco; foi Regedor das Justiças

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 395.
(2) Pina, *Chr.*, p. 112.
(3) *Canc. ger.*, t. II, p. 62; t. III, p. 14, 97, 112, 119, 221.

e Vedor de Dom Affonso v, Dom João ii, Dom Manoel e Dom João iii; Dom Manoel o nomeou Conde de Villa Nova de Portimão por carta de 28 de maio de 1504; foi como embaixador a Saboya ao Duque D. Carlos a conduzir a infanta Dona Beatriz em 1521, sendo nomeado testamenteiro-mór de Dom Manoel. Tambem foi Meirinho-Mór, superintendente das Aposentadorias e Camareiro-Mór de D. João iii, quando principe. (1) O celebre João Rodrigues de Sá, sendo já velho, casou com Dona Camilla, filha de Dom Martinho de Castello Branco. (2)

As festas que Dom Martinho de Castello Branco delineou vem minuciosamente descriptas por Pina, aonde se notam aquelles combates navaes, e o momo em que Dom João ii vinha envencionado em *Cavalleiro do Cisne:* «vinha diante da frota sobre agua um grande e fremoso Cisne com as pennas brancas e douradas, e apoz elle na prôa da primeira náo vinha o seu cavalleiro guiado d'elle, que em nome d'El-rei armado saíu com sua fala; e deu á Princeza um Breve, conforme a sua tençam de a querer servir nas festas de seu casamento; em que sobre certas conclusões d'amores em que se afirmou, reptou e desafiou para justa de armas, com oito manteedores e todos os que o contrairo quizessem combater.» (3) No *Cancioneiro* vem as *Letras das Justas,* isto é as divisas que traziam os cavalleiros; figu-

(1) Sousa, *Grandes*, p. 648.
(2) *Canc. ger.*, t. iii, p. 473, 119 e 268.
(3) Pina, *Chron.*, p. 126.

iram como mantenedores: Dom João II, o Prior de Sam João, Dom Diogo de Almeida, João de Sousa, Ayres da Silva, Dom João de Menezes, Alvaro da Cunha, e Ruy Barreto; o Duque de Beja Dom Manoel trazia seis justadores, e eram Dom João Manoel, Pedro Homem, Garcia Affonso de Mello, Lourenço de Brito, João Lopes de Sequeira, e Antonio de Brito. Vieram de per si varios aventureiros, como Dom Anrique Anriques, o Conde de Abranches, Fernão Martim Mascarenhas, Dom Rodrigo de Menezes, o Conde de Villa Nova, Jorge da Silveira, Diogo Pereira, Dom Rodrigo de Castro, o Barão do Alvito Dom Diogo Lobo, Dom Pedro de Sousa, Francisco da Silveira, Pero de Abreu, Diogo da Silveira, Nuno Fernandes de Athayde, Garcia de Sousa, e Diogo de Mendonça. (1) Foi juiz dos premios o velho poeta Fernão da Silveira. Eram estes os poetas, que depois de tantos desastres ainda alegravam o paço; grande numero tinha soffrido o cutello e se haviam ausentado da côrte.

Todos estes esplendidos festejos foram perturbados com um inconsolavel desastre; andando o principe Dom Affonso jogando o pareo no areal de Santarem com o poeta e seu camareiro Dom João de Menezes, caíu do cavallo abaixo e ficou immediatamente sem fala. Era o unico herdeiro de Dom João II; o coração duro do que julgou os Duques de Bragança e de Vizeu sentiu-se estalar com este golpe acima das forças

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 231.

humanas. A impressão causada por tamanho desastre foi profunda, como se vê pelas *Chronicas,* em que os fidalgos saíam de noite descalsos e quasi nús rezando em penitencia, e o povo acudia em massa, gritando e interrompendo as ladainhas com clamores desesperados; mas a prova mais positiva da verdade d'este sentimento são os romances tradicionaes, que o povo portuguez ainda repete sem saber já a que successo alludem. (1)

O Camareiro-mór Dom João Manoel, que tomára parte nas *Justas* de Evora, celebrou a catastrophe do principe Dom Affonso, dizendo:

> Oh fiestas malditas, desaventuradas,
> que luego tan presto vos haveis tornado
> en lhoro el prazer, en xerga el brocado,
> las danças en otras muy desatinadas. (2)

Logo que a rainha Dona Leonor e a jovem esposa Dona Isabel viram o principe morto, caíram sem sentidos e foram levadas como mortas para casa de *Vasco Palha,* que morava na ribeira de Santarem. (3) Se nos lembrarmos que da familia dos Palhas eram os assassinos mandados por Dom João II para matar á traição Lopo Vaz de Castello Branco, torna-se mais tenebrosa esta fatalidade.

(1) *Cantos populares do Archipelago,* p. 328 e 330.
(2) *Canc. ger.,* t. I, p. 374.
(3) Pina, *Chron.,* p. 135

A *Vasco Palha* encontramos no *Cancioneiro* um apodo de Pero Moniz, de 1482:

> Antes me trosquiaria
> como anda *Vasco Palha.* (1)

Em uns versos de João Barbato, a Dona Violante de Meyra:

> Senhora contar-vos-hey,
> preguntae a *Vasco Palha.* (2)

O poeta Alvaro de Brito, que já havia celebrado nos mais artificiosos versos os soberanos de Hespanha Fernando e Isabel, com o fim de alcançar as boas graças de Dom João II, fez tambem a sua venia ao desastre do principe Dom Affonso, arremedando algum tanto o estylo popular. (3) A composição mais importante que se escreveu á morte do principe Dom Affonso, pertence a Luiz Anriques; n'ella imitou o estylo e fórma estrophica de Jorge Manrique, de que Dom João II tanto gostava. Aí se refere tambem ao contraste dos esplendidos festejos:

> A quien eycelentes bodas
> fiestas, justas tan gososas
> y crecidas,
> á las quales hyvan todas
> las jentes, tan deseosas
> de sus vidas.

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 125.
(2) *Ibid.*, t. I, p. 476.
(3) *Ibid.*, t. I, p. 221.

Ricas ropas y collares,
brocados, grandes baxillas
e pedraria,
quanto goso en los luguares
en las cidades y villas
se azia!

Ora, por nuestros peccados
y males tam merecidos
falhares
grande luto en los poblados,
y los llantos muy crecidos
oyres. (1)

Esta poesia é entremeada de córos doloridos, e de lamentações, glosando os psalmos penitenciaes; as expressões que põe na bôcca das nove damas que levaram a rainha e a princeza para casa de *Vasco Palha,* o pranto de El-rei Dom João II e de Dona Leonor, é tudo tão repassado da mais sentida desolação, que por vezes se chega a encontrar com as situações do romance popular do *Casamento mallogrado,* formado sobre esta catastrophe de 1491. Esta situação terrivel tambem inspirou esse sublime romance sacro em que o Rei David lamenta a morte de seu filho Absalão, que é commum á tradição portugueza e hespanhola. Nas *Moradias* de Dom João II encontramos Jorge de Vasconcellos; d'elle tambem resta um *romance* cantado a tres vozes sobre a morte do principe Dom Affonso; anda intercallado no *Memorial das Proezas da Segunda Ta-*

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 237, 245.

ola Redonda. (1) Este lucto irremediavel da côrte bstou a que se revelasse o genio dramatico de Gil 'icente, que floresceu unicamente pela protecção da ainha Dona Leonor.

Garcia de Resende descreve o lugubre successo na *Miscellanea:*

Vimos as festas reaes
que em Evora foram feitas,
nam se viram outras taes
tam ricas, nem tão perfeitas,
nem gastos tam deseguaes.
Que multidão de brocados,
chaparias e borlados,
que justas, momos, torneos,
que touros, canas, que arreios
que banquetes esmerados.

E que sala de madeira
que ficará por memoria,
real em tanta maneira
de perfeições tam inteira
de tanta mundana gloria.
Touros inteiros assados,
náo, bateis apendoados,
por engenho n'ella entravam,
entremezes que espantavam,
uns idos outros entrados.

Que Rainha e gram Rei,
que Principe singular,
princeza, damas sem par,
e dos nobres, que direi!
de seu amor de gastar!

(2) *Floresta de Romances*, p. 49.

Das mercês que el-rei fazia,
dos povos quanta alegria,
como tudo pereceu
que triste morte morreu
o Principe em um só dia.

Era de dezaseis annos
e casado de outo mezes,
perfecto entre os mundanos,
mui quisto dos castelhanos,
descanço dos portuguezes.
Uma triste terça feira
correndo uma carreira,
em um cavallo, cahiu,
nunca falou nem boliu,
e morreu d'esta maneira. (1)

Dom João II confortava-se no intento das expedições maritimas, e estando em Lisboa em 1492 recebeu a nova da descuberta de Manicongo, em Guiné, muito além da Mina. (2) Nos versos do satyrico Anrique da Mota, encontramos uma referencia a este successo:

Oh perra de *Manicongo*,
tu entornaste este vinho,
huma pósta de toucinho
t'ey de guastar n'esse lombo. (3)

Costumado ás emoções das grandes luctas, Dom João II não pôde resistir á perda de seu filho, e os cinco annos de vida que teve depois d'essa desgraça foram perturbados de lembranças sinistras, como se descre-

(1) Resende, *Miscell.*, fl. 153, etc.
(2) Pina, *Chr.*, p. 144.
(3) *Canc. ger.*, t. III, p. 478.

vem no *Ramayana,* quando Dhaçaratha se recordava de um assassinato que commettera. É tambem crivel que o partido dos Duques de Bragança e de Viseu se não esquecesse dos seus golpes. O poeta Garcia de Resende distrahia o monarcha tocando guitarra, compondo versos e desenhando; tudo era pouco para encher esse vacuo que lhe ficára na alma. Diz Ruy de Pina, que foi seu embaixador e Chronista: «Depois do falecimento do principe, el-rei, ou por sobeja tristeza e uma tal dor, que n'elle padeceu, como é mais de crêr, ou *por peçonha que lhe deram,* como alguns sem muita certidão suspeitaram, nunca foi em disposição de perfeita saude.» (1) Ruy de Pina insiste em outro logar sobre o envenenamento: «Mas porque d'ahi a poucos dias depois da morte do principe, El-rei tornou a adoecer de mal de que ao diante morreu, *e ouve suspeita que fôra de peçonha,* ficou uma geral presumpção, que n'esta Fonte-Cuberta no beber lhe fôra dada. A qual suspeição nam confirmou pouco a morte de Fernão de Lima, seu copeiro-mór, e de Estevam de Sequeira, copeiro pequeno, que inchados e resolutos como el-rei, ante d'elle falleceram.» (2) As nossas relações com a Italia, e o grande emprego que na politica italiana se fazia dos venenos maravilhosos, que matavam em tempo calculado, tornam criveis estas suspeitas. D. João II sustentava em Italia muitos mancebos que frequenta-

(1) Pina, *Chron.*, p. 172.
(2) *Ib.*, p. 128.

vam as Universidades, e por seu empenho é que o erudito Angelo Policiano tomou conta do ensino dos filhos do doutor João Teixeira; nas *Moradias* de Dom Affonso v de 1480 vem o nome de Diogo Gonsalves, filho do Dr. João Teixeira. Nos apodos a Vasco Abul ha uma estrophe d'este Diogo Gonsalves:

> Muy galante vos mostraes
> bem rapado sem careca;
> e crêde, senhor, que pecca,
> quem vos diz que vós amaes;
> e por vossa alma ganhaes
> em o dar,
> nam vos deve de lembrar. (1)

As *Cartas* de Angelo Policiano a Dom João II e ao seu Chanceller Dr. João Teixeira são um importantissimo monumento para a historia litteraria de Portugal, até hoje ainda não aproveitadas. Foram pela primeira vez recolhidas das edições das *Epistolas* de Policiano por Dom Antonio Caetano de Sousa nas *Provas da Historia genealogica,* e no Discurso de Loureiro na Academia das Bellas Artes de Lisboa se allude a ellas, lamentando que não sejam conhecidas por estarem em latim. Aqui publicamos pela primeira vez essas ignoradas *Cartas,* em uma traducção feita por um dos mais eminentes latinistas portuguezes: (2)

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 529.
(2) O distincto professor Augusto Epiphanio da Silva Dias, a quem tributamos esta publica homenagem de reconhecimento.

Angelo Policiano a D. João por graça de Deus rei invictissimo de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'além mar em Africa e senhor de Guiné, saude!

Comquanto nem a minha condição nem o meu saber nem merecimento algum meu sejam taes que eu julgue ser-me licito escrever-vos, rei invicto, todavia a vossa grandeza, lustre e gloria, os vossos louvores, espalhados já por toda a terra, têm-me assombrado de modo que, de si mesma, a propria penna arde em desejos de presentar-vos lettras minhas, attestar-vos os meus sentimentos, exprimir-vos a minha sympathia e, finalmente, render-vos graças em nome de todos quantos pertencemos a este seculo, o qual agora, por favor dos vossos meritos quasi divinos, ousa já denodadamente competir com os vetustos seculos e com toda a antiguidade. De feito, se a brevidade de uma carta ou a consideração do tempo o consentira, a mesma verdade me déra ousadia para que tentasse mostrar que nem laureis nem dourados carros de nenhum antigo heroe podem ser comparados ás vossas glorias e immortaes feitos. Sim: — deixando atraz os combates que, ainda em tenros annos, empenhastes contra os povos impios da insoffrida Africa, os poderosissimos exercitos de inimigos apartados uns dos outros que derrotastes, as praças que rendestes, as prêas que fizestes, as leis que impuzestes a nações barbaras e indomitas, passando não menos em silencio os brazões pacificos, que não cederiam a palma ás glorias guerreiras, — que grandioso e vasto quadro de proezas apenas acreditaveis se me não offereceria, se eu fosse commemorar as vagas do tumido e soberbo oceano, antes intactas e sem carreira aberta, provocadas e quebrantadas pelos vossos lenhos, as balizas de Hercules desprezadas, o mundo que havia sido mutilado, restituido a si mesmo, e aquella Barbaria, d'antes nem por vagas noticias de nós assás conhecida, selvagem, feroz, vivendo sem organisação regular, sem figura de lei, sem religião, quasi ao modo de brutos animaes, agora trazida á policia humana, á brandura de trato, suavidade de costumes e, até, aos sentimentos religiosos! Que logar tão azado não teria eu então para recontar os preciosos beneficios que os habitadores do nosso continente d'alli receberam, os abundantes recursos que de lá vieram para nos melhorar e opulentar a existencia, o engrandecimento que até á historia antiga coube, a fé que adquiriram antigas narrativas que outr'ora escassamente se podiam acreditar, e, por outro lado, a quebra que tiveram na admiração? Então haveria eu tambem de absolver de toda a sus-

peita de falsidade o grande Platão e os annaes seculares do Egypto, que, sem prestarem grande credito, fizeram menção d'esse oceano por ti subjugado com poderosos exercitos. De maneira que tambem confessaria que rasão teve Alexandre de Macedonia em se amesquinhar lamentando que ainda restassem outros mundos ás suas victorias. Na verdade que outra cousa nos fizestes vós, preclaro principe, senão — achar seria expressão inadequada — trazer de trevas eternas e, quasi diria, do antigo chaos, para a luz que nos illumina, outras terras, outro mar, outros mundos e, em cabo, outros astros? — Mas a que fim veiu espraiar-me agora neste assumpto? Foi para vos rogar em nome não só do presente seculo, senão tambem de toda a posteridade e de todos os povos, que não soffraes que de tão sublimes obras feneça ou se perca a memoria que deve ser eternisada, mas antes ordeneis lhe alce um padrão a voz de bronze dos varões doutos, á qual nem o dente roedor do tempo no seu curso silencioso vale a consummir. E, se daes favor ao merecimento, porque não o haveis de dar á gloria, companheira do merecimento? E se ganhaes por mão a todos os monarchas em generosidade de brios e grandeza de animo, esta vida humana tão breve, tão instavel, que de tão escassas e mingoadas esperanças depende e em tão angustiados limites é estreitada, porque a não haveis de prolongar com a carreira immortal de immarcessivel gloria? Porque não ha-de a memoria de feitos grandiosos transmittir-se aos vossos successores mesmos, para que essas illustres façanhas que jámais encontrarão segundas, lhes aproveitem servindo-lhes tambem de ensinamento e norma? Porque não haveis de deixar um como typo a vossos filhos e futuros netos, para que nenhum degenere jamais da perenne e abonada virtude dos seus maiores e a tenham diante dos olhos como traslado para se lhes formar o caracter e educar o coração segundo a principes convém? Finalmente porque não hão-de tambem os outros reis que nascerem sob os desvairados climas do mundo, haver de vós, senão que imitar, ao menos que admirar? Ora fazer extremadas proezas e não lhes dar realce e luz com as lettras o mesmo vale que procrear filhos de peregrina gentileza e não lhes dar sustentação. Não aconteça, não, rei excelso, que essas vossas glorias, tão credoras da immortalidade fiquem escondidas n'aquelle vasto acervo da nossa fragilidade, em que jazem sepultados os trabalhos de todos quantos não houveram os suffragios dos varões de saber prestante. Acordae-vos de Alexandre, acordae-vos de Cesar, os dois nomes principaes que a fastosa antiguidade nos alardeia. De um, assás memorada é a

exclamação que soltou ao pé do tumulo de Achilles, chamando afortunado ao mancebo por ter encontrado em Homero o pregoeiro das suas glorias. O segundo, ainda quando estava apercebido para travar combate, e quasi que até no meio do estrondo das pugnas, com tal esmero compunha as memorias dos seus feitos, que nenhuma obra a critica julga por tão bem trabalhada que a purissima elegancia d'aquelle auctor lhe não leve a palma. A estes, logo, vós deveis, ao menos imitar, a estes a quem nos outros respeitos desmesuradamente vos avantajaes. O que vos acabo de dizer, comprehendereis que é a expressão da verdade e não a linguagem da adulação, quando para vós mesmo volverdes os olhos da vossa intelligencia soberana e tiverdes attentamente examinado os formosos titulos da vossa gloria, magestade e poderio, e considerado reflectidamente a que fastigio estaes subido nas cousas humanas. De feito, ver-vos-heis rei da Lusitania, isto é (para resumir em uma palavra o que entendo), de um povo de romanos de que outr'ora numerosas colonias, segundo a historia refere, se achavam disseminadas nesta região mais do que em nenhuma outra. Vereis em vós o libertador da Africa, essa terceira divisão do orbe, que desde já, pelos vossos esforços, solta dos ferros dos barbaros, exulta cada vez mais com a esperança de completa liberdade. Vereis em vós tambem o domador d'aquelle vasto e indignado oceano, a cujos primeiros embates o mesmo Hercules, o subjugador do mundo, enfiou. Reconhecereis em vós o defensor da santa fé christã e da verdadeira religião, e o mais potente arbitro da paz e da guerra contra a perfidia de Mahomet, alagando, só com a vossa magestade, aquella pestilencial furia e acabando as guerras mais consideraveis só com o terror do vosso nome, só com a maravilha do vosso valor. E ao mesmo tempo, senhor das chaves de um novo mundo, como que abrangeis em um punhado os seus numerosos golfos e os promontorios e as praias e as ilhas e os portos e as praças e as cidades á beira-mar, e quasi tendes nas vossas mãos nações innumeras, aonde, comtudo, nem a propria fama com as suas azas tão velozes havia até então chegado. E quão grandioso não é vêr os reis mais ignotos arderem em desejos de vos visitar, venerar as vossas pisadas, e correrem açodados a ajoelhar aos vossos pés e a receberem á porfia das vossas mãos tão poderosas pela fé como pelas armas as aguas purificadoras do baptismo?! e vêr, espertados pelo amor de uma virtude jámais ouvida dos antigos seculos, os habitantes dos mais apartados confins da terra acudirem apinhados á vossa presença, e já todo o meio-dia, arrancado do fundo das suas

moradas, dar-se pressa a correr venerabundo ante vós, para de mais perto contemplar esse semblante celestial, a auréola de gloria que vos adorna a regia fronte, essa magestade, fiel trasumpto da divina?! Com taes grandezas venha alguem pôr em parallelo a tomada de Babylonia, bem que ufana dos seus muros de tijolo, a róta dos barbaros do oriente, já do proprio natural tão fugazes. Venha pôr em parallelo a provocação, não muito esforçada, das iras do Scytha nomada, vagando por dilatadas campinas, comtanto que não lance tambem á conta de louvor o assassinato, em meio dos festins, dos mais caros amigos, nem a adopção de estrangeiros costumes e desdourosas adulações. Ponha em parallelo tambem o vencimento das Gallias a custo subjugadas ao cabo de dez annos, ou outros feitos inferiores a este, comtanto que não tenha encomios para o sangue de concidadãos e parentes barbaramente vertido por todo o orbe. — Assim que, rei sem par, vós sobre todos (estoure embora a inveja), vós sobre todos sois digno de eternas honras. A vós, primeiro do que a ninguem, devem de ser consagradas as nossas vigilias, quero dizer, as de todos quantos sômos sacerdotes das Musas. Por tal rasão (se, homem desconhecido, mas a vós mui dedicado, encontro alguma fé junto á vossa pessoa), seja incumbido, eu vos conjuro, a sujeitos idoneos o encargo de pôr em memoria (sem duvida que interinamente), em qualquer lingua, em qualquer estylo o assumpto tão ubertoso dos feitos praticados por vós e pelos vossos, obra que, mais tarde, tanto os outros em quem ferve o mesmo enthusiasmo, como tambem nós mesmos, envidando todas as forças, hajamos de polir e aperfeiçoar. Na verdade, pedi, não ha muito, a estes subditos vossos que estão aqui, mancebos de subido talento e elevado caracter, os filhos de João Teixeira, vosso Chanceller-mór, que por sua intervenção me fossem aí copiadas as memorias (se é que existem) dos vossos feitos: prometteram elles desempenhar-se cuidadosamente no encargo em respeito da obrigação que devem ao seu preceptor; todavia não quiz eu faltar a mim proprio, mas assentei de vos endereçar eu mesmo esta carta, rei mui indulgente e clemente, a quem já posso dar tambem o nome de meu, querendo antes poder ser arguido de arrojado, se escrevesse, do que de apoucado de animo, se me conservasse silencioso. — No que respeita a minha pessoa, não é, certo, ordinaria a minha condição, mas, na profissão das lettras, tambem alguns crêem que não é de todo inferior a minha reputação. Quasi de menino fui eu criado (e porventura que esta circumstancia virá a proposito) no seio da honesta familia d'aquelle

varão illustre, o primeiro personagem na sua tão florente republica, Lourenço de Medicis. Não cedendo a ninguem em dedicação á vossa pessoa, soube elle, fallando-me de vós, accender em mim enthusiasmo tão ardente pelos vossos merecimentos, que, dia e noite, eu não largo de pensar no pregão dos vossos feitos, e o mais fervoroso voto que eu agora faço é que me seja outorgada força, poder e finalmente ensejo, para que o vosso nome tão digno de divinos elogios, os testemunhos da vossa piedade, integridade, rectidão, religião, temperança, prudencia, juizo, os da vossa justiça, fortaleza, providencia, liberalidade e grandeza de alma, e emfim os de tantas obras, tantas e tão eximias façanhas vossas, tenham monumentos fieis levantados, ainda que seja por mim, na lingua latina ou grega, de modo que não haja vicissitude de humanos acontecimentos, nem assalto da varia e inconstante fortuna nem vetustade de seculos que valha a extingui-los.

D. João por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves d'aquem e d'alem mar em Africa, e senhor de Guiné, ao mui douto varão e prezado amigo, Angelo Policiano, saude!

A vossa agradavel carta, que já ha muito li, e, sobretudo, o que amiudadas vezes nos tem referido o nosso querido Chanceller-mór João Teixeira, me deu cabal conhecimento de quanto vos interessa a nossa gloria (se em cousas humanas alguma existe) e quanto desejaes salvar do olvido com as vossas lettras o nosso nome e feitos. Tal vontade, ainda que é uma prova assaz clara de entranhado affecto e summa deferencia, todavia parece-nos que nasce ainda mais da bondade do vosso coração, da agudeza de ingenho e da copia de saber, que miram a alvo mais remontado. Assim que nos sentimos grandemente penhorados de vós, e, quando o tempo e as circumstancias o demandarem, testemunharemos mais amplamente o nosso agradecimento, esperando que não hajaes de vos arrepender da affeição que nos dedicaes. Respondendo em breves termos ao assumpto da vossa carta, dir-vos-hemos que sômos gratos sobremaneira ao offerecimento que tam frequentemente nos fazeis dos vossos serviços e affectuosa diligencia para nos alcançardes a immortalidade, e estimamo-lo e louvamo-lo. E para pôr em effeito o

intento, teremos todo o cuidado de ordenar que a nossa chronica, que, seguindo o uso do nosso reino, mandamos escrever em lingua vernacula, seja composta no idioma toscano ou pelo menos no latim commum, enviando-vol-a depois, o mais depressa que ser possa, para que vós, sem vos afastardes do caminho da verdade, assegurando a nossa memoria, a adorneis com as graças e gravidade do vosso estylo e com a vossa erudição e a aperfeiçoeis de fórma que, ao menos com o auxilio da vossa eloquencia, se torne digna de ser lida. Com effeito, muito releva (e melhor o sabeis) o estylo em que é recontado cada feito, embora illustre. Porquanto, assim como a experiencia mostra que as comidas melhores de natureza, se houve menos aceio em as guisar, são avisadamente enjeitadas, assim a historia, se lhe fallecem as devidas galas e donaire proprio, havemol-a por sem merito e merecedora de que a enjeitem. Defeitos d'esta ordem, porém, não ha que receial-os, se fôrdes vós, sujeito de tão subidas partes e tão versado em todas as boas lettras, quem haja de tomar a peito a historia dos nossos feitos. Esta é, pois a nossa intenção. Resta, Angelo amigo, que aos filhos do nosso Chanceller-mór, fidalgos da nossa casa, consagreis os maiores disvelos. Sem duvida que a vossa bondade não havia mister recommendação para assim o fazerdes espontaneamente, comtudo, encarecidamente vos rogamos que por nosso respeito tenha ainda algum augmento o vosso zelo. E na verdade a elles deveis toda a gratidão, porque o pae e os filhos, aquelle com os louvores, estes com os testemunhos provadissimos do vosso saber, não cessam de vos exaltar, fallando-nos de vós, e de fazer chegar até estes confins da terra, a fama do vosso nome, o que não faz pouco em prol da vossa gloria e reputação. Mas aos proprios mancebos nós damos os emboras por lhe ter cabido o viver em tempo em que da fonte abundante da vossa sciencia possam beber alguma instrucção, para que, servindo primeiro a Deus e depois a nós, hajam de merecer e conquistar tanto a bemaventurança celeste, como a terrestre.

De Lisboa, aos 23 dias do mez de Outubro de 1491.

Angelo Policiano a João Teixeira, Chanceller-mór real, saude!

Muitas vezes tentei escrever-vos algumas lettras para vos fazer conhecer os meus sentimentos e affeição, mas sempre me

tomou o passo uma especie de timidez, não sei se diga nobre, se rustica, por saber que não era de vós assaz conhecido e porque, antes, como que me fazia recuar o brilho deslumbrante das vossas qualidades e posição. Emfim, porém, já a consideração do meu dever, já o conceito da vossa bondade acabou comigo, que, tal como fosse, vos escrevesse a presente carta. Que assumpto, pois, hei-de eu esperar que seja mais azado para mim e mais bem acceito de vós, do que a exposição sincera do que sinto a respeito dos que são filhos vossos e discipulos meus? Para a Italia os mandastes, a fim de se lhes formarem os costumes, serem instruidos nas boas lettras e aprenderem todas as artes liberaes, segundo é proprio de quem tem de occupar a mais elevada posição. Mas, affigura-se-me, de casa trouxeram comsigo os costumes paternos; assim que, exemplos, ainda mais os dão, do que os recebem. Jámais se descobre nelles, acto algum improprio ou ruim ou descomedido ou grosseiro. Não ha enxergar nelles petulancia nem arrogancia nem licenciosidade de vistas, nem soltura de linguagem nem desconcerto de semblante, finalmente cousa nenhuma, ou seja no gesto ou no porte ou no modo de estar ou no andar, que desagrade, que incommode, que se possa taxar de affectado ou de insoffrivel. Todos os dias frequentam os templos, ouvem as lições dos mestres, não só com assiduidade, senão tambem com vivo gosto. Prendem os corações dos condiscipulos mais adiantados com a polidez das maneiras e condescendencia: esquivam inteiramente o trato com aquelles que, no seu conceito lhes damnariam os costumes ou a reputação. Entre elles não ha porfia, cujo objecto não seja o estudo; mas neste ponto o certame não conhece treguas. Em parte nenhuma estão mais vezes ou de mais bom grado do que ou na presença dos mestres ou na companhia dos condiscipulos. Tambem opportunamente dedicam tempo ao cuidado na conservação da saude, e por isso logram-na excellente. Em talentos primam de modo que (não quero ser prolixo) bem denunciam que são filhos vossos. Percebem com facilidade o que lhes é ensinado, pronunciam com elegancia, retêm com fidelidade, imitam com felicidade. Da applicação que direi? Maior ardor, mais afincada perseverança, á fé que nunca vi. D'ahi tão grandes progressos têm feito em ambas as linguas, que eu, comquanto não mui desaffeito a vêr e educar talentos, pasmo de maravilhado. Aquelle que lhes déstes para aio e pedagogo, cuida n'elles, dirige-os e educa-os com tão levantada prudencia, amor e desvelo que nada ha que desejar. Certamente que eu vos não engano, mas, por outro lado, tambem me não engano a mim. A

propria inveja assombrada confessaria que esta é a verdade. Assim que dou os emboras á vossa ventura, mas não felicito menos a vossa traça e proposito. De feito não é pequena a gloria que para vós redunda de terdes tantos e tão invejaveis filhos tão longe de vossos olhòs, do seio da familia, da patria, e por tão dilatado tempo, não para engrossarem cabedaes ou tratarem em commercios, segundo o estylo dos nossos, mas para enriquecerem o espirito de excellentes principios e grangearem para os annos adiantados, um precioso deposito de saber sobre o qual a mesma fortuna não tenha dominio. O vosso proposito, logra-lo-heis não só, além das vossas esperanças, mas até penso, além de tudo quanto se conhece. Não é menor, porém, acreditae-me, a gloria que para vós aqui adquirem, do que a instrucção que para si obtêm. E, já por vós, já por elles, voto-lhes tão cordeal affecto e sinto ser correspondido de maneira, que se me affigura que, no affecto e no zelo, quasi tomei o vosso logar. Assegurado nisto, ousarei rogar-vos que á minha carta, que havendo de ser julgada do vosso rei, como de um Apollo, desde já toda estremece e enfia, vós com o vosso alto valimento lhe outorgueis tanto favor, que antes prove a indulgencia, do que a censura de tão subida magestade.

Em Florença, aos 17 dias do mez de Agosto de 1489.

O motivo do envenenamento de Dom João II já não era sómente uma vingança da justiça contra a grande familia da casa de Bragança, era o interesse, o receio de não alcançar o throno para chegar ao qual tanto se cavillara desde a morte de Dom Duarte. Dom João II queria deixar o sceptro ao seu filho bastardo Dom Jorge; e o facto de chamal-o para de junto a si e dar-lhe casa, activou os planos tenebrosos dos que trabalhavam pela parte do duque de Beja. O rei falleceu a 25 de Outubro de 1495; estavam presentes entre outros cavalleiros, os poetas do *Cancioneiro* Dom Martinho de Castello Branco, o Prior do Crato, Lopo da Cunha,

Diogo Lobo, João Fogaça, Affonso Fernandes arroyo, e Nuno Fernandes de Athayde. No *Canciro* achamos a impressão causada pela morte de João II. Luiz Anriques celebra este successo não quecendo de mostrar a erudição de um poeta da scença, comparando a morte prematura do rei com heroes da antiguidade:

O mauno *Alexandre*, do mundo senhor,
levaste no tempo que mais frorecia,
e cando em vertudes mais permanecia,
o muy esforçado troyano *Heytor*.
O forte *Troylos* com seu matador,
Paris e *Febos*, e el-rei *Menom*,
no menos a *Pyrros* e *Agamenon*,
que dos grecianos foi emperador.

E assy t'aprouve, a todos pesando,
levar-nos a perla do principe Affonso;
leyxou-nos gram dor o triste responso
que em suas honras ouvimos cantando.
O que s'esperava que fosse imperando
tam moço de dias, tam velho em saber,
fizeste-nos orfãos assi de prazer,
que nossa tristeza mais creçe lembrando.

E nom acabados seriam cinqu'annos,
quando tu, triste, cruel e tragoa
levaste seu padre, qu'a fama pregoa
passar em vertudes os bravos romanos,
e guerras ferozes com os Africanos
fazer e soster em paz seu reynado,
leyxou-nos sa morte gram dor e cuydado,
vestindo-nos todos de mui tristes panos. (1)

1) *Canc. ger.*, t. II, p. 247.

Este metro era chamado *estyllo de lamentação,* e fôra empregado já pelo Camareiro-mór, que vivera muitos annos em Castella. O poeta Diogo Brandão fez n'este metro um poema mais extenso á morte de D. João II, contando a historia de Portugal desde o tempo de D. João I até aquelle aonde acabára a sua dynastia. Na Italia, no fim do seculo XV, começaram-se a escrever os poemetos historicos, e o apparecimento d'estes dois em Portugal deve considerar-se como primeiras tentativas para as epopêas eruditas. O poema de Diogo Brandão foi escripto depois da trasladação de Dom João II em 1498 do Alvor para a Batalha. Diogo Brandão era filho de João Brandão e de sua segunda mulher Dona Brites Pereira Peixoto, filha de Diogo Peixoto, adaíl-mór do reino e senhor de Penafiel. Casou com Isabel Nunes Pereira, filha de Nuno Alvares Carneiro, de quem teve cinco filhos. Foi senhor da Quinta de Crexas e Peruzello, cavalleiro d'el-rei Dom Manoel e Contador da Fazenda Real do Porto, d'onde era natural. Era intimo amigo do poeta João Rodrigues de Sá; morreu em 1530, e jaz no Mosteiro de Sam Francisco, do Porto. Em uma Carta de Lei de 22 de novembro de 1497, ao Contador do Porto, *João Brandão,* para remetter á côrte todos os Foraes, (1) se vê que Diogo Brandão succedeu depois d'esta data no cargo de seu pae. No poema a Dom João II todas as vezes que Diogo Brandão se afasta dos consectarios moraes para a historia, põe as chronicas em versos:

(1) Liv. 19 das *Vereações do Porto*, fl. 20.

D'aqui se consire na ordem que dava,
em pagar dividas que seu pae devia;
poys como as suas já mal pagaria,
quem tam grandemente as alheias pagava?
Jamays d'elle orfão nenhum se queixava,
a todos por inteiro muy bem se pagou,
com pagas dobradas, vy eu que pagava
a prata das egrejas, que entam se tomou.

Poys em Castella, ahy n'essa *guerra*
se foy esforçado mui bem se mostrou;
depoys da batalha no campo ficou,
os mortos n'aquella metendo sô terra.
Tambem n'essas pazes, se a penna não erra,
fuy muy prudente e muy sabedor
os meios tomando dos vales e serra,
que n'estes consiste vertude mayor.

Nam menos no reyno, por este teor
no tempo que foe aquella discordia
usou mais com elles de mysericordia,
do que n'isso fez com justo rigor...

Com animo grande de esperas reaes
abriu o caminho de todo Guiné,
mays por creçer a catholica fé,
que nam por cobiça dos bens temporaes...

Se em todo ponente se sente gram grorea,
por serem as Indias a nós descobertas,
elle foi causa de serem tam certas
e tam manifestas por nossa vitorea.

)epois de chegar a este limite, que assignala uma
iova, Diogo Brandão fala da morte de D. João II,
como passados tres annos foi o seu corpo ainda
lo inteiro:

Fez fim no Algarve, na vila d'Alvor,
no decimo mez, á fim já propinco;
sendo da era de nosso senhor
quatorze centenas noventa mais cinco.

Com gran cerymonia a Silves levado
d'ali foi dos seus, que o muyto sentiam:
quem antes um pouco as gentes seguiam,
ali ficou só de todos deixado.

D'ali a trez annos nom bem precedentes
foi com gram festa d'aqui trespassado
e posto no lugar que está deputado
em ser mausoleo dos nossos regentes, etc. (1)

Diogo Brandão tambem cultivou a poesia amorosa; as suas coplas eram conhecidas em Hespanha, e nas *Agudezas* de Lorenzo Gracian, no Discurso XXIV exemplificando um conceito paradoxal, transcreve esta estrophe:

Poys tanto gosto levaes
com minha morte sentida,
pera me matardes mais,
me deves dar esta vida. (2)

Diogo Brandão teve outro irmão poeta, que figura tambem no *Cancioneiro,* chamado Fernão Brandão; este foi Camareiro do Infante Dom Fernando, filho de Dom Manoel, e casou com Dona Isabel de Pina, filha do Chronista-mór do reino Ruy de Pina e de sua mulher. Teve cinco filhos legitimos, e um bastardo. (3) Fernão Brandão era grande amigo de Anrique de Sá, pae de João Rodrigues de Sá, a quem fazia perguntas em verso, no mesmo metro e estyllo que Fray Diego

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 190 a 200.
(2) *Ibid.*, p. 210.
(3) Abbade de Perozello, *Nob. ms.*, t. III.

e Valencia a Vasco Pires de Camões, na época da eschola gallega. (1)

O poeta Luiz Anriques, que obedecia á influencia historica que vinha de Italia, escreveu outro poemeto «*quando troxeram a ossada del-rey dom João o segundo, que he em santa groria.*» O sentimento catholico leva-o por um instante a renegar das divindades pagans:

> As Musas, que invocam famosos poetas
> em suas obras e doce poesia,
> a esta nam chamo, nem quero por guia
> caso que sejam muy justas e netas....

Pouco depois lembra-se da lenda de Trajano já celebrada por Dante, por se ter achado incorrupto o corpo de Dom João II:

> Rey santo, rei justo, rei dino de ser
> canonisado na egreja por santo;
> pois vimos milagre tam dino de espanto,
> que um só no mundo e este he de ler:
> O rosto *Trajano* sem terra comer
> *qu'o papa Gregorio salvou de perdido,*
> *gentilico sendo,* por deos promettido
> só por verdade e justiça fazer. (2)

A influencia da *Divina Comedia* já começava a sentir-se. No canto X do *Purgatorio,* se allude a esta len-

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 347.
(2) *Ibid.*, t. II, p. 250.

da da edade media: «Ali estava representada a gloria sublime d'esse principe romano cuja grande virtude levou Gregorio ao seu grande triumpho. Eu falo de Trajano, o imperador, e uma pobre viuva sustinha o freio do seu cavallo em uma posição de lagrimas e de dôr. Em volta d'elle agrupara-se uma multidão de cavalleiros e as bandeiras das aguias d'ouro fluctuavam ao capricho do vento por cima das cabeças. A desgraçada, no meio de todos elles, parecia dizer: —Senhor, vinga meu filho que é morto, que tanto me parte o coração...» Trajano conheceu que o assassino era seu filho, mas não deixou de fazer justiça á viuva. É provavel que esta lenda viesse por via dos *Exemplos* da edade media, sendo por isso figurada nas tapeçarias de Dom João II, mas o nome de *Dante* apparece uma vez citado no seculo XV em Portugal: «Como as vontades humanas muitas vezes, as cousas vindouras por um calado segredo aos mortaes apresentam, como aquelle famoso poeta *Dante* na sua primeira cantica reza...» (1) A influencia dantesca revela-se mais nitidamente no poema allegorico de Duarte de Brito.

A impressão causada pela morte de Dom João II foi profunda; o poeta palaciano Ayres Telles de Menezes, abandonou a côrte e metteu-se a frade. Garcia de Resende recolheu esta curiosa anedocta; quando Dom João II nos ultimos dias de vida foi para o Algarve

(1) Azurara, *Chr. do Conde Dom Pedro de Menezes*, cap. 79.

«viu luctas dos da terra, e da côrte com que folgou, e fez luctar *Ayres Telles, que ora é Frade,* que era grande luctador, e ganhou ahi as fogaças, com que el-rei recebia prazer.» (1) D'este poeta existem muitos apodos e canções na collecção de Resende, e o falsificador Antonio Lourenço Caminha forjou em seu nome varias composições miseraveis. Ayres Telles era filho de Fernão Telles de Menezes, mordomo-mór da rainha Dona Leonor, senhor de Unhão, e Commendador de Ourique da Ordem militar de Sam Thiago; sua mãe era Dona Maria Vilhena, filha de Martim Affonso de Mello, alcaide-mór de Olivença e antigo guarda-mór nos paços de Dom Duarte e Dom Affonso v. O facto de assistir aos ultimos momentos de Dom João II, fel-o abandonar o seculo, professando na Ordem de Sam Francisco no Convento da Arrabida, aonde morreu.

O poeta e fidalgo da côrte de Dom João II, Diogo Velho, celebrou este monarcha, que tanto se distraíu com as bellas-artes e com as expedições maritimas:

> O poderoso rei segundo
> Joham perfeito, jocundo,
> que seguiu este profundo
> caminho tam divinal.
> O cabo de boa Esperança
> descobriu com temperança,
> por sinal e demonstrança
> d'este bem que tanto val. (2)

(1) *Chr. de Dom João II,* cap. 208.
(2) *Canc. ger.,* t. III, p. 466.

As grandes navegações que agitaram os ultimos annos d'este reinado, vieram dar á sociedade portugueza uma avidez mercantil, que Alvaro de Brito tambem accusa em 1496; o fanatismo hespanhol communicado a Portugal pelos casamentos do novo rei D. Manoel tornaram letra morta a boa tolerancia da Ordenação Affonsina. Ao esplendor dos serões da côrte succedeu a tristeza que Sá de Miranda notou com pezar. Se algum brilho poetico ainda existiu na côrte de Dom Manoel foi devido aos velhos cavalleiros da côrte de Dom João II que sobreviveram, como Dom João de Menezes, Dom João Manoel, o Conde de Vimioso, e á decidida protecção da rainha viuva Dona Leonor, dada a Gil Vicente.

CAPITULO II

Nuno Pereira de Lacerda

Os Livros de Linhagens citam Nuno Pereira. — Seu favoritismo com Dom João II, quando principe. — Garcia de Resende accusa-o de captação para obter o titulo de Conde. — As trovas de *Per' Alteza*, confirmam esse favoritismo. — Nuno Pereira distinguia-se na côrte como bom apodista. — Apodos a uma dama, a proposito do saymento de Dom Affonso V em 1481. — Seus amores com Dona Leonor da Silva, origem do divertimento palaciano de 1483. — Era alcaide de Portel no tempo da morte do Duque de Bragança. — O Romance da *Bella mal maridada* começa a ser glosado. — Nuno Pereira retira-se da côrte antes de 1491. — Versos a Francisco da Silveira, comparando a vida da provincia, no trabalho da lavoura com as etiquetas palacianas. — Os versos do Nuno Pereira revelam ter caído do agrado do monarcha.

É este o poeta mais afamado do *Cancioneiro* de Resende pelo seu caracter lyrico, e pela amisade intima que teve com Dom João II, quando era ainda principe. Segundo o volumoso *Nobiliario* do Abbade de Perozello, (1) seu pae se chamava Diogo Nunes Borges, e sua mãe Dona Brites Rodrigues. Apezar de apparecerem outros fidalgos com este nome, é sómente d'este que o genealogista escreve: «viveu em tempo d'el-rei Dom João II, e diz Resende, que lhe era mui affeiçoado e folgava muito com elle por ser mui discreto e galante, e lhe passou um Alvará que o fez Conde quando

(1) Tomo x, fl. 164.

fosse rei, o que não cumpriu.» Em vista d'estas relações de amisade, é de suppôr que Nuno Pereira nasceu não muito antes de 1455, porque a sympathia que o principe lhe votava, era em parte devida á mesma edade que contavam. Nuno Pereira foi Alcaide-mór de Portel, Vidigueira e Villa do Conde; casou a primeira vez com Dona Brites Henriques, filha de Dom Fernando Henriques, a qual morreu sem filhos; sua segunda mulher foi Dona Guiomar de Coria e Brito, filha de Pedro Duarte, de quem teve tres filhos e duas filhas. O malicioso Garcia de Resende, que glosou a sua *Chronica*, formada sobre as notas de Ruy de Pina, com as anedoctas pittorescas da côrte, conta as relações intimas que Nuno Pereira teve com Dom João II, e que lhe íam sendo fataes. No *Cancioneiro*, as trovas de *Per' Alteza*, tambem nos pintam o ciume que todos os outros poetas palacianos sentiam com essa intimidade. Vejamos em primeiro logar a *Chronica*:

«Sendo el-rei principe, no tempo da sua mocidade folgou muito com *Nuno Pereira*, fidalgo da sua casa, homem galante, cortesão e *bom trovador*; e sendo assás privado, pediu ao principe que lhe fizesse mercê de um alvará em que lhe promettesse de o fazer Conde, tanto que fosse Rei. E o principe por ser moço e lhe querer grande bem, lhe deu o Alvará feito á vontade de Nuno Pereira sem o ninguem saber, o qual teve muitos annos em segredo, sem d'isso dar parte a pessoa alguma, nem lembrar mais ao principe. E depois que foi alçado por Rei, Nuno Pereira com o Alvará na mão lh'o veiu

requerer que lh'o cumprisse. E El-rei quando viu e leu o Alvará que nunca mais lhe lembrara, ficou enleiado, e tomou-o e disse-lhe, que elle lhe responderia. E teve logo sobre isso conselho, se era caso de castigo, pois em moço lhe fizera fazer o que não devia, folgando com elle. E emfim rompeu o Alvará, e disse a Nuno Pereira, que maior mercê lhe fazia em o castigar, do que lhe fizera se lhe cumprira o Alvará, e porém depois sempre lhe fez honra e mercê.» (1)

No *Cancioneiro* encontramos um longo e engraçado apodo «*a Nuno Pereira por uma Carta que escreveu ao Princepe, e pôz-lhe no sobreescrito: Per' Alteza do Princepe nosso Senhor.*» (2) O tempo em que este apodo foi escripto deve ser depois de 1470, porque aí se refere á descoberta da Mina, pelo poeta Fernão Gomes da Mina. Abre com uma estrophe do Coudel-mór:

> Nós outros, a civel gente,
> quando nos tomam de salto,
> escrevemos: Oo muy alto
> poderoso e eycelente.
> Mas pois o paço despreza
> velhices de notador,
> d'oje mais vá: *Per' alteza*
> *do princepe nosso senhor.*

Ao Coudel-mór Fernão da Silveira, filho de Nuno Martins da Silveira, segue-se o outro Fernão da Sil-

(1) Garcia de Resende, *Chron.*, cap. XXIII.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 149.

veira, filho do Dr. João Fernandes da Silveira, que continúa:

> Bem cuydou de dar no fito
> ou ao menos na calveira,
> quem notou tal sobreescrito
> como pôz Nuno Pereira.

Figuram n'este apodo contra o valido do principe, Jorge de Aguiar, Diogo Reimoto, Anrique d'Almeida Passaro, o Dr. Mestre Rodrigo, astrologo da côrte de Affonso v, João de Arrayolos Mourisco, Dom Anrique Anriques, e seu irmão Dom Affonso Anriques, o terrivel vedor João Fogaça, que espancava os moços da camara, Gomes Soares, Diogo de Miranda, Alvaro Nogueira e Diogo Pereira. Perderam-se os apodos de Garcia de Mello, de Ruy de Sousa Borges, do camareiro-mór Ayres da Silva, de Diogo Pereira de Alter, de Fernão Gomes da Mina, de Marianes da Infante e de Francisco de Miranda. Nuno Pereira respondeu a todos elles com petulancia; apoda o Coudel-mór de admirar o talento poetico de seus filhos Francisco e Jorge da Silveira, accusando aquelle de assignar as trovas do pae, e a este de dar arrotos ao pé das damas. Todas estas chufas pezadas deviam agradar ao principe. Nuno Pereira figurou em muitos outros apodos «*a Dom João Pereira, quando casou, porque a primeira noute foi dormir á pousada de Joam de Saldanha.*» Os versos que lhe fez fundam-se no anexim: *Nunca de rabo de porco bom virote,* conhecido já no seculo xv:

Dom João, despois que ceou
potages, partes de pote,
um *rabo de porco* achou,
que por muito que esfregou
nam pode fazer virote.
E diz que por nam passar
uma vergonha tamanha,
que se lançara no mar
se não achara Saldanha. (1)

Este poeta João de Saldanha era filho de Diogo de Saldanha, que acompanhou Dom Affonso V a França, e lá morreu em 1477. Nuno Pereira apodou tambem o velho Embaixador Pero de Sousa Ribeiro, sobre louçainhas que mandava fazer em uma Judearia, d'onde nunca saía, (2) e por fazer rir nos serões do paço com as suas trovas de amores.

A audacia de Nuno Pereira explica-se pelo muito prazer que o principe encontrava nos seus chascos; quando em 1481, Dom João II veiu de Beja á Batalha fazer o saymento de seu pae, Nuno Pereira não poupou esse acto, descrevendo como uma certa dama do paço devia de ir montada em uma mula a essa cerimonia funebre. (3) É provavel que Dom João II não gostasse do gracejo, de sorte que quando Nuno Pereira depois de 1481 lhe apresentou o Alvará em que fôra nomeado Conde, o rei praticou um acto de generosidade não o castigando duramente por essa captação menos digna, descripta por Garcia de Resende. Ruy de Pina tambem

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 161.
(2) *Ibid.*, p. 168, 223.
(3) *Ibid.*, p. 92.

descreve um acto cruel de Nuno Pereira, quando era Alcaide de Portel, recusando asylo ao Marquez que fugia ao saber do assassinato do Duque de Viseu.

N'esse mesmo anno Nuno Pereira figurou nos serões do paço em Santarem, sendo um dos litigantes no certâme poetico do *Cuidar e Suspirar*, contra D. Leonor da Silva, que tambem recebia as galanterias de Jorge da Silveira. Nuno Pereira sustentava o partido do *Cuidado*, alegando Oriana e Yseult. Dona Leonor da Silva sentenceou pelo suspirar, e sem attender aos poetas galanteadores, casou com um fidalgo da Beira. Existe de Nuno Pereira uma poesia «*á senhora Dona Leonor da Silva, porque em tempo que elle a servia se casou*»: (1)

Poys que dama tam perfeita
consentiu de á casarem,
e quiz ser d'outrem sujeita,
os servidores que engeita
tem rezam de praguejarem...

Seguem-se depois muitas pragas engraçadas de amante despeitado:

Pois se poz em tal afronta
de querer saber de rocas,
de meadas tome conta
e saiba quanto se monta
a noite nas maçarocas.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 249.

Ainda a vejam coçar
seu marido na cabeça,
ainda a vejam criar
gallinhas e as lançar
por que mais dona pareça.

Vá morrer, pois me matava
ante'os soutos lá na Beira,
pois servil-a não prestava,
pene lá, quem pena dava
cá ao seu Nuno Pereira.
Donzella mal maridada
que se nos vae d'esta terra,
Deos lhe dê vida penada,
porque lhe seja lembrada
minha pena lá na serra.

O marido é tambem praguejado n'esta engraçada
tyra; elle pertencia á familia dos Sousas:

dá doenças mui agudas
a que não prestem ajudas
nem jolepes ó de *Sousa*.

Jorge da Silveira vem em auxilio de Nuno Pereira,
odando Dona Leonor da Silva, dizendo-lhe:

Por vós fizeste lembrar
a gentil *mal maridada*,
por vós a vereis cantar
e vós deveis de chorar
tal errada.

Garcia de Resende, mandando noticias da côrte a
anoel de Goios, que estava por capitão na Mina, al-
de a este casamento de Dona Leonor da Silva:

A que sabeis que casou
que diz qué é *mal maridada*,
o dia que se ençarrou
uma grande bofetada
a seu esposo pegou.
Vêde bem o que faria
ou se lhe responderia
o marido a consoante,
dizem que d'y em diante
lhe gastou a cortezia. (1)

Nuno Pereira e Jorge da Silveira referem-se ao antiquissimo romance popular da *Bella mal maridada*, que d'ora em diante ia ser glosado parodiando a situação de Dona Leonor. Francisco da Silveira, de um cáracter duro até á colera, saiu tambem a ajudar Nuno Pereira com pragas:

Eu té qui andei calado
sem querer pragas lançar,
mas pois vós *senhor cunhado*
fostes lebre levantar
quero-me eu d'outra vingar...

Nos *Porquês* anonymos achados no paço de Setubal, tambem não escapou Nuno Pereira:

Porque traz *Nuno Pereira*
cabelleira sobre velho? (2)

Nuno Pereira, talvez em consequencia da má vontade que lhe tomou Dom João II, abandonou a côrte, como se vê por uns versos a Francisco da Silveira:

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 576.
(2) *Ib.*, t. III, p. 240.

Meu senhor e meu cunhado
depois que vim de *Lamego*,
fui descançado
porque dey a mim cuidado,
desengano d'assessego...

Lá lograe vossos serões,
vossas damas e privanças,
c'os cortezãos;
mas hum par de bois nas mãos
val sem pares de esperanças...

Oh que enveja vos hei
a empuxões do porteiro!
oh quam bem sei
um meter diante el-rei
e entrar o derradeiro...

A vós faça Deus privar
a mim guarde e defenda
de desembargar
e d'Alcaçova falar
e de Crasto na fazenda...

Privar em cas' da rainha,
Deus vol-o deixe fazer,
e a mim uma vinha,
e regar uma almoinha,
em que tenho mór prazer.

Deus vos dê muita privança
com el-rei nosso senhor,
e a my lavrança,
aguilhada em vez de lança,
vos paçãо, eu lavrador.

Nuno Pereira continúa, dizendo que mais gosta no
u retiro de lançar pulhas aos da estrada, do que estar
ı côrte a ouvir motes ao Reimoto. O motivo real d'este
u ostracismo foi a severidade de Dom João II; mas
ıra com o publico palaciano, Nuno Pereira, escrevia:

que nam me dá
já do bem nem mal de lá,
por casar minha senhora.

Em umas trovas de Nuno Pereira, todas com sentido moral, queixando-se da fortuna, pinta o desfavor do monarcha, em que incorrera:

Hum bom de muito prazer
que ventura per si deu,
ordenou por caso seu
de se perder.
Todo o bem que dá ventura
sempre dá voltas do mal,
muitas vezes caso tal
que pouco dura.

A fortuna sempre cata
casos, tempos desvairados
para dar novos cuidados
com que mata.
O modo que sempre tem,
é que no tempo melhor
ali volta ser peor.
o seu bem. (1)

Era esta a situação moral em que se achava o valido na decadencia. Já fóra da côrte Nuno Pereira casou, e nos seus versos encontramos esta rubrica «*quando casou com Dona Isabel*», (2) que não condiz com o *Nobiliario* de Perozello. Outros versos de Nuno Pereira trazem a epigraphe: «*Parentesco de Nuno Pereira*

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 260.
(2) *Ib.*, p. 270.

com Dona Guiomar de Castro, porque querendo-a servir lhe disse que eram parentes, sem o ser.» Esta era uma das damas mais celebradas do *Cancioneiro,* (1) filha de Fernão de Sousa, senhor de Gouvêa, e de sua mulher Dona Mecia de Athayde. Nuno Pereira chasqueando esse supposto parentesco, deixa este dado biographico:

> E vossa mãe e a minha
> ambas n'um logar moraram
> ambas viram a rainha,
> e ambas já se finaram.

Nos versos de Nuno Pereira encontramos algumas referencias a grandes factos politicos, como na poesia *«a Anrique d'Almeida, quando veo de Castella»,* e n'aquella ao mesmo *«porque estando em Santarem soube como elle servia de veador o Duque D. Diogo.»* (2) N'este apodo figuram as damas da infanta Dona Filippa, tia de Dom João II e tambem poetisa; eram as suas damas Dona Maria de Sousa, Leonor Moniz, D. Maria da Cunha, Maria de Sousa, Joanna Ferreira, D. Joanna Henriques e Dona Isabel da Silva, que segundo os usos da côrte todas versejavam. Apparece por ultimo uma estrophe sua em ajuda do Prior de Santa Cruz, por occasião do casamento de Dona Branca, dirigida ao principe Dom Affonso, que com ella andava de amores. (3)

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 110, 259, 334, 489; t. III, p. 76.
(2) *Ib.*, t. III, p. 162.
(3) *Ib.*, p. 193.

Entre os justadores que acudiram ás grandes festas de Evora em 1490 não se encontra entre os outros poetas o nome de Nuno Pereira, signal evidente de que elle já por este tempo não frequentava a côrte. Nas trovas de Anrique d'Almeida *«porque lhe davam uma egreja com o habito»*, diz o poeta:

> Eu estando em Marvão
> estas novas fui saber. (1)

Nuno Pereira entregou-se á agricultura, e ridicularisando os galanteadores que estavam nos serões do paço em um pé só, declara que achava mais encanto em plantar milhares de pés de oliveira. Uma desgraça palaciana fez de um cavalleiro poeta, um lavrador burguez.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 267.

CAPITULO III

Duarte de Brito

Casamento de Duarte de Brito com uma neta de Zarco. — As festas da Imperatriz de 1450. — Os costumes francezes. — Duarte de Brito, amigo da mocidade com Dom João de Menezes. — Frequenta os serões do paço em Santarem e apaixona-se por Dona Helena. — A sua prisão, segundo as ideias do patrio poder no seculo xv. — A glosa de Santa Thereza. — O poema da Visão do Inferno, segundo a allegoria dantesca. — Os dialogos dos Rouxinoes. — Uso da Mythologia na Renascença. — Imitação da *Satyra de Vicios e Virtudes* do Condestavel de Portugal. — Uso de palavras novas por Duarte de Brito.

Discordam os genealogistas sobre alguns dados biographicos de Duarte de Brito; o Abbade de Perozello diz que era filho segundo de Francisco de Brito e de Isabel Jusarte. Este nome de Jusarte pertence aos delatores do Duque de Bragança, e o nome de Duarte de Brito, inscripto entre os cavalleiros da moradia de D. João II, que tanto premiou esses accusadores, torna admissivel a asserção do manuscripto citado. Cordeiro, na *Historia insulana,* diz que Duarte de Brito casou com Joanna Cabral, filha de Diogo Cabral e de Brites da Camara, e neta do descobridor da ilha da Madeira, João Gonsalves Zarco. (1) É tambem acceitavel este facto, corroborado pelas suas relações de amisade com

(1) *Op. cit.,* p. 84.

o poeta João Gomes da Ilha, que em 1483 vivia na ilha da Madeira, apezar de estar em opposição com os seus versos feitos a uma namorada, Dona Helena, e em opposição com o Abbade de Perozello, que o dá casado com Dona Isabel de Azevedo e como tendo militado na India. (1)

É este o poeta mais lyrico e elegiaco do *Cancioneiro* de Resende; as suas composições são as unicas que accusam um certo conhecimento de Dante, pela fórma da Visão do Inferno, em que elle observa uns namorados, como pelas continuas allegorias, que denotam uma influencia poderosa da eschola hespanhola.

Em uns versos ao trovador João Gomes da Ilha, Duarte de Brito desafiando-o com remoques para rifarem ou se apodarem, allude ás festas do casamento de D. Leonor, irmã de D. Affonso v, com Frederico III, imperador da Allemanha, em 1450.

Esta segunda epocha a que Duarte de Brito se refere, em que reina um certo silencio na côrte, será por ventura quando se projectava a partida de Dom Affonso v para França em 1477, e a facção do Duque de Bragança receiava o governo do Principe perfeito.

Duarte de Brito allude tambem aos costumes da côrte de França, quando em uma poesia a Dom João de Menezes aconselha para que não sirva mais nenhuma dama:

(1) *Nobil. ms.*, t. III.

Mas d'aquestes males fóra
ficando de morto vivo
his servir de novo agora
quem de vós fazeis senhora,
e vos d'ella mais cativo.
Mas um conselho, senhor,
vos darei a ley de França:
que não vos fieis d'amor,
que é falso enganador,
onde não mal faz mudança. (1)

Por esta poesia se vê que Duarte de Brito conheceu Dom João de Menezes ainda moço; trovavam segundo o mesmo gosto, porque ambos usam da fórma de *Comparações,* que desenvolvem allegoricamente. Entre os versos vem uns com esta rubrica: «*a sua dama em uma partida, sendo moço.*» A esta sua primeira paixão allude Duarte de Brito, no principio da sua carta a D. João de Menezes:

E lembrou-me que perdido
vos vi tanto por amores,
que nam pode tanto crido
ser o mal, como soffrido
tendes soffridas de dores. (2)

Dom João de Menezes, depois de ser infeliz com os amores de Dona Guiomar de Menezes, que o despresou pelo Prior do Crato, foi apaixonar-se por uma es-

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 318.
(2) *Ib.*, p. 317.

crava sua chamada Correia. A isto se refere Duarte de Brito no verso: «*E vós d'ella mais cativo.*»

Estes factos bastam para definir a época em que floresceu Duarte de Brito. O estylo exageradamente subjectivo, uma imitação das allegorias de Padron, e da *Satyra dos Vicios e Virtudes* do Condestavel Dom Pedro, accentuam o caracter d'este trovador palaciano, o mais elegiaco entre todos os do seculo xv. Duarte de Brito frequentou a côrte, como se vê pelas glosas que elle fez a varias damas do paço, que lhe deram *Motes*, «*os quaes motos são a derradeyra regra de cada copra.*» Os nomes d'essas damas são Dona Beatriz Pereira, Dona Branca Coutinha, Beatriz de Azevedo, Dona Margarida Furtada, Beatriz de Athayde, Dona Margarida Anriques, Dona Orraca, Dona Guiomar de Castro, Dona Isabel Pereira, Dona Maria Athayde, Dona Catherina Anriques e D. Felippa Anriques. (1) Em uns *Porquês* satyricos contra os poetas da côrte, achados nos Paços de Setubal em tempo d'el-rei Dom João II, fala-se d'estas damas:

> Porque fala todo o dia
> por todos *Beatriz Pereira?*
> porque traz *Dona Maria*
> sos braços tal raposeira?

Esta era Dona Maria de Athayde; Dona Branca Coutinha veiu a ser mulher de Dom Martinho da Silveira. Continuam os *Porquês* anonymos:

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 331.

Porque he tam máo rapaz
Dona Margarida Anrique.

E tambem:

Porque sáe em tanta cousa
Dona Orraca ao padre? (1)

Nenhuma d'estas damas era a apaixonada de Duarte de Brito; não morava na côrte aquella que tanto amava e que era tão esquiva. O seu amor era mysterioso; como trazendo viva em sua alma a tradição provençal, assim cala o nome que o inspira; glosando um mote de Dona Felippa Anriques, diz:

Folgaria de contar
la mi secreta passion;
mas pues no puede prestar,
escusado he hablar
con nadie my coraçon. (2)

O logar em que nasceram estes amores era em Santarem; em umas coplas de despedida, partindo d'essa terra, exclama:

Ho campos de Santarem,
lembranças tristes de mim,
onde começou sem fim,
desesperança sem bem!

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 241.
(2) *Ibid.*, p. 335.

Ho gram beldade, por quem
levo cheia a memoria
com tal cuidado, que tem
a morte vôlta com grorea. (1)

Helena, era o nome da namorada de Duarte de Brito; elle o revela em duas passagens das suas coplas melancholicas:

Me faz muy grande temor,
senhora *Dona Helena*,
de dizerem, qu' é com pena
que vossa mercê ordena
morte a um servidor. (2)

Haviam sete annos que o poeta amava a donzella de Santarem, sem que ella se doesse de suas lagrimas:

Sam *sete annos* passados,
senhora *Dona Ilena*,
que vivo com tanta pena,
que sam já desesperados.
Meus dias, sem ter prazer,
com suspiros, pena tal,
que por nam sentir mais mal
peço morte por viver. (3)

A verdade que tem a poesia em que se queixa mostra que a paixão teve uma certa realidade. Diz elle, e tão sentidamente:

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 320.
(2) *Ib.*, p. 337.
(3) *Ib.*, p. 348.

Com gram dôr, sem piadade,
de noite, como de dia,
sempre vivo em companhia
de desejo e da saudade.
Faz-me triste quanto vejo
em cuydar cousas passadas,
as presentes sam choradas,
de mim triste com desejo.

rna outra vez a referir o nome da amada:

Se por mal meu bem haveis,
senhora *Dona Ilena*,
por esquecer minha pena,
peço a morte que me deis, etc.

s todos os soffrimentos são bem merecidos dian-
ara formosura de Helena:

E se alguns me julgarem
o extremo de meu mal
por fraqueza soffrer tal,
sei mui bem que se olharem
Vossa grande fremosura
com vossos merecymentos,
teram por bem os tormentos
em que vivo com tristura.

·ém o extremo do amor ía fazendo succumbir o
como a um dos bons amadores da eschola pro-
; em uma poesia que traz a rubrica: «*fazendo
que lhe mandou perguntar sua dama como esta-*
clama:

A ti solo, bien de mi vida,
y plazer de mi tristura,
my dulçor e amargura,
por quien mi salud perdida
my dolencia es sin cura. (1)

Estes amores seriam quando Duarte de Brito era ainda novo; succedeu-lhe ser preso por seu pae, como succedeu ao Conde de Villa Nova, (2) e a Christovam Falcão, e a Dom Antonio de Noronha, e a outros muitos mancebos, no tempo em que por effeito da Renascença cesarista do direito romano, a doutrina do patrio poder fôra exagerada quasi até ao direito *vitae et necis*. Este facto deduz-se de uma poesia de Duarte de Brito que traz a rubrica: «*a sua dama, estando prêzo.*» (3) Por effeito d'esta prisão escreveu outra poesia, que traz a rubrica, «*que avya muito tempo que nam vira sua dama.*» (4) Foi durante este abandono, que Helena lhe escreveu, ao que Duarte de Brito compoz uma «*Resposta a uma carta que lhe mandou sua dama.*» (5)

Em uma das suas elegias, escriptas em hespanhol, segundo a primeira influencia dos poetas da côrte de Henrique IV de Castella, traz Duarte de Brito uns versos, que foram muito imitados, e que accusam o conhecimento das suas poesias em Castella. Diz elle:

(1) *Canc. ger.*, p. 353.
(2) *Ib.*, t. II, p. 62.
(3) *Ib.*, t. I, p. 359.
(4) *Ib.*, p. 363.
(5) *Ib.*, p. 361.

E con tanto mal crecydo
como sam vuestras cruezas,
que por vós triste cativo
ya no bivo, porque bivo,
y muero, porque no muero. (1)

O celebre fidalgo e poeta Dom João de Menezes, que Duarte de Brito consultava em questões de casuistica amorosa, tambem escreve:

Porque es tormiento tan fiero
la vyda de my cativo,
que no bivo porque bivo
y muero porque no muero. (2)

São estes versos os que a Doutora do amor divino, Santa Thereza, glosou em decimas abrasadas, de um erotismo mystico, começando:

Vivo sin vivir en mi,
y tan alta vida espero
que muero porque no muero. (3)

Se Duarte de Brito vivesse n'um seculo de fervor religioso, como o seculo XVI, teria sido um exaltado poeta mystico, como Sam João da Cruz ou Frei Luiz de Leão; viveu no seculo em que se operava a grande Renascença da antiguidade, em que a alma humana se retemperava pela tradição nas fontes da natureza; assim obedeceu ao

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 343.
(2) *Ib.*, p. 117.
(3) *Obras*, t. II, p. 361. Bruxellas, 1740.

seu tempo, foi um poeta platónico, casuista, sentimental, melancholico e amante das personificações e allegorias. Elle sabia do grande commercio de Portugal com as republicas italianas, mas conheceu a poesia dantesca em segunda mão, através da Hespanha. Duarte de Brito tem uma obra capital, que se destaca entre todas as poesias portuguezas do seculo XV, e occupa um logar unico na historia litteraria; é o poema «*em que conta o que a elle e a outro lhe aconteceu com um Rouxinol, e muytas cousas que viu.*» (1) É uma visão dantesca e allegorica como a *Satyra dos Vicios e Virtudes* do Condestavel Dom Pedro, ou como o *Inferno de amor*, de Juan Rodrigues del Padron. O companheiro com quem se acha n'esta visão, é por certo Dom João de Menezes, então ainda mancebo, com quem discutia os problemas do coração. Este poema tem outenta estrophes, em geral todas dignas de exame. Começa:

Dois tristes afortunados,
debaixo das verdes ramas,
estando muito penados,
de prazer desesperados,
falando em nossas damas,
Ouvimos cantar uma ave,
qu'em seu canto parecia
roussinol,
manso, doce, mui suave,
per mui alta melodia
per be-mol.

(1) *Canc. ger.*, t. I. p. 286.

Os dialogos dos rouxinoes com os namorados vem a poesia oriental, que communicou este uso aos troadores provençaes; no *Cancioneiro* de Dom Diniz encontramos mais de uma vez dialogos com rouxinoes; a poesia da eschola castelhana de Villassandino é freuente egual dialogo, usado tambem no *Roman de la Rose*. Não é este o unico ponto de contacto de Duare de Brito com a poesia da edade media; elle traz uma nvocação ás Musas, que habitam as alturas do Parnaso e que mostram aos ignorantes a gram fonte do Peasso, e dirige-se principalmente a Caliope. Aqui está caracter erudito da elaboração intellectual que precee a Renascença; o seculo XVI hade preoccupar-se mais om Caliope, e esforçar-se para crear a epopêa acadeica.

Duarte de Brito começa o dialogo dos Namorados om o Rouxinol, que cantava ao modo como se usa nas *lvoradas* dos jogos de cavalleria:

> Com vozes mui acordadas
> começou com taes primôres
> estar cantando,
> como fazem *ás levadas*
> d'espadas os jogadores
> começando.

Em todo o comprido dialogo do Rouxinol, tende empre a convencer os namorados, de que o amor é usa de mil desastres, e a ruina de muitos imperios. ara convencel-os d'esta verdade, a elles obstinados ela paixão, o Rouxinol convida-os para que o sigam:

segui minha companhia,
por vêrdes d'amores quantos
perdidos sam.

Aqui apparece uma narrativa com uns toques *dantescos:*

Com lagrimas de tristuras
começamos logo andar
por vales, montes, alturas
grandes boscos, espessuras
nam cessando caminhar.
Por lugares apartados
desviados dos viventes
sem medida,
desertos, desabitados
d'onde nunca foram gentes
n'esta vida.

Per caminhos espantosos
passamos tantos desertos,
que nos vimos temerosos
ser das vidas duvidosos
e de nossas mortes certos.
Onde tristes, alongados
per longa estancia de terras
muy extranhas,
nos vimos de nos roubados
cansados nas altas serras
e montanhas.

Bem quizeramos seguir a narrativa, mas é extensa; aqui fica o bastante para caracterisar a invenção. De longe em longe o poeta desenvolve uma imagem, a que chama *Comparação,* tambem segundo o gosto dantesco; a imagem da luz que allumia os Namorados n'esta romagem das trevas, tem um colorido maritimo, como o que animava uma sociedade que assistia ás descobertas mandadas fazer pelo Infante Dom Henrique:

Como fazem por saberem
as frotas por onde vão,
que de noite, por se verem
seguem, por se não perderem
o farol do capitão:
Assy nós por nossa syna
seguiamos, sem sentido
em maneira,
como quem a fogo atina,
que de noite é perdido
sem carreira.

O poeta, como erudito que prepara a Renascença,
dos Antipodas, e dos Sete Planetas, taes como ve-
na iconographia allegorica: Saturno, *velho prove;*
iter, *rico, honrado;* Mares, *em guerras armado;*
us, *como rei;* Venus, *fermosa;* Mercurio, *escrevendo;*
na, *casta;* Venus, *resplandecente;* Apollo, com seus
llos fetondos. Segue-se a isto a descripção dos doze
nos do Zodiaco, conforme os principios segundo se
ravam na eschola de Sagres. Estas tres estrophes
importantes, e não podemos ommittil-as:

Vimos Friso com temor
hir no Vello polo mar,
e a filha de Agenor,
vi com Polus e Castor
Perseo Cancro matar,
Leo em fogos açesos,
vi Virgo desemparando
os terreaes,
e vi Lyvras com seus pezos
os meritos todos pesando
dos mortaes.

Vi o fero Escorpiam
passal-as aguas sem barco,
com a filha d'Alçiam
e o velho Teriam,
Sagitario com seu arco,
Capricornio no outeiro
na selva de Creta andar
paçendo vi,
e Acarios ser copeiro,
e Cupido vi tornar
em peixe ali.

Com coroa mui oufana
nos altos çéos colocada
vy de Baço Adriana,
e a fria tresmontana
d'Apollo mui separada,
y a filha de Lucano
Cenesura, Calistona
e Ouriam,
com as netas d'Oçeano;
com seus filhos vi Latona
em o lam.

Aqui está a sciencia de Ptolomeu recolhida p
poeta que admira a antiguidade; mas de repente
porta-se ao mundo da allegoria, levado pela imp
do *Roman de la Rose,* que julgamos ter existido
os Livros do Infante Santo, e que o Marquez d
tillana citava á admiração do Condestavel Dom
Prosegue Duarte de Brito:

Começamos com dôr tal
romper as matas sombrosas
muy escuras;
fomos ter a um *rosal*
de muitas flores e *rosas*
e verdura.

Alí appareceram aos namorados duas damas, uma vestida de brial negro, chapado de fina argentaria, pisado em redor com ricas pedras; chamava-se a *Firmeza*.

A segunda dama, estava vestida de verde, toda bordada de perolas, e com uma divisa que dizia: «mal aia quien fizo amor.» Era a *Esperança*. Começam os namorados a falar com as duas damas, até que depois d'ellas terem desapparecido, vão dar á *Vista do inferno*;

Per loguares tenebrosos
aos humanos ynotos,
com meus males mui dorosos,
ouvy gritos espantosos
com mui grandes terremotos.
De todo cuidei entam
minha vida mui cruel,
que acabava,
olhando via Plutam,
as chamas que Mongibel
respirava.

Segue-se uma minuciosa descripção do inferno do 'anismo, como quem estava versado em Virgilio, e o quem reproduzia um quadro que esquecera de . Alfim, depois de penetrar n'estas medonhas es'as, chega ao *Inferno dos Namorados*, aonde lhe 'ecem todos os amantes infelizes da antiguidade ca, Orfeo e Euridice, Teseo e Driana (Ariadne) e Elena, Hercules e Deynira, Ecco e Narciso, ' poema termina pelo despertar do poeta e pelo 'ario moral, condemnando o amor.

Duarte de Brito tambem era poeta satyrico, e despedia as suas frechadas principalmente contra João Gomes da Ilha. Contra a eschola hespanhola do seculo XV, queixavam-se alguns poetas em Castella do uso immoderado de palavras novas, que os trovadores eruditos usavam; em Portugal, pela influencia da visita de Affonso V á côrte de Luiz XI deu-se o mesmo facto; Duarte de Brito apodando João Gomes da Ilha, allude a este achaque, que lhe serve de superioridade:

> Assy eu com minhas trovas
> levemente com saber,
> vos furtei as consoantes
> por *umas palavras novas*,
> que de agudas e galantes
> nam lhe sabeis responder. (1)

Duarte de Brito escreve *boscagem,* por bosque, *racontar,* por contar, o que accusa a influencia da côrte de Affonso V, e esse gosto das palavras novas, de que se vangloría. Por tudo julgamol-o o poeta que melhor caracterisa o estado da Litteratura do seculo XV.

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 368.

CAPITULO IV

João Gomes de Abreu

Iais um poeta comprommettido na conspiração do Duque de Viseu.—Escriptura de casamento de João Gomes de Abreu. —Dona Joana de Mello citada nos seus versos.—O projecto do casamento do Duque de Viseu com a Excellente Senhora.— A *Carta* a Dom Duarte de Menezes.—Os apodos ao cavallo de João Gomes de Abreu. — Origem do anexim: *Ida de João Gomes, foi em cavallo, veiu em alforjes.* — Se Affonso de Albuquerque figura no *Cancioneiro* como poeta. — Ainda os *Porquês?* dos paços de Setubal. — João Gomes de Abreu é degradado da côrte, como se vê pelos seus versos. — D. Manoel premiou-lhe a dedicação ao Duque de Viseu. — Filiação do poeta Vasco Gomes de Abreu. — A descoberta da India attráe todos os poetas palacianos.

Este poeta achou-se tambem comprommettido na onspiração do Duque de Viseu; apesar de todos os lanes desastrosos porque passou, não deixa de ser o poeta aais satyrico e engraçado do *Cancioneiro*. João Goies de Abreu era o terceiro filho de Lionel de Abreu e ,ima, senhor de Regalados, e de sua segunda mulher)ona Maria de Noronha. No *Nobiliario do Casal do* ᵓ*aço* encontram-se alguns dados biographicos; casou om Dona Joanna de Mello, como se vê pelo seguinte uto passado a 3 de Junho de 1483:

«Saibam quantos, etc., que no anno de Nosso Sehor Jesus Christo *mil quatrocentos outenta e tres,* aos rez do mez de Junho, no Mosteiro de Santa Maria de ꞋefojoS de Lima, que he no termo da villa da Ponte do ,ima, em presença de mim Alvaro Dias, tabellião de

el-rei na dita villa e seu termo, e das testemunhas, que ao diante são escriptas, estando presente o senhor D. Rodrigo de Mello, filho do senhor Visconde, arcediago de Cerveira, e prior do dito mosteiro de Refojos, e disse que a Deos prazendo, elle tinha tratado de casar *Joanna de Mello,* sua filha, com João Gomes de Abreu, *fidalgo da casa do senhor Duque de Viseu,* que outrosim presente estava, o qual Dom Rodrigo aprouve, e se obrigou por seus bens e rendas de seus beneficios, havidos e por haver, que casando o dito João Gomes com a dita Joanna de Mello, e sendo recebidos por marido e mulher, de lhes dar em casamento isto que ao diante se segue, a saber: duas mil dobras de ouro por ordenança del-rei, que se monta em ellas a cento e vinte por dobra, duzentos e quarenta mil reis brancos, em dinheiro de moeda ora corrente, de dez pratas cada um real, as quaes lhe pagará, etc.... e que para os ditos cento e vinte mil reis dava a elles por fiador Fernão de Amorim, escudeiro seu criado do dito D. Rodrigo que presente estava... e o dito João Gomes, que presente estava, deu e outorgou á dita Joanna de Mello em dote e arras, e honras de seu corpo mil dobras de ouro, para as quaes arras e dote o dito João Gomes obrigava seus bens... e deu a ellas por fiador o senhor Fernão de Lima e Duarte da Cunha, filho do dito senhor visconde, e Pedro Gomes de Abreu pelos bens sobreditos do dito João Gomes,... e logo em cumprimento Affonso Pires, abbade de Bertiandos, que presente estava, tomou pelas mãos direitas ao dito João Gomes e Joanna

de Mello, e os recebeu por palavras de presente... Testemunhas que foram D. Frei Estevam, abbade de Miranda, e o dito Affonso Pires, abbade de Bertiandos, e João Lopes Couceiro, e Fernão Pinto, escudeiro, e outros, etc.» (1) D'este casamento teve tres filhos, Diogo Gomes de Abreu, Dom Filippe de Lima e Mello, e Jorge de Abreu.

Este documento junto com as numerosas poesias de João Gomes de Abreu, que existem no *Cancioneiro*, bastam para entretecermos a sua biographia. Os seus amores com Dona Joanna de Mello datavam pelo menos de 1475; em uns seus versos «a Dom Duarte de Menezes, *estando com el-rei nosso senhor em Aragão*, em que lhe dá novas de Lisboa», aí diz:

> Seria muita custura
> para toda esta semana
> contar-vos da fermosura
> da senhora dona *Joanna*. (2)

Parece que um rival procurava a este tempo perturbar os amores de João Gomes de Abreu; elle seguro da fidelidade da sua dama, escreve:

> He por *Mello* tam sandeu
> vosso amigo, o de Toar,
> que me pesa pelo seu
> de o ver assi penar.

(1) Manoel Gomes de Lima Bezerra, *Os Estrangeiros no Lima ou conversações eruditas*, t. I, p. 247.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 373.

He *d'ella* pior tratado
do que certo lhe merece,
cada vez mais namorado
me parece.

Como vimos no documento supracitado, João Gomes de Abreu era fidalgo da casa do Duque de Viseu; em uma das estrophes d'esta carta, escreve:

O *Duque* tem guaviaens,
dama nenhuma não mata,
tem galantes bastiães,
e nam de prata.
Ensayou-se no terreiro
ant'as *janella da Infante*,
fez de seu page fouveiro
já galante. (1)

N'esta estrophe João Gomes de Abreu refere-se ás intrigas que a nobreza hostil a Dom João II tramava para conseguir o casamento da Infanta Dona Joanna, mais conhecida pelo nome da *Rainha Freira* e *Excellente Senhora*, com o duque de Viseu. Nas *Revelações* do infame Lopo de Figueiredo se acha explicado este successo, descoberto a Dom João II: «Depois d'isto em cinco de Março, do anno de 1482, levei nova sabida ao dito Senhor, por carta da Infante Dona Beatriz, em que enviava pedir conselho ao duque de Bragança, se lhe dous grandes de Castella requeressem casamento de seu filho o duque de Viseu com a Rainha Freira, se o acceitaria ou não, ao que o dito duque de Bragança

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 374.

lhe respondeu, que sua Senhoria escrevesse ao dito seu filho, que não sahisse um ponto do que lhe escripto tinha, e falado e avisado elle duque de Bragança, e que requeresse á Rainha de Castella e que lhe havia de requerer, e quando o não fizesse, que acceitasse o casamento da Rainha Freira; e como o duque dizia que pouco custava ao duque de Alva e ao duque de Medina fazerem grande homem a Lopo de Almeida por se deixar furtar com ella, e a levar onde cumprisse, o qual Lopo de Almeida tinha a guarda da dita Rainha freira.» (1) Eis o nó d'esta soberana intriga, que trouxe a ruina dos duques de Bragança e de Viseu, que o trovador João Gomes de Abreu tocava levemente na carta de 1475. Este trovador era casado com uma filha de Dom Rodrigo de Mello, conde de Olivença, em cujas casas em Evora, el-rei mandou prender o duque de Bragança. Como adiante provaremos, João Gomes de Abreu tambem soffreu com o descobrimento d'esta conspiração. Mas a carta de 1475, tem pontos interessantes que não devem passar desappercebidos. Em primeiro logar, João Gomes de Abreu confessa-se grato para com Dom Duarte de Menezes, considerando-o seu mestre:

> Meu senhor, por vos pagar
> as *ensinas* que me daes,
> novas vos quero mandar
> com que é certo que folgaes.

(1) *Ann. das Sciencias e das Letras*, t. II, p. 555.

E termina a carta repetindo:

> Sam Gomes de Abreu Joam
> que com muy grande mesura,
> me conheço ser feitura,
> *mestre meu*, de vossa mão.

N'esta carta conta como as damas do paço em Lisboa já andam gordas de tanto rir; como Braz Corrêa ronda de noite o passo, e que ninguem se póde demorar no terreiro além das dez horas da noite sob pena de ser preso logo pelos beleguins. Depois de contar os diversos casamentos que se projectam na côrte, fala de Dona Guiomar Anriques:

> Em Anriques Guiomar
> vos não falo ao presente,
> porque estando ella doente
> me quizera deshonrar.
> Diz, que disse d'ella mal,
> está de mym descontente,
> e ser d'isso innocente
> nam me val.

É d'esta mesma Dona Guiomar, que os *Porquês* anonymos que appareceram no paço de Setubal diziam:

> Porque Dona Guiomareta
> nunca tem o rosto quedo? (1)

D'este modo parece que a indisposição de Dona Guiomar Anriques quasi que descobre o auctor d'es-

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 242.

ses terriveis *Porquês*, que alarmaram a côrte de Dom João II. Na Carta de João Gomes de Abreu, se lê:

> *Tinoco* anda escondido,
> quer com musicas vencel-a,
> é de boubas mais perdido
> que por ella.

Nos *Porquês?* tambem se repete mais um apodo a este mesmo Tinoco.

Os *Porquês*, eram uma especie de satyra usada em Hespanha e Portugal, no seculo XV, de que achamos exemplos no *Cancioneiro geral:*—«quando me quizer vingar de alguem, nam eyde subir n'aquelle logar de vinganças: mas irmey a Roma á estatua do mestre Pasquim, e lançar-lhe-ey ao pescoço hũs *porquês*, como se costuma em Espanha.» (1)

João Gomes de Abreu, apoda um namorado palaciano, tambem chasqueado nos *Porquês?:*

> Se visseis atravessar
> as janellas o *Coutinho*,
> e com damas praticar
> em talhadas de toucinho, etc.

E os *Porquês?* continuam:

> Porque é *Dom Luiz Coutinho*
> tam leve que anda n'el ayre?

(1) João de Barros, *Ropica pneuma*, p. 66, ed. 1869.

No paço este nome de Coutinho era já synonimo de requebrado, como usa João Gomes:

> Ouve palavras *coutinhas*
> algum'ora por desdem. (1)

Falando do namoro de Dom Pedro de Noronha com Dona Isabel da Silva, allude João Gomes a outros namorados:

> Tem que passa dos *outenta*
> servidor n'esta cidade...

Nos *Porquês,* apoda-se pelo seu nome, este galanteador:

> Porque sobre *novent'annos*
> he mundanal Ruy de Sousa.

Em vista de todos estes factos é crivel que João Gomes de Abreu fosse o auctor d'essas aceradas trovas, que feriram tanta vaidade. João Gomes tambem allude a João Falcão, poeta e fidalgo da côrte de Dom Affonso v, com assentamento no Livro das *Moradias* da sua Casa de 1469, como se póde vêr em Sousa.

Em uma outra poesia feita por João Gomes de Abreu, contra varios poetas que o apodavam, diz a proposito do Trovador Pero Fernandes Tinoco, e de Manoel de Noronha:

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 371.

> A *Tinocos* e *Noronhas*
> ponho culpas poucachinhas,
> *porque já em trovas minhas*
> *descobri suas vergonhas.* (1)

O genio satyrico de João Gomes de Abreu provoou as iras dos trovadores do paço; andando elle naıorado, talvez por ser já viuvo de Dona Joanna de Iello, lhe succedeu um desastre que ía sendo fatal, ela queda de um seu cavallo que se precipitou de uma rande altura. Em uns apodos feitos a este successo se è na rubrica inicial: «*De Duarte da Gama, em Lixoa, sendo el-rei em Çaragoça, a João Gomes de Abreu, orque estando na costa dos paços,* andando de amores, *he cayu um cavallo pela costa e morreu loguo, e a elle am fez nenhum nojo.*» O desastre, que aconteceu a oão Gomes de Abreu, e a que se fizeram tantos apodos ela morte do cavallo, originou um anexim que ainda oje se repete sem ser comprehendido: «*Ida de João Gomes, foi em sella e tornou em alforges.*» (2)

Os poetas que o apodaram, além de Duarte da Gama, foram Dom Garcia de Albuquerque, e seu irıão Dom Affonso de Albuquerque. Aqui se levanta ma questão emergente, que demanda uma solução rompta. Que trovador é este, que pela primeira vez

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 207.
(2) *Delicado*, p. 34. Ed. de 1651. Francisco Roland, *Adaios*, p. 64. Ed. de 1841.

encontramos na vasta floresta do *Cancioneiro* com o nome de um guerreiro, Affonso d'Albuquerque?

É tido como poeta e filho do grande Affonso de Albuquerque, e auctor dos *Commentarios,* visto que se acham com este nome algumas trovas no *Cancioneiro geral* de Garcia de Resende. Este erro foi propalado por Barbosa Machado, na *Bibliotheca Lusitana:* «No *Cancioneiro* de que foi collector Garcia de Resende estão alguns versos de Affonso de Albuquerque, a fl. 169, 170 e 176, *dos quaes se manifesta, que tão versado foi na Poesia, como na Historia.*» (*Bibl.,* t. I, p. 26, col. I.) No *Catalogo dos Auctores,* de que se tomaram as auctoridades para o *Diccionario da Academia,* refuta-se o asserto, com os raciocinios irreturquiveis, que reproduzimos reforçando-os.

A João Gomes de Abreu, poeta palaciano, andando namorando, lhe caíu o cavallo de um despenhadeiro «*e morreu loguo, e a ele nam fez nenhum nojo.*» Que assumpto melhor para a musa zombeteira e chasqueadora que entretinha os serões na côrte? Logo em Lisboa, Duarte da Gama lançou ao vento as primeiras coplas; entrou na pugna Dom Garcia de Albuquerque, Dom Affonso de Albuquerque, Dom Bernardim de Almeyda, João Paez, Diogo Brandão e Pero Fernandes Tinoco. O certâme poetico, segundo a rubrica do *Cancioneiro,* foi no tempo em que Dom Manoel estava em Saragoça, «*sendo el rrey em Çaragoça*», em 1498, como se deduz da *Chronica* de Damião de Goes. (I, 30.) João Gomes de Abreu picou-se com as trovas que lhe

fizeram estes poetas, e deu largas á sua bilis em umas engraçadas redondilhas, em que os citava todos como parentes do defunto cavallo. Começou pelo primeiro que o chasqueou em verso, Dom Garcia d'Albuquerque:

> Foy citado dom Garçia
> por parente do cavalo;
> rrespondeu: que nam queria
> acusar, nem demandal-o.
> Que sse livre, he gram rrezam,
> pois nam foy nada culpado;
> «*falay laa com meu yrmam,*
> *qu'está d'isso magoado.*

A dom Affonso (de Albuquerque)

> Respondeo com grand' aquesta:
> «ó yrmaão, vós que dizeys,
> por ventura sou eu besta,
> ou que deemo me quereys?
> Hynda qu' eu ande vestido
> nesta loba assy çafada,
> *nam cuideys qu'ando sentido*
> *d'esta cousa quasy nada.*»

Por esta passagem se vê que Dom Affonso de Albuquerque, poeta do *Cancioneiro,* era irmão de Dom Garcia de Albuquerque. D'onde se tiram as seguintes conclusões: 1.ª que não póde ser este o filho do heroe Affonso de Albuquerque, e auctor dos *Commentarios,* porque não teve irmão algum; 2.ª que se dá um tremendo anachronismo, porque passando-se o certâme poetico em 1498, Affonso de Albuquerque filho, nascera no anno de 1500, dois annos depois; 3.ª de mais a

mais não tinha *Dom* no tratamento, como se vê no *Cancioneiro geral*. Nas quadras dos *Porquês?* que se acharam no paço de Setubal em tempo d'el-rei D. João II, vem:

por que *Affonso d'Alboquer*
dá pareas a el-rey de Fez?

Contra isto poder-se-ía levemente objectar que nas *Trovas do Brazeiro* «a hum fidalguo que no sserão del rrey se meteo em huma chiminé e fez seus feytos num brazeiro e diziam que era um dos capitães que hyam a Torquya com o conde de Tarouca» vem umas redondilhas assignadas por *Affosso d'Alboquerque*, sem *dom*.

Responde-se: 4.ª, que pela rubrica das *Trovas do Brazeiro*, a armada que ía para a Turquia, saíu de Belem a 15 de Junho de 1501. *(Dam. de Goes*, t. I, cap. 51.) N'este tempo o filho de Affonso de Albuquerque tinha um anno de edade; e além d'isso, por 5.ª e ultima conclusão, chamava-se Braz de Albuquerque, e só veiu a usar o nome de Affonso, depois da morte do pae em 1515, logo que a noticia da sua morte chegou ao reino, e que aprouve a el-rei Dom Manoel honrar o filho com o nome glorioso do heroe. O *Cancioneiro* de Resende *acabou* de se imprimir a 28 de Septembro de 1516, tendo sido formada a collecção muito antes.

Publicado em 1793 o unico volume do *Diccionario da Academia*, aonde primeiro se mostra a impossibilidade de ser Affonso de Albuquerque o poeta do *Can-*

cioneiro, ainda hoje vemos repetir-se o erro primeiro introduzido por Barbosa.

No prologo da edição do *Cancioneiro geral,* de Stuttgart de 1846, ainda se lê: «Depois de notar, que os homens mais celebres d'aquelle tempo figuram como poetas no *Cancioneiro,* não posso deixar de appresentar pelo menos um exemplo; e é de certo pasmoso, que appareça como poeta entre trovadores de cousas de folgar o terrivel conquistador Affonso de Albuquerque, e isto é provado até a evidencia.» A prova faz-se em uma nota da seguinte maneira: «Barbosa Machado attribue as trovas ao filho de Affonso de Albuquerque, (fl. 169, 170, 176, 214) do mesmo nome, porém sem rasão, e diremos porquê. Primeiramente apparece o pae de Affonso de Albuquerque em outros logares do *Cancioneiro,* e n'um d'esses logares se vê claramente que se trata do pae, visto que n'elle se diz Governador de Gôa.» (Fl. 214.) É este o unico argumento original; vendo a citada passagem, descobre-se a falta de fundamento no argumento; na fl. 214, vem uns versos do poeta Francisco de Sousa com a seguinte rubrica: «*Trova sua a Affonso de Albuquerque em Gôa, por que lhe mandou pedir uma escrava por um judeu muito feo.*» Uma trova dirigida a Affonso de Albuquerque não é bastante para provar que elle tivesse sido poeta.

Deve-nos ter esquecido totalmente o certâme contra o desastre de João Gomes de Abreu; além d'estes dois fidalgos Dom Garcia e Dom Affonso de Albuquerque, cevaram a sua bilis Dom Bernardim de Almeida, João

Pacs, Diogo Brandão e Pero Fernandes Tinoco. Sustentavam que o cavallo sendo morto á fome por João Gomes, começára a viver no dia em que caíra! Já aqui começa a apparecer o typo de *fidalgo pobre,* creado pelas reformas burguezas de Dom João II, e que mais tarde será aproveitado por Gil Vicente na *Comedia nacional.* O trovador Diogo Brandão continuou o certâme «*porque ouviu dizer, que João Gomes mandára esfolar o cavallo e vender a pele, e que hum moço seu a dera por quatro vintens, e que elle nam contente mandára dizer a quem a comprou, que lhe desse a pele ou mais dinheiro por ella.*» As trovas que se seguiram a esta nova são engraçadissimas; dizem que é perigoso possuir cofres com essa pele, porque João Gomes póde ir reclamal-a com o que tiver dentro, e tambem se louva o cavallo por produzir dinheiro com a sua morte, quando o gastava a seu amo em vida.

João Gomes foi apodado na morte do seu cavallo, por mandar cortar-lhe as crinas, e as projectar vender a João Caldeira, para fazer um chinó:

> Comas pera cabelleira
> lhe mandou tambem cortar,
> e fez d'ellas um bom par
> que vendeu a *Joam Caldeira.*
> T. III, p. 203.

Nos *Porquês?* que lhe attribuimos, se lê:

> porque anda *João Caldeira*
> tam *calvo* pela manhã?
> *Ib.,* p. 239.

Mas apesar de todas estas chufas, João Gomes de Abreu foi desterrado da côrte. Diogo Brandão refere-se á esta sentença:

Foi erro bem de culpar
e condenar
em ser João *degradado*,
não sendo nada culpado.

O desterro de João Gomes de Abreu havia sido para Lorvão, como se vê pelas constantes referencias dos outros poetas. João Gomes respondeu «*antes de vêr estas trovas, porque sendo degradado, lhe disseram que lh'as faziam.*»

O motivo d'este degredo, suppomos ser por se haver desligado da casa do Duque de Viseu, e portanto seria isto em 1498. João Gomes de Abreu era terrivel na satyra, e «*depois que viu as trovas que lhe fizeram,* (escreveu) *a estes abaixo nomeados, em que faz d'elles bestas e os manda citar por parentes do cavallo, se o querem accusar por morte d'elle.*» (1) Os poetas ficaram em debandada com o pique acerado de João Gomes. O seu desterro não durou muito tempo, por que facil lhe era o justificar-se.

Depois que Dom Manoel subiu ao throno pelo envenenamento de Dom João II, deu valimento a todos os fidalgos que haviam soffrido com a conspiração dos Duques de Bragança e de Viseu. João Gomes d'Abreu

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 208.

apparece outra vez no paço em 1498, aonde toma parte no certâme contra as ceroulas de chamalote de Manoel de Noronha. No certâme de 1510, em que se apodaram as esporas de Simão de Sousa de Ocem, ainda João Gomes de Abreu tomou parte com a sua graça conhecida, (1) e temida, porque ninguem nem vagamente ousou mais referir-se á pele do seu cavallo. João Gomes de Abreu foi capitão da India pelos annos de 1506, (2) havendo recebido em 1506 uma tença de vinte mil reis pelos seus serviços. Dom Manoel não se esqueceu dos trabalhos soffridos por causa do partido de seu irmão o Duque de Viseu.

Ha no *Cancioneiro* um outro poeta d'esta familia, chamado Vasco Gomes de Abreu. Em uns versos de Dom Diogo de Menezes, Claveiro da ordem de Christo, filho de Dom Fernando de Menezes e de Dona Isabel de Castro, feitos em louvor de Dona Filippa de Abreu, figura tambem Vasco Gomes de Abreu com uma copla:

> Fermosura tam sobeja
> lhe deu Deos, qua'ntre nós
> que não sei quem n'a bem veja
> que nam diga como vós, etc. (3)

Apesar de todos estes louvores de Dom Diogo de Menezes, e dos outros poetas que o ajudaram, em lou-

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 254.
(2) Damião de Goes, *Chron. de Dom Manoel*, fl. 34.
(3) *Canc. ger.*, t. III, p. 5.

vor de Dona Filippa de Abreu, o Claveiro apparece casado com Cecilia de Sequeira, filha de João Lopes de Sequeira.

Em uns versos de louvor a João da Silveira, filho do Fernão da Silveira que fugiu de Portugal depois do assassinato do Duque de Viseu, tambem figura uma decima de Vasco Gomes de Abreu. (1) É quanto resta d'este poeta, filho segundo de Diogo Gomes de Abreu e de Dona Leonor Viegas. Pelos *Nobiliarios* sabe-se que casou com Dona Brites, filha de Gomes de Eça, de Santarem, indo para a India por Capitão da Armada em 1507. (2) As Musas, que fascinaram a alma da Renascença, perderam a magia diante de Plutus que dispertava em todos a sêde das riquezas do Oriente.

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 49.
(2) Luiz Figueiredo Falcão, *Indice*, p. 124.

CAPITULO V

O Coudel-Mór e a familia dos Silveiras

A familia dos Silveiras, aparentada com Alvaro de Brito, foi contra o Infante Dom Pedro, motivo da sua elevação na côrte de Dom Affonso v. — Fernão da Silveira, nomeado Coudel-Mór em 1454. — Versos seus de 1458. — Milita em Africa em 1463. — Dom João II chamava-lhe o *Bom*. — 1.º) *Francisco da Silveira*, seu caracter duro. — Vae á batalha de Toro em 1476. — Acompanha Dom Affonso v a França. — Como o seu caracter fez a desgraça de seus filhos. — 2.º) *Jorge da Silveira*, figura no processo do *Cuidar e Suspirar*. — Salva-se da conspiração do Duque de Viseu. — 3.º) *Diogo da Silveira*, figura no *Cancioneiro*. — Toma parte nas Justas de Evora. — Os seus dois netos *a) Dom Luis da Silveira*, intimo amigo de Dom João III. — *b) Simão da Silveira*. — Como caíu das graças do monarcha. — A Embaixada a Carlos v. — Simão da Silveira embarca para a India. — A affronta de Lopo Soares causa da sua ruina.

Ha no *Cancioneiro* de Resende treze poetas pertencentes a esta familia; alguns d'elles tem nomes similhantes, como o Coudel-Mór e o Regedor Fernão da Silveira, homonymia invencivel sem o auxilio das genealogias; outros pertencem a dois troncos diversos ou nascem de segundos casamentos; mas todos os problêmas relativos a esta familia são do mais alto interesse historico, porque ella resume em si a vida da côrte e da poesia de tres monarchas. A parte pittoresca das treze biographias que se seguem, que nos deixa em relevo o viver intimo dos fins do seculo xv, é extrahida de um curioso monumento do fim do seculo xvi, o *Nobiliario* de Dom Luiz Lobo da Silveira.

O principal vulto d'esta familia, é Fernão da Silveira, mais conhecido pelo nome de *Coudel-Mór;* era quarto filho de Nuno Martins da Silveira, homem honrado do tempo de Dom João I, Escrivão da Puridade de El-rei Dom Duarte, Coudel-Mór e Vedor das obras do reino; sua mãe chamou-se Dona Catherina de Abreu, camareira-mór, e segundo Meyrelles de Sousa, Dona Leonor Gonçalves de Abreu, opinião seguida pelo Abbade de Perozello. O pae de Fernão da Silveira seguiu o partido da rainha contra o Infante Dom Pedro; quando se perpetrou o crime de Alfarrobeira em 1449, era Fernão da Silveira ainda muito criança, e por isso, seguindo a phrase do *Nobiliario* «não foi réo nem auctor em nenhuma d'aquellas cousas que tanto damnaram seu pae e irmãos.» Logo que Dom Affonso V tomou posse do governo, seu pae foi reintegrado em todos os seus logares, e Fernão da Silveira foi nomeado criado do Infante Dom Fernando, irmão do rei. Fernão da Silveira teria nascido pelo menos em 1436, porque nas festas pelo casamento da princeza Dona Leonor com o imperador da Allemanha, em 1451, já appresentou versos, para «*huma mourisca ratorta, que mandou fazer a senhora princeza, quando esposou.*» (1) Os versos são em endecasyllabos no genero de endeixa, usados na eschola de Villassandino. Este breve da Mourisca seria escripto por Fernão da Silveira para alguma das danças que ordenou o Infante Dom Fernando. O poeta acompa-

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 172.

nhou para Allemanha a imperatriz Dona Leonor em 1452, e d'este tempo data a sua amisade com Alvaro de Brito, com quem se desafiava em segredos de metrificação, como se vê por esta rubrica, pósta em seguida de uma estrophe que se lia de muitas maneiras: «*foe feyta sobre aposta de Alvaro de Brito, porque disse que não na faria ninguem tal como a sua, e apostaram capões para a pascoa.*» (1) Fernão da Silveira voltou á patria em 1454, por occasião da morte de seu pae; e como vagassem os officios que elle exercia, Dom Affonso v nomeou o filho mais velho Diogo da Silveira Escrivão da Puridade, Provedor das obras e Escudeiro-Mór; e porque Nuno Martins da Silveira tambem era Coudel-Mór, vendo el-rei que Fernão da Silveira ficava sem fazenda alguma, o nomeou para este cargo por Carta de 15 de Junho de 1454. O rigor com que Fernão da Silveira cumpria o encargo de Coudel-Mór occasionou a principio muitas queixas; mas o poeta defendia-se, respondendo: «que acceitara o officio para que se sustentasse n'elle, e não elle do officio.»

Passou com Dom Affonso v a Africa, e acompanhou o Infante Dom Fernando á tomada de Alcacer. Existe um Alvará do 1.º de Março de 1457 elogiando-o e concedendo-lhe varias mercês.

Entre as suas poesias, ha uma em que se confessa apaixonado, e em que allude ao anno de 1458, intitulada *Memorial do Coudel-Mór:*

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 173.

D'Abril aos onze dias
concoenta e outo a era,
senty eu quanto he fera
a mortal dôr de Mancias. (1)

Podemos determinar que de 1458 em diante começou a sua efflorescencia poetica. A dama que lhe inspirava estas trovas era Dona Isabel Henriques, filha de Dom Fernando Henriques, senhor das Alcáçovas, com quem apparece casado, e não muito longe d'esta data, porque ainda em sua vida o filho Francisco da Silveira occupou o logar de Coudel-Mór.

O seu caracter palaciano, os soffrimentos da sua familia por causa do partido do Duque de Bragança, e o seu talento poetico festejado nas festas da côrte, faziam com que Dom Affonso v o cobrisse de mercês. Eis um precioso documento de 1460, relativo a este poeta:

«Dom Affonso, etc., a quantos esta carta virem, fazemos saber, que esguardando nós como todos os nossos officiaes-móres tem foros e certos interesses, dos officios que assim de nós tem, e vendo que *Fernão da Silveira,* nosso Coudel-Mór, não tem alguma cousa certa, havemos por bem, por lhe fazermos mercê, ordenarmos-lhe algum proveito que do dito nosso officio haja, e porém queremos e mandamos, que de todos os vassallos que fizermos, e que primeiro sejam acontiados em qualquer contia, aja quinhentos reis brancos, ou-

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 178.

trosi de qualquer acontiado que sem embargo de não chegar á idade de setenta annos aposentarmos haja uma dobra d'ouro, e isso mesmo de todos aquelles que escusarmos do alardo, sem embargo de terem a contia dobrada, averá outra dobra; e porem mandamos a todos os juizes, justiças e officiaes, e pessoas de nossos Reinos a que esta pertencer sendo-lhe mostrada esta nossa Carta ou traslado d'ella, em publica forma, e por elle requerido Fernão da Silveira ou por seu certo procurador, a façam executar nos ditos vassallos e acontiados como em ella he contheudo, fazendo-os penhorar e vender tantos de seus penhores, porque o dito nosso Coudel-Mór possa ser entregue no que assim lhe ordenamos; esta mercê lhe tinhamos feita já em Lisboa, segundo nos mostrou por um Alvará que de nós houve, feito no 1.º de Março de 1457, desde o qual tempo mandamos esta que possa gosar da mercê que lhe assim temos feita, na qual cousa queremos que lhe não seja posto embaraço algum. Dada em a Cidade de Evora, a 2 dias do mez de Dezembro. *Fernão Vicente* a fez no anno de nosso senhor Jesus Christo de 1460.»

Em 1461, fez-lhe Dom Affonso v outra provisão, confirmando esta mercê por titulo passado em Beja a 29 de Abril de 1469.

Quando Dom Affonso v passou a Africa em 1463, Fernão da Silveira o acompanhou, e lá morreu seu irmão Diogo da Silveira, quando com o Infante Dom Fernando corria a serra de Benancanfu. Ruy de Pina *aponta* este facto.

Como Diogo da Silveira deixásse um filho em edade em que não podia succeder nos cargos de seu pae, a familia pediu a Fernão da Silveira, que requeresse os officios de Escrivão da Puridade e Provedor das Obras do Reino para si. O Coudel-Mór não acceitou esta proposta, o que tornou bem evidente a sua alta integridade. Passou pela terceira vez a Africa com Dom Affonso v, assistindo á tomada de Arzilla. Nos festejos pelo casamento da rainha Dona Joanna com Henrique IV de Castella appareceu em umas justas Fernão da Silveira, (1) e quando entrou em Castella com Dom Affonso v já ía acompanhado por seus filhos, os tres celebres poetas *Francisco da Silveira, Jorge da Silveira,* e *Diogo da Silveira,* e com elles se achou na batalha do Toro em 1476, aonde pelejou honradamente voltando para o reino com o Principe Dom João. Estes factos fixam a época do seu casamento, talvez não muito depois da viagem á Allemanha.

O Coudel-Mór teve relações litterarias com o Condestavel Dom Pedro, depois d'este se ter acclamado rei de Aragão, como vimos pela rubrica: «*Do Coudel-Mór a el-rey Dom Pedro, que chegando á côrte se mostrou servidor de uma senhora a quem elle servia.*» Esta rubrica indica-nos a rivalidade dos dois poetas, que galanteavam a mesma dama. A data d'esta poesia não antecede a 1461, quando o Coudel-Mór já era pae de filhos; por tanto esta galanteria amorosa estava nos es-

(1) Vid. supra, p. 41.

tyllos da côrte, aonde se conservavam os restos das tradições provençaes.

Morto o Conde de Penella, e vago portanto o officio de Regedor das Justiças, o Principe Dom João pediu a Dom Affonso V que o provesse em Fernão da Silveira, que o serviu por mais de dez annos. O seu muito parentesco com as principaes familias do reino obrigava-o a acceitar todas as suspeições das partes litigantes, dizendo, que apesar de se julgar incapaz de faltar á justiça, o facto de o supporem suspeito era uma affronta que o impossibilitava de julgar. O seu caracter integerrimo lhe alcançou o epitheto de *Bom*, e Dom João II comprazia-se em lhe revelar todos os seus segredos politicos, sem duvida os planos de repressão aos grandes vassallos. Como poeta, mesmo no serviço official, o Coudel-Mór amenisava as situações criticas em que se achava com as estrophes satyricas, como se vê nos versos *«ao Prior do Crato, porque lhe mandou uma carta d'el-rey, em que a cinco dias lhe mandasse seis lanças e nam falava em lhe haverem de pagar soldo»,* (1) dizendo-lhe que os soldados não eram celestiaes. O Prior do Crato, Dom Diogo Fernandes de Almeida, filho de Dom Lopo de Almeida primeiro Conde de Abrantes, era tambem poeta. Era o Prior irmão de outro poeta e primeiro governador da India Dom Francisco de Almeida, e distinguira-se pelos seus ditos, como se lê no *Nobiliario* de Xisto Tavares, na côrte

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 176.

de Dom Affonso v, Dom João II e Dom Manoel, que o chamou de Rhodes, fallecendo em Almeirim a 3 de Maio de 1500. Esta noticia faz comprehender a estrophe graciosa de Fernão da Silveira. O Coudel-Mór foi tambem amigo dos poetas Alvaro Barreto, Ruy Moniz, Ruy de Sousa, e tambem se distinguia como apodista. Em uns versos «*a seu sobrinho Garcia de Mello de Serpa, dando-lhe regra para se saber vestir e tratar o paço*», descreve minuciosamente a vida palaciana do seculo XV:

Duas cousas que não calo
ha no paço de seguir;
a huma he saber vestir,
a outra he saber trautal-o...

Çapatos de Basilea,
'pontilhos sobol-o mole,
as calças tirem de fole,
roscadas como obrea.
Tragam-se as de marear
forradas de yrlanda parda,
ca, cous' é que muito alarda,
pera gram bomborrear.

Deixemos a descripção minuciosa que o poeta faz dos modos de vestir, curiosa para a historia da vida intima da sociedade portugueza do seculo XV, mas vejamos o modo de se distinguir na côrte, nos afamados serões do paço:

Pero quem for ao *serão*
pelo modo dito em cima,
apupar alto lhe rima,
e ás damas dal-a mão,
E falar fagueiramente
a os outros derredor,
e se ouvir: *nom seer*
acudir mui rijamente...

He mui bom ser alterado,
e mui gram despresador,
e he bom ser *rifador*,
mas melhor ser desbocado.
Outrosy é bom d'oufano
em todo o caso tocar;
mas melhor é já gabar
e mentir de macha-mano.

Item manha de louvar
he jogar bem o *malham*,
e ho jogo do *piam*
favor se lhe deve dar.
Nem sei porque mais vos gabe
ser gram pescador de *vasa;*
mas jogar a *abadalassa*
em qualquer amante cabe.

Saber bem o *pega-chuna*,
e o *cubre* bem jogar,
sam duas para medrar
galante contra fortuna.
Nem saberia a um filho
escolher melhor conselho
senam que jogue o *fitelho*
jaldeta, *cunca* e *sarilho*.

Tambem vos quero avisar
nam vades como patão
se ventura no *serão*
com damas vos fôr topar. (1)

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 144 a 150.

Esta poesia não tem um verso que não seja um curioso documento da vida intima da côrte. O Coudel-Mór é de todos os poetas do *Cancioneiro* o mais cheio de allusões historicas. Nos versos a Ruy Moniz, refere-se á lei de 1482 em que foi prohibido o andar montado em mulas; na rubrica se lê: «*quando defenderam as mulas.*» (1) Em outra poesia o Coudel-Mór descreve as Côrtes democraticas de Monte-Mór, em 1477.

Em uns versos do Coudel-Mór ao poeta João Affonso de Aveiro, que fugira para as Ilhas, descrevendo as alterações do reino em 1483, diz elle na rubrica: «*mas ysto veo no tempo da morte do Duque.*» N'este mesmo anno de 1483, estando Dom João II em Abrantes, chegou um Nuncio de Papa Xisto IV, chamado Joanne de Merle, a intimar o rei para por si ou por seu procurador se defender perante a curia romana, de invadir a esphera ecclesiastica. O monarcha conheceu que isto eram difficuldades suscitadas pelo partido de Bragança e pelo Cardeal de Alpedrinha refugiado em Roma; nomeou então seu embaixador para ir a Roma Fernão da Silveira; n'este meio tempo chegou um Breve do Papa, e por isso el-rei lhe mandou suspender a sua ida, servindo as justiças em Evora. N'este anno teve Fernão da Silveira um conflicto de jurisdicção com o Bispo Dom Garcia de Menezes, por ter mandado prender um assassino que procurara asylo na egreja. O Bispo excommungou o Coudel-Mór, e lançou um inter-

(1) *Canc. ger.*, p. 151.

dito sobre Evora, até que lhe fosse restituido o preso, que pertencia ao mosteiro de Sam Domingos. Dom João II, que estava em Carnide, escreveu immediatamente ao Bispo, reprehendendo-o duramente por Carta datada de 12 de Junho de 1483. O Bispo que temia o monarcha implacavel, mandou-lhe logo o seu vigario João de Camões a dar explicações, ao que o rei respondeu: que ainda que o preso fosse indevidamente tirado do Mosteiro, bastava ser ordem de Fernão da Silveira, para se saber que era de toda a justiça. O rei escreveu segunda Carta datada de Carnide, de 23 de Julho de 1483, mandando-lhe preremptoriamente levantar o interdicto da cidade, e outra Carta a Fernão da Silveira para appellar para o Papa, no caso de se não cumprir a ordem, e outra dirigida á Cidade de Evora. N'este mesmo anno de 1483 tomou parte na celebre côrte de amor do *Cuidar e Suspirar*. Dom Garcia de Menezes no anno seguinte, foi executado por entrar na conspiração do Duque de Viseu. Depois do assassinato d'este Duque, vieram de Castella por embaixador do rei o Bispo de Cordova e um fidalgo valenciano, a requerem os officios que o Duque de Bragança possuia em Castella, em casa da rainha. Dom João II serviu-se de Fernão da Silveira como embaixador, e tão bem se houve n'este negocio, que em 1486, o rei lhe fez mercê da Villa de Sarzedas e Silveira-formosa no Bispado da Guarda, por Alvará datado de 22 de Novembro. Fez grande espanto esta mercê, porque Dom João II nunca fizera doação de terras que perten-

cessem á corôa, salvo as que foram do Duque de Bragança. Quando Dom João II quiz effectuar o casamento do principe Dom Affonso, serviu-se outra vez do Coudel-Mór e do Doutor João Teixeira, Chanceller-mór do reino; Fernão da Silveira recebeu a princeza Dona Isabel por procuração, pela mão do Cardeal Dom Pedro Gonçalves, pelo que se fizeram em Sevilha momos e justas reaes. Nos torneios que Dom João II fez em Evora em 1490, Fernão da Silveira foi um dos juizes dos premios, e n'este torneio entraram seus tres filhos já então distinctos poetas palacianos.

Para distinguir este Fernão da Silveira do outro Fernão da Silveira, Escrivão da Puridade, comprommettido na conspiração do Duque de Viseu, D. João II chamava-lhe o *Bom*, o *Meu*. Dando-lhe o monarcha o officio de Regedor para seu filho Francisco da Silveira, disse que não acceitava porque não conhecia a consciencia de seu filho. Não quiz pedir ao rei que as terras que lhe doara fossem de juro e herdade, para seus filhos. Morreu em Evora, aonde estava a Relação em 1493, tendo até aí servido todos os seus officios. Antes de expirar chamou seus filhos e genros, fez-lhes uma longa pratica, dizendo-lhes que nunca mentira, nem que galanteára a dama com quem era casado. Foi enterrado na Ermida de Nossa Senhora do Espinheiro em sepultura humilde. Esta capella tornou-se o pantheon da aristocracia portugueza.

O Coudel-Mór tomou parte nos mais engraçados apodos que se rifaram na côrte de Dom João II; era

n'esse tempo moda ridicularisar os vestidos que se usavam no paço. Elle mesmo, avisando seu sobrinho, escreve:

> alguns sam já conhecidos
> e poder-se-ham nomear,
> que trazem por pacejar
> *motejar dos bem vestidos*. (1)

O Coudel-Mór tomou parte nos apodos de Anrique d'Almeida Passaro á barguilha de Dom Guterre, (2) nos apodos de Dom Guterre aos gibões de brocado com meias mangas e collar de grã de Fernão da Silveira e de Dom Pedro da Silva, (3) e nos apodos de Dom João Manoel á gangorra de velludo de Lopo de Sousa, Ayo do Duque de Viseu. (4) Todos estes apodos foram rifados na côrte antes de 1484. Nos *Porquês* anonymos, achados no paço de Setubal, apparece um remoque a este proposito:

> Porque o *Coudel-Mór* fez
> Tanta má trova escrever. (5)

Entre os varios filhos que ficaram de Fernão da Silveira, tres se distinguiram como poetas, e foram:

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 148.
(2) *Ib.*, t. III, p. 79.
(3) *Ib.*, p. 103.
(4) *Ib.*, p. 121.
(5) *Ib.*, p. 241.

1.º Francisco da Silveira, pae de dois poetas da côrte de Dom João III, Heitor da Silveira e Fernão da Silveira; 2.º Jorge da Silveira; 3.º Diogo da Silveira, avô dos dois poetas Simão da Silveira e Dom Luiz da Silveira, que ainda figuram no *Cancioneiro* de Resende. A biographia de cada um d'estes tres poetas não é menos interessante que a de seu pae.

1.º — **Francisco da Silveira.** É o filho mais velho do Coudel-Mór, e como seu pae, tambem distincto nos serões do paço. Era de um caracter tão duro, que chegou a causar a desgraça de todos os seus filhos; no emtanto os seus versos são inspirados por um platonismo que só se explica pela força da moda palaciana. Achou-se com Dom Affonso V na tomada de Arzilla, sendo ainda muito moço, e alí ficou como um dos primeiros fronteiros d'essa villa. Sabendo que Dom Affonso V queria entrar em Castella veiu ao reino e achou-se na batalha do Toro em 1476, e foi um dos fidalgos que no anno de 1477 acompanharam Affonso V á côrte de Luiz XI. Diz elle: «Castella, *França* corri.» (1) Francisco da Silveira figurou nos afamados serões do paço de 1483, acudindo a seu irmão Jorge da Silveira no processo do *Cuidar e Suspirar*. Dom João de Menezes replicando a Jorge da Silveira, refere-se a seu irmão:

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 26.

Vosso irmão anda devoto
de ser contra o que eu falei;
mas eu juro e faço voto
que lhe vi trazer por moto
«cuidado que vos farey!»
Mas desque se lhe casou
por quem vevia penado,
suspirou pelo passado,
e depois que suspirou
nam sentiu mais o cuidado. (1)

Nos *Porquês* anonymos que appareceram no paço de Setubal, ha um motejo a Francisco da Silveira, que ajuda a penetrar o seu caracter:

Porqu' a *Francisco Silveira*
Nunca se rompe o vestido? (2)

Francisco da Silveira respondeu á replica de Dom João de Menezes, escrevendo no processo:

Renovar dôres passadas
escusáreis dom Joam,
por m'as não dardes dobradas;
porque assás tenho levadas,
soffridas sem galardam.

Em uns versos de ajuda a Nuno Pereira, quando se casou Dona Leonor da Silva, Francisco da Silveira conta estes desastres de quando tambem foi namorado. (3)

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 21.
(2) *Ib.*, t. III, p. 240.
(3) *Ib.*, t. I, p. 252.

O caracter duro de Francisco da Silveira revela-se na parte que elle tomou na execução do Duque de Bragança. Eis uma importante anedocta, da *Chronica* de Garcia de Resende: «E n'esta morte do Duque o fez o Conde de Marialva mui honradamente, que sendo meirinho-mór, e mandando-lhe el-rei que fosse estar com o Duque, lhe pediu muito por mercê que tal lhe não mandasse, porque antes perderia quanto tinha que o fazer, porque era grande amigo do Duque; e el-rei lhe conheceu de sua rasão e o escusou e mandou servir de meirinho-mór a *Francisco da Silveira,* que ora é Coudel-Mór. O qual com muita gente de armas, e elle ricamente armado foi lá com vara de justiça na mão; e o Duque, quando o viu assim, pesando-lhe disse: — Bem galante está Francisco da Silveira.» (1)

Abundam no *Cancioneiro* os versos amorosos de Francisco da Silveira, principalmente da sua mocidade, que explicam as allusões de Dom João de Menezes:

> Em *Santarem* começou
> esta morte, se me crêdes...

A sua dama tinha saído de Portugal, talvez no séquito de alguma princeza:

> Que gosto posso levar,
> quem falar sómente me ousa,
> quem poderei já olhar,
> de que posso já gostar
> pois perdi a melhor cousa?

(1) Cap. 46.

Que vida póde ser vida
nem Portugal Portugal,
se d'elle vós já sois ida,
vej' eu quem foi destroida
começo, fim d'este mal. (1)

Depois descreve a desolação da ausencia:

Um tempo outro lembrará
vêr damas lembrança faz,
vêr paixão paixão fará,
vêr prazer a dobrará,
em que em mim dobrada jaz.
Serãos lembram os que já vi,
noite faz noite lembrar...

Esta contrariedade soffrida por Francisco da Silveira nos seus primeiros amores, seria por ventura uma das causas do seu caracter implacavel.

Nas Justas d'Evora, por occasião do casamento do principe Dom Affonso em 1490, aí floreou Francisco da Silveira, trazendo por divisa *luas cheias e minguadas*, com a letra:

As mênguadas son mis bienes,
e por mi su dicha tal
las llenas san de mi mal. (2)

Em 1491 já Francisco da Silveira era Coudel-Mór em logar de seu pae, que renunciára n'elle este cargo.

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 168.
(2) *Ib.*, t. III, p. 236.

No *Nobiliario* de Dom Luiz Lobo prova-se este facto com o titulo que Resende lhe dá ao falar d'elle nas Justas. Em Carta de 14 de Maio de 1493, Dom João II fez mercê a Francisco da Silveira de todas as terras que havia dado a seu pae. É provavel que o seu casamento seria o motivo da resignação que seu pae fez do cargo de Coudel-Mór; vindo a ser o casamento com Dona Margarida de Noronha, filha de Dom João de Noronha, de alcunha o *Dentes,* e de Dona Joanna de Castro, antes de 1491.

No anno de 1495, Dom João II quiz extinguir o officio de Coudel-Mór, por seu muito gravoso para os povos; mas Francisco da Silveira, sempre bilioso em tudo, respondeu ao rei, que se tinha culpas o castigasse e o demittisse de Coudel-Mór, porque d'outra fórma o não largava. O rei, severo mas superior, chamou Fernão Martins Mascarenhas, casado com Dona Violante Henriques, e Dom Pedro de Castro, ambos cunhados de Francisco da Silveira, e lhes declarou que os povos em côrtes haviam requerido a extincção de officio de Coudel-Mór, e que aí mesmo se comprommettera a extinguil-o. Francisco da Silveira respeitou estas considerações, mas sempre queixoso, por tal fórma que Dom João II lhe deu 200$000 réis de rendas assentadas no Almoxarifado de Castello Branco, e pelo tocante ás honras deixou a Francisco da Silveira a escolha da indemnisação. O poeta implacavel exigiu o ficar-se chamando sempre Coudel-Mór, e gosar todas as liberdades e privilegios do dito officio em sua vida. D. Ma-

noel elevou o rendimento a 300$000 réis pelo Almoxarifado da Guarda e pelas Sisas de Castello Branco, por Carta de 14 de Maio de 1499. Não contente com todas estas liberalidades, Francisco da Silveira resolveu abandonar a côrte, mas não o fez sem se demorar muitos annos a pedir a confirmação das doações que tinha com o titulo de juro e herdade. Deixemol-o n'este trabalho e sigamos a sua vida poetica.

Francisco da Silveira foi um dos poetas que apodaram Nuno Pereira pela sua intima privança com o principe Dom João; Nuno Pereira respondeu-lhe, chamando-lhe plagiario dos versos de seu pae; apodando primeiro o velho Coudel-Mór, diz:

> Par deos, eu me maravilho,
> quem nam morre de pasmar,
> em vêr *meu gentil trovar,*
> *e já agora o de meu filho...*

E á conta de Francisco da Silveira:

> Essa trova que lá vae
> ella vae posta por minha,
> ora vos sed' adevinha
> *se a fiz eu se meu pae...* (1)

O velho embaixador e poeta Pero de Sousa Ribeiro tambem não escapou aos apodos de Francisco da Silveira; os seus versos trazem a rubrica: «*Do Coudel-*

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 154.

Mór Francisco da Silveira a Pero de Sousa Ribeiro, sobre louçainhas que mandava fazer secretas e foram achadas na Judaria, porque elle nam saía de lá.» (1) Estas louçainhas seriam alguma cabelleira postiça ou fatos galantes com que o velho poeta se arreava. Em outra rubrica dos seus versos se encontra uma anedocta do poeta Barão d'Alvito: *«Do Coudel-Mór Francisco da Silveira ao Barão Dom Diogo Lobo, sobre tres feridas que lhe deu uma porca no monte, sem lhe elle dar nenhuma.»* (2)

Apesar da sua dureza de caracter, Francisco da Silveira obedeceu aos usos do paço, discutindo em verso as questões da casuistica amorosa. Elle propôz esta these, digna das academias do seculo XVII:

Faz-me muito recear
de servir uma donzella,
vêr muita gente queixar
sempre d'ella.

Depois de convidar todos os galantes para acudirem com uma trova a este rifão, entrou na lide a *Senhora Dona Filippa,* tia de Dom João II e excellente poetisa. Este caso de amor foi discutido entre 1491, em que Francisco da Silveira se intitulou Coudel-Mór, e 1493 em que morreu a Infanta.

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 167.
(2) *Ib.*, p. 170.

Os ultimos versos de Francisco da Silveira foram os que escreveu em 1498, apodando as ceroulas de chamalote do poeta madeirense Manoel de Noronha *«as quaes mandou a Castella.»* (1) N'estes versos diz:

Estava fóra do rol,
e d'estes *motes* isento...

Francisco da Silveira queria a todo o transe abandonar a côrte de um rei que protegia os inimigos de Dom João II; depois da mercê de 1499, ainda esperou quatro annos, requerendo el-rei para que lhe désse as suas villas de juro. Dom Manoel não queria satisfazer o pedido, e Francisco da Silveira amarrou-se mais dois annos ao seu capricho, até que conseguiu que as villas podessem ser herdadas por seu filho e neto, agradecendo com a resposta, de que a melhor mercê era o poder desde já abandonar a côrte. A Carta de Doação é de 3 de Dezembro de 1513. Elle ainda assistiu na côrte á representação dos Autos de Gil Vicente.

Logo que Francisco da Silveira houve á mão a Carta de Dom Manoel, recolheu-se á villa de Sarzedas para fazer duas casas, uma, dizia elle, em que vivesse honrado, pois na côrte o não era, outra para fazer seus filhos ricos. Seu irmão e amigo Jorge da Silveira, que tantas vezes entrára com elle em batalhas e certâmes poeticos, persuadia-lhe a que não abandonasse a côrte,

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 142.

pois que tinha nove filhos; mas a sua indole aspera e inquebrantavel fêl-o resistir a todos os argumentos.

Duro para com dois monarchas prepotentes, Francisco da Silveira ainda o foi mais para com seus filhos, succumbindo quasi todos á pressão moral que sobre elles exercia. Na sua residencia em Sarzedas chegou a juntar muitas riquezas; segundo o padre Francisco da Fonseca, na sua *Evora gloriosa,* quando Dom Manoel quiz fundar a Universidade de Evora, comprou a Francisco da Silveira em 1520 um farrejal junto da porta do Moinho de Vento. Apesar de tudo o que pinta o seu caracter ávido, este facto basta para o definir: Ficando captivo em Çafim com Garcia de Menezes seu filho Manoel da Silveira, nunca se occupou do seu resgate. Os Mouros pediram pelo captivo 10:000 cruzados, mas Francisco da Silveira não acceitou as propostas; sua mulher Dona Margarida de Noronha depois de vêr que o não podia abrandar com lagrimas, e achando-se na impossibilidade de salvar seu filho, morreu em pouco tempo minada de tristeza. Com os outros filhos não se mostrou menos duro; o que mais severidade e crueza lhe merecia, era o primogenito Fernão da Silveira, tambem poeta, que veiu a ser amigo intimo do principe Dom João, morto em 1453. Francisco da Silveira perseguia-o como inimigo irreconciliavel; o filho só lhe escapava indo militar na India, e depois de regressar ao lar domestico, dava treguas ao rigor de seu pae, alistando-se para as expedições de Africa; mas nem assim pôde vencer a sua ira, porque Fran-

cisco da Silveira procurou por todos os meios desherdal-o. Fóra de casa andava tambem outro filho, militando na India, o afamado poeta amigo de Camões, Heitor da Silveira. O Coudel-mór, com o intuito de desherdar o filho mais velho, mandou-lhe propôr o acceitar a herança; mas o digno poeta não quiz acceder a esse projecto injusto, e então Francisco da Silveira, especulando com uma predilecção de Dom João III, fez o casamento de seu filho mais novo Bernardim da Silveira com Dona Ignez de Noronha, de uma familia protegida pelo monarcha, para assim encabeçar n'elle a casa. Fernão da Silveira reclamou contra a injustiça e não encontrou desaggravo nos tribunaes; favoreceu-o porém o acaso, porque Bernardim da Silveira morreu quatro annos depois, afogado no mar, quando regressava da India em 1440, e a casa veiu assim a pertencer a quem pertencia de direito.

Emquanto Francisco da Silveira commettia estas atrocidades, em 26 de Outubro de 1516 instituia um legado de duas missas por sua alma no altar de Sam Bartholomeu na capella da villa de Sarzedas; o anno da sua morte foi em 1536. Esta data basta para nos mostrar que elle tambem seria um dos maiores inimigos da eschola italiana.

2.º — **Jorge da Silveira.** Este poeta era filho segundo do Coudel-mór Fernão da Silveira, e tambem acompanhou Dom Affonso V a Castella, e tomou parte na batalha do Toro; o rei o nomeou Védor da Fazenda

de seu sobrinho o Duque de Viseu, logar que serviu até á morte do Duque em 1484. Era de um caracter tão grave, que o Duque seu amo nunca ousou descobrir-lhe o projecto da conspiração que tramava. Quando o Duque de Viseu voltou de Castella em 1482, e se fez na côrte o apodo á gangorra de Lopo de Sousa, Jorge da Silveira tambem tomou parte no grecejo. (1) Depois da execução do Duque de Bragança, Jorge da Silveira, animou juntamente com Nuno Pereira os serões do paço de Santarem, discutindo o celebre processo do *Cuidar e Suspirar*.

Quando se deram as Justas de Evora em 1490, appareceu Jorge da Silveira *com umas fateixas* por divisa, e a letra dizia:

Van buscando mis servicios
el gualardan que caío,
donde nunca pereció.

Elle tomou parte em quasi todos os apodos suscitados por Francisco da Silveira, e ajudou Nuno Pereira nas pragas que rogou a Dona Leonor da Silva, quando se casou. (2) Em 1498 tambem saíu a apodar o poeta Manoel de Noronha, por causa das ceroulas de chamalote com que pretendeu figurar na côrte de Castella.

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 119.
(2) *Ib.*, t. I, p. 255.

El-rei Dom Manoel reconhecendo o amor com que sempre servira o Duque de Viseu, seu irmão, nomeou-o Camareiro-Mór, e Guarda-Mór do Infante Dom Fernando. Casou com Dona Margarida Furtada, filha de Duarte Furtado de Mendonça, commendador do Torrão. Esta dama tambem figura no *Cancioneiro* dando motes a Duarte de Brito:

yo no siento quien lo sienta. (1)

Jorge da Silveira casou em segundas nupcias com Dona Felippa de Lima, filha de Dom Alvaro de Lima, monteiro de Dom Manoel.

3.º — Diogo da Silveira. Terceiro filho do Coudel-Mór Fernão da Silveira; como seus irmãos entrou em Castella e se achou com Dom Affonso V na batalha do Toro. Nos *Porquês* anonymos, achados no paço de Setubal, vem citado este poeta:

Porquê *Diogo da Silveira*
requere ser do conselho? (2)

Nos torneios e justas de Evora, de 1490, appareceu Diogo da Silveira trazendo por cimeira *um medronheiro com medronhos*, e a letra dizia:

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 332.
(2) *Ib.*, t. III, p. 240.

N'este remedio da vida
tengo la mia perdida. (1)

Foi tal a distincção com que se apresentou n'estas festas pelo casamento do principe Dom Affonso, que Dom João II lhe deu o annel de primeiro justador.

Diogo da Silveira tem apenas duas coplas no *Cancioneiro;* uma é em ajuda de seu irmão Francisco da Silveira contra Pero de Sousa Ribeiro, ácerca da sua entrada na Judearia:

As damas tem já tomadas
par' esta cousa janellas,
e andam tam abaladas
que sam cheas as estradas
e terreiro para vêl-as.
Melhor nunca fôra ser
vestido de tal valia,
que andarem todos a vêr
a que sae da Judaria. (2)

Diogo da Silveira tambem ajudou o Claveiro Dom Diogo de Menezes em uns versos de louvor a Dona Felippa de Abreu. (3) Foi casado a primeira vez com Branca Corrêa, filha de Dom Rodrigo Affonso de Athouguia, senhor de Bellas, de quem não teve geração. Casou em segundas nupcias com Dona Maria de Tavora, filha de Pedro Lourenço de Tavora, senhor do Mogadouro e de Mirandella. Está enterrado no Mosteiro de

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 236.
(2) *Ib.*, p. 169.
(3) *Ib.*, p. 6.

Peralonga, na capella que elle mesmo fundou, com o letreiro que diz:

> Aqui jaz Diogo da Silveira, filho de Fernão da Silveira, Regedor da Justiça d'este Reino e Coudel-mór, e Dona Maria de Tavora, filha de Pero Lourenço de Tavora, Senhor da Cava do Mogadouro, sua mulher, cuja é esta sepultura.

Os filhos de Diogo da Silveira não cultivaram a poesia, mas occupam no *Cancioneiro* um logar distinctissimo os seus dois netos:

Dom Luiz da Silveira e Simão da Silveira.

a) **Dom Luiz da Silveira.** — É este poeta o palaciano mais consummado do seculo XVI; creado na côrte, adquiriu essa arte de se inocular no animo do monarcha, e a natureza dotou-o com todos os dotes para exercer uma irreflectida fascinação. Dom João III, no tempo do odio de seu pae, achou em Luiz da Silveira um partidario decidido; o poeta chegou depois que elle subiu ao throno ao maior grau de valimento, mas, como acontece sempre, ao favoritismo succedeu o aborrecimento e a desgraça. É este o drama da sua vida. Luiz da Silveira, neto de Diogo da Silveira, foi o primogenito de Nuno Martins da Silveira e de Dona Felippa de Vilhena, filha de Fernão Telles de Menezes. Distinguiu-se na Armada em que Dom João de Menezes no anno de 1507 foi sobre Azamor, sendo o primeiro que desembarcou. Esta primeira data leva-nos a remontar

a época do seu nascimento aos primeiros annos do reinado de Dom João II, a 1481, como adiante provaremos. Luiz da Silveira tambem figurou muito cedo como poeta, e uma das suas composições do *Cancioneiro* acha-se felizmente com uma referencia ao anno de 1510. É em um apodo a Simão de Sousa, «*porquê veo ao terreiro de Almeirim em uma mula com umas largas esporas de gineta, esmaltadas e com chapins.*» (1) Simão de Sousa é um dos bons poetas lyricos do *Cancioneiro;* filho de Gonçalo de Sousa, el-rei Dom João II o desterrára para Ceuta por ter amores com Dona Catherina de Faria, sobrinha do terrivel Antão de Faria, camareiro-mór do reino. (2)

No apodo contra as suas esporas, figura Luiz da Silveira e seu irmão Simão da Silveira, e seu primo Ayres Telles de Menezes, que por ventura a este tempo ainda não era franciscano. Em uma estrophe de Garcia de Resende, fixa-se a data d'este certâme poetico:

> Não era de Jesu Christo
> *de mil e quinhentos e dez,*
> no terreiro d'Almeirim,
> foi um homem em mula visto
> com larga espora de Fez,
> calçada sobre chapim, etc.

Luiz da Silveira escreveu duas estrophes n'este apodo, de que copiamos os primeiros versos:

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 251.
(2) Abb. de Perozello, *Ms.*, t. XII.

Quando andaste c'o touro
parecias-me francez;
e agora vinhas Mouro
na cabeça e não nos pés...

Luiz da Silveira apesar de se distinguir nos serões do paço, seguia tambem como escalla nobiliarchica a carreira das armas. Quando Dom João de Menezes foi soccorrer Arzilla, acompanhou-o de novo o poeta, e d'aqui data a sua primeira amizade. Em 1513 Luiz da Silveira acompanhou o Duque Dom Jayme para a expedição do Azamor, aonde ficou por algum tempo. Na sua volta ao reino é que tomou relações da mais estreita intimidade com Dom João III, ainda principe, o que fez com que começasse a ser odiado na côrte pelos privados d'el-rei Dom Manoel.

Para evitar as consequencias d'estas intrigas, Luiz da Silveira partiu para o cêrco de Tanger, que depois de 1513 os Mouros haviam posto áquella cidade; Luiz da Silveira demorou-se alí dois annos. Na occasião da sua partida, o celebre general e poeta Dom João de Menezes escreveu-lhe um sentido adeus em que pinta os perigos da côrte: «*Trova sua que mandou a Luys da Silveira, que partia de Lixboa ao cêrco de Tanger:*

C'o estes ventos d'agora
perigoso é navegar,
que se mudam cada hora
e quem vae de foz em fóra
nunca mais póde tornar.

O navio pende á banda,
a rezam não é ouvida,
a vontade tudo manda,
e quem hade andar, desanda,
quem tem alma não tem vida. (1)

Depois de descrever a desgraça de Luiz da Silveira, comprehende-se a bella paraphrase que escreveu aos Versiculos do *Ecclesiastes:*

Vaidade das vaidades
e tudo he vaidade!
assim passam as vontades
como as causas da vontade.
Tudo se já desejou,
e tudo se avorreceu;
e tudo já se ganhou,
e tudo já se perdeu. (2)

Estes versos foram escriptos quando estava fóra da côrte, por causa da sua intimidade com o principe D. João. Em 1518 foram estes versos que fizeram com que Antonio Corrêa jurasse sobre o *Cancioneiro geral,* juntamente com os embaixadores do rei de Pegú.

A este seu primeiro desastre palaciano refere-se mais extensamente nas trovas «*a Dom Nuno Manoel, estando com el-rei em Cintra e elle em Lisboa*»:

Vi-me em tamanha contenda
com que de cá serviria,
que á mingua da fazenda
me tornei á phantesia...

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 114.
(2) *Ib.*, t. II, p. 456.

Garcia de Resende, saíu a ajudal-o na sua queixa:

> Como não tem esperança
> do que de vós ham de haver,
> logo perdem a lembrança
> que sempre deviam ter.
>
> *O que vos ouvem dizer*
> *vam contar d'outra maneira;*
> todo seu feito é fazer
> com que s'a gente mal queira. (1)

Em rasão d'estas intrigas Luiz da Silveira teve de saír da côrte. No *Cancioneiro* encontra-se uma «*Trova que mandou Luiz da Silveira d'uma armada em que foi, a alguns seus amigos, que cá ficaram e andavam namorados*»:

> Vivei bemaventurados
> que a fortuna aparelhada
> tendes já;
> nós outros, sômos chamados
> de uns fados em outros fados
> sem saber o que será. (2)

N'este tempo andava Luiz da Silveira namorado de Dona Joanna de Mendonça; (3) durante a sua ausencia da côrte ella casou-se. (4)

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 468, 470.
(2) *Ib.*, p. 466.
(3) *Ib.*, p. 467.
(4) *Ib.*, p. 463 e 465.

Estes perigos da côrte acham-se mais claramente explicados pelo poeta Duarte da Gama, tambem amigo de Luiz da Silveira. Duarte da Gama glosou essa trova de Dom João de Menezes, na despedida para o cêrco de Tanger, (1) e em outros versos descrevendo a vida da côrte, diz:

> Mas com este esquecimento
> nam me leixou de lembrar,
> que vi *Tangere* tirar
> a quem tem merecimento.
> *Arzilla* d'esta maneira
> fez mudança
> pelo qual tenho lembrança
> verdadeira. (2)

Duarte da Gama era filho de Francisco da Gama e de Dona Isabel, filha de Payo de Freitas, anadel-mór de espingardeiros; este poeta foi alcaide-mór de Lamego, Vedor do Infante Dom Fernando, e casado com Dona Guiomar de Vasconcellos. O poeta tambem attribue a corrupção dos costumes ao mercantilismo que se apossara de todas as classes:

> Outros não querem verdade
> falar com *ribaldaria*,
> falando per senhoria
> a homens sem dignidade.

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 494.
(2) *Ib.*, p. 505.

A palavra *ribaldaria,* que na litteratura franceza apparece designando uma instituição comica, em portuguez só foi admittida no sentido mercantil, como a empregou Santerna ou Pedro de Santarem. (1) Mas o que levantava uma verdadeira tempestade na côrte era propriamente uma intriga de camarilha: Dom João III, ainda principe, queria casar com a princeza Dona Leonor, irmã de Carlos V; Dom Manoel, tratou de adiar o casamento, á espera de viuvar de sua segunda mulher que estava bastante doente, e logo que isto succedeu casou em terceiras nupcias com a noiva de seu filho. É no meio d'esta intriga que apparece Luiz da Silveira, tomando com coragem o partido do principe. Dom Manoel, depois de viuvar de sua segunda mulher Dona Maria, rezam as chrónicas, que se resolveu retirar dos negocios publicos, reservando para si o Algarve com os seus rendimentos, com os do mestrado de Christo, e d'alí fazer a guerra santa para Africa, como perpetuo fronteiro. Os seus aulicos desviaram-n'o d'este proposito, dizendo-lhe que Luiz da Silveira incitava o principe a desobedecer-lhe. Foi por isso que tendo já quarenta e sete annos de edade resolveu casar-se pela terceira vez com a Infanta Dona Leonor, que era, segundo o proprio Manuscripto de Dom Luiz Lobo da Silveira: «*princeza muito moça e fermosa, que elle muitas vezes tinha mandado pedir para mulher do proprio principe seu filho.*»

(1) *Trat. de Assecurat.* P. III, p. 812, n.º 82.

Antes de entrarmos na segunda phase da vida de Luiz da Silveira, depois da successão de Dom João III em 1521, vejamos a sua actividade poetica limitada até ao anno de 1516, em que Resende terminou a sua collecção. Luiz da Silveira tambem foi um dos engraçados apodistas do Embaixador Pero de Sousa Ribeiro, porque fizera uma capa franceza; (1) soccorreu a Dom Diogo filho do Marquez de Villa Real, porque chamára a Dona Beatriz de Vilhana *a perigosa;* (2) figura em um proposito do tio-avô Jorge da Silveira; (3) e no louvor de João da Silveira a Dona Margarida Freire. (4) Quando Simão de Sousa andava apaixonado por Dona Guiomar de Menezes, Luiz da Silveira tomou parte no louvor, definindo os grandes males do amor:

> E quem bem quizer saber
> quam mal se póde soffrer
> pregunt'a *Luiz da Silveira.* (5)

Luiz da Silveira tomou egualmente parte no apodo a Dom Francisco de Biveiro, por ter recebido um falso recado da sua dama, pedindo-lhe uma mulla e touca, tabardo e sombreiro. (6) Dom Francisco de Biveiro começa a sua resposta atacando os dois irmãos: «*A Luiz da Silveira e Simão da Silveira*»:

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 122.
(2) *Ib.*, t. III, p. 16.
(3) *Ib.*, p. 33.
(4) *Ib.*, p. 50.
(5) *Ib.*, p. 68.
(6) *Ib.*, p. 258.

Começo nos dois irmãos
cortezãos,
que não tem mais Deos que dar,
tam alvos e tam louçãos,
cujos geitos, pés e mãos
são mui dôces de notar.
Um d'elles sabe latim,
o outro vae a Çafim
n'esta viagem de agora,
se por elles me não fôra
nam estivera em Almeirim.

O mayor se alvoroçou
e mal bordou
pelotes capas dois pares;
pero tanto que as tirou
logo ess' hora nos sacou
do coração mil pezares.
Nam quero mais m'estender,
fique o mais por dizer,
agora d'esta viagem,
porque são de uma linhagem
de quem me tem em poder. (1)

Na vida folgada de Almeirim, Luiz da Silveira distraía-se dos ocios de cortezão com joviaes apodos. Lê-se no *Cancioneiro*: *«De Luiz da Silveira a Dom Jeronymo d'Eça a humas manguas que fez em Almeyrim, muito estreitas e forradas de martas muito velhas.»* (2) O Conde de Vimioso tambem apodou *«a Luiz da Silveira por umas mangas que fez de cetim com o avesso para fóra.»* Luiz da Silveira replicou ao Conde *«sobre outras mangas que trazia de veludo, estreitas e*

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 265, 273.
(2) *Ib.*, p. 294.

acayreladas.» (1) Nos Livros de Linhagens, Luiz da Silveira apparece sempre citado como um grande poeta; no *Cancioneiro* não ha poesias suas que provem tal superioridade, apenas encontramos uma consulta de amor de Dom Pedro de Almeida, a que elle devolve que para bem responder daria até dez marcos de prata por um João de Mena ou por dez annos de Sena. (2) É natural que a melhor parte das suas poesias se perdesse.

A vida faustosa que levava Luiz da Silveira, conhece-se em um apodo de João Rodrigues de Sá «*porque lhe viu mandar d'Almeyrim a Lisboa por muita manteiga e vira-lhe levar muita quando se fôra, tendo um cosinheiro que se chamava mestre Pedro.*» (3) João Rodrigues de Sá tornou a apodal-o por causa de um seu cocheiro que andava vestido de libré amarella: «*trovas suas a Luiz da Silveira sobre o seu Faetão, que víu passar em uns seus reposteiros, yndo elle receber el-rey, que vinha d'Almeirim.*» (4) Luiz da Silveira por seu turno tambem o satyrisou em uma «*trova... que mandou em uma noite ante de natal, porque foi jugar com elle, e levava uns escudos e ganhou-lhe.*» (5) João Rodrigues de Sá, sendo convidado para a desforra, respondeu:

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 297.
(2) *Ib.*, p. 317.
(3) *Ib.*, t. II, p. 417.
(4) *Ib.*, p. 424.
(5) *Ib.*, p. 432.

pera jogo não acudo,
mas irei á consoada.

D'outra vez Luiz da Silveira mandou a João Rodrigues de Sá uma trova *«vyndo com o Conde de Villa Nova, de Santhiago, e el-rei partia o outro dia para Evora»*:

Vós, co' senhor Dom Martinho
diz que vindes por paradas,
pera meter a caminho
damas mal encaminhadas.... (1)

João Rodrigues de Sá, respondeu com o anexim:

Como moinho e meirinho
sam todas suas passadas...

Por fim João Rodrigues propôz-lhe para virem ás boas:

A mais discreta maneira
que homem póde buscar
pera vos louvar,
senhor *Luiz da Silveira*
é errar
tam acertada barreira. (2)

Na rubrica de uma trova do mesmo poeta se pinta mais a vida intima de ambos: *«a Luiz da Silveira, que o foi vêr a sua casa, e porque lhe disseram que ja-*

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 443.
(2) *Ib.*, p. 445.

zia ainda na cama, nam quiz lá entrar.» (1) João Rodrigues de Sá estava casado de pouco tempo com Dona Camilla, filha do Conde de Villa Nova.

Logo que Dom Manoel morreu em 1521, já Luiz da Silveira contava quarenta annos de edade, e estava casado com Dona Brites de Noronha, filha de D. Fernando Coutinho, quinto marechal do reino. D. João III acercou-se logo d'elle, nomeou-o seu Guarda-mór, deu-lhe a Alcaidaria-mór de Alemquer, promettendo-lhe o Officio de Camareiro-mór e o titulo de Conde de Penamayor. Tudo isto fez crescer a inveja dos que na côrte de Dom Manoel o perseguiam. Como o officio de Camareiro-mór pertencia ao poeta Dom Martinho de Castello Branco, Conde de Villa Nova de Portimão, casado com uma tia de sua mulher, e como o titulo de Penamayor pertencia a uma commenda de Ruy Mendes de Vasconcellos, genro do secretario Antonio Carneiro, pae de Però do Alcaçova Carneiro, Conde de Idanha, por aqui se vê a ordem de influencias que elle tinha enraivecido contra si. Luiz da Silveira era bastante perspicaz para os dominar a todos, mas eram tantos os que procuravam fazel-o decaír das graças de Dom João III, que afinal caíu irreflectidamente em um logro. Diz o *Nobiliario* de Dom Luiz Lobo da Silveira: «era mui douto e grande poeta, muito discreto e galante e de grandes espiritos, que é cousa que mais faz odiar os homens.» Em uma carta escripta por uma da-

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 447.

ma da rainha Dona Catherina, que veiu de Castella, dando novas da côrte de Portugal, dizia: «O Barão é outro cherxes; e *Luiz da Silveira* é tudo e tudo de que não é nada.» O projecto de o privar das graças de Dom João III realisou-se inesperadamente. Dom João III quiz mandar uma embaixada a Carlos V, quando voltou a Hespanha depois de se ter coroado Imperador da Allemanha, e repellido os francezes da Lombardia, e do reino de Navarra, vencido as Communidades de Castella e elegido um Papa. Qual seria o cavalleiro digno d'esta missão altamente difficil e honrosa? Dom João III queria tambem n'esta embaixada tratar do casamento de sua irmã a princeza Dona Isabel e ácerca dos negocios de Maluco. Os inimigos de Luiz da Silveira aconselharam o rei para que lhe conferisse esta delicada missão, como a unico competente; e assim conseguiam libertar o monarcha da sua influencia e demolil-o no seu favoritismo, calumniando-o á vontade. Quando Luiz da Silveira se foi despedir de seu pae Nuno Martins da Silveira, este lhe perguntou: «Para onde vás? deixas de ser rei para seres embaixador.»

Na sua ausencia Dom Martinho de Castello Branco, e a poderosa familia dos Carneiros não deixaram o rei um instante, accusando Luiz da Silveira de muito soberbo, de uma grande avidez de honras, e que tinha muitos filhos a quem queria enriquecer. Quando o Embaixador voltou a Evora com cartas de grande elogio dadas por Carlos V, Dom João III recebeu-o friamente. Frei Luiz de Sousa, nos *Annaes de Dom João III* aponta

mais uma causa do odio contra o valido: «Como o negocio era de tanto peso e tanto de gosto d'el-rei, determinou Luiz da Silveira mostrar em Portugal e Castella uma nova fonfarrice: juntou parentes, amigos e criados com que fez uma companhia de cento de cavallo, com tanta prata de serviço e ginetes de destro, e paramentos de casa ricos, que fez apparato e estado de mais que homem particular. Só nos trajos não houve demasia; porque durava o dó da morte d'el-rei D. Manoel.» (1) Dom João III mandou-o recolher ao reino, logo que elle lhe disse o que assentára ácerca da demarcação de Maluco, e da pessoa do navegador Fernando de Magalhães; ao entrar nos paços d'Evora, vendo a frieza de Dom João III, Luiz da Silveira ficou perturbado, e os aulicos tiraram d'alí pretexto para o accusar de que não quizera beijar a mão ao rei. Para mais infelicidade, o Barão de Alvito Dom Diogo Lobo, seu cunhado, casado com Dona Leonor de Vilhena, pessoa de grande auctoridade junto do rei, morreu n'esse mesmo anno; restava-lhe apenas outro cunhado, casado com Dona Isabel de Vilhena, o poeta Nuno da Cunha, que durante treze annos foi governador da India, e então era Védor da Fazenda d'el-rei. Os inimigos de Luiz da Silveira procuraram affastar da côrte o poderoso cunhado, e aproveitaram-se das alterações sobre o governo da India entre Lopo Vaz de Sampaio e Pero de Mascarenhas. Instigaram Dom João III para

(1) Op. cit., cap. x, p. 40.

que mandasse Nuno da Cunha como governador para a India, porque se destituia Lopo Vaz de Sampaio que era sogro de Antonio da Silveira, mandava Nuno da Cunha que era cunhado de Luiz da Silveira. A rêde foi bem armada. Assim abandonado o valido, a intriga começou a dar os seus resultados. Por este tempo morreu seu pae Nuno Martins da Silveira, e elle quiz retirar-se da côrte e ir viver para Goes. Dom João III fez-lhe então algumas mercês como quem o despedia, e os seus inimigos para o verem fóra da côrte consentiram que lhe désse a villa de Sortella com o titulo de Conde. Em uma Carta de Carlos V ao seu embaixador Lopo Furtado, lhe diz: «Io he sabido la merced que el serenissimo muy alto y muy poderoso Rey de Portugal, mi muy caro y amado ermano, ha hecho a *Luys da Silveyra,* de la villa de Sortella, honrandole con titulo de Conde d'ella, de que he holgado mucho por saber que es tan cierto y servidor suyo, y tener yo voluntad de hazer-le merced: y assy lo direys de mi parte al serenissimo Rey, y que en todo el favor y buen tratamiento que mas le hiziere, recibiremos muy singular complazencia. — Direys assi mesmo al dicho *Luiz da Silveira* de mi parte quanto he holgado desto, y que assi espero que siempre recivirá mas favor y merced, como el lo merece. De Brucellas, a 22 de Ottobre, 1531.» (1) Pelo tempo em que foi escripta esta carta, e pela decidida recommendação de Carlos V se vê que Luiz da

(1) Frei Luiz de Sousa, *op. cit.*, p. 375.

Silveira se serviu dos seus creditos junto d'este monarcha para ser restituido ao antigo valimento. Tudo foi debalde; Luiz da Silveira nunca mais voltou á côrte, e no seu retiro de Goes, não lhe bastando a litteratura nem a agricultura morreu na edade prematura de cincoenta e tres annos. Conta-se de Luiz da Silveira, que o rei lhe perguntára no maior auge do seu valimento: — «Que cousa o obrigava a ser-lhe traidor? Respondeu-lhe: «Um desprezo, Senhor.» (1) Dom João III lembrava-se d'esta revelação, e uma vez quebrado esse verniz de valimento, já o seu poderoso cunhado Carlos V nada pôde conseguir.

b) **Simão da Silveira.** — Filho segundo de Nuno Martins da Silveira; esteve em Çafim logo que se tomou aquella cidade, sendo capitão d'ella Nuno Fernandes de Athayde. Este poeta cavalleiro achou-se tambem no cêrco que os Mouros puzeram a essa cidade em 1510. No apodo ás esporas de Simão de Sousa, celebrado em Almeirim em 1510, entre as coplas dos *Arrefens de Çafy*, apparece uma de Simão da Silveira, em que se vê que lhe era familiar o cyclo cavalheiresco greco-romano:

> Pois que já *Archilles* não és
> nem menos *Eytor* troyano,
> dize, mano,
> que engano
> te fez morrer pelos pés? (2)

(1) Sópico, *Apothegmas*, p. 178, e em outros logares.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 256.

Simão da Silveira foi ferido no ataque de Almedina, e batalhou tão valorosamente nos vinte e cinco aduares, que el-rei Dom Manoel lhe fez mercê da Fortaleza de Cananor, posto que não tivesse ido á India, e lhe deu tambem a capitania de uma Nau de viagem. Simão da Silveira partiu para a India com o poeta Lopo Soares, quando foi por governador da India em 1515; alí foi metido de posse da capitania em logar de Jorge de Mello, e alí serviu até 1518.

Jorge de Mello também figura no *Cancioneiro* como poeta, em um louvor a João da Silveira, em outro a Francisco da Silveira, e apparece apodado nos *Porquês* de Setubal:

> Porque ousam d'ir ao serão
> Saldanha e *Jorge de Mello?* (1)

Era este poeta terceiro filho de Vasco Martins de Mello; teve o appellido de *Picota;* foi mestre sala da rainha Dona Leonor e casou com Dona Anna de Mendonça. O governador Lopo Soares era immensamente amigo de Simão da Silveira, e tambem figura no *Cancioneiro* como poeta em uma consulta de Francisco da Silveira. (2) Nos intrigantes *Porquês?* de Setubal, tambem vem apodado:

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 238, 188 e 48.
(2) *Ib.*, p. 185.

> Porque fala tanto á mesa
> *Lopo Soares* na guerra?

Quando el-rei Dom Manoel em 1518 fez a Lopo Soares a affronta de mandar para a India Fernão d'Alcaceva por védor com isempção do governador, o seu amigo Simão da Silveira resentiu-se d'isso e abandonou a fortaleza, vindo immediatamente para o reino. Em Portugal foi demandado pelo Procurador da fazenda real e por sentença condemnado a pagar uma grande somma de dinheiro. Dom Manoel perdoou-lhe parte da condemnação, e Dom João III deu-se por quite do que restava, nomeando-o Procurador das obras da Ribeira. Foi casado com Dona Maria de Vilhana, filha de Sancho de Toar, e viuva de Christovam de Mendonça. Viveu sempre em Evora desprezando as machinações da côrte contra seu irmão Dom Luiz da Silveira, e está enterrado na capella-mór do Mosteiro do Carmo, que elle e sua mulher dotaram para sua sepultura.

Simão da Silveira tomou parte nos versos amorosos de Simão de Sousa a Dona Beatriz de Sá; (1) nos apodos a Dom Francisco de Biveiro, que pela sua parte o satyrou «*porque riu de um pelote que fez Symão da Silveira de chamalote franjado.*» (2) Nos apodos a Jorge de Oliveira, rendeiro da chancellaria, «*porque levou a Jorge de Mello doze mil reis por um padrão que despachou, sem lhe querer quitar nada*», (3) apparece uma copla de Simão da Silveira:

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 57.
(2) *Ib.*, p. 273.
(3) *Ib.*, *p.* 275.

Oxalá me visse eu
com elle já n'essas brigas,
para lhe pagar em figas
todo o seu.

O poeta Jorge de Oliveira era filho de Antonio Vieira Altero e de Dona Angela Pinto da Fonseca; casou com Dona Isabel Baldaia de Miranda. Simão da Silveira tambem ajudou o apodo de Luiz da Silveira ao casaco de pelles velhas de Dom Jeronymo d'Eça; a sua estrophe satyrica parece ter dado origem ao anexim: *Ande eu quente e ria-se a gente:*

Olhay, que boa ventura
foi a d'estas vossas martas!
que ficam as damas fartas
de riso, e vós de quentura.
Anday vós uma vez quente,
senhor, á vossa vontade,
que este é verdade,
e deixay vos rir a gente. (1)

Simão da Silveira tambem levantou o apodo a Lopo Furtado *«que mandou de Castella, indo de cá, um vilancete á senhora Dona Joanna Manoel.»* (2) Esta dama acompanhára Joanna para Castella; d'ella fala Garcia de Resende, a Manoel de Goyos:

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 294.
(2) *Ib.*, p. 301.

Sabey que em Portugal
gentileza de verdade
nunca se viu outra tal.
Poys a nam posso louvar,
quero-vol-a nomear
dona *Joanna Manoel*,
mays que o anjo Guabriel
tem tudo para gabar. (1)

Entre os versos amorosos de Simão da Silveira encontram-se uns «*á senhora Dona Joanna de Mendonça sobre uma ave que lhe lançou de uma janella.*» A formosa dama atirou-lhe uma pomba, talvez com um bilhete amoroso, mas Simão da Silveira respondeu:

Huns se depenam por vós,
outros vos vêem com pena. (2)

D'esta dama escrevia Garcia de Resende a Manoel de Goyos, depois de 1510:

Dona Joanna de Mendonça
que deixastes á partida,
uma muito gentil moça
nam é cousa d'esta vida,
que mata os homens per força.
Creçeo tanto em fermosura
em manhas, desenvoltura
graça, saber, discrição,
que não sinto o coração
a quem não dê má ventura.

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 578.
(2) *Ib.*, p. 321.

Como se vê pelos versos de Resende, era esta dama rival de Dona Joanna Manoel, e como Simão da Silveira a deffendera da ousadia de Lopo Furtado, Dona Joanna de Mendonça fez-lhe essa provocação excepcional, que tantos apaixonados invejariam. Simão da Silveira não teve filhos. Os versos seus que restam no *Cancioneiro* mostram que a melhor parte das suas poesias não foi recolhida. Aqui termina o primeiro ramo da grande familia dos Silveiras, cujos poetas por si bastavam para penetrarmos por elles a vida historica do seculo XV.

CAPITULO VI

O segundo ramo da familia dos Silveiras

O jurisconsulto João Fernandes da Silveira, um dos principaes vultos da côrte de Dom João II. — Os seus filhos figuram como poetas no *Cancioneiro:* 1.º) FERNÃO DA SILVEIRA, por causa do Coudel-Mór, entra na conspiração do Duque de Viseu. — Como escapou ao cutello de Dom João II. — Figura em Castella, e é mandado assassinar já em França. — Seu filho *a) João da Silveira,* poeta da côrte, acompanha Dona Beatriz a Saboya, e vae como embaixador a Francisco I. — 2.º) DOM DIOGO LOBO, Barão de Alvito. — Sua influencia na côrte. — Anedoctas do seu caracter e da sua morte. — *a) Dom Rodrigo Lobo,* e seu irmão *b) Dom João Lobo,* filhos do Barão. — 3.º) DOM MARTINHO DA SILVEIRA, floresce na côrte de Dom João II. — Decadencia da eschola hespanhola diante da influencia da poesia italiana.

Sem o auxilio dos livros genealogicos e principalmente da monographia manuscripta de Dom Luiz Lobo da Silveira, fôra impossivel resolver as diversas homonymias dos poetas d'esta familia, e de comprehender a sua vida moral pelas allusões dos seus versos. Os poetas que pertencem a este segundo ramo tiveram tambem uma grande importancia historica e litteraria na côrte e nas conspirações do seculo XV. São filhos do Doutor e jurisconsulto respeitavel João Fernandes da Silveira, embaixador do Infante Dom Pedro em Roma, Escrivão da Puridade de Dom João II e primeiro Barão de Alvito. Casou a primeira vez com Dona Violante Pereira, filha de Joanne Mendes da Guarda corregedor da côrte, e viuva de Martim Affonso Valente,

e teve d'este casamento o poeta Fernão da Silveira. Do seu segundo casamento com Dona Maria de Sousa Lobo, nasceram os dois poetas Dom Diogo Lobo, segundo Barão de Alvito e Dom Martinho da Silveira. Estudemos cada um d'elles separadamente.

1.º — **Fernão da Silveira.** Pertence ao numero dos fidalgos que entraram em Castella e estiveram na batalha do Toro. Quando seu pae foi a Castella por Embaixador, cedeu-lhe o logar de escrivão da Puridade de Dom João II. Tanto elle como o Coudel-Mór se encontraram muitas vezes em diversos apodos nos serões do paço; no rifão de Dom João de Menezes «*a uma dama que beijava e refiava Dona Guyomar de Castro*», em que entrou por ajuda Fernão da Silveira, que já havia cedido o logar de Coudel-Mór a seu filho, para se não confundir com elle se assigna: Fernão da Silveira *o Regedor*. (1)

Tambem se distingue a sua personalidade no apodo de Dom Gotterre, antes de 1484 «*aos gibões de Fernão da Silveira*», em que entra egualmente o *Coudel-Mór*. (2) Fernão da Silveira era principalmente satyrico; entrou no apodo «*a João Gomes da Ilha, porque viram um cavallo com umas alcaladas, e souberam que era seu, e que era vindo elle da Ilha.*» (3) Fernão da Silveira suscitou o apodo a Dom Rodrigo de Castro,

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 77.
(2) *Ib.*, p. 103.
(3) *Ib.*, p. 107.

porque trazendo a barba grande a foi rapar á navalha; n'este apodo apparecem-nos tres conspiradores do Duque de Viseu contra Dom João II: são Dom Alvaro de Athayde, Dom Pedro de Athayde e Dom Guterre Coutinho. (1) Fernão da Silveira tambem se achou por circumstancias fataes comprometido n'essa conspiração de 1484. Eis o principal motivo. Mandou Dom João II chamar o *Coudel-Mór* Fernão da Silveira, e o moço da camara chamou o Escrivão da Puridade. O rei zangou-se quando viu chegar outro que não tinha em mente, e perguntou ao moço: «A quem te mandei chamar?» — A Fernão da Silveira. «Não foi este, mas Fernão da Silveira *o Bom*. O Escrivão da Puridade saiu immediatamente d'ali dando-se por injuriado, e foi em seguida filiar-se na conspiração do Duque. Ao sair do paço encontrou no Rocio Dom Martinho de Castello Branco; contou-lhe tudo, mas o Visconde de Villa-Nova consolando-o perguntou-lhe: «O que podereis fazer contra El-rei?—Matal-o!» respondeu Fernão da Silveira. Antes porém da conspiração ser descoberta, Fernão da Silveira suspeitou que os planos iam ser revelados ao rei, porque Dom Guteirre Coutinho falara n'isso a seu irmão Dom Vasco Coutinho, que em premio d'essa delatação foi nomeado Conde de Borba. Ficou de Fernão da Silveira este dito memoravel: «Soube Dom Vasco aguçar os pescoços», proferido horas antes do assassinato inesperado do Duque de Viseu.

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 109.

Dom João II mandou immediatamente os seus officiaes a casa de Fernão da Silveira para o prenderem, mas apenas aí acharam uma barjoleta com muitos cruzados. Fernão da Silveira vendo-se em Setubal planearia por certo os meios de salvação n'esse estreito recinto; escudou-se em casa de um velho escudeiro de seu pae chamado João Pegas, que não teve medo da pena de morte decretada pelo rei contra todos os que dessem azylo a algum dos conspiradores. Fernão da Silveira escondeu-se dentro de uma cova, coberta por uma grande arca sem fundo. Ameaçaram o escudeiro, fizeram-lhe altas promessas para descobrir o fugitivo, mas nada venceu a sua apparente imbecilidade. João Pegas fingia que guardava pão na arca, e assim ninguem suspeitava que dava alimento ao desgraçado filho de seu amo. Uma escrava preta, que tinha em casa, que se levantava pela manhã cedo, ouvia gemidos abafados no sitio onde estava a arca; contou a seu amo o caso maravilhoso. João Pegas temendo com rasão que a preta revelasse esse indicio, disse-lhe que guardasse segredo até que elle fosse no dia seguinte de madrugada certificar-se se na verdade se ouviam alguns gemidos. Ao outro dia a preta aproximando-se da arca ouviu suspirar, e veiu perturbada chamar seu amo. João Pegas levantou-se á pressa, fingiu que escutava e mostrou-se maravilhado. Mandou a preta buscar um balde de agua ao poço do quintal, e em quanto ella estava debruçada sobre a borda precipitou-a dentro, até que depois de ver que estava morta, gritou publicando a desgraça que

succedera em sua casa. Passados alguns mezes salvou Fernão da Silveira por ajuda de um mercador que se chamava Bartolo, que o levou vestido de mendigo a Sevilha, aonde foi recebido carinhosamente na côrte de Fernando e Isabel, e por todos os grandes de Hespanha. Garcia de Resende na *Chronica de Dom João II* conta este heroismo de João Pegas, mas sem as particularidades das tradições de familia, recolhidas por Dom Luiz Lobo.

O conde de Benavente, fidalgo hespanhol, que fôra grande amigo do Doutor João Fernandes da Silveira, mandava ao foragido todos os mezes um saco com duzentos escudos; mas Fernão da Silveira só tirava cinco, devolvendo o resto, e dizendo que bastavam para um perseguido se sustentar. O conde de Benavente mandava-lhe sempre a mesma quantia; e estando um dia junto com outros fidalgos de ante-camara dos reis catholicos ali se achava Fernão da Silveira; deixou então caír uma luva, para ver se Fernão da Silveira como beneficiado a levantava; Fernão da Silveira comprehendeu a experiencia e sentou-se em um bufete. Esta arrogancia aristocratica causou-lhe em Hespanha os maiores gabos, que chegaram até Portugal e fizeram dizer ao terrivel Dom João II: «Fernão da Silveira aonde chegar ha de sempre ter logar.»

Dom João II, ferido no seu orgulho pediu aos reis catholicos que lhe entregassem Fernão da Silveira; como o não conseguisse, e vendo que as sympathias que gosava em Hespanha eram uma grande defeza, exi-

giu que fosse lançado fóra d'aquelle reino. Fernão da Silveira soube do caso, e escreveu ao rei de Portugal uma virulenta carta, accusando-o de injusto, de infame, de ladrão de titulos de doações; rematou este importante documento historico alludindo á palavra insultuosa que deu causa á sua desgraça: «de mim vos direi serei sempre não leal, mas sim inimigo e deservidor, como devem ser todos os *bons.*» Esta carta exacerbou a colera do prepotente Dom João II, que poz em campo o seu poder para que Fernão da Silveira fosse expulso de Hespanha. Passou de Castella para França, e receiando que o entregassem ao rei, se foi a Avinhão, cidade do Papa, mas nem lá pôde escapar á ira soberana, que ali o mandou assassinar pelo conde de Palhaes, que tambem andava desterrado de Hespanha, a 8 de dezembro de 1489. O conde de Palhaes havia recebido para a perpetração d'esta iniquidade boa somma de ouro, mas Luiz XI mandou-o prender, e não foi enforcado porque Dom João II empenhou o seu valimento, conseguindo que se lhe commutasse a pena em prisão perpetua.

Fernão da Silveira figura em varios logares do *Cancioneiro,* sempre como poeta satyrico; ajudou no apodo a Jorge de Oliveira, e escreveu um rifão «*a Dom Rodrigo de Castro, que beijou uma dama, e ella metteu-lhe a lingua na bocca.*» (1) Como engraçado, Fernão da Silveira prometteu dar «*brocado para um gibão a*

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 173.

quem fizer melhor trova de louvor á senhora D. Felipa de Vilhana, e hade ser julgado por ella.» (1)

Esteve na côrte de Castella em 1481, aonde se deu uma galante anedocta com os poetas hespanhoes, como se vê por esta rubrica do *Cancioneiro: «Este rifam escreveram uns Castelhanos á porta do paço em Castella, andando lá o Duque Dom Diogo:*

Portuguezes, mantenga-os Dios,
y vos goarde de las manos
de los crudos Castellanos
qual prazeras mas a vos,
chofres, ò bofes ò levianos?

«E Fernão da Silveira, como a viu, escreveu est' outra ao pé em reposta:

Castellanos, mantenga-os Dios
y guarde de tal afruenta,
qual fue la de Aljubarrota,
onde meus e teus avós.
Alí chofres nós a vós:
nós, como lindos gualanos,
vós, como putos marranos,
fuyendo delante nós,
no vos valiendo las manos.» (2)

Fernão da Silveira casou com Dona Brites de Sousa, filha de João de Mello, (3) alcaide-mór de Serpa, de quem teve *João da Silveira,* poeta de quem abaixo

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 571.
(2) *Ib.*, p. 29.
(3) *Ib.*, p. 25, v. 15.

tratamos, e Dona Marianna, que casou com Dom Gutterre de Monroyo.

a) **João da Silveira.** — Ficou de tenra edade quando seu pae morreu; era de caracter grave e triste, e tomou conta da sua sustentação o afamado poeta seu tio Dom Diogo Lobo, barão de Alvito. Morto Dom João II, Dom Manoel tratou de proteger todos os que soffreram por causa da conspiração de seu irmão o Duque de Vizeu, e João da Silveira entrou então na vida publica, indo servir a Çafim, em 1510, sendo capitão d'aquella fortaleza Dom Nuno de Mascarenhas, ou como outros querem, *Garcia de Mello,* que fôra celebrado nos versos do Coudel-mór. É n'este ponto que João da Silveira apparece na côrte e toma parte nos serões do paço, que iam já em decadencia; a sua primeira copla que apparece no *Cancioneiro* é no certâme de defeza de Dom Diogo, porque chamara a Dona Beatriz de Vilhena a *perigosa;* (1) elle pela sua parte suscitou as coplas de louvor a Dona Margarida Freire, e n'esse tempo estaria de novo no paço, porque sairam em seu auxilio os seus parentes Dom João Lobo, o Barão de Alvito, Jorge da Silveira, e Luiz da Silveira; (2) tomou parte nos versos de louvor de Simão de Sousa, a Dona Beatriz de Sá; (3) Garcia de Resende fizera um proposito ou

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 19.
(2) *Ib.*, p. 43.
(3) *Ib.*, p. 56.

motete, a que elle mesmo compuzera a musica, e com os outros poetas saiu tambem João da Silveira a glosal-o. (1)

Quando se fizeram os lubricos apodos contra Garcia de Mello, porque em um serão do paço fizera seus feitos em um braseiro, João da Silveira escreveu esta copla cheia de equivocos:

> Para serem, como são
> vossas culpas perdoadas,
> val com vós esta rasão
> ser de *camara* o serão
> e bem de *camara* ousada.
> Que se em sala commettido
> fôra tal descortezia
> nunca se perdoaria. (2)

João da Silveira era, como seu pae, principalmente satyrico. Foi elle que levantou o engraçado apodo ás esporas do apaixonado poeta Simão de Sousa em Almeirim em 1510; (3) elle tambem apodou os dois poetas Pero Moniz e Dom Garcia de Albuquerque que acompanharam uma embaixada a Castella. (4) O satyrico Garcia de Resende escrevia-lhe consultando-o em questões de amor, mas João da Silveira respondia-lhe pelas mesmas consoantes, dando sempre a entender que

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 72.
(2) *Ib.*, p. 244.
(3) *Ib.*, p. 251.
(4) *Ib.*, p. 356.

não era namorado. (1) Quando Garcia de Resende acabou de imprimir o seu *Cancioneiro,* João da Silveira saiu da côrte, em 1516, partindo de Lisboa para ir tomar posse de uma capitania-mór da India, que lhe déra Dom Manoel. Saiu de Lisboa com cinco naus, tendo já no anno antecedente acompanhado o vice-rei Lopo Soares d'Albergaria, e commandado a nau *Santa Maria da Serra,* que regressára ao reino a 18 de Julho de 1516. (2) Na terceira parte das *Decadas* de João de Barros, se diz que no anno de 1516 partiram cinco naus para a India, de que era capitão-mór João da Silveira; os capitães das outras quatro naus eram Affonso Lopes da Costa, seu irmão Garcia da Costa, Antonio de Lima, e Francisco de Sousa Mancias. Soffreu um grande temporal, perdendo-se tres naus nos baixos de S. Lazaro; João da Silveira chegou á India, fez boa carga e voltou para o reino. Em 1521 acompanhou a Infanta Dona Beatriz a Saboya, e Dom João III o nomeou seu trinchante, commendador de Montalvão, cavalleiro da Ordem de Christo e seu embaixador a Francisco I de França; e por ser no tempo em que esse rei andava em guerra com Carlos V, João da Silveira mostrou a sua prudencia e tacto, sustentando as boas relações de Portugal com a França. Vindo para o reino se recolheu a Evora, aonde morreu, e jaz enterrado na capella do

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 599, 601.
(2) Luiz Figueiredo Falcão, *Indece de toda a Fazenda*, p. 146.

Espinheiro. Foi casado duas vezes, a primeira com Dona Leonor de Menezes, filha de Fernão Pereira, e a segunda com Dona Isabel de Tavora.

2.º—**Dom Diogo Lobo.** Filho do segundo casamento do Doutor João Fernandes da Silveira. Sendo muito moço entrou em Castella com o principe Dom João a soccorrer Dom Affonso v, e esteve como a melhor parte dos poetas do *Cancioneiro* na batalha do Toro. Foi o seu nascimento antes de 1464, porque morrendo seu pae em principios de 1484, o rei o nomeou segundo Barão de Alvito *«e não era então de mais do que vinte annos»*, como se lê no *Nobiliario* manuscripto d'esta familia. Dom Diogo Lobo distinguiu-se muito cêdo nos serões do paço, como vemos pela referencia do poeta Alvaro Barreto; (1) houve-se com bastante prudencia no meio da conspiração do Duque de Viseu, em que ficou culpado seu irmão consanguineo Fernão da Silveira. Assim pelo seu parentesco como pelo cargo de immensa responsabilidade que occupava, não faltariam pretextos para desconfianças; mas Dom João II apesar de tudo fiou-se sempre n'elle, mesmo quando acceitou a protecção de seus dois sobrinhos, filhos de Fernão da Silveira. O Barão tomou parte nos grandes festejos de Evora em 1490, por occasião do casamento do principe Dom Affonso: *«O Barão Dom Diogo Lobo trazia um lyam rompente e dizia:*

(1) Vid. supra, p. 259.

Con sus fuerças y my fé
todos mis males dobré. (1)

Esta divisa explica a sua posição na côrte de Dom João II; o rei teve muito respeito pelo seu caracter, porque quando Joanne Mendes de Vasconcellos e Diogo Mendes seu irmão assassinaram Diogo Gil Magro no seu castello de Arrayolos, o Barão mandou executar a justiça, apesar dos assassinos serem cunhados de seu irmão Dom Martinho da Silveira. O Barão esteve presente em Alvor ao fallecimento de Dom João II, como conta Ruy de Pina. Dom Manoel nomeou-o védor da sua Fazenda, officio que já exercia em tempo de Dom João II, por lhe ter vindo este cargo de sua mulher Dona Joanna de Noronha, filha de Dom João de Almeida, Conde de Abrantes. (2)

Dom Diogo Lobo acompanhou Dom Manoel na romaria a Sam Thiago de Galliza; no desastre dos christãos novos que succedeu em Lisboa por culpa de dois frades dominicanos, a 19 de Abril de 1506, o rei recorreu logo a elle, nomeando-o juntamente com o Prior do Crato Dom Diogo de Almeida, por Carta de 24 de Abril de 1506, para castigarem a revolta dos fanaticos. Apasiguada a cidade, el-rei Dom Manoel escreveu-lhe outra carta logo a 27 de Abril dando-lhe instrucções e louvando-o.

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 236.
(2) Sousa, *Grandes*, p. 442.

Na sua qualidade de poeta, o Barão de Alvito era um dos mais distinctos cavalleiros do paço, e um dos sustentaculos da *eschola velha.* Na farça do *Velho da Horta,* representada por Gil Vicente em 1512, na ladainha do velho apaixonado, vem:

Oh santo *Barão d'Alvito,*
Seraphim de Deos Cupido,
consolae o velho afflicto, etc. (1)

Gil Vicente referia-se n'esta ladainha a todos os poetas apaixonados da côrte; o *Barão,* em uns versos a Dona Filippa de Abreu, fala do seu estado de namorado:

Se já nam fôra tomado
d'amor mortal que me tem,
segundo pareceis bem
c'os vossos fôra contado.
Mas é tamanho o mal meu,
um anno e meio agora,
que sam sandeu
por uma minha senhora
que nunca me quiz por seu. (2)

Nos *Porquês?* anonymos tambem se lê:

Porque o *Lobo d'Alvito* nado
nam lhe sabemos amigo?

Nos versos de Jorge de Aguiar a Dona Joanna de Mendonça, o Barão de Alvito tambem veiu em ajuda

(1) Gil Vicente, *Obras*, t. III, p. 81.
(2) *Canc. ger.*, t. III, p. 8.

com o seu conselho de amor; nos versos a Dona Margarida Freire, suscitados por João da Silveira, que estava a seu cargo, escreve:

> Todo o mal eu adivinho:
> porque, como vos fui vêr,
> vi o qu' avia de ser
> do triste de *meu sobrinho.* (1)

O Conde de Vimioso, Dom Francisco de Portugal, apodou a Dom Diogo Lobo «*porque vindo com el-rei d'Almeirim para Lisboa em um batel, se lhe destemperou o estomago, e saiu em uma cirvilha, a fazer seus feitos em uma lezira.*» (2)

Do Barão Dom Diogo Lobo não restam composições importantes no *Cancioneiro,* além dos elogios a damas, e apodos aos outros poetas porque traziam certas vestimentas. Vivendo no meio das intrigas do paço, tambem não escapou a ellas, talvez por ser amigo de Dom Luiz da Silveira, ou por haver sido nomeado procurador no casamento do infante Dom Fernando com Dona Guiomar Coutinho, filha do Conde de Marialva; contra elle diziam os seus inimigos que sustentava pertencer a corôa de Portugal não a Dom Manoel, mas ao imperador Maximiliano, por sêr primo de Dom João II.

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 46.
(2) *Ib.*, t. II, p. 121.

Por Carta de 29 de Fevereiro de 1522, D. João III nomeou-o Conde de Alvito; mas o rei, obedecendo á poderosa intriga contra Dom Luiz da Silveira, disse-lhe que suspendia por algum tempo esta graça, porque tinha recebido muitos pedidos do titulo de conde e não os queria satisfazer. Durou esta dilação affrontosa até 26 de Maio de 1523, como se vê por Carta passada em Almeirim. O Barão não chegou a gosar do anciado titulo, porque estando a fazer a barba para ir beijar a mão ao rei por aquella mercê, morreu de uma apoplexia. D'aqui veiu o dizer-se que Luiz da Silveira morrêra por não ter beijado a mão a Dom João III, e que o Barão morrera por a querer beijar. Casára segunda vez com Dona Leonor de Vilhena, filha de Nuno Martins da Silveira, e irmã dos dois poetas Dom Luiz da Silveira e Simão da Silveira; d'este casamento nasceu Dom Luiz Lobo, pae de Dom Luiz Lobo da Siveira, auctor do *Nobiliario* manuscripto que seguimos, que pertencia á casa de Sarzedas. (1) Jaz sepultado na egreja de Alvito.

a) **Dom João Lobo.** — Filho do primeiro casamento do Barão de Alvito, e irmão germano de Dom Rodrigo Lobo, tambem poeta do *Cancioneiro*. Esteve na tomada de Azamor em 1513. Foi senhor das Villas de Vallelhas, Alhandra e Famalicão. Foi segunda vez a Azamor, e morreu da queda de um cavallo abaixo, em

(1) Sousa, *Grandes*, p. 544.

1524. Casou com Dona Antonia de Castro, filha do poeta Dom Rodrigo de Castro, que chamaram de Monsanto. Por uns versos do Conde de Vimioso se confirma este facto: «*Trovas que o Conde de Vimioso mandou de Santos a Dom Rodrigo de Castro, que estava na Beira, per Dom João Lobo,* seu genro, *em que lhe manda novas de tres damas, a que elle chamava as tres Guiomares.*» (1) Dom João Lobo tomou parte no louvor de João da Silveira; (2) e no de Simão de Sousa. (3)

No apodo contra as esporas de Simão de Sousa, celebrado em Almerim em 1510, apparece este epigramma seu:

> Quero-te dar um aviso
> não no tomes ao revés;
> que não vejas os teus pés,
> porque, vês,
> morrerás, como Narciso.
> Este conselho de mi
> toma em melhores horas,
> de que calçaste as esporas
> de Çafy. (4)

b) **Dom Rodrigo Lobo.** — Filho segundo do Barão de Alvito; foi védor da Fazenda d'el-rei Dom João III, do seu conselho e vedor da Fazenda d'el-rei Dom Sebastião, pelo motivo da morte de seu irmão. Casou com Dona Guiomar de Castro, filha de João da Silva,

(1) *Canc. ger.*, t. II, p. 127.
(2) *Ib.*, t. III, p. 46.
(3) *Ib.*, p. 58.
(4) *Ib.*, p. 252.

senhor de Vagos, Regedor das Justiças. Sua filha Dona Isabel da Silva casou com o poeta hespanhol Dom João de Alarcão. No *Cancioneiro* restam poucas composições d'este poeta. Elle tomou parte nos propositos de Dom Diogo a Dona Felippa de Abreu, com duas estrophes sentenciosas:

> Está mui aventurado
> quem tem alta phantasia
> pois se mete n'um cuidado,
> que quanto mais aperfia
> se vê mais desesperado (1)

Tem no *Cancioneiro* duas voltas «*De Dom Rodrigo Lobo a um desengano que lhe davam*»; (2) são no estylo continuado por Christovam Falcão, que então já florescia:

> Querem-me desenganar,
> que farei desenganado!
> descanso fôra cuidar
> se não houvera cuidado.

A ultima composição de Dom Rodrigo Lobo é uma satyra ás damas do paço, porque fizeram um rol de todos os cavalleiros que podiam casar, e entre elles meteram alguns de mais de sessenta annos; elle diz-lhes:

(1) *Canc. ger.*, t. III, p. 17.
(2) *Ib.*, p. 360.

quem tivera tal ventura
qu'entrara lá na ementa
e fora já de setenta! (3)

Quando em 1539 Carlos V mandou visitar Dom João III pela morte da Imperatriz sua irmã, enviando-lhe seu filho o principe Dom Filippe e Dom Luiz de Suniga, el-rei mandou o Barão Dom Rodrigo Lobo para que acompanhasse o gentilhomem da camara de Carlos V e o trouxesse ao paço, convidando para essa cerimonia seus irmãos e parentes. Estando em 1546 no maior valimento succedeu-lhe um desastre, como todos os que andam nas tradições d'esta familia: seu filho Dom João Lobo namorou-se de Dona Juliana de Noronha, filha de Dom Pedro de Menezes, terceiro Marquez de Villa Real; por cartas que o mancebo apresentou como recebidas de Dona Juliana, pediu-a em casamento. A donzella declarou ante esta proposta, que nunca escrevera nem authorisara por fórma alguma tal passo. Descobriu-se que eram fabricadas as cartas por uma criada, e Dom João Lobo saíu de Portugal. Dom João III, como estupido, mandou o Barão Dom Rodrigo Lobo preso para o castello de Soure. Dom Rodrigo escreveu-lhe a justificar-se, provando a sua honradez e allegando vinte e um annos de bons serviços; mas sómente foi rehabilitado d'aí a dois annos tornando a voltar a Lisboa e a occupar os seus empregos a 23 de Julho de 1548.

(3) *Canc. ger.*, t. III, p. 572.

D'este poeta encontramos uma anedocta engraçada nos *Apophtegmas* de Supico: «Praticavam certos fidalgos, presente el-rei Dom João III, em fidalguias antigas e avoengos passados. Entrou n'este tempo Dom João de Menezes, e disse *Dom Rodrigo Lobo,* Barão de Alvito: — Aqui vem Dom João, que sabe muito dos passados. Respondeu elle: Dos passados não sei nada; agora dos presentes da vossa casa sei muito. Era notado o barão de acceitar.» (1) Dom Rodrigo Lobo morreu em 25 de Dezembro de 1559; (2) segundo o *Nobiliario* de Dom Luiz Lobo, morreu em 1564, vespera do natal, e está enterrado no mosteiro de Alvito, que elle fundou.

3.º — **Dom Martinho da Silveira.** Terceiro filho do Doutor João Fernandes da Silveira e de sua segunda mulher Dona Maria de Souza Lobo; figurou ainda na côrte de Dom João II, e apparece-nos tomando parte no apodo contra a gangorra de veludo que Lopo de Sousa trouxera na sua volta de Castella com o Duque de Viseu em 1482:

Se riso, praser nos daes
a carapuça o padeça;
e guardae de a pôr mais
que perdereis a cabeça.
Vende-se na padaria
e acharão
por ella mais de um milhão. (3)

(1) *Op. cit.*, liv. I, p. 139, ed. 1761.
(2) Sousa, *Grandes*, p. 442.
(3) *Ib.*, t. III, p. 122.

De Dom Martinho restam duas composições; a primeira é de uma grande importancia historica, como se vê pela rubrica: «*estando em Arzilla, a Simão Correa, em resposta d'outras que lhe mandou d'Alcacer.*» N'esta poesia faz uma dura satyra dos cavalleiros portuguezes nas expedições d'Africa. A segunda composição foi composta «*quando casou Dona Branca Coutinha*»:

> Dó na corte, pelo serdes
> tomarão mil corações
> que namorastes,
> por lembrar e por saberdes
> quantas penas e paixões
> lhe cá deixastes. (1)

D'esta dama apparece no *Cancioneiro* o mote: «teme-se mi triste suerte» dado a Duarte de Brito para o glosar. (2)

Em uns versos de Pedr'Omem, Estribeiro-mór, tambem se lê a rubrica: «*quando casou a senhora Dona Branca Coutinha.*» (3) Este mesmo poeta apodando Dom Gonçalo Coutinho, diz:

> Soube el-rei n'este caminho
> que se diz que polas ruas
> c'andaes vós e *Dom Martinho*
> dous com duas. (4)

(1) *Canc. ger.*, t. I, p. 442.
(2) *Ib.*, p. 332.
(3) *Ib*., p. 462.
(4) *Ib.*, p. 467.

Na ladainha da farça do *Velho da Horta*, representada por Gil Vicente em 1512, lá vem junto com o nome do Barão de Alvito:

> Glorioso sam *Dom Martinho*
> Apostolo e Evangelista,
> Tomae este feito á revista
> Porque leva mau caminho
> E dae-lhe esprito. (1)

Dom Martinho da Silveira casou com Dona Leonor de Vasconcellos, filha de Alvaro Mendes de Vasconcellos, do Esporão; n'este poeta termina a importancia litteraria da familia dos Silveiras, e o periodo fecundo dos aulicos do seculo XV.

Por todos os factos que temos apresentado desde o periodo poetico do reinado de Dom João II, se vê que a influencia italiana tinha de transformar fatalmente a poesia portugueza. Dom João II imitava Lourenço de Medicis como um ideal de monarchas; elle teve relações directas com os eruditos da Italia, e o espirito da Renascença penetrava em Portugal não só pelos mancebos mandados educar sob a direcção de Angelo Policiano, como pelos artistas convidados para trazerem até cá a tradição do bello classico, de que resta memoria, principalmente de André Contucci, o Sansovino. Devia forçosamente manifestar-se n'este periodo a imitação petrarchista; não succedeu assim, por uma causa

(1) *Obras de Gil Vicente*, t. III, p. 81.

inorganica, mas poderosa. Desde 1495 a 1521 reinou Dom Manoel, que foi casado com tres princezas hespanholas; os chocarreiros castelhanos, como confessa Damião de Goes, encontravam favor no monarcha, e os cortezãos compraziam-se em lisongear as rainhas, falando-lhes em hespanhol. Os velhos fidalgos da côrte de Dom João II já se não podiam acostumar ao endecasyllabo petrarchista, e abraçaram a *medida velha* com o aferro que se tem a um passado que não torna. Quando Sá de Miranda veiu desterrar a poetica de Encina e tornar conhecida a de Alamani, levantaram-se as grandes pelejas, que estão historiadas na vida d'aquelle quinhentista; mas os palacianos por uma reacção tenaz continuaram a versejar unicamente no metro *octosyllabo*. A esta eschola que se encontra ainda representada no *Cancioneiro* de Resende, damos o nome de *hispano-italica*, formando o assumpto d'outro livro.

FIM.

CATALOGO GERAL DOS POETAS PORTUGUEZES
DO SECULO XV

---

§ I — Poetas que figuram no Cancioneiro Geral de Rezende

1 D. Affonso (o senhor) Era o o duque de Bragança
2 D. Affonso de Albuquerque
3 D. Affonso de Athayde
4 D. Affonso de Buym
5 Affonso Boyz
6 Affonso de Carvalho
7 Affonso Fernandes Montarroyo
8 Affonso Furtado
9 D. Affonso Henriques
10 D. Affonso de Noronha
11 Affonso Pires
12 Affonso Rodrigues
13 Affonso Tello
14 Affonso Valente
15 Agostinho Girão
16 Alexamão
17 D. Alonso Pacheco
18 D. Alonso Pimentel
19 D. Alvaro d'Abranches
20 D. Alvaro de Abreu
21 D. Alvaro de Athayde
22 Alvaro Barreto
23 Alvaro de Brito Pestana
24 Alvaro da Cunha
25 Alvaro Fernandes de Almeida
26 Alvaro Lopo
27 Alvaro de Moura
28 Alvaro Nogueira
29 D. Alvaro de Noronha
30 Alvaro Pires de Tavora
31 Alvaro de Sousa
32 Anonymos
33 Antão Dias Monteiro
34 Antão de Faria
35 Antão da Fonseca
36 Antão de Montoro
37 D. Antonio
38 Antonio Carneiro
39 D. Antonio da Cunha
40 Antonio Machado
41 Antonio Mendes de Portalegre
42 Antonio de Mendonça
43 Antonio Pacheco
44 Antonio da Silva
45 D. Antonio de Vellasco
46 Arelhano
47 Ayres de Miranda
48 Ayres da Silva
49 Ayres Telles
50 O Barão (Vid. Dom Diogo Lobo)
51 Badajoz
52 Barrocas
53 Bartholomeu da Costa
54 Bastião da Costa
55 Beixorda
56 D. Bernaldim d'Almeida
57 Bernardim Ribeiro
58 Branca Alvares Crystaleira
59 Braz Correia
60 Braz da Costa
61 Braz Godinho

62 Camareiro Mór (Vid. Dom João Manoel)
63 Capitão da Ilha (Vid. João Gonçalves)
64 D. Carlos
65 Commendador de Aviz
66 Conde de Alcoutim (Vid. D. Pedro de Menezes)
67 Conde D. Alvaro
68 Conde de Borba (Vid. Dom Vasco Coutinho)
69 Conde de Farão
70 Conde de Haro
71 Conde de Onhate
72 Conde de Marialva (Vid. D. Gonçalo Coutinho)
73 Conde de Portalegre (Vid. D. Diogo da Silva)
74 Conde de Tarouca (Vid. D. João de Menezes
75 Conde de Villa Nova (Vid. D. Martinho de Castello Branco)
76 Conde de Vimioso (Vid. D. Francisco de Portugal
77 Condestavel de Castella
78 Contador Mór
79 Correia
80 Coudel-Mór (Vid. Fernão da Silveira, e Francisco da Silveira)
81 Craveiro (Vid. D. Diogo de Menezes)
82 Curelha
Dom Diogo (filho do Marquez de Villa Real. Vid. o Craveiro)
83 D. Diogo d'Almeida, Prior do Crato
84 Diogo Brandão
85 Diogo Fernandes
Diogo Fernandes, ourives
86 Diogo Fogaça
87 Diogo Gil
88 Diogo Gonçalves
89 Diogo de Lemos
D. Diogo Lobo (Vid. o Barão)
90 Diogo Lopes de Azevedo
91 Diogo Marquão
92 Diogo de Mello
Diogo de Mello de Castello Branco
93 Diogo de Mello da Silva
D. Diogo de Menezes (Vid. o Craveiro)
94 Diogo de Miranda
95 Diogo Moniz
96 Diogo de Pedrosa
97 Diogo Pereira de Alter
98 Diogo Reimoto
99 Diogo de Saldanha
100 Diogo de Sepulveda
101 Diogo Lopes Sequeira
102 Diogo da Silveira
103 Diogo Velho, da Chancellaria
104 Duarte de Almeida
105 Duarte de Brito
106 Duarte Galvão
107 Duarte da Gama
108 Duarte de Lemos
109 D. Duarte de Menezes
110 Duarte de Rezende
111 Estribeiro-mór (Vid. Pedro Homem)
112 D. Fernando
113 D. Fernando de Athayde
114 D. Fernando de Menezes
115 D. Fernando de Sousa
116 Fernão Borges
117 Fernão Brandão
118 Fernão Cardoso
129 Fernão de Crasto
120 Fernão Dias
121 Fernão Godinho

122 Fernão Gomes da Mina
123 Fernão Lobato
124 Fernão Peixoto
125 Fernão de Pina
126 Fernão Serram
127 Fernão da Silveira
128 Fernão de Toar
129 Fernão Telles
130 Fernão Tinoco
131 Fernão Vargas
132 Ferreira
133 D. Filippa de Almada
134 D. Filippa, Infanta
135 D. Filippe
136 Francisco de Almada
137 Francisco de Anhaya
138 D. Francisco de Almeida
139 Francisco Bernardes
140 D. Francisco de Biveiro
141 Francisco de Brito
142 D. Francisco de Castro
143 Francisco Homem
144 Francisco Lopes Pereira
145 Francisco Mendes de Vasconcellos
146 Francisco de Mendonça
147 Dr. Francisco de Sá
148 Francisco de Sampaio
149 Francisco da Silva
150 Francisco da Silveira
151 Francisco de Sousa
152 D. Garcia
153 Garcia Affonso de Mello
154 D. Garcia d'Albuquerque
155 D. Garcia de Crasto
156 D. Garcia de Menezes
157 D. Garcia de Noronha
158 Garcia de Rezende
159 Gaspar de Figueiró
160 Gil de Crasto
161 Gil Moniz
162 Gil Vicente
Gil, Mestre
163 Gomes Anriques
164 Gomes Soares
165 D. Gonçalo
166 D. Gonçalo de Castello Branco
D. Gonçalo Coutinho (Vid. Conde de Marialva)
167 Gonçalo Gomes da Silva
168 Gonçalo Mendes Çacoto
169 Gonçalo da Silva
170 Gonçalo Vaz
171 Gregorio Affonso
172 Guerra
173 D. Guterre Coutinho
174 Henrique d'Almeida Passaro
175 Henrique Corrêa
176 Henrique de Figueiredo
177 Henrique Henriques
178 Henrique de Mello
179 Henrique de Miranda
180 Henrique da Motta
181 Henrique de Sá
182 Henrique de Sousa
183 Infante D. Pedro
184 Inhigo Lopes
185 D. Jeronymo d'Eça
186 D. Joanna de Mendonça
187 D. João de Abranches
188 João de Abreu
189 João Affonso de Aveiro
190 João Affonso de Beja
191 João Alvares, secretario
192 João de Arrayolos Mourisco
193 João Barbato
194 D. João de Buim
195 D. João de Castello Branco
196 João Caldeira
197 João Correia
198 João Falcão
199 João Fogaça
200 João Gil, Provisor

201 João Gomes de Abreu
202 João Gomes da Ilha
203 João Gomes Limam
204 João Gonçalves, capitão da Ilha
205 D. João de Larcão
206 D. João de Lima
207 D. João Lobo
208 João Lopes, rendeiro
209 João Lopes de Sequeira
D. João Manoel (Vid. Camareiro-mór)
D. João de Menezes (Vid. Conde de Tarouca)
210 João Moniz
211 João de Montemór
212 D. João Moura
213 D. João de Noronha
214 João Paes
215 D. João Pereira
216 João Rodrigues de Castello Branco
217 João Rodrigues de Lucena
218 João Rodrigues Mascarenhas
219 João Rodrigues Pereira
220 João Rodrigues de Sá
221 João de Saldanha
222 João da Silveira
223 D. João de Sousa
224 Jorge de Aguiar
225 Jorge Barreto
226 Jorge Furtado
227 Jorge Henriques
228 Jorge de Mello
229 Jorge Mouiz
230 Jorge d'Oliveira
231 Jorge de Rezende
232 Jorge da Silveira
233 Jorge de Vasconcellos
234 Lançarote de Mello
235 Lionel de Mello
236 Lionel Rodrigues
Lobo d'Alvito (Vid. o Barão)
237 D. Lopo de Almeida
238 Lopo Alvares de Moura
239 Lopo de Andrade
240 Lopo da Cunha
241 Lopo Furtado
242 Lopo Soares
243 Lopo de Sousa
244 Lopo de Valdevêso
245 D. Lourenço de Almeida
246 Lourenço de Faria
247 Lourenço Godinho
248 Luiz d'Antas
249 Luiz de Azevedo
250 Luiz Fernandes (Vid. o Contador)
251 Luiz Henriques
252 D. Luiz Ladram
253 D. Luiz de Menezes
254 Luiz da Silveira
255 Luiz de Santa Maria
256 Luiz Teixeira
257 D. Manoel
258 Manoel Correia
259 Manoel Godinho
260 Manoel de Goios
261 D. Manoel de Menezes
262 Manoel de Noronha
263 Manoel de Vilhena
264 Marechal
265 D. Maria Bobadilha
266 Mari'annes, da Infante
267 Marquez (de Villa Real)
268 Martim Affonso de Mello
269 Martim Vaz de Sequeira
270 Martim Telles
271 D. Martinho de Castello Branco
272 D. Martinho da Silveira
273 D. Martinho de Tavora
274 Mascarenhas
275 D. Mecia Henriques

276 D. Miguel da Silva
277 Monsory
278 Nicolau de Sousa
D. Nuno
279 D. Nuno Manoel
280 Nuno da Cunha
281 Nuno Fernandes d'Athayde
282 Nuno Gonçalves
283 Nuno Pereira de Lacerda
284 D. Pedro de Almeida
285 Pedro Alves Marreca
286 D. Pedro de Athayde
287 Dom Pedro de Castello Branco
Pedro Homem
288 D. Pedro de Noronha
289 D. Pedro da Silva
290 D. Pedro de Sousa
291 Pero de Alcaçova
292 Pero de Bayam
293 Pero Correia
294 Pero Farzão Buscamante
295 Pero Fernandes de Cordova
296 Pero Fernandes Tinoco
297 Pero Madril, cambador
298 Pero Mascarenhas
299 Pero de Mendonça
300 Pero Moniz
301 Pero Queiroz
302 Pero Ossem
303 Pero Secutor
304 Pero da Silva
305 Pero de Sousa Ribeiro
306 Pero Vaz
307 Phebus Moniz
308 Prior do Crato
309 Prior de Santa Cruz
310 Profacio Pascoal
311 Rodrigo (Doutor Mestre)
312 Rodrigo Alvaro
313 D. Rodrigo de Castro
314 D. Rodrigo Lobo
315 Rodrigo de Magalhães
316 D. Rodrigo de Menezes
317 D. Rodrigo de Monsanto
318 D. Rodrigo de Moscoso
319 D. Rodrigo de Moura
320 D. Rodrigo de Sande
321 D. Rodrigo de Sousa
322 D. Rolim
323 Ruy de Figueiredo o Potas
324 Ruy de França
325 Ruy Gomes da Grã
326 Ruy Gonçalves de Castello Branco
327 Ruy Gonçalves Reixa
328 Ruy Lopes
329 Ruy de Mello
330 Ruy Moniz
331 Ruy de Sousa
332 Ruy de Sousa Borges
333 Ruy de Sousa o Cide
334 Sancho de Pedrosa
335 Sancho de Sousa
336 Sancho de Tovar
Sebastião da Costa, Cantor (Vid Bastião)
337 Simão Correia
338 Simão de Sousa d'Ossem
339 Simão de Miranda
340 Tavares
341 Thomé Toscano
342 Tristão da Cunha
343 Tristão Fogoça
344 Tristão da Silva
345 Tristão Teixeira, capitão do Machico
346 Troteiro do Conde Prior
347 Vasco de Foios
348 Vasco Gomes de Abreu
349 Vasco Martins Chichorro
350 Vasco Martins Veador
Vasco Martins Moniz
351 Vasco de Miranda

D. Vasco Coutinho (Vid. Conde de Borba
Zeymoto (Vid. Diogo Reymoto

§ II—POETAS NÃO COMPREHENDIDOS NO CANCIONEIRO

352 El Dom Duarte
353 Frei João Claro
354 Ruy de Sande.

INDEX

POETAS PALACIANOS DO SECULO XV.

Advertencia.. v

LIVRO I

A Eschola hespanhola

Capitulo i — Caracter e desenvolvimento da Eschola hespanhola.............................. 10
Capitulo ii — El-rei Dom Duarte e o Cyclo poetico da Ilha da Madeira........................ 70
Capitulo iii — O Infante Dom Pedro e Juan de Mena.... 110
Capitulo iv — O Condestavel de Portugal e o Marquez de Santillana.......................... 157

LIVRO II

A côrte de Dom Affonso V

Capitulo i — O *Cancioneiro geral* e a vida historica do seculo xv.............................. 179
Capitulo ii — Alvaro de Brito........................ 223
Capitulo iii — Alvaro Barreto o Gracioso, e os Monizes.. 243

LIVRO III

A côrte de Dom João II

Capitulo i — O *Cancioneiro geral* e os desastres da côrte. 263
Capitulo ii — Nuno Pereira de Lacerda............... 315
Capitulo iii — Duarte de Brito......................... 327
Capitulo iv — João Gomes de Abreu................. 343
Capitulo v — O Coudel-Mór e a familia dos Silveiras.... 360
Capitulo vi — O segundo ramo da familia dos Silveiras.. 407
Catalogo geral dos poetas portuguezes do seculo XV...... 429